

**PANORAMA HISTÓRICO PARA
A EDUCAÇÃO MINISTERIAL**

Por:

Dr. Cornélio Hegeman (Ph. D)

Tradução: Dênis de Oliveira Luiz

MIAMI INTERNATIONAL SEMINARY

14401 Old Cutler Road

Miami, FL 33158

305-238-8121 ext. 315

web site, www.mints.edu

PANORAMA HISTÓRICO PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

Objetivo do Curso: O estudante analisará a história do povo de Deus, desde Gênesis até os dias de hoje para chegar a uma síntese sobre o desenvolvimento da educação ministerial.

Professor O Dr. Cornélio Hegeman

- Ph. D pela American University of Biblical Studies (Atlanta: 2002)
- Th. D (hon) Universidad Evangélica Nacional (Santo Domingo)
- D. Min. De Westminster Theological Seminary (Phil. PA: 1985)
- M. Div. De Calvin Theological Seminary (Grand Rapids: MI, 1980) Textos
- Panorama Histórico para a educação ministerial: Por Cornélio Hegeman (Seminário Internacional de Miami, 2002) www.mints.edu

Justificativa do Curso:

Para entender o papae verdadeiro da educação ministerial deve conhecer a história do povo de Deus desde o seu princípio até os dias atuais. Os estudantes utilizarão as leituras do Manual para conhecer melhor contribuir para educação ministerial que se encontra na igreja da igreja. A maioria das leituras são extraídas da internet.

Plano de trabalho

- A. Um mês antes de iniciar o curso, os estudantes receberá uma cópia do Manual de Trabalho que se encontra na página eletrônica de SIM (www.mints.edu). O estudante chegará a primeira classe, já com livro lido e contestado em seu caderno pessoal de perguntas para as lições 1 -2 para um repasse nas classes (30% da nota final).

- B. Há 15 horas presenciais de classe. Nas classes se fazem uma revisão das perguntas e respostas, se apresentam matérias sobre as leituras feitas e se organizam para um projeto especial. Cada classe revisará duas lições.
- C. Deve identificar suas leituras extras, entregar uma matéria por escrito e fazer uma breve apresentação na classe.
- D. O projeto especial é fazer uma análise do sistema de treinamento de líderes em sua igreja.

Assistência. Um ponto por cada hora presente.	Cumprimento das tarefas na preparação para a classe	Leituras de 300 páginas ou de 500 páginas. E a entrega da matéria de 3 ou 5 páginas.	Projeto Especial
15%	30%	30%	25%

INTRODUÇÃO

Observamos as sete épocas da educação ministerial: o discipulado bíblico, o desenvolvimento patriótico e a tradição eclesiocêntrica, a reforma protestante, o enfoque evangélico e os desafios missionários. Dessas épocas já mencionadas, desenvolvemos sete teses.

TESE#1. A educação ministerial para o povo de Deus dos tempos bíblicos é dirigida pelo Senhor por meio dos líderes e cristãos, para fazermos esta afirmação, baseamos em sua Palavra no contexto da salvação. O método do discipulado assegura que o ensino passa de geração a outra e que Deus será glorificado nas transformações de vida e relações humanas e na extensão do Reino de Deus.

TESE#2. O conteúdo da educação ministerial da igreja patrística foi expressado na leitura didática dos apologistas pelos credos eclesiásticos e nas práticas de sua tradição. A Igreja foi responsável pelo treinamento dos líderes cristãos.

TESE#3. A educação ministerial medieval foi dominada pelo sistema tradicional do catolicismo. Surge a acumulação de tradição eclesiástica. Todavia, a Teologia de mestres como Agustín e Aquino possui um conteúdo bíblico dinâmico e consistente. Há uma influência marcada pelo sistema papal e hierárquico sobre a educação teológica. A parece a inquisição. O sistema monástico começa a desenvolver. Um remanescente de fiéis perseguidos pela ICR foi fiel no testemunho do Evangelho.

TESE#4. A educação ministerial da Reforma na Europa é definida por um anticatolicismo, o confessionalismo provincial, a teologia bíblica, perseguição e piedade, sistema de evangelização, missão de grupos marginalizados e a centralização da pregação. A educação ministerial é desenvolvida .

TESE#5. A educação ministerial dos evangélicos tem um enfoque ba piedade e no poder do Espírito Santo, o sacrifício e sofrimento ministerial e a pregação evangélica. Por mais que a educação ministerial seja apreciada, o treinamento ministerial é considerado como a responsabilidade dos líderes da igreja.

TESE#6. O desafio para a educação ministerial é ser fiel à base bíblica, aprender a história eclesiástica e responder a grande necessidade missiológica.

TESE#7. A estrutura para a educação ministerial do protestantismo se divide em dois: o sistema tradicional das igrejas protestantes histórica e o sistema no tradicional das sociedades missionárias, grupos de renovação, os evangélicos e os pentecostais.

SÍNTESE FINAL. A educação ministerial é o treinamento espiritual e vocacional dos servos de Deus para apresentar e praticar a sua vontade em seu contexto por meio da Igreja. A educação ministerial é para a glória do Pai pois possui um enfoque Cristocêntrico, uma base bíblica e é dirigida pela presença e o poder do Espírito Santo. Na história das igrejas cristãs vemos tanto a obediência como as distorções da educação ministerial.

ÍNDICE

1. A base bíblica

1.0. Introdução

1.1. Reflexões teológicas

1.2. Reflexões Filosóficas

1.3. Conclusão

2. A era apologética

2.0. Introdução

2.1. Os padres apostólicos e os apologistas

2.2. A Didaché

2.3. Os credos ecumênicos

2.4. Conclusão

3. A IGREJA CATÓLICA ROMANA

3.0. Introdução

3.1. A tradição católica romana

3.2. Os teólogos predominantes

3.3. O remanescente perseguido

3.4. Conclusão

4. AS IGREJAS PROTESTANTES

4.0. Introdução

4.1. As 95 teses. Um fogo dentro da Igreja Católica e a faísca para a Reforma

4.2. A confissão de Augsburgo: Um credo protestante

4.3. A instituição da Religião Cristã: A organização teológica da Reforma

4.4. Conclusão

5. O MOVIMENTO EVANGÉLICO

5.0. Introdução

5.1. Juan Buyan: perseguição e piedade

5.2. Jonathan Edwards: o evangelho e a ira de Deus

5.3. Juan Wesley: rompendo esquemas para evangelizar

5.4. Os Moravos: ganhando almas para o Cordeiro

5.5. Carlos Spurgeon: o príncipe dos pregadores

5.6. Conclusão

6. O DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

6.0. Introdução

6.1. O pacto de Lausana

6.2. O manifesto de Manila

6.3. A missão integral

6.4. Conclusão

7. A ESTRUTURA PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

7.0. Introdução

7.1. Pedagogia protestante tradicional

7.2. Pedagogia no sistema antitradicional

7.3. O aporte de MINTS

7.4. Conclusão

Manual do Orientador

Bibliografia de Livros para a Educação Ministerial

LIÇÃO 1.

A BASE BÍBLICA DA EDUCAÇÃO MINISTERIAL: REFLEXÕES TEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS

TESE#1. A educação ministerial do povo de Deus dos tempos bíblicos é dirigida por Deus através dos líderes, baseada na revelação da Palavra dada ao seu povo no contexto da história da salvação. O método do discipulado afirma que o ensinamento passa de uma geração para outra e que Deus será glorificado nas transformações de vidas, nas relações humanas e na extensão do reino.

ESBOÇO

1.0. INTRODUÇÃO

- 1.1. 1. Reflexões teológicas
- 1.2. Deus se revela
- 1.3. Revelação especial de Deus
- 1.4. Princípios para a Antropologia do cristão
- 1.5. O povo de Deus e sua liderança
- 1.6. O método de discipulado
- 1.7. Conclusão

1.2. Reflexões Filosóficas

1.2.1. Introdução

1.2.2. Conceitos Básicos da Filosofia e a Educação Cristã

... Lic. Isidro Ventura

1.2.2.1. Introdução

1.2.2.2. Conceito da Filosofia

1.2.2.3. Objeto da Filosofia

1.2.2.4. Origem da Filosofia

1.2.2.5. Desenvolvimento histórico da Filosofia

1.2.2.6. Filosofia da Tese Bíblica

1.2.2.7. Conclusão

1.2.3. Conceitos Básicos da Educação e a Educação Cristã

... Lic. Román Santos V.

1.2.3.1. Introdução

1.2.3.2. Conceito de Educação

1.2.3.3. Origem e Fundamentos da Educação Hebréia

1.2.3.4. Origem e Fundamentos da Educação Cristã

1.2.3.5. Educação cristã e a História

1.2.3.6. Os fins da Educação

1.2.3.7. Conclusão

1.2.4. Conceitos Básicos do Cristianismo e a Educação Cristã

1.2.4.1. Introdução

1.2.4.2. Conceitos de Cristianismo

1.2.4.3. Fundamentos do Cristianismo

1.2.4.4. Principais Representantes do Cristianismo

1.2.4.5. Conclusão

1.3. Conclusão

1.0 INTRODUÇÃO

O ministério cristão é um instrumento de Deus para cumprir sua vontade no mundo. Para comunicar Deus se revela através de sua Palavra. Na preparação para o ministério, pois deverá ter uma relação com Deus e pedir a Ele pela capacidade de interpretar a Palavra e praticá-la. Sem o Deus verdadeiro, não há ministério.

A interpretação da Palavra é o papel profético do servo de Deus. O profeta fala por Deus e em nome dele. A busca do povo de Deus para relacionar-se com Ele é o papel sacerdotal que deve preparar aos servos para a santificação (arrependimento) e orar, pedindo pelo poder de Deus. A prática da Palavra é a função real; No Velho Testamento existiam os três ofícios principais para dirigir o povo de Deus nestes ministérios. Estes ofícios são: Profeta, Sacerdote e Rei. No Novo Testamento, Deus provê os pregadores e Mestres, os evangelistas, pastores e diáconos para serem líderes dos membros do povo de Deus (Ef. 4: 12). Cada membro é responsável para adorar e servir a Deus em espírito e em verdade (Jo. 4: 24).

1.1. REFLEXÕES TEOLÓGICAS

1.1.1. DEUS SE REVELA

A educação teológica é bíblica [teo (Deus) – logia (logos: ciencias)]. Para participar e beneficiar-se da educação ministerial, deve conhecer ao Deus verdadeiro. O estudo da Bíblia e a teologia própria (teologia de Deus) são fundamentais para o educador cristão.

Quando Tomás, o cético encontrou o Senhor ressurreto, confessou: “Senhor meu e Deus meu” (João 20:28) Ali Tomás, que momentos antes havia mostrado sua incredulidade, agora confessa que Jesus é Senhor e Deus. Foi esse descobrimento teológico ou uma conclusão teológica da parte de Tomás? Ou isso foi uma exclamação de surpresa e uma violação do terceiro mandamento (não tomarás o nome do teu Deus em vão)? Nem como passou com Pedro “porque não foi nem carne nem sangue que to revelaram, mas meu Pai que estás no céu” (Mt. 16:17).

Toda a verdade é revelada, Deus é a verdade e Ele revela a todas as pessoas (revelação geral) e ao seu povo (revelação especial). A revelação geral vem a toda as

pessoas pela obra de Deus na criação e entre as suas criaturas. Podemos falar da revelação geral na história humana, na cultura e na consciência e nas leis e nas operações naturais. A revelação especial de Deus é para redenção. Esta revelação vem por meio da Palavra de Deus, Cristo Jesus e o poder do Espírito Santo. Só através da revelação de Deus uma pessoa pode ser salva, e declarar a Jesus como Senhor e Deus.

O cristão é enviado para ensinar a todos que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo (Mt. 28: 19-20). Não há outro Deus (At. 4: 12), todos os demais deuses são falsos. Usar o nome de Deus é um ato sagrado (I Cor. 12: 3), por isso é proibido usar o nome de Deus em vão (Ex. 20: 7). Antes de morrermos, devemos conhecer e professar o nome de Cristo (Rm. 10:9; Flp. 2:9-11).

O estudante de História de Educação Ministerial encontrará a essência na história do Deus da Bíblia, um Deus que conhecemos pessoalmente em Cristo Jesus. Um Deus que prometeu estar sempre conosco (Mt. 29:20) e ungirmos com o Espírito Santo (Atos 1: 8; I João 2: 27).

1.1.2. REVELAÇÃO ESPECIAL DE DEUS: A BÍBLIA: UM TEXTO CONFIÁVEL

Buscamos nossa identidade como educadores teológicos no livro mais confiável e reconhecido que trata de nossas origens, a Bíblia. Já temos encontrado uma auto-revelação de Deus pelo seu nome. Agora para crer e não ser enganado devemos ter a confiança que a Bíblia, aonde se encontra a auto-revelação de Deus é a sua Palavra como instrumento especial que Ele tem escolhido para comunicar, guiar, corrigir e dirigir a nós (II Tm. 3: 16-17). Sim, a Bíblia é o educador teológico não tem o texto de referência principal para os seus estudos.

Afirmamos que a Bíblia como diz “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (II Tm. 3: 16). A inspiração divina se aplica ao livro e ao texto bíblico, por isso não há erro na revelação da Palavra “As palavras de Jeová são palavras limpas” (Sl. 12: 6). Na transmissão e a tradução da Bíblia há grandes erros humanos. Supostamente, as interpretações humanas, também há. Todavia, já que a Bíblia é seu próprio intérprete, podemos buscar confirmação

da interpretação bíblica. Este conceito de “só escritura” é sumamente importante para o educador cristão.

Mesmo que a Bíblia seja a Palavra de Deus, a interpretação necessita múltipla interpretação (I Tm. 5: 19; Deut. 19: 15) A verdade bíblica é estabelecida por múltiplos testemunhos. Normalmente o Novo Testamento interpreta o Velho Testamento, vice-versa. Os ensinamentos e a interpretação apostólica tem muito peso, porque representam para os intérpretes mais sobre Jesus e na etapa mais avançada no desenvolvimento da história bíblica de redenção.

A Bíblia dá testemunho de um Deus trino. Já desde Gênesis 1: 1, onde a pluralidade do nome de Deus (Elohim) é revelada, até a grande comissão de Jesus de ir a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o mistério da trindade é manifestado. Não podemos interpretar a Bíblia teologicamente, sem glorificar o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

1.1.3. PRINCÍPIOS PARA A ANTROPOLOGIA DO CRISTÃO

Adão e Eva foram criados por Deus, ele é o representante de toda a humanidade (Rm. 5: 18). Os discípulos de Jesus encontram suas raízes em Adão (Rm. 5: 12). As implicações são significativas para a definição e o desenvolvimento da cosmovisão cristã e bíblica.

O HOMEM É FEITO A IMAGEM DE DEUS. A imagem de Deus é espiritual e relacional. A espiritualidade do homem é vista na manifestação dos atributos de Deus em seu ser. As relações humanas são um reflexo das relações divinas. Há estruturas de governo e cooperação, o homem e a sociedade humana não podem ser compreendidos fora do Deus verdadeiro (Gn. 1: 28-31)

1. A evolução ensina que o homem é produto do mundo animal enquanto que Gênesis ensina que Adão foi feito do pó e a imagem de Deus.

a. Não há nenhuma prova científica de meio animal e meio-homem, todavia, o homem decompõe e volta ao pó como profetizam as Escrituras.

b. O evolucionismo é discriminatório por definição porque considera que algumas pessoas são mais desenvolvidas que outras por razões biológicas.

2. O secularismo trata de manter a Deus fora da vida civil e pública.

a. Governos na China, em Cuba e Rússia tem tratado sem êxito de eliminar o conhecimento e serviço a Deus da sociedade. As sociedades livres têm tratado de limitar a influência religiosa na sociedade, porém no final, quando há emergências e grandes necessidades, os governos pedem a participação e as comunidades da fé.

O HOMEM É RESPONSÁVEL DIANTE DE DEUS. O homem é criado por Deus e deverá prestar contas diante dele pessoalmente, o homem recebe o mandamento de Deus e deve responder em obediência (Gn. 2: 15-17)

1. Os humanistas consideram que as decisões humanas governam seu destino.
2. O ateu, em seu afã de não responder a Deus, nega a sua existência (Rm. 1: 19).

O HOMEM É ETERNO E SAGRADO. O homem foi criado por Deus de corpo e alma. O corpo é feito do pó e ao pó voltará até a ressurreição. O homem tem o espírito e uma alma, depois da morte, a alma e o espírito serão unificados com o corpo na ressurreição, para a eternidade.

1. O negativismo não considera a vida ou qualquer coisa como sagrado.
2. O materialismo propõe que a matéria é eterna.

O HOMEM É VIOLADOR DA LEI DE DEUS. Adão e Eva, como representantes da raça humana, permitiram o pecado entrar para a vida humana (Rm. 5:12). Agora a resposta tem conseqüências para a vida e morte (Gn. 3: 7-24). Deus oferece uma alternativa: arrepender-se do pecado, crer em Deus e ser transformado pelo reino de Deus (Mt. 4: 17).

DEUS OFERECE SALVAÇÃO AO SEU POVO. Já em Gn. 3: 15 encontramos uma profecia a respeito da derrota do inimigo. “A semente da mulher” é Jesus (Gl. 3: 16). Vencerá a satanás, os que crêem nele serão salvos (At 4: 12). A promessa de um libertador espiritual é a boa nova. A libertação virá pela graça do Pai a todos que crêem em Jesus Cristo (Ef. 2: 8).

A salvação e a libertação do povo de Deus são realizadas por Ele mesmo. O Velho testifica as intervenções e a libertação de Deus. Deus veio através de Jesus Cristo para estabelecer a libertação eterna. Agora Cristo reina e ministra a destra do Pai. Por sua graça e poder, líderes são levantados para servir nas igrejas e é através da sua Igreja é que Deus está ministrando no mundo.

1.1.4. O POVO DE DEUS E SUA LIDERANÇA

O HOMEM E O POVO DE DEUS NECESSITAM DE LIDERANÇA ESPIRITUAL.

Adão e Eva foram os primeiros líderes, cada um tinha a sua responsabilidade: Eva como cristã esposa e mãe. Adão como crente, esposo, pai e representante para a humanidade. Quem seria o líder dos líderes? Deus é o líder dos líderes.

Deus é o líder principal do povo de Deus, os líderes humanos são delegados por Deus para representar a vontade em todas as áreas da vida.

Para cada grupo e instituição humana há líderes.

- Casamento: o homem é o cabeça da relação;
- Família: os pais;
- Trabalho: patrão e empregado;
- Comunidade: os governantes;
- Povo de Deus: os governantes, profeta e sacerdotes do Velho Testamento, os anciãos, pregadores – evangelistas e pastores do Novo Testamento formam a base da liderança bíblica.

1.5. A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

1. A família é a base para a liderança comum.
2. Os patriarcas das tribos são identificados, tais como Adão, Noé, Abraão, Isaque, Israel e Moisés.
3. Com o estabelecimento da nação de Israel, os juízes, os profetas e os sacerdotes eram os líderes para o povo de Deus.
 - a) Os juízes governavam com o auxílio dos anciãos.
 - b) Os profetas proclamavam e ensinavam a Palavra e a vontade de Deus
 - c) Os sacerdotes eram os mediadores entre Deus e o seu povo e preparavam os sacrifícios.
4. O sistema de profeta, sacerdote e rei continuaram até a primeira vinda de Jesus.

- a) Jesus é o sumo profeta (Hch 3: 22)
 - b) Jesus é o Rei dos judeus e Senhor dos senhores (Mt. 27: 37; Fil. 2: 11).
 - c) Jesus é o sumo sacerdote (Hb. 7: 24)
5. O povo cristão assume a representação de Cristo no mundo.
- a) Os cristãos são os profetas
 - b) os cristãos são reis.
 - c) os cristãos são sacerdotes

	A OBRA DE CRISTO é ordenada pelo Pai e ungida pelo Espírito Santo	Como CRISTÃOS, somos ungidos pelo Espírito Santo, cremos em Cristo e servimos para a glória do Pai.	A BASE BÍBLICA Sal. 45:7; He. 1:9; Is 61:1; Lc. 4:18; I Cor. 6:15; I Jo. 2:27; Hch. 2:17.
PROFETA	Para revelar a vontade de Deus sobre a salvação pro meio da Palavra.	Confessarei o nome do Salvador e proclamar a Palavra de Deus.	Dt. 18:15; Hch. 3:22; 7:37; Is. 55:4; Jn. 1:18; 15:15; Mt. 10:32; Ro. 10:10.
SACERDOTE	Para ser o sacrifício e interceder pelo povo de Deus.	Para apresentar-me como um sacrifício de gratidão e orar.	Sal 110:4; Heb. 10:12,14; 9:12, 14,28; Rm. 8:34; Heb. 9:24; 1 Jo. 2:1; Rm. 5:9,10; Rm. 12:1; 1 P. 2:5,9; Ap. 1:6; 5:8,10.
REI	Para governar pelo Espírito e a Palavra de Deus; para defender e preservar a salvação.	Uma consciência livre; lutar contra o pecado e o diabo. Reinar com Cristo. Administrar os bens de Deus.	Sal 2:6; Zac. 9:9; Mt. 21:5; Lc.1:33; Mt. 28:18; Jo. 10:28; Ap. 12:10,11; 1 P .2:11; Rm. 6:12,13; Gl .5:16,17; 2 Tm. 2:12; Mt. 25:34

Os ofícios de profeta, sacerdote e rei do Velho Testamento se convertem nos ofícios da Igreja. Estes líderes são chamados presbíteros e diáconos. Dentro desses ofícios funcionam os dons de lideranças tais como: o apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre (Ef. 4: 11). Estes ofícios existem na igreja para a obra de Cristo agora na terra (Ef. 4: 12).

“A fim de aperfeiçoar aos santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo”. Efésios 4:12.

Antigo Testamento	Liderança da Igreja	Comunidade Cristã no mundo	Serviços relacionados para os membros
Profeta	Pregador	Dar testemunho a Cristo	Evangelizar, testificar e Ensinar a Palavra.
Sacerdote	Pastor	Sacerdócio de todos os cristãos: sacrificam, servem e oram pelos demais.	Adoração Orar Visitar Sacrificar-se
Rei	Ancião/diácono	Reinar com Cristo em todas as áreas da vida. Administrar os bens que Deus tem nos dado.	Organizar a Igreja e ministérios. Obra de misericórdia Disciplinar

Cada denominação cristã tem um sistema diferente quanto aos ofícios e títulos na igreja. O melhor que podemos fazer é manter uma semelhança entre a igreja apostólica e a igreja contemporânea.

A Igreja Católica Romana possui o sistema chamado papal; os anglicanos têm um sistema episcopal; os presbiterianos, os presbíteros regionais; os reformados têm anciãos consistoriais; os congregacionalistas têm pastores e líderes congregacionais ou locais. Agora muitos pentecostais têm nomeado apóstolos nacionais e internacionais, imitando o velho sistema dos romanos. Talvez o único ministério que temos em comum é por si próprio, não importa o título. Nossa unidade cristã está não em um conceito, mas sim no funcionamento do ministério.

<p>Presbítero (ancião)</p> <p>Atos 20:28</p> <p>1 Pedro 5:1</p> <p>1 Tim. 3:1-7</p>	<p>Apóstolo (enviado)</p> <p>1. Existem os verdadeiros apóstolos</p> <p>a. Testemunhas oculares de Cristo ressurreto</p> <p>b. Autores de Escrituras</p> <p>c. Fundação da Igreja (interpretação bíblica)</p> <p>2. Há apóstolos particulares</p>	<p>Ministérios dos apóstolos</p> <p>-testemunho apologético</p> <p>-tradução da Bíblia</p> <p>-Estabelecimento de igrejas,</p>
	<p>Profeta (falar por Deus)</p> <p>1. Existe a profecia para escrever a Escritura.</p> <p>2. Existe la profecia para interpretar a Bíblia</p> <p>3. Existe profecia para comunicar a Palavra de Deus</p>	<p>Ministerios proféticos</p> <p>-não há novas Escrituras, as Escrituras devem ser interpretadas.</p> <p>-eruditos da Bíblia</p> <p>-pregadores</p>
	<p>Evangelista (proclamar o evangelho)</p> <p>1. extensão do evangelho a onde não existia.</p> <p>2. motivar a igreja para evangelizar</p>	<p>Ministerios evangelísticos</p> <p>-evangelizar nos campos onde no há igreja</p> <p>Mobilização da igreja para o evangelismo.</p>
	<p>Pastor (cuidar das ovelhas)</p> <p>1. aconselhar as ovelhas</p> <p>2. guiar-lhes pela pregação e instrução</p>	<p>Ministerios dos Pastores</p> <p>1. aconselhar as ovelhas</p> <p>2. guiar-lhes pela pregação e instrução</p> <p>-</p>

	Mestre (instruir, educar) 1. ensinar e defender a verdade bíblica 2. ensinar aos líderes da igreja	Ministerios educativos. - estabelecer a verdade bíblica -ensinar aos líderes -preparar mestres para ensinar em varios níveis.
Dícono Atos 6:1-7 1Tim. 3:8-13	Obra de misericórdia -Atos 6.	Obra de misericordia -Gl. 6:10

1.6. O MODELO DE DISCIPULADO.

Jesus escolheu e preparou um grupo de líderes para ensinar a outros. A ensino não era somente formal, mas também informal. Os apóstolos praticaram o discipulado também (II Tm. 2:2). Quem são seus discípulos?

O discipulado tem como meta a transformação do discípulo (Rm. 12: 1-2) e a renovação de cada relação da vida humana (Mt. 22: 37-40). O discípulo glorifica o Deus verdadeiro em fazer outros discípulos (Mt. 28: 19-20).

1.1.7. CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

A educação ministerial é parte de um ministério que começa com Deus, que é dado a Igreja e é ministrado ao mundo pela igreja para a transformação da mente e da vida humana e para glória de Deus.

DEUS: PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO.

PALAVRA

O EVANGELHO

O EVANGELHO

POVO DE DEUS

LÍDERES

CRISTÃOS

MINISTÉRIO

NO MUNDO

TRANSFORMAÇÃO DA MENTE E DAVIDA HUMANA

RENOVAÇÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS

PARA A GLÓRIA DE DEUS

1.2. REFLEXÕES FILOSÓFICAS

1.2.1. Introdução

Na presente seção introduziremos conceitos básicos da filosofia (definição, objeto, origem e desenvolvimento), o aspecto educativo cristão (educação cristo-cêntrica) e o aspecto cristão (conceito e fundamento), o qual dará bases necessárias para criar uma verdadeira filosofia com fundamento bíblico-cristão, cuja meta é glorificar a Deus mediante o resgate da imagem de Deus no homem transformando esse último, um ser diferente e justo diante dos olhos de Deus e dos homens (*ver Filosofia da Educação Cristã, 2005*).

Não é segredo para ninguém que os textos seculares da filosofia estão ao nosso alcance tendem a ser muito contraditório em seus enfoques e excessivamente profundos ou completos, o qual lhes resta a veracidade e a credibilidade nos argumentos que defendem. Daí a importância de conhecer e fortalecer uma nova filosofia que aumentam as expectativas e necessidades de nossos tempos: a filosofia educativa “cristo-cêntrica e “santificada”.

1.1.2. Conceitos básicos da Filosofia e da Educação Cristã

Lic. Isidro Ventura

1.2.2.1. Introdução

A presente obra é condicionada pelas necessidades que sacodem a República Dominicana em relação à educação e a formação humana pela crise do nosso sistema educativo; pela necessidade de um modelo educativo cristocêntrico que aumentam as expectativas da comunidade cristã; e finalmente, pela necessidade de contar com uma fonte bibliográfica confiável sobre filosofia educativa cristã na República Dominicana.

1.2.2.2. Conceito de Filosofia

A palavra filosofia (Harrison 1988:243) se descompõe etimologicamente da seguinte maneira “phillein” (amar) e Sophia (sabedoria), amor a sabedoria. Segundo sua definição real (Brugger, 1967: 216), filosofia é qualquer saber da razão humana, que penetrando até as últimas razões, investiga a realidade total, especialmente o ser e o dever próprio do homem.

A filosofia (Martinez & Saez, 1980): 2) é um estudo das leis mais amplas, de caráter universal ou geral que caracterizam e dirigem o desenvolvimento e as mudanças que produzem a natureza, a sociedade e o pensamento humano. A natureza é o conjunto dos processos naturais (geológicos, climáticos, físicos, químicos e biológicos) que existem e se realizam por vias natural, independente dos pensamentos do homem. A sociedade é uma espécie de “segunda natureza”, é o mundo dos objetos e processos que o homem tem criado no transcurso da produção social. Denomina-se cultura tudo aquilo que não encontra já jeito ou dado de antemão na natureza, mas que os homens vem fazendo durante o processo histórico. O pensamento humano é uma capacidade criadora do cérebro humano está estreitamente vinculada com a linguagem e o trabalho que os indivíduos desenvolvem historicamente no transcurso da prática produtiva e a vida social, o qual lhes permite perceber, analisar, compreender a realidade total circuncidante.

Acrescentamos que a filosofia judeu-cristã, inclusive o estudo da teologia (conhecimento de Deus) e a revelação especial (através das Escrituras) como parte integral da filosofia.

A filosofia (Diez & Alvarez, 1980: 12) é por essência, a ciência dos verdadeiros princípios das origens das raízes de todas as coisas. Cada filósofo concebe a filosofia em uma forma peculiar. O Rev. Andrés Brito Bruno, em sua conferência de Outubro de 1991, ditada aos estudantes de Mestrado em Curso Superior Cristão da UNEV, afirma que há tantas concepções sobre filosofia. Para confirmar, comparou uma série de definições segundo diferentes autores, entre as quais figuram as seguintes:

- É o amor a sabedoria (Pitágoras, 582-497 a.C).

- É uma preparação para a morte. Nasce quando se pensa na dor humana (Sócrates, 469- 399, a. C).
- É a origem da filosofia deve buscar-se no assombro (Platão. 427-347 a. C).
- É uma preparação para a vida (Os Estóicos, 300 a. C a 200 d. C)
- É o conhecimento das coisas divinas e humanas (Cícero n, 106 – 43 a. C)
- É a ciência dos fins úteis da razão humana (Kant, 1724 – 1804).
- É a ciência da idéia que pensa a si mesma. A filosofia surge quando algo se derruba (Hegel, 1770 – 1831).

Por outro lado, nossa concepção a respeito é a seguinte: A filosofia é a soma dos pensamentos, idéias e conceitos ordenados em forma lógica e sistemática que dirigem ao homem (sujeito pensante) buscava a razão ser ou não ser das coisas concretas e abstratas que conformam a realidade imediata, o cosmo em sua totalidade e, sobretudo, a revelação de Deus.

Obviamente, se compararmos os conceitos anteriores sobre filosofia, falaremos de muitas diferenças e semelhanças entre um e outro autor. Todavia, a compreensão de tal diferença e coincidência só será possível se analisarmos o contexto pessoal histórico e social em que teve lugar cada enfoque.

1.2.2.3. Objeto da Filosofia

O objeto da filosofia (Brugger, 1967: 217) poder perceber com maior nitidez contrapondo as demais ciências. Iguais a estas, a filosofia é também um saber pelas causas, porém de índole inteiramente peculiar, porque se limitam a um setor da realidade e investigam unicamente as razões desse círculo. A filosofia, em contrapartida, é uma ciência universal porque abrange a totalidade do real e penetra até suas últimas razões.

A filosofia (Diez & Alvarez, 1980: 10) não tem como objeto especializado de investigação, níveis e formas de movimentos específicos da realidade. Esse trabalho corresponde às ciências particulares da natureza e a sociedade. A filosofia científica como ciência geral e correspondem estabelecer um conhecimento comum das leis universais de

todas as formas de existência e movimento objetivo, leis que não são inerentes à natureza e a sociedade, também aos fenômenos do pensamento e do conhecimento.

Em termos bíblicos, o objeto da filosofia e a totalidade da realidade desde uma perspectiva teocêntrica. A essência da vida é definida por Deus (Col. 1: 15-17).

1.2.2.4. Origem da Filosofia

Secularmente, a origem exata do termo “filosofia” (Harrison, 1990: 243) é obscuro, porém através dos anos tem chegado a denotar vários tipos de atividades, ela está relacionada com as palavras que dela se deriva (phillen e Sophia). O uso clássico se aplica mais ao produto que a atividade (ama sabedoria) que lhe dá origem. A filosofia assim é a interpretação global do universo desde o ponto de vista particular. A filosofia agustiniana, por exemplo, é uma interpretação geral do universo desde o ponto de vista de Agustín e a sua filosofia da história é a sua visão em conjunto da história.

O termo “filosofia” usando na frase “filosofia de vida” difere consideravelmente do uso clássico. A filosofia de vida consiste meramente naquelas crenças que servem de guia na vida do homem, não importa a falta do sentido crítico que possam haver sido tomados e o inconseqüente e circunstancial que podem ser.

Tomás de Aquino limitou a filosofia a interpretação do universo, o qual pode assegurar-se somente pela razão a parte da revelação. Filósofos críticos modernos (positivistas, analistas, etc) definem a filosofia como um intento de investigar e classificar os significados e relações antes de chegar a uma verdade final. Para os clássicos, a filosofia crítica representa a primeira etapa em um desenvolvimento da meta de uma interpretação da verdade.

Os antigos enfatizaram a necessidade de uma imparcialidade na busca da filosofia. O pensamento moderno, pelo contrário, afirma que o homem não pode ser neutro quando é filósofo, mesmo que as condições pessoais e sociais determinam em grande parte o processo filosófico.

Falamos (Fischl, 1980: 19-20) várias vezes que os gregos receberam sua própria sabedoria de uma antigüíssima fonte oriental.

Segundo Posidônio, não só no Oriente, senão também nos povos primitivos do norte e ocidente, até mesmo, as sociedades indígenas que os gregos buscaram como fonte, a sua sabedoria. O judeu Filón afirma que os gregos roubaram a sabedoria de Moisés, essa opinião é aceita por todos os padres da igreja.

Conforme o enfoque bíblico, o qual observamos, a filosofia mais antiga começa com Adão e Eva, assim como as épocas antigas. Os manuscritos mais antigos têm muita filosofia, por exemplo, o livro de Gênesis.

Podemos refletir que a conversa entre Eva e satanás era “filosófica”. Isto não quer dizer que a filosofia seja satânica em si, mas o livro de Gênesis escrito por Moisés é uma apologia em contra as filosofias do mundo mesopotâmico e do Oriente Médio.

O Gênesis Babilônico e a época Atralchasis falam do universo em termos de politeísmo e materialismo e um criacionismo. Entra o conceito de REVELAÇÃO (Bíblia escrita). O livro de Gênesis (a origem) é uma fonte de conceitos filosóficos especialmente para o mundo judeu-cristão.

É conveniente acrescentar (Hegeman, 1991:32) aqui na comunidade hebréia e cristã primitiva existia “A Revelação” (Bíblia) e “filosofia pagã”, sendo esta última uma antítese da primeira. A síntese entre a revelação judeu-cristã e filosófica antibíblica era uma prática comum, porém, não aceitável.

1.2.2.5. Desenvolvimento Histórico da Filosofia

Ao ler em forma seqüencial e cronológica cada um dos livros que conformam a Bíblia, nos damos conta que, paralelo com as práticas religiosas, se desenvolve o pensamento filosófico nos povos mais remotos. No sentido, no cap. 2 da presente obra, se faz uma análise da filosofia contida no Pentateuco, os Profetas, os Escritos, os Evangelhos e as Epístolas, os quais mediante suas múltiplas histórias, aventuras, lendas, parábolas, ensinamentos e vivências, nos mostram o caráter filosófico em cada escritor bíblico.

O desenvolvimento da filosofia (Martinez e Saez, 1980. 17), desde a Antigüidade até meados do século XIX, pode-se mais ou menos se sintetizar da maneira seguinte: primeiro inicialmente surge como uma ciência geral, não divididas em partes, os quais formavam em parte todos os conhecimentos acumulados pelo homem. Segundo inicia-se um processo de

diferenciação das ciências com respeito à filosofia que se estende até o século XVII. No transcurso do mesmo independentes das ciências naturais, primeiro as ciências sociais. Completaram a seqüência a matemática, astronomia, mecânica, física, química, biologia, geologia, psicologia, economia, sociologia, história e antropologia.

Terceiro, a filosofia em meados do século XIX se descompõe como resultado do processo anterior, onde havia iniciado sua crise, fica como objetos relativos de estudos. Como o surgimento e desenvolvimento do marxismo (materialismo dialético e histórico) a filosofia se transforma em filosofia científica com um objeto específico: ciência geral das leis universais que caracterizam todas as formas de existência da matéria.

Podemos distinguir três períodos enquanto a cosmologia judeu-cristã.

Primeiro, a filosofia hebraica (? - 450 a.C.) onde se estabelecem por vez primeira as grandes questões sobre a vida e a morte, o bem e o mal e a primeira matéria do mundo, a unicidade e multiplicidade o movimento e imutabilidade (Gênesis 1-3 e Jó). Estas questões se iniciam com Adão e Eva, evoluindo de geração em geração até chegar a ponto da costa ocidental da Ásia Menor (Mileto e Éfeso), continuando nas escolas dóricas do sul da Itália e Sicília e passando por Abdera na Costa, voltam novamente a Atenas. Este período termina com a finalização da revelação judaica com o profeta Malaquias.

Segundo a Filosofia Helenística (450-300 a.C.) Sócrates, Platão e Aristóteles criaram aqueles grandiosos sistemas que se consideram como a obra mais brilhante da filosofia grega. Este período teve Atenas como centro mais importante de todos os estudos da filosofia.

Terceiro: filosofia Helenístico-romana (300 a.C. -500 d.C.) que dura quase um milênio; só representa o último eco da filosofia grega. Os sistemas que coexistem junto a outros, condiziam pela pugna de suas doutrinas a um exceptismo do que se tratava de sair pelo retorno aos antigos mestres ou por um misticismo religioso.

Nesse tempo, aberto a religião, nasceu Jesus Cristo, cuja doutrina repercutiu fortemente (ainda repercute) sobre a filosofia. Nos fins desse período (Fischl, 1980: 22) uma vez mais o neoplatonismo pode reduzir a uma síntese de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. No lugar da busca era todo aspecto da cultura helenístico-romano, em que o homem começava a sentir-se “cidadão do mundo” (cosmopolita).

Em todo esse processo, esses personagens mais destacados em todas as épocas figuram: Heráclito, Parmênides, Pitágoras, Gorgias, Sócrates, Platão, Aristóteles (na Grécia).

Mais adiante enfatizaremos às filosofias helenístico-cristã (Orígenes, Clemente, Crisóstomo, Agustín); filosofias Medievais (Aquino, Anselmo, Bacon), filosofias Reformadas (Lutero, Calvino, Erasmo) e as Filosofias pós Reforma (Kant, Hegel, Marx, entre outros).

No desenvolvimento da filosofia, há uma contínua tensão entre o integralismo bíblico e o dualismo pagão. O integralismo bíblico todo o conhecimento em submissão à revelação de Deus e de acordo com as leis naturais. Este integralismo é absolutamente expresso na encarnação do Logos (João 1: 1), que era o Emanuel – Deus Conosco, no qual existem todas as coisas (Col. 1: 15-17). O dualismo pagão seja o materialismo e o politeísmo Babilônico e o dualismo racionalista grego, sempre introduz uma contradição entre a percepção da realidade e a revelação de Deus.

O secularismo está oposto à sagrada cosmologia bíblica. O secularismo, o processo de degradação da realidade, começou no Éden e depois subido e durante a história humana.

1.2.2.6. A filosofia e a tese bíblica

A tese das Escrituras é que a sabedoria e o conhecimento vêm de Deus e sempre devem estar de acordo com os mandamentos e a revelação de Deus. As filosofias pagãs, que não se confirmou à revelação de Deus, era a antítese para os autores bíblicos. Moisés combateu o politeísmo (variedade de deuses), o materialismo (pré-existência) (e evolução das coisas materiais) o hedonismo (glorificação de prazeres) e sobre todo os egoísmos satânicos, manifestados na queda de Adão e Eva (Gn. 1:1; 3:1-7).

A tese bíblica é que Deus e toda a sua criação são sagradas. A antítese entre a rejeição e o sagrado, manifestado na negação do Deus Verdadeiro e a rebeldia perante as leis de Deus (Gn. 3; Rm 1: 18) A síntese cristã é a reconciliação em Cristo e em todos os crentes e toda a criação para a glória e a honra de Deus.

O PENTATEUCO. Os primeiros cinco livros de Moisés terem um caráter apologético e normativo. É uma resposta ao politeísmo e materialismo pagão, tanto como as regras para a vida sagrada do povo de Deus. A tese do Pentateuco como da Bíblia inteira

é o reino de Deus, sagrado e separado do pecado, completamente dedicado ao serviço do Altíssimo.

O Pentateuco começa com Elohim, Deus Todo Poderoso e Criador do Universo. A Bíblia nos fala da relação íntima entre o homem e o seu criador. Deduzimos que no Jardim do Éden o homem foi criado a imagem de Deus, o homem é sagrado, pela criação, ou seja, separado do pecado e completamente dedicado a Deus (Gn. 1: 26; Tg. 3: 9). A origem do homem está diretamente relacionada com Deus.

Para o homem foi dado um mandado cultural (Gn. 1: 28) incluindo a procriação, a família, o trabalho e a educação. Além do mais foi dado um mandato religioso (Gn. 2: 15), que foi completado, depois o pecado com o mandamento redentor (Gn. 3: 15; 12: 2-3, 7). Tanto no cultural como no religioso, o aspecto educativo é implícito e integral para a vida humana.

Entrou o pecado e esse fato está diretamente relacionado com o conhecimento do bem e do mal. O homem foi mal educado pelas forças satânicas, rejeitaram a Deus e os seus mandamentos. Entrou a chamada secularização.

O Pentateuco narra a história do povo de Deus, desde o seu início no jardim na Mesopotâmia até a terra prometida em Canaã. Foi um povo chamado para ser dedicado a obra e serviço de Deus, não somente para eles mesmos, senão como uma nação era um testemunho de Deus para atrair a todas as nações (Gn. 12: 2-3).

“Agora, pois, se deres ouvido a minha voz e guardardes a minha aliança, vós sereis meu especial tesouro sobre todos os povos; porque minha é toda a terra. E vós me sereis reino de sacerdotes, e povo santo...” Êxodo 19: 5-6.

Como uma gente santa e mediadores/ representantes de um Deus santo, eram necessários educar seus filhos e a todos os estrangeiros que habitam no povo de Deus (Dt. 4: 20; 7: 6; 14: 2; 26: 18).

A educação israelita estava centrada no lar e estava relacionada com os deveres religiosos (Dt. 6: 1-9), era uma responsabilidade que recaía sobre os pais.

Aos rolos da lei se chamava Torah, palavra, cujo significado é “a lei” instrução, segundo a versão LXX. Através do Torah, o povo recebia instrução. Constitui os cinco livros de Moisés (Pentateuco). O Torah foi a chave para a educação do povo de Israel (Armstrong, 1988: 17).

Os escritos. A sabedoria era o objeto da filosofia hebréia, os escritos e poemas de Jô, Davi, Salomão entre outros, estão preservados nos livros de Jô, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

O livro de Jô é um discurso entre Deus e os homens e os homens e si mesmo. Os três amigos de Jô, representando os melhores conselhos filosóficos do mundo antigo, não ofereceram consolação ao espírito conturbado de Jô. Por fim, Deus contesta dando um enfoque teocêntrico ao sofrimento.

Quem é esse que obscurece os conselhos com palavras sem sabedoria? Agora, cinge como varão os teus lombos, eu perguntarei a você e tu me contestarás. Onde tu estavas quando eu fundava a terra?... (Jô 38: 2-4).

Os Salmos identificam a fonte da sagrada sabedoria. “Na lei de Deus está a sua delícia, e na sua lei, medita de dia e de noite...” (Salmos 1:2)

Os Provérbios, o livro da sabedoria é o temor de Yahveh. “Os insensatos desprezam a sabedoria e o ensino”. (Prov. 1: 7)

“E o conhecimento do Santíssimo do Santíssimo é a inteligência. Porque por mim se aumentaram os teus dias...” (Prov. 9: 10-11)

A antítese da sabedoria sagrada é o régio que rejeita a Deus e seus bons conselhos. “Eu não aprendi, nem tenho o conhecimento do Santo”. (Prov. 30: 3). Salomão, reconhecido mundialmente e até hoje em dia por sua sabedoria conclui em Eclesiastes 12: 13. O fim de todo discurso é este: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isto é o dever do todo o homem”.

Os livros históricos do Antigo Testamento: Os livros que contam a história do povo de Israel desde a entrada até os exílios e a restauração dos séculos VII a. C, é uma descrição pragmática, objetiva e realista do conflito entre a sabedoria e a necessidade idólatra. A síntese era a preservação do remanescente e a destruição dos ímpios.

Os Livros Proféticos. Contam a mesma história. Os autores do Velho Testamento deixaram o povo de Deus com uma só solução, a intervenção do Messias, o Cristo do Novo Testamento (Is. 35: 8).

Os Evangelhos. Os quatro evangelhos testificam a mesma verdade: Jesus Cristo, Filho de Deus, o Filho do Homem, é o Salvador, Senhor e Deus.

A filosofia hebraica e a filosofia gentil haviam degenerado até o legalismo absurdo dos fariseus e as especulações mitológicas dos gregos.

A revelação de Jesus foi muito diferente. Era a encarnação de Deus; um Deus de compaixão e consolação, que ofereceu uma transformação radical ao homem (Rm. 8: 29; Ef. 4: 23- 25) tal como para a sua mente, corpo e sociedade (I Cor. 15).

A lei sagrada se encarnou no “Mestre”, quem ensinou com autoridade e capacidade a seus discípulos entre todas as nações.

As epístolas. Os apóstolos identificaram as filosofias não-cristãs como “tradição do homem”, “espírito do universo” e “especulação”. Não obstante, os apóstolos utilizaram a linguagem e muitos conceitos filosóficos, tal como o “Logos” (João), “pleno conhecimento” (Colossenses), “a lei espiritual” (Romanos). Tomaram emprestados conceitos dos judeus e gregos para reconstruir, posicionar, redimir ou santificar conceitos humanos. Se os conceitos filosóficos eram úteis para o reino de Deus, pois, foram emprestados.

1.2.2.7. Conclusão

Qual é a relação entre a teologia cristã e a filosofia? Para o cristão, a teologia (estudo do conhecimento de Deus) e a filosofia (estudo de toda a realidade), são integrais e coexistem lado a lado, reconhecendo que Deus é a fonte da verdade, o Autor da criação, o Senhor da História e o Salvador de toda a humanidade.

1.2.3. Conceitos Básicos da Educação e a Educação Cristã

Lic. Román Santos

1.2.3.1. Introdução

A educação é um processo que implica crescimento e desenvolvimento contínuo do indivíduo. Esta se encaminha para modificar o comportamento do ser humano tanto no aspecto pessoal com ser social.

São graves e preocupantes os problemas da educação. Em muitas ocasiões não há classificação sobre o que se quer e deve fazer. Não existe uma claridade no planejamento de uma filosofia educativa que responda as exigências do meio. Por outro lado, falta uma filosofia cristã sólida. Faz-se necessário elaborar uma filosofia de Educação Cristã. Todos os cristãos são responsáveis de elaborá-la, especialmente os que trabalham na área de educação.

1.2.3.2. Conceito de Educação

A educação é um processo mediante o qual a pessoa dá e recebe informação. Desta maneira uma generalização transmite outros hábitos, costumes e conhecimentos. Isto inclui tudo o que afeta a pessoa como ser humano, a família e os povos. A educação deve entender-se como o processo que evolui o desenvolvimento harmônico do ser humano através de todas as experiências formais e informais. A educação é o efeito de educar. É desenvolver e aperfeiçoar o homem e suas faculdades a fim de viver para a glória de Deus, para o desenvolvimento da sociedade e para a própria edificação.

A palavra “educar” (Larroyo, 1971; 35) provém do vocábulo latino “educare” que a sua vez se formou do vocábulo “educere”, composto por “ex” = afora e “ducere” = levar, conduzir. Este conceito significou originalmente cuidar, fazer crescer. Pretendia levar-se a idéia de que era como guiar os animais ao campo; depois a idéia mudou até as crianças de hoje.

A educação humanista se expressa em termo de promoção, pode se traduzir como educação e aperfeiçoamento do homem. A educação persegue o desenvolvimento da realização plena do ser humano.

O filósofo Tomás de Aquino entendia que a educação consistia em criar e guiar. Aqui vemos também a educação também como um processo de aperfeiçoamento e realização do homem. A educação (Nassif, 1965: 50) é um processo que proporciona ao indivíduo aos meios para a sua própria configuração.

Creemos que a educação influencia tanto no indivíduo, em sua vida interior, pois a primeira educação provém do mesmo Deus para o benefício do homem. Através da Bíblia que é a Palavra de Deus aprendemos que existe um sistema de relações humanas (Dt. 6: 5;

Mt. 22: 37). O homem se relaciona primeiro com Deus, segundo com o próximo, terceiro, com ele mesmo e o quarto com a criação. A educação também o indivíduo na sociedade onde vive; é um processo que inicia antes do nascimento e se prolonga toda a existência da pessoa até sua morte. Nesse processo se influenciam diversos fatores: biológicos, psicológicos, sociais, científicos, religiosos, etc. A educação é transmissão formal e informal de normas, valores, costumes, crenças, conhecimentos seguidas pela assimilação do ente humano (Morales, 1991: 2). Para Ellen G. White, a educação é o desenvolvimento harmonioso das capacidades físicas, mentais, sociais, espirituais do ser humano. Esta definição inclui as leis fundamentais da educação; o informativo e formativo de cumprir cabalmente conduzem ao ser humano (gradualmente) à perfeição.

Em síntese, a educação, tem por objetivo o desenvolvimento da sociedade e a personalidade sã e sagrada no aspecto integral e exerce influência sobre a pessoa desde a concepção até a morte. Educar é conduzir o sujeito até um estado de plenitude, de atualização e expansão. Nesse sentido, a educação é um processo que capacita, forma e habilita para atuar frente às situações novas da vida, enfrentando as mesmas com certo grau de êxito, produzindo satisfação, superação e progresso espiritual, familiar, pessoal e social.

1.2.3.3. Origem e Fundamento da Educação Hebréia

A educação hebréia está relacionada diretamente com o lar, sinagoga, o templo, o ambiente vocacional. Os requisitos do pacto com Deus, incluindo as leis comunitárias e a tradição religiosa, forma parte da educação hebréia integral. O texto principal era as Escrituras (Dt. 6: 7).

1.2.3.4. Origem e Fundamento da Educação Cristã

A identificação de Cristo como Mestre Divino e a ordem de fazer discípulos entre todas as nações tem sido a revolução educativa mais significativa na história humana.

Apesar de humilde, o começo da educação cristã, mais pessoas tem sido educado sobre Cristo que sobre qualquer outra religião e Deus.

O discipulado cristão consiste em seguir os ensinamentos de Jesus, aplicando a todos os aspectos da vida. A relação pessoal que o discípulo forma com Deus é expressa em toda a vida (Mt. 28:18-20; Rom. 11:36; I Cor. 1:30-31; II Cor. 10:5; Col. 1:20; I Pedro 3:15).

A Bíblia não especifica qual o meio deve ser usado para o discipulado cristão. Todos os meios forma utilizados para o discipulado, seja formal (sinagoga, congregação, família) ou informal (conversação pessoal, debates públicos).

Antes da legalização sócio-política do cristianismo no século IV, a educação cristã foi centralizada no lar e a congregação.

1.2.3.5. Educação Cristã na História

Educação não-judeu-cristã. Ao falar da origem da educação (Larroyo, 1971: 35-37) não podemos deixar de lado o labor desempenhado pelos mestres clássicos da Grécia: Sócrates (469 – 399 a. C), Platão (427 – 347), quem sustenta que a educação tem por objetivo dar o corpo, alma e toda a beleza e a perfeição de que estes são susceptíveis. Esse aperfeiçoamento segundo Platão, se encontra na conexão com o processo de desenvolvimento integral e progressivo. Educar é fazer reais as possibilidades do educando. Este conceito foi de grande importância para a pedagogia moderna.

Um pedagogo escritor – Quintiliano (45-120 d.C.), sustenta que a educação consiste em fazer do educando o homem mais perfeito possível. Na educação está a sustentação do progresso do indivíduo e da sociedade e o pilar para prover o desenvolvimento dos povos. A formação e educação física e espiritual são tão antigas como a humanidade.

Nos primeiros povos (Garcia, 1973: 480) essa tarefa se realizou de forma espontânea e sem instituição específica, sucedendo a transformação da pedagogia intencionada (Larroyo, 1971: 64). Não há mestre nem escola nesse período.

O sistema reflexivo da educação aparece nos povos do Oriente. Em Israel existia a tradição patriarcal. Primeiramente na família, logo na sinagoga, também China, Índia, Egito e Babilônia são fonte de desenvolvimento da pedagogia. O traço comum entre esses povos é o tradicionalismo para conservar a pureza de sua organização política e social de suas crenças. Na China, por exemplo, a educação estava confiada aos sacerdotes, diferente em Israel que era os patriarcas, os pais, logo, os rabinos na Sinagoga. De maneira que os

anteriores da educação podemos vê-lo no povo hebreu logo passa por outros povos do Oriente até chegar a Antigüidade clássica, Grécia e Roma, segundo historiadores como Homero e Hesíodo. Por outro lado, também vemos o aporte de Esparta, que condiciona toda a vida de seus cidadãos. O menino pertencia à comunidade, a qual se encarregava de cuidar-lo e educá-lo desde os 7 aos 30 anos, moldando com férrea disciplina o seu caráter. A educação era orientada para o treinamento militar. Em Esparta (450 a.C.) o moço estava submetido aos “paidonomos”. De 7 a 20 anos recebia alguma música e letras (considerava-se que a cultura era prejudicial). Eles davam importância ao treinamento físico porque preparavam o jovem para a guerra. A educação estava estritamente submetida ao Estado, era obrigatório a todos os cidadãos.

As moças eram educadas do mesmo modo que o varão até o casamento, aos 20 anos. Pela legislação de Solom, os pais eram obrigados a procurar em seus filhos a formação corporal e espiritual. Depois dos sete anos, o menino era entregue pela mãe ao pedagogo, que seria encarregado de cuidar desde então de seus costumes. Em Atenas se concebia a educação integral do sujeito.

2. Educação pós-apostólica. A Dídache é um escrito extracanônico que supostamente continha ensinamentos dos apóstolos. Mediante estes escritos entendemos que as instruções apostólicas em respeito a moral cristã, a liturgia e a organização da igreja.

A filosofia grega teve uma profunda influência no período patrístico da igreja cristã. Da escola de Alexandria, Clemente de Alexandria e seu discípulo, Orígenes aplicaram interpretações alegóricas e filosóficas das Escrituras. A Escola de Antígua era mais literária. O neo-platonismo foi evidente em Agustín, tal como Aristóteles na filosofia de Aquino.

Não podemos subestimar a influência do gnosticismo, o misticismo e o estoicismo na Igreja Cristã primitiva e mais tarde, a católica romana.

A educação do primeiro século foi para preparar os novos cristãos (Armstrong, 1988: 42) e exerceu fundamentalmente nos escritos paulinos. O Apóstolo Paulo argumenta sobre a importância do ensino (II Tm. 3: 14-17). É necessário para a firmeza na fé (I Tm. 4: 6-11) para estabelecer harmonia nos lares (I Tm. 6: 1-12). A habilidade para ensinar é o requisito para os pastores e líderes espirituais (I Tm. 3: 1-2). O ensino é indispensável para a perpetuação da fé (II Tm. 2:2). A congregação cristã era a escola de ensino.

3. A Idade Média. Durante a Idade Média se distinguiram notáveis pedagogos como San Anselmo, Vicente de Beauvais, Alberto o Grande, Tomás de Aquino, Rogelio Bacon e Duns Scoto (Larroyo, 1971: 72) Todos eles concebiam a educação como treinamento intelectual encaminhando a posse de valor religioso. Na época do Renascimento se distinguiram Ravelais (1453-1553) e logo Montaigne (1533-1592). Estes criticam o conceito livresco da educação medieval e propõe um ideal educativo de preparar o jovem para ser um cidadão do mundo, disposto a enfrentar a vida sem dificuldade com todo o tipo de conhecimento acerca do homem e a sua liberdade para triunfar. Outro notável representante desse período foi Juan J. Rousseau (1712-1778), segundo ele, a educação deve obedecer ao desenvolvimento natural da criança. Depois foi Emmanuel Kant, quem sustentou que o homem só chega a ser homem pela educação (Larroyo, 1971: 76). Ele pensa que a educação é disciplina, cultura e moral e que é o segredo da perfeição humana. A educação facilita o desenvolvimento, crescimento e aprendizagem, harmonia e compreensão do homem, dando-lhes o progresso que estes necessitam para a sua felicidade.

4. Pós-Reforma. Pensamos que mesmo que os conceitos de Rousseau e Kant influenciaram significativamente o desenvolvimento moderno da ciência da educação. Eram fracos em integrar o espiritual com o científico. Juan E. Pestalozzi (1776-1841) vê o fim da educação na formação do caráter moral em acordo com as condições psicológicas do educando. A moralidade moralista começou a substituir a espiritual cristã no esquema educativo.

É essencial no ato educativo a realização do ser com respeito e responsabilidade. Sempre se persegue a maturidade do ser e consciência realista e criativa para enfrentar as lutas para vencer. Estes conceitos são muito importantes, pensamos para formular uma filosofia educativa cristã. O integralismo concebe o desenvolvimento humano no físico, social, moral, ético, espiritual e econômico.

Depois da reforma com a dupla reação com o tradicionalismo e escolasticismo da igreja romana, observam o surgimento das filosofias teocêntricas por um lado e humanistas por outro. Um filósofo da educação tem por objeto fazer do indivíduo um instrumento de benefício para si mesmo e para os demais. Para Herbert Spencer (1820- 1903), a idéia educativa era ganhar uma preparação do homem para a vida, considerando em toda a sua amplitude. Obviamente esta preparação deve considerar-se em termos da necessidade do

entorno, desenvolvendo as habilidades e conhecimentos para transformar as estruturas sócio-econômicas. Por outro lado Frederico Paulsen concebe a educação como uma atividade sistemática que realiza a transmissão da herança cultural e ideal das gerações adultas e seus descendentes. Paul Bacth pensa que a educação é a propagação espiritual da sociedade. Emilio Durkheim revela que a educação é uma socialização metódica. A educação tem como objeto suscitar e desenvolver na criança um número de estados físicos, intelectuais e morais que reclamam da sociedade e do meio. G. Dilthey reconhece que a educação é uma função originária da cultura humana. O filósofo e pedagogo (Garcia-Hoz, 1974: 480) John Dewey reconhece que a educação é a soma total do processo pelo qual, uma comunidade ou grupo social transmite poderes e objetivos a fim de garantir a sua existência e contínuo crescimento. Com John Dewey, o pináculo do humanismo é expresso por meio da cultura capitalista da América, baseada em raízes européias.

Os conceitos de educação moderna, emprestados do dualismo da filosofia grega, do escolarismo romano, o secularismo do renascimento francês, o misticismo alemão, o pragmatismo americano e do socialismo oriental ou marxista, nos apresentam uma variedade de alternativas e desafios.

A educação é o processo mais generalizado entre os homens. Todos somos educadores e educados ao mesmo tempo. Somos educados, quando sofremos a influência de outros; somos educadores quando exercemos esta influência. Por essa razão, a educação é um processo geral que envolve a todo o ser humano.

1.2.3.6. Fins da Educação

No fim da educação humanista (Gonzáles, 1969: 137), existem três facetas fundamentais:

1. A educação tem por finalidade, o homem;
2. O fim da educação deverá subordinar o fim do homem.
3. O fim da educação e o fim do educando estão conectados. Este fim da educação é o homem e se orienta seu aperfeiçoamento. A educação, portanto, tem por finalidade a atualização e desenvolvimento de todos os seres humanos. A educação se ordena ao estabelecimento do homem interior e

também tem por finalidade a projeção social e transcendental do ser humano (Gonzáles, 1969: 138).

A educação cristã tem por finalidade dar glória e honra para Deus. É por essa razão que leva em conta a presença de Deus, entende seus propósitos, sua missão, cumpre com obediência sua ordem, trabalhando para a sua glória. A educação cristã é parte discipulado cristão. Esta educação cristã (Hegeman, 1991: 1) inclui: “ensinando-lhe a guardar todas as coisas que os tenho ordenado” (Mt. 28: 19-20). A Igreja “o qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.” (Efésios 1: 23), é capacitada pelo Espírito Santo e tem a responsabilidade de ensinar os demais (Prov. 1:7; Gal. 5:10) e ser um testemunho fiel diante da sociedade (Lc. 24: 28; Fil. 4: 8-9).

O conceito da educação humanista (Larroyo, 1971: 78) mostra as seguintes características:

1. O centro e o objetivo da educação é a formação da educação do homem;
2. Considera o ato educativo de uma ação exercida por um adulto sobre um jovem;
3. Mostra que o ato pedagógico está orientando sempre um objetivo a alcançar, em outras palavras, a realização de certos valores culturais. A educação é sempre submetida a uma lei de finalidades.
4. Ensinar que o fenômeno pedagógico se posiciona de certos bens culturais (elementos materiais) e a aquisição de certas disposições ou atitudes (elemento formal), que se fazem possíveis, cada vez de uma maneira mais fácil, a obtenção de tais bens.

Entre os objetivos imprescindíveis da educação humanista, destacamos os seguintes:

1. **Individual:** Proporcionar atenção individual segundo as suas possibilidades, limitações, ajudando-lhe no desenvolvimento integral.
2. **Social:** Preparar os indivíduos na sociedade para conservar e enriquecer seu grupo.
3. **Humana:** Possibilitar ao indivíduo a integração de grupo, desenvolvendo habilidades e atitudes de colaboração e serviço para a humanidade.

4. **Espiritual:** No sentido transcendental possibilitar o desenvolvimento do estético e, sobretudo o espiritual. A relação com Deus, o conhecimento de seus planos, a obediência e o serviço e o estar em primeiro lugar.

Uma finalidade educativa cristã é que a pessoa aprenda a refletir e meditar em certos mistérios do mundo ou universo e do Criador, quando disposta a revelação de Deus. Entende-se então que os últimos objetivos da educação são:

1. Atenção a todos os indivíduos (facilitar o conhecimento de suas limitações, realidades, possibilidades, desenvolvimento físico, intelectual, emocional, cultural e integral) a luz da Bíblia e a ética cristã.
2. Domínio e integração em si mesmo e no meio ambiente em resposta aos mandamentos de Deus.
3. Socialização individual e em grupo, segundo os princípios do reino de Deus.
4. Formação física segundo as leis naturais e a ética cristã.
5. Fortalecimento de sua consciência moral segundo a Palavra de Deus e as responsabilidades civis.
6. Desenvolvimento de sua identidade patriótica e cultural, conforme a Palavra de Deus.
7. Formação de uma cultura geral, mediante a transmissão de técnicas e conhecimentos fundamentais para a renovação do espírito investigativo.
8. Desenvolvimento de uma personalidade madura, equilibrada, individual, social, econômica, estética e espiritual.
9. Desenvolvimento da responsabilidade social, honestidade, criatividade, formação democrática e cristã.

Em síntese, a atividade educativa cristã é realizada para a glória de Deus. Deve realizar existencialmente a imagem de Deus no homem e os mandamentos de Deus na sociedade. É a tarefa da educação cristã capacitar ao homem em todos os sentidos a fim de que assuma sua parte na missão de Deus para o benefício de si mesmo, de sua família, da comunidade e da humanidade.

1.2.3.7. Conclusão

A educação é base do desenvolvimento pessoal e social dos povos. O conceito de educação tem estado enraizado em Israel, Atenas, Esparta, Babilônia, Índia, China, Egito, Roma e outros países do Oriente Médio. Sem levar em conta a história desses povos, é impossível chegar ao início da educação.

Nesse trabalho, temos visto diversos pontos de vista sobre a educação, de seu desenvolvimento e a sua incidência no crescimento da civilização e da cultura. Poderíamos afirmar que a maioria dos autores coincide em ver a educação como um processo, um conjunto de experiência aonde se recebe e dá informação e a onde se adquire formação no aspecto sistemático e assistemático.

Estamos de acordo com que a educação contribua ao cuidado e a superação das faculdades da pessoa. Conseguia o desenvolvimento das virtudes, as capacidades e qualidades do sujeito o sentido pessoal e social. O sujeito é um agente de desenvolvimento. Educar é conduzir o sujeito à plenitude, ao desenvolvimento de si mesmo e a assumir a responsabilidade de ordem social. Todas estas metas estão sujeitas à vontade de Deus, escritas na Bíblia e realizada por Cristo na história.

A educação não tem possibilitado o desenvolvimento integral do sujeito. É o problema da secularização, se tem deixado fora uma parte necessária e útil do homem é uma parte necessária e útil do homem tem deixado a visão transcendental do homem, tem anulado a parte espiritual cristã. Por isso, a educação tem morrido e o ser humano como um barco sem piloto. A educação nesse contexto não tem transformado as estruturas internas do homem. Falta então uma filosofia diferente, uma filosofia cristã que possa dar novo rumo e levar o barco ao porto seguro e salvar o povoado. Nesses últimos dias, a educação cristã é uma grande necessidade, para hoje, amanhã e sempre. É necessário elaborar uma filosofia educativa cristã, surge um novo modelo, devemos contribuir para a sua expansão. Este modelo cristão prepara o homem para servir, conscientizando acerca de seus deveres e responsabilidades; lhe prepara para a mudança eterna, sua família e logo seu contexto. Esta iniciativa pode contribuir que se levante uma nova geração de acadêmicos que trabalhem unidos a um projeto e se projetem sendo na realidade “sal da terra e luz do mundo”.

1.2.4. Conceitos básicos do Cristianismo e a Educação Cristã

Lic. Marta Vanderhorst de Ventura

1.2.4.1. Introdução

Deus existe. Segundo os cristãos é Deus o Pai, o Filho e Espírito Santo. Deus fala, Deus faz, realiza e tem uma missão. O relato é a interpretação dessas palavras e feitos divinos se encontram na Bíblia. A Bíblia nos fala no reino de Deus na história, o qual terá sua realização perfeita na eternidade. Cristo é o centro deste reino e esta realidade (Col. 1: 15-23).

O nome de Cristo é a versão grega do Hebraico Messias. Não podemos entender o significado pleno de Cristo no Novo Testamento sem conhecer o Messias do Velho Testamento. Cristo realizou e cumpriu as exigências legais e as promessas proféticas do Antigo Testamento (Mt. 5: 17; Hb. 1: 1-4). É o segundo Adão (Rm. 5), filho de Abraão (Mt. 1:1), melhor que Moisés e Josué (Hb. 3), mais poderoso que o sacerdócio Arão (Hb. 4), filho do rei Davi (Mt. 1:1), o verdadeiro profeta (At. 3: 22). Na obra de salvação, Cristo cumpriu todas as ordens de Deus o Pai para salvar e perdoar a humanidade, Cristo foi crucificado como Rei dos Judeus e ressuscitou como Rei dos reis (Fil. 2: 9-11).

A educação cristã implica a conhecer a Cristo e sua missão messiânica. É uma educação cristo-cêntrica e messiânica.

Este capítulo explica alguns conceitos básicos do cristianismo relacionados com a educação, enfatizando em conceitos e termos referentes ao cristianismo como: conceitos do cristianismo, fundamento do cristianismo e os principais representantes do cristianismo.

1.2.4.2. Conceitos do Cristianismo

A palavra cristianismo não aparece na Bíblia. Inácio, o Bispo de Antioquia (35-107) usou a primeira vez na primeira metade do século II. Designa a todos os que Cristo brinda a homens de fé: vida e salvação, onde em uma de suas passagens tem aquele sabor da palavra cristão do Novo Testamento odiado pelo mundo (romano). O termo cristianismo (Harrison, 1990: 129-130) começou uma designação da religião que centraliza na pessoa de Cristo. O

Cristianismo (Hester, 1986:51) tem um aspecto filosófico. É um sistema de pensamento e como tal, concerne a nossa vida. Sendo esta verdade, era inevitável entrar em contato com ela e que na era cristã esteve em conflitos com os sistemas filosóficos existentes.

O movimento cristão iniciou em terreno judeu e obteve seus primeiros convertidos dentre os filhos de Israel. Aqueles que se uniram à nova fé se diferenciaram de seus compatriotas judeus em que criam que Jesus de Nazaré era o Messias e que Deus havia vinculado todas as suas ordens ressuscitando-o dentre os mortos. Antes que o judaísmo cristão mingua até chegar a ser comparativamente insignificante, traspassou sua herdade aos gentios, a quem chegou através de judeus que falaram grego como Barnabé e Paulo.

1.2.4.3. Fundamentos do Cristianismo.

O cristianismo (Varetto, 1970: 7) se fundamenta na fé em Cristo (Rm. 10: 9). Cristo anunciou que ele havia realizado e cumprido as ordens de Deus e o Velho Testamento (Mt. 5: 17; Hb. 1: 1-4). Cristo estabeleceu a igreja cristã (Mt. 16: 16-20; 28: 19-20; Ef. 2: 20) para continuar o cristianismo, a melhor estratégia, o discipulado cristão.

O cristianismo inclui um sistema de crenças, a organização da igreja, a ética social, pessoal e social dos cristãos. O Novo Testamento estabelece estes fundamentos em quatro evangelhos (que tratam a pessoa e a obra de Cristo); as epístolas (doutrina e ética cristã), a história da Igreja (Atos) e um livro profético (Apocalipse).

O Senhor Jesus nos deixa a regra de ouro a onde nos dá instrução acerca de como devemos ter uma relação íntima com Deus e com os nossos semelhantes: “Assim que, todas as coisas que quereis que os homens façam convosco, assim também fazei vós com eles; porque isto é a lei e dos profetas”. (Mt. 7: 7-12). Pois, o cristão mostra o seu amor a Deus em educar aos demais como tem sido educado.

A missão do cristianismo é de testemunhar que Cristo havia sido no mundo; testemunho de sua vida santa e pureza, dos ensinamentos, dos sinais, milagres e maravilhas e tudo aquilo que fez e, sobretudo, a obra redentora.

A grande comissão dada por Cristo é uma estratégia prática e positiva. Jesus disse: Toda autoridade me é dada no céu e na terra. Portanto, Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-lhes a

guardar todas as coisas que tenho ordenado e eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. Mateus 28: 18-20

A grande comissão de Jesus é o maior plano proposto para a raça humana, é apresentado pela mais extraordinária pessoa que já viveu e fez a maior promessa que se registra na história, a reconciliação entre Deus e homem (Col. 1: 20).

A grande comissão de Jesus Cristo não foi dada exclusivamente aos discípulos que originalmente estiveram com ele senão a todos e cada um dos que crêem nele. Portanto, todo o cristão deve participar na tarefa de cumprir esta grande comissão.

A grande comissão, segundo tem sido registrada nos Evangelhos (Mt. 8; Mc. 16; Lc. 24; Jo. 20 e At. 1) tem várias implicações para a educação.

Jesus disse toda a autoridade sobre o céu e a terra. Pois em toda a ciência, filosofia e atividades educativas, devemos:

1. Reconhecer e honrar a Deus o Cristo (Sl. 2:2; 7: 8-11);
2. As atividades educativas e os pensamentos devem estar de acordo com a Palavra, a Bíblia;
3. Incluir o discipulado na educação (Mt. 28: 18-20; Lc. 24: 44; Mc. 16: 15-16; Jo. 20: 21; At. 1:8).

Nossa mente e cultura secularizada reagirão com fúria em relação a uma educação cristã integral. Porém a missão de Jesus é levada pela presença do Espírito Santo, não deixará nada fora da conquista espiritual e santificadora de Cristo. O dualismo grego trata de dividir a vida do sobrenatural e o natural. Porém a grande comissão de Cristo nos apresenta uma autoridade universal com:

1. Uma ordem integral para a vida;
2. O poder do Espírito Santo;
3. A comunidade que testemunha, a igreja;
4. A promessa de vitória sobre satanás, sobre o pecado e sobre os “espíritos” do mundo.

1.2.4.4. Principais Representantes do Cristianismo

A Igreja Primitiva: A religião de Cristo foi pregada pelos seus discípulos, os apóstolos, primeiro em Jerusalém e nas colônias judias nas cidades do Oriente. Depois, Paulo levou o Evangelho aos gentios, ou seja, a todas as nações. A nova religião, não reservada aos judeus, passou a ser então uma religião universal.

A organização dessas igrejas primitivas eram muito simples: cada um teria como encarregado um bispo ou um pastor assistido por presbíteros (anciãos) e diáconos (administradores); estes últimos, encarregados de recolher as ofertas dos fiéis e distribuí-las aos pobres. O culto era composto por orações, cânticos, leitura do Evangelho, das cartas dos apóstolos, pregações, ensino, admoestação pública e disciplina, e finalmente a comemoração da ceia de Jesus. A leitura das escrituras motivou os crentes a ler e escrever. A educação ocidental tem suas raízes no cristianismo.

Entre os representantes primitivos do cristianismo, temos grandes homens de coragem que protagonizaram o cristianismo. Cada um deles relatou assombrosas histórias de amor e bondade, assim como a crueldade e vingança sustentada pela contra os mártires da igreja primitiva. Apesar das perseguições, os cristãos educaram e foram educados, os lares dos cristãos se converteram em um templo ou em uma escola. Com a constantinização do cristianismo, apareceu o conceito de escolas cristãs mais institucionalizadas.

Os primeiros dirigentes da igreja vinham de diversos contextos culturais. Eram fabricantes de capas, pescadores, fariseus, gentios, judeus. Fizeram todo o possível para combinar-se em uma só unidade, porém às vezes constituíam uma rara mescla. Havia ocasiões em que o mau gênio se revelava com sua intensidade, aparecia o racismo, a falta de perdão. Porém tinham uma coisa em comum: viviam, se sacrificavam e estavam dispostos a morrer por Jesus.

Depois da conversão Paulo transformou em um grande líder do cristianismo. Um homem de grandes dotes naturais e espirituais. Era um educador por excelência, como visto em seus esforços de educar aos líderes das congregações. Além do mais, os líderes e a membresia das igrejas foram educados pelas cartas doutrinárias e éticas.

O evangelho se espargia rapidamente, Em Antioquia, ouviram as boas novas e já formaram grupo de crentes (At. 11: 19-20). Desde Jerusalém e Antioquia, a fé chegou até Roma, o coração do Império Romano (At. 28)

Foi em Antioquia onde os discípulos foram chamados de cristãos, entre os principais representantes do cristianismo primitivo estavam: Estevão, Barnabé, Timóteo, Pedro, Filipe, Cornélio, Tiago, Marcos, entre outros.

1.2.4.5. Conclusão

Os fundamentos da educação cristã são revelados desde o livro de Gênesis até a profecia de Apocalipse. O homem foi criado à imagem de Deus (1: 26) para conhecer e participar na gloriosa comunhão de Deus e para servir (1: 28) e adorar (2: 15) a Deus em espírito e em verdade. A tripla função de ter comunhão e imitar ao Deus eterno; e servir ao Deus Criador pro meio da família e o trabalho; e a fiel adoração a Deus Todo Poderoso é parte da educação: uma educação que nos prepara para servir a Deus na terra e que vale para a eternidade.

QUESTIONÁRIO SOBRE A LIÇÃO 1.

A TEOLOGIA

1. Que relação tem o conhecimento do Deus verdadeiro com a educação ministerial?
2. Quais os princípios da antropologia cristã são dados pelo autor?
3. Qual é a relação entre os ofícios do Velho Testamento?
4. Qual foi o método usado por Jesus para ensinar seus discípulos?

A FILOSOFIA

1. O que é a filosofia?
2. O que é a teologia?

3. Qual é a relação entre a filosofia e a teologia? (Prov. 1:7)?
4. Que importância tem a revelação de Deus na filosofia?
5. Quais são as diferenças entre judaica e a filosofia cristã?
6. Existem algumas diferenças entre a filosofia judaica e a filosofia cristã?
7. É possível filosofar sobre o cristianismo? Existe a filosofia cristã?
8. Existe uma autêntica filosofia educativa cristã?
9. É necessário manter uma filosofia puramente cristã ou é aceitável acomodar-se a outras filosofias (João 1:1)?
10. Explique Colossenses 2: 8; I Cor. 2 quanto a filosofia. Quais são as fontes mais antigas da filosofia? A filosofia é uma teologia secularizada?

A EDUCAÇÃO

1. Conceitue Educação de acordo com a Bíblia.
2. Qual a relação entre a ordem cultural (Gn. 1: 28; 2: 15-16) e a educação?
3. Qual a relação entre a ordem religiosa (Gn. 2: 17) e a educação?
4. Quais as conseqüências da queda do homem (Gn. 3: 1-3) na educação?
5. Qual a importância tem a promessa de salvação (Gn. 3: 15) para a educação?
6. Como foi afetada a raça humana e por conseqüência, a educação, pelo castigo de Deus sobre o pecado? (Gn. 3: 14-24)?
7. Desde Adão e Eva até os patriarcas, quais sistemas de educação foram utilizados? Como foi transmitido o conhecimento religioso?
8. Que tipo de educação recebeu Moisés? Por que?
9. Qual foi o sistema de educação religiosa instituída pela lei, do Pentateuco? (Êxodo, Deuteronômio e Levítico). Qual importância teve o tabernáculo para os rituais religiosos?
10. Qual a diferença entre a educação hebréia e gentia?
11. Que influência teve a educação gentia sobre os hebreus, durante o tempo dos reis de Israel e Judá?
12. Qual foi o método de ensino aplicado ao menino e ao jovem Jesus?
13. Qual foi o método utilizado por Jesus durante seu ministério?

14. O que diz a grande comissão sobre a educação? (Mt. 28: 19-20).
15. O discipulado é o método de ensino cristão ordenado e praticado por Jesus (Mt. 28: 19-20) e pelos primeiros apóstolos (II Tm. 2: 2). É aplicável só na igreja se pode praticar o discipulado na família, nossas vocações no ensino? Como?
16. Neste estudo temos defendido a filosofia educativa cristã em termos de santificação. A santificação do mestre, o administrador, o estudante, o currículo, é a meta da educação cristã. O que significa santificação?
17. A santificação cristã inclui várias verdades tais como:
 - a) O que é uma vida consagrada e vem do Trino Deus.
 - b) Que todas nossas crenças, idéias e práticas devem ser cristocêntricas?
 - c) O evangelho deve ser aplicado em todas as esferas da vida. E que somos responsáveis diante de Deus e aptos para adorar, arrepender, crer em Deus, servir e educar de maneira cristã. Como podem ser aplicados estes conceitos à educação?

O CRISTIANISMO

1. De onde surgiu a palavra cristianismo? (Atos 11: 26)
2. O que é cristianismo?
3. Quais são as crenças fundamentais de um cristão?
4. Quais são as crenças fundamentais de um cristão?
5. Em que medida o cristianismo é diferente a outras religiões no mundo?
6. Cristo está presente nas religiões não cristãs no mundo?
7. Segundo Cristo, como alguém pode ser salvo?
8. O que significa ser um cristão (Atos 11: 26; 26: 28; I Pedro 4:16).
9. Todos os que dizem cristãos são verdadeiramente cristãos? Comente.
10. Sobre qual estandarte defende o cristianismo?
11. Pode o cristão ser definido por nossa própria opinião ou deve submeter-se a definição da Bíblia?
12. Quais os homens foram designados para interpretar sua Palavra, a Bíblia? (Ef. 2: 20; II Pedro 3: 2).

13. Como foi expressa a unidade de fé cristã durante os primeiros séculos da igreja cristã?
14. Diante dos conceitos bíblicos, o Estado tem a responsabilidade de educar os filhos dos cristãos?
15. Quem tem a responsabilidade da educação dos jovens?
16. A Bíblia justifica uma educação secular que é separada de Deus?
17. São as tradições educativas cristãs normativas para a educação cristã de hoje ou são as ordens e modelos bíblicos normativos?

ATIVIDADES PARA A CLASSE

Divida a sala em dupla. Cada pessoa compartilha com seu colega de grupo sobre o seu conceito de ministério cristão. Como estamos envolvidos em um ou mais ministério cristão? Como está relacionado nosso ministério na Bíblia? Depois de 10 minutos seu colega contará a classe qual é seu ministério e como este ministério está relacionado com os ministérios da Bíblia?

LIÇÃO 2

A ERA APOLOGÉTICA

Tese # 2. O conteúdo da educação ministerial da igreja patriótica foi expresso na literatura didática dos apologistas, os credos eclesiais e nas práticas das tradições da igreja. A Igreja foi responsável pelo treinamento de líderes cristãos.

ESBOÇO

2. A ERA APOLOGÉTICA

2.0. Introdução

2.1. Os Padres apostólicos e apologistas

2.1.1. Conceitos Preliminares

- a. Patriótica
- b. Padres da Igreja
- c. Patrologia

2.1.2. Os padres apostólicos

- a. Definição
- b. Temática
- c. Representantes
- d. Escritos

2.1.3. Os apologistas

- a. Descrição
- b. Representantes
- c. Outros escritos

2.2. A Didaché: Leitura

2.3. Os credos ecumênicos

2.3.1. Credo apostólico e Credo de Nicéia

2.3.2. Credo de Atanásio

2.4. Conclusão

2.0 INTRODUÇÃO

Bem vindo à apresentação desta antologia e estudo dos escritos cristãos dos primeiros séculos. A recompilação e Guia de Estudo foi preparada por Jaime Morales Herrera de San José, Costa Rica. O estudante conhecerá os Padres da Igreja dos séculos I e II. Após este estudo estará lendo o documento La Didaché. Esta seção (A) terminará com um questionário.

2.1. OS PADRES APOSTÓLICOS E OS APOLOGISTAS. Os Padres dos Séculos I e II.

2.1.1. Conceitos Preliminares

- a) **Patrística:** Ramo da história (o que alguns preferem incluí-la dentro da teologia) que estuda os escritos, vida e pensamento dos chamados padres da Igreja.
- b) **Padres da Igreja:** Nome dado aos primeiros escritores eclesiásticos de reconhecida iminência. A Igreja Católica estende este nome até o século XIII, considerando como o último padre da Igreja a Bernardo de Claraval. Outros sustentam a tese que consideram como Padres da Igreja aos escritores cristãos desde o final do século I até o século VII, terminando com Gregório Magno no Ocidente e Juan Damasceno no Oriente. Outros preferem encerrar século com os três Padres Capadócius (Basílio, Gregório Nacianceno e Gregório Niceno). E alguns, limitam a era dos chamados “Padres” ao século II, incluindo unicamente aos conhecidos como Padres Apostólicos e os Padres Apologistas Gregos.

Basicamente, para que um autor seja reconhecido como padre da igreja, tem que cumprir com quatro características:

1. Ortodoxia doutrinal
2. Santidade de vida

3. Aprovação eclesiástica
4. Antigüidade

Não é fácil fazer uma lista dos padres nem de sua classificação. Segundo a língua em que se escreveram se distinguem os Padres Gregos (Justino, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio de Cesaréia, Ignácio de Antioquia, Gregório de Nisa, Gregório de Nacianso, Juan Crisóstomo, Basílio, Atanásio, etc) e os Padres Latinos (Tertuliano, Lactancio, Cipriano, Hilário, Agustín, Ambrósio, Jerônimo, Gregório Magno, etc.)

Chamam-se Padres Apostólicos aqueles que foram considerados discípulos dos apóstolos, contemporâneos ou imediatamente posteriores a eles (95- 150 d. C.)

Distinguem-se igualmente os Padres Apologistas, que até Constantino lutaram pelo triunfo do Cristianismo sobre o paganismo e gnosticismo que havia introduzido na Igreja (Orígenes, Tertuliano, Lactancio, etc), e os Padres Dogmáticos que depois de Constantino organizaram a doutrina cristã e defenderam contra os hereges, especialmente a arriana (Juan, Crisóstomo, Jerônimo, Agustín, etc). Uma definição semelhante a essa é a que classifica os padres em Padres Antenícenos (anteriores ao Concílio de Nicéia) e Padres Pós nicênicos (séculos IV, V e VI).

O nome padre da igreja se estendeu depois dos Padres da Igreja a outros doutores da Igreja mais modernos como Tomás de Aquino. Inclusive muitos protestantes falam sobre os Padres da Reforma.

Patrologia: Compilação sistemática dos escritos dos Padres da Igreja, dando-lhe este nome às antologias dos Padres da Igreja.

2.1.2. Os Padres Apostólicos

Definição:

Termo cristão aplicado a certos discípulos e sucessores aos doze apóstolos. Este termo lhes forma impostos pelos eruditos no século XVII. Em sentido mais estreito, a denominação é aplicada a um grupo de escritores na língua grega que figuravam entre os mártires e as grandes personalidades dos séculos I e II da Igreja Cristã. Ainda que não

sejam consideradas merecedoras de serem incluídas na Bíblia, suas obras devem valorizar como uma continuação das obras dos apóstolos e são consideradas uma fonte válida da história primitiva da igreja. São geralmente aceitos como Padres Apostólicos como Clemente I de Roma, San Ignácio de Antioquia e san Policarpo. A opinião se divide ao estimar a San Barnabé (que viveu até o ano 130) e Hermas como padres apostólicos se encontram nos Ensinos dos Doze Apóstolos o Didaché; a opinião se divide a respeito da autoria desta mesma obra.

Temática:

Os padres apostólicos pertencem à geração imediata a dos apóstolos. Seus escritos respondem a determinadas exigências concretas do cristianismo em um determinado momento, pelo que seus escritos predominam os temas morais e litúrgicos sendo que seu conteúdo doutrinal não aparece como sendo rico e profundo. Insinuam as que fariam de ser linhas fundamentais do pensamento cristão, tratando de guiar e identificar aos fiéis.

Seus escritos são de caráter pastoral. Os conteúdos e estilos estão relacionados com os escritos do Novo Testamento em particular com as Epístolas. Pode ser considerada como um elo entre a época da revelação e a tradição, e como testemunhos de importância para a fé cristã.

Apesar de pertencer a regiões distintas do Império Romano são apresentados uns conjuntos uniformes de idéias, dando uma origem clara da doutrina cristã em fins do século I.

Típico destes escritos é o seu caráter escatológico. A vinda de Cristo se considera iminente. A lembrança de Cristo é viva, acusando por ele uma profunda nostalgia. Apresentam uma doutrina cristológica uniforme: Jesus Cristo, Filho de Deus, preexistente que participou da criação.

c. Representantes.

1. Clemente de Roma. Segundo o teólogo Irineu (Século II), Clemente foi o terceiro bispo de Roma (88-97) e estava familiarizado com Pedro e Paulo, inclusive parece que foi

consagrado por Pedro. Há quem o identifica como o colaborador de Paulo, segundo Filipenses, mas quanto a isso, não há provas concretas. Ainda se conhece pouco detalhe sobre a sua biografia, a alta estima em que se teve a Clemente é clara a partir de sua carta aos Coríntios (96?) que foi considerada de forma unânime como um livro canônico da Bíblia até o século IV. Um dos mais importantes documentos dos tempos dos apóstolos, esta carta é a peça mais antiga da literatura cristã fora do Novo Testamento, isso é provado com rigor histórico. A aparição de disputas dentro da Igreja de Corinto, donde certos presbíteros haviam sido depostos, impulsionou o autor a intervir. A epístola é uma valiosa fonte de informação sobre a vida, doutrina e organização da igreja cristã primitiva.

2. Ignácio de Antioquia: (c. 35-107), segundo o bispo de Antioquia o mártir, chamou a si mesmo Theoporos (em grego-portador de Deus) e crê que foi discípulo de João o Evangelista. Durante o reinado do imperador romano Trajano, foi condenado a ser devorado pelas feras selvagens. Em sua viagem de Antioquia a Roma, donde a execução teve lugar, escreveu sete cartas, cinco, dirigidas as igrejas cristãs de Éfeso, Magnésia, Sardes, Filadélfia e Esmirna, cidades da Ásia Menor e as outras estavam dirigidas a Policarpo, o bispo de Esmirna e a comunidade cristã de seu destino – Roma. As cartas são uma fonte importante de informação sobre as crenças e organização da primeira igreja cristã. Ignácio lhes escreveu advertindo contra as doutrinas heréticas, o que permite a seus leitores a contar fatos detalhados a doutrina cristã; Também proporcionou um claro retrato da organização da Igreja enquanto a comunidade de fiéis, reunida em torno da presidência de um bispo, assistido por um concílio de presbíteros (membros do conselho) e diáconos. Foi o primeiro escritor cristão que insistiu na iluminação virginal de Maria e o primeiro a usar o termo Igreja Católica ao referir-se a coletividade dos fiéis. Na carta dirigida aos membros da Igreja em Roma pede para que não dêem nenhum passo para defraudar seu ardente desejo: morrer por Cristo.

4. **Policarpo de Esmirna:** (c. 69-c. 155), prelado cristão e bispo de Esmirna nomeado pelos apóstolos (Izmir de Turquia), durante a primeira metade do século II. Pouco antes do martírio de Ignácio (talvez em 116) recebeu uma visita e uma carta de Ignácio de Antioquia, outro padre apostólico. Já no final de sua vida, representou às igrejas da Ásia Menor em diversos encontros celebrados em Roma

com o papa Aniceto (155-166) onde tratou entre os temas, a festa da Páscoa. Segundo o teólogo e o mártir cristão Irineu, seu discípulo, Policarpo falou com o Apóstolo San Juan Evangelista, de quem talvez fora discípulo, além de conhecer a outros apóstolos de Jesus, o que unido a seus dotes para pregar e a seu caráter devoto lhe proporcionaram uma pregação de grande autoridade nas igrejas da Ásia. Através de suas cartas, sabe-se que no final do século os bispos haviam se separado, os reitores da comunidade, os presbíteros, seus auxiliares. Teve uma grande vida e uma morte exemplar. Foi martirizado em Esmirna aos 86 anos. Graças a uma carta da Igreja de Esmirna, a comunidade de Filomelio do ano 156, há uma detalhada referência do martírio de Policarpo, a pouco, depois de seu regresso a Roma nesse mesmo ano. Este relato é o mais antigo que existe do martírio de uma pessoa. A carta leva a firma de um tal de Marcion e foi escrita pouco depois da morte de Policarpo. Através dessa carta se conhece o significado exato da palavra martírio: é uma imitação de Cristo tanto no seu sofrimento e na morte. Conserva-se dele uma só carta aos cristãos de Filipos.

- 4 **Papias de Hierápolis.** (125). O bispo de Hierápolis Frigia, Ásia Menor. Tinha ouvido pregar a San Juan e era amigo de Policarpo de Esmirna. Defendeu o milenarismo, teve muito pouco senso crítico na seleção e na interpretação de suas fontes. Era de medíocre inteligência. Introduziu a muitos autores cristãos a crenças quiliastas. No ano 130 escreveu um tratado em cinco livros: Explicação das sentenças do Senhor, primeira obra de exegese dos evangelhos que dá a importância ao ensino oral dos discípulos aos apóstolos. A sentença extrai da tradição oral não dos discípulos. Através dele, se conhece dados dos autores dos Evangelhos: Mateus e Marcos.

d. Escritos

1. **Carta Genuína de Clemente aos Coríntios:** Escrita por Clemente no nome da Igreja de Roma, a irmandade cristã de Corinto aproximadamente no ano 95 d.C. para interceptar dissensões divergências e divergências ocorridas nesta comunidade respeito a autoridade da

igreja. É interessante a referência aos martírios de Pedro e Paulo nos últimos anos do reinado de Nero.

2. Antígua Homilia: De autor desconhecido. Atribuída pela tradição a Clemente como sua segunda carta aos Coríntios, ainda existem dúvidas a respeito, pelos seus estilo e linguagem, vê claramente que se trata de uma HOMILIA mais do que uma carta. É o sermão mais antigo que se conhece, aproximadamente sobre o 120 a.C.

3. Epístolas de Ignácio: São sete e formas escritas em princípios do século II, quando Ignácio se dirigia de Antioquia a Roma depois de haver sido condenado à morte e esperava ser lançado às feras. Pode dividir-se em dois grupos: as enviadas desde Esmirna (a Éfeso, a Magnésia, a Tralles da Ásia e a Roma), aonde se hospedou durante o trajeto, e as escritas em Troas (Filadélfia, Esmirna, Policarpo) aonde parece ter feito um alto Andes de emprender uma viagem pelo mar.

4. Epístola de Policarpo: Escrita por Policarpo, o Bispo de Esmirna, como resposta a uma comunicação dos filipenses que se haviam convidado para que lhes dirigisse uma palavra de exortação. Está diretamente relacionada com as cartas e martírio de Ignácio. Menciona a fama da Igreja de Filipos e as comunidades escritas e orais de Paulo com os Filipenses.

5. O Martírio de Policarpo: Documento escrito pouco depois do seu martírio, por volta do ano 155/156 – dirigido basicamente às igrejas de Esmirna e Filomeno, porém com instruções de circulara a todas as igrejas. Conta detalhadamente a detenção e martírio deste servo do Senhor, fiel até a morte, para exemplo e exortação das comunidades cristãs da época, que sofriam perseguição.

6. A Didaché: Conhecida como o Ensino dos Doze, é um dos documentos apostólicos mais úteis e importantes depois dos escritos canônicos do Novo Testamento. Ainda se desconhece sua data exata, por sua linguagem se deduz que se trata de um documento de uma data primitiva, provavelmente no século I. Trata-se de um manual de instruções utilizado pela igreja primitiva para seu funcionamento. Compõe-se em duas partes:

a) Uns tratados morais, baseados em uma antiga obra titulada “Os dois caminhos”, que apresenta o caminho da justiça e o da injustiça, o da vida e da morte.

b) Um conjunto de instruções referentes aos rituais e ordens da igreja: o batismo, a oração, a ceia do Senhor, o jejum e os cargos na igreja.

7. A Epístola de Barnabé: Clemente de Alexandria cita com frequência esta carta atribuindo ao apóstolo Barnabé, companheiro de Paulo, a linguagem que emprega não sugere em absoluto que seja Barnabé de Atos dos Apóstolos, nem tampouco o próprio escritor pretende em seu escrito. Foi escrita por volta dos anos 70-79, depois da destruição de Jerusalém e trata-se de um ataque inflexível ao judaísmo e as suas ordenanças, mesmo realizado com o máximo respeito.

2.1.3. Os apologistas

a. Descrição

Com estes autores, a literatura da igreja se dirige ao mundo exterior não cristão. Primeiro intento de converter o cristianismo às categorias e modos de pensar próprio do mundo helênico.

Não se podia deixar sem resposta os insultos, calúnias, mentiras, superstição e fanatismo dos inimigos do cristianismo: Luciano de Samosata, Frontón de Cirta, Celso.

Os padres apologistas gregos dedicaram a refutar as calúnias e a acusação de que a igreja representava um perigo para o Estado; relataram a maneira de viver austera casta e honrada dos cristãos, afirmando que a fé era uma força de primeira ordem manutenção e o bem estar do mundo necessária para a civilização. Expuseram o absurdo e imoral do paganismo, já que só o cristão tem uma idéia correta de Deus e do universo. Defenderam os dogmas da unidade de Deus, o monoteísmo, a divindade de Cristo e a ressurreição do corpo.

Demonstraram que a filosofia, por apoiar-se unicamente na razão humana, não havia conseguido alcançar a verdade sendo que o cristianismo possui a verdade absoluta, filosofia divina, onde se deduz que o cristianismo está por cima da filosofia grega.

Estes padres puderam os alicerces da ciência de Deus, são os primeiros teólogos da igreja. Por suas obras, cristianizou o helenismo, mais do que se helenizou o cristianismo.

b. Representantes

1. Cuadrato: (s. II) O apologista cristão mais antigo. Conhece-se através de Eusébio. Escreveu uma apologia dirigida ao imperador Elíio Adriano em 123-124 ou 129, daí que cai o último fragmento.

2. Aristides de Atenas: (metade do século II) Filósofo da cidade de Atenas. Dirigiu a Adriano ou a Antônio Pio uma apologia da fé, de perspectiva limitada com estilo SENCILLO, nobreza e tom elevado.

3. Aristón de Pella: (s. II) Primeiro apologista cristão que defendeu por escrito o cristianismo frente ao judaísmo. Fecha esta apologia em 140. Celso a atacou e Orígenes defendeu.

4. Justino (c. 100-165), filósofo e teólogo cristão, um dos primeiros apologistas da igreja que quis reconciliar a doutrina cristã com a cultura pagã. Nasceu em Flávia Neópolis (atual, Nablus, Jordânia). uma cidade romana no lugar onde era Siquém em Samaria. Os pais foram pagãos e desde jovem se dedicou ao estudo da filosofia grega, em especial a dos filósofos adscritos ao estoicismo. Estudou a Bíblia e se converteu ao cristianismo, dedicou-se a difundir através de seus ensinamentos e escritos tudo o que havia descoberto nas escrituras sagradas. É atribuída a ele a autoria do livro Apologias, onde realizou uma erudita defesa aos cristãos frente aos cargos de ateísmo e sedição contra o Estado Romano e do Diálogo com Trifón, que recorre a uma discussão real mantida em Éfeso. Estes escritos são também valiosos pela informação que proporcionam sobre a igreja cristã do século II. Trásnegar a oferecer sacrifício aos deuses pagãos, foi decapitado durante o reinado do imperador romano Marco Aurélio Antonino.

5. Taciano: (s. II) Nasceu na Síria, de família pagã. Discípulo de Justino. Depois de muito lutar, concluiu que a doutrina cristã era a única filosofia verdadeira. Sua conversão ocorreu em Roma, onde concorria a escola de Justino, com o que tem contraste pela comparação de seus escritos. Atacou o politeísmo e a filosofia pagã. Homem de caráter violento e hábil volta ao Oriente por volta de 172. Funda a seita gnóstica dos encratistas (abstinentes). Não tem dados sobre os fatos de sua morte.

6. Miliciades. (Século II). Nasceu na Ásia Menor contemporâneo de Tarciano e talvez, também discípulo de Justino. Todos seus escritos se perderam. Através de Euzébio, sabe-se que escreveu contra os pagãos, herege e gnósticos.

7. Atenagoras de Atenas: (século II). Contemporâneo de Taciano. É o mais eloqüente dos apologistas cristão primitivo. Cita poetas e filósofos. Refuta que os cristãos sejam ateus, canibais e que mantenham uniões incestuosas. Não se conhece quase nada de sua vida, pois em toda a literatura cristã antiga só se menciona uma vez. Entre 176 e 180 escreveu uma apologia que dirigiu os imperadores Marco Aurélio e Cômodo.

8. Teófilo de Antioquia: (186) Através de suas obras, deduz-se claramente que nasceu cerca do Eufrates, de família pagã. Recebeu educação helenística. Foi o sexto bispo de Antioquia da Síria. Tem conservado três de seus livros.

9. Melitón de Sardes: (antes de 190). Pouco se sabe sobre sua vida. Eunuco, o bispo de Sardes, em Lídia. Escreveu sobre temas variados. Na segunda metade do século II, uma apologia dirigida a Marco Aurélio (161-180), que chegou quase completa a nós. É o primeiro em defender a favor da solidariedade do cristianismo com o Império.

c. Outros escritos

1. **Epístola a Diogneto:** (fins do século II, começo do século III) Apologia do Cristianismo em forma de carta dirigida a Diogneto, personalidade pagã que solicita a um amigo cristão, dados sobre sua religião e exorta a Diogneto a aceitar a doutrina cristã. Não se conhece mais do autor nem do destinatário que poderia ser o tutor de Marco Aurélio. O autor, Mestre em Retórica, usou obras de Irineu. Deduz que esse autor poderia ser Hipólito de Roma, o que fecharia no começo do século III.
2. **Hermas** (s. II) Parece ser um pseudônimo. O fragmento disse que escreveu o Pastor quando seu irmão era o bispo da Igreja de Roma de onde comprou uma tal Rode. Era de origem judia e recebia tal formação. Fala da vida rural de sua família, que seus filhos, que apostataram durante a perseguição, traíam aos pais; de sua mulher que fala demais. Deduz-se que trata de um homem sério, piedoso, de reta consciência que se manteve firme na

perseguição. A maioria dos estudiosos sustenta que estes detalhes são fictícios. O pastor não pertence ao grupo dos Padres já que é um pseudo-apocalipse escrito por volta de 140 a 150 se negou sua inclusão no cânon.

Bibliografía

- Dicionario Enciclopédico Quillet.
- Harrison, E.F. Dicionario de Teología. Libros Desafío.
- Lightfoot, J.B. Los Padres Apostólicos. CLIE.
- Microsoft Enciclopedia Encarta 1999.
- Quasten, Johannes. Patrología. BAC
- Vila y Santamaría. Enciclopedia Ilustrada de Historia de la Iglesia. CLIE.
- Vila, Eliseo. Las Obras de Referencia y Consulta. CLIE.
- Vives, José. Los Padres de la Iglesia. Herder.

2.2. A DIDACHÉ

(A doutrina dos doze apóstolos)

Ensinamento do Senhor transmitido às nações pelos Doze Apóstolos

Primeira Parte

O Catecismo o “Os dois Caminhos”

Existem dois caminhos, entre os quais há grande diferença; o que conduz à vida e o que leva a morte.

O caminho da vida: em primeiro lugar, Amarás o teu Deus que te criou e em segundo lugar, amarás o teu próximo como a ti mesmo, e não farás a outro o que não queres que faça contigo. Há uma doutrina contida nestas palavras. Abençoai os que maldizem, orai pelos vossos inimigos, ajudai os que vos perseguem. Se amardes os que vos amam, que recompensa recebereis? Assim fazem os homens maus. Pelo contrário, amai os que vos odeiam. Abstenham dos desejos carnis e mundanos. Se alguém esbofetear a face direita, ofereça a outra, então serás perfeito. Se alguém te pedir que acompanhes uma milha, vá com ele até duas. Se alguém quiser tomar a tua capa, dá-lhe também a sua túnica. Se alguém apropriar de algo que lhe pertence, não peças de volta. Deve dar a qualquer que te peça e não reclamar de nada, posto que o Pai que os bens recebidos de sua própria graça sejam distribuídos entre todos. Bem aventurado é aquele que anda conforme o mandamento. Se alguém recebe algo estando na necessidade, não se faz merecedor a nenhum tipo de censura, porém aquele que aceita alguma coisa sem necessitar, dará conta do que tem recebido e do uso que tem feito da esmola. Encarcerado, sofrerá interrogatório pelos seus atos e não será liberado até que haja passado o último veredito. É com este motivo que se tem dito: “Antes de dar esmola, deixa suar as mãos, até que saibas a quem dá”.

Tem aqui o preceito da Doutrina: Não matarás, não adulterarás, não prostituirás às crianças, nem introduzirás o vício, não furtarás, não entregarás a magia, nem a bruxaria, não farás aborto à criatura produzida na orgia, e depois de nascida não farás morrer. Não cobiçarás os bens de seu próximo, nem perjurarás, nem dirás falso testemunho; não serás maldizente, nem rancoroso, não usarás de deslealdade nem em tuas palavras, nem em tuas palavras, nem em teus pensamentos, posto que é falsa é um laço de morte. Que tuas

palavras não sejam vãs, nem mentirosas. Não seja raptor, nem hipócrita, nem malicioso, nem dado ao orgulho, nem a concupiscência. Não preste atenção o que falam de teu próximo. Não aborreças, repreenda, ora pelos outros, e aos demais, guia-lhes com maior solícitude que a tua própria alma.

Filho meu: afasta-te de tudo que é mal. Não te deixas levar pela ira, por que a ira leva o assassinato. Não tenham ciúmes, nem seja encrenqueiro, cheio da ira; porque todas essas paixões levam aos homicídios. Filho meu não te deixes induzir pela concupiscência, porque leva a fornicação. Evita as palavras desonestas e os olhares provocadores, posto que de ambos procedem aos adultérios. Filho meu não, não consulte os agoureiros, porque conduzem a idolatria. Filho meu não sejas mentiroso, porque a mentira leva ao roubo; nem sejas avarento, nem ames a vanglória, porque todas essas paixões incitam o roubo. Filho meu, não murmures, porque a murmuração leva a blasfêmia; não seja malévolos, porque isso também leva a blasfêmia. Seja humilde, porque só os humildes herdarão a terra. Seja longânime e misericordioso sem malícia, pacífico, praticando todos os ensinamentos que tem recebido. Não te ensoberbeças, nem te deixes que a presunção se apodere de sua alma. Não acompanhe os orgulhosos, sim com justos e humildes. Aceitam de todo coração as provas que sobrevirem, recordando que nada nos ocorre sem à vontade de Deus.

Filho meu, levanta de dia e noite, para anunciar a Palavra de Deus; honra ao Senhor, busca a companhia dos santos, para que seja reconfortado com seus conselhos. Evita as intrigas, tendes paz com os vossos inimigos. Julgue com justiça e quando repreender teu irmão em alguma falta, não faças acepção entre as pessoas. Não duvides se Deus cumprirá ou não as suas promessas. Não estenda a mão para receber, nem a feche quando deve dar. Se possuir alguns bens como fruto do trabalho, não pague o resgate de vossos pecados, não seja indeciso em dar algo, nem arreganhe ao dar algo, porque conhece o dispensador da recompensa. Não volte a espada ao indigente, reparte o que tens com o seu irmão e não digas que tudo te pertence, porque se as coisas imortais são comuns. Não deixe de dar educação a seu filho ou a tua filha, desde a infância, ensina-lhes o temor do Senhor. A teu escravo e a tua escrava não mandes com aspereza, posto que confiam no mesmo Deus, para que não percam a temor do Senhor que está acima de todos, porque quando Deus chama, não faz acepção de pessoas, para não vir com juízo sobre aqueles que o Espírito tem preparado. E quanto a vós, escravos, submetei a seus senhores com temor e humildade,

fazei como para a glória de Deus. Aborrecerás de todo o tipo de hipocrisia e tudo aquilo que desagrada ao Senhor. Não deixes de observar os preceitos do Senhor, e guarda tudo aquilo que tem recebido, sem acrescentar e nem tirar. Confessarás as tuas faltas à igreja e te guardarás de ir a oração com má consciência. Este é o caminho que conduz a vida.

Eis aqui o caminho que conduz a morte. Antes de tudo deve saber que é um mau caminho, cheio de maldição. Seu fim é o homicídio, os adultérios, a cobiça, a fornicação, o roubo, a idolatria, a prática da magia e da bruxaria. O rapto, o falso testemunho, a hipocrisia, a arrogância, maldade, a concupiscência, a linguagem obscena, a inveja, a presunção, o orgulho. Esta é a senda em que andam os que perseguem os justos; os inimigos da verdade, os amantes da mentira, os que desconhecem a recompensa da justiça, os que não se apegam ao bem, nem o justo juízo; os que se desvelam em fazer o mal; os vaidosos, aqueles que estão separados da paciência; os que buscam retribuição de seus atos, que não tem piedade dos pobres, nem compaixão dos que trabalham que nem sequer tem conhecimento de seu Criador, os que matam crianças, os corruptores da obra de Deus, que desviam do pobre, o primem o aflito; que são os defensores dos ricos e juizes iníquos do pobre; em uma palavra, são homens capazes de toda maldade. Filhos meus, afastes dos tais.

Tem cuidado que nada possa afastar-se do caminho da doutrina, porque tais ensinamentos não seriam agradáveis a Deus. Pode-se levar todo o jugo do Senhor, serás perfeito, faça o que puderes. Deves abster-se das carnes sacrificada a ídolos, tudo que é oferecido a deuses mortos.

SEGUNDA PARTE

DA LITURGIA E DA DISCIPLINA

E quanto ao batismo, como deve ser administrado: depois de ter ensinado os preceitos anteriores, batizai-os na água viva e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Se não puder utilizar água viva, pode ser outra; se não puder fazê-lo com água fria, serve a água quente, se não tiver nenhuma nem a outra, lance três vezes sobre a cabeça também em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Antes do batismo, deve procurar quem vai

ministrar o batismo é que será batizado, se possível, jejue. Ao neófito ajudará um ou dois dias antes.

É necessário que os vossos jejuns não sejam como hipócritas, pois eles jejuam no segundo e no quinto dia de cada semana. Então jejuareis no dia anterior ao sábado. Tampouco deve fazer oração como faziam os hipócritas, mas como o Senhor determinou em sua Palavra. Vós orareis assim:

“Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o nome, venha o teu reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos daí hoje; perdoa as nossas ofensas, assim como perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixe cair em tentação, mas livrá-nos do mal, porque teu é o reino, o poder e a glória para todo o sempre.”

Ore assim três vezes ao dia.

Concernente a eucaristia, dê graças desta maneira:

“Graças te damos, ó Pai nosso, pela santa vinda de Davi, teu servo, que pelo seu intermédio, nos é dado a conhecer a Jesus, teu servo. A ti seja a glória pelos séculos dos séculos”.

E depois do partir do pão, ores assim:

“Pai nosso, graças te damos pela vida e pelo conhecimento que nos tem revelado por teu servo Jesus. A ti, seja a gloria pelos séculos dos séculos. Da mesma maneira, que este pão que partirmos que estava espalhado pelas altas colinas e havia sido juntado, te suplicamos que de todas as extremidades da terra, reines a tua igreja em teu reino, porque te pertence à glória e o poder por Jesus Cristo pelos séculos dos séculos”.

Que nada coma nem beba desta eucaristia, sem haver sido batizado em nome do Senhor, pois ele mesmo disse: “Não deis o santo aos cães”.

Quando estiveres saciado (da ágape) dê graças da seguinte maneira:

Pai Santo! Graças te damos pelo teu santo nome que tem habitado em nossos corações e pelo conhecimento, a fé e a imortalidade que nos tem relevado por Jesus Cristo. A ti seja a glória pelos séculos dos séculos: Deus Todo Poderoso que por causa de teu nome, todas as coisas vieram a existir, que deixa o homem desfrutar todo alimento e bebida para que nisso também te dêem graças. A nós nos tem dado de graça um alimento espiritual e a vida eterna. Antes de tudo, te damos graças pelo teu poder. A ti seja glória pelos séculos dos séculos. Senhor, desperta a tua Igreja, para livrá-la de todo mal e vem completá-la com teu

amor. Reúna dos quatro ventos do céu, porque tem sido santificada para o reino que tens preparado, porque a ti somente te pertence o poder e a glória pelos séculos dos séculos”.

Já que este mundo passa, te pedimos que venha tua graça sobre nós! Hosana ao Filho de Davi! E que seja santificado. Maranata! Amém!

Se alguém vir de fora para ensinar tudo isso, receba. Porém se vier com outros ensinamentos para destruir a vossa fé, nem dê ouvido. Pelo contrário, se propuser fazer regressar na senda da justiça e do conhecimento do Senhor, receba-o como recebeis o Senhor. Recebeis em nome do Senhor aos apóstolos que os visitarem e o que ficar durante três dias, é um falso profeta. Ao sair o apóstolo, deveis prover o pão para que possa ir a cidade, se pedir dinheiro é falso profeta. Ao profeta que falar pelo espírito, não julgue, nem examine, porque todo pecado será perdoado menos este. Todos os que falam pelo Espírito; não são profetas, são somente aqueles que seguem exemplo do Senhor. Por sua conduta, podeis distinguir o verdadeiro e o falso profeta. O profeta que ensinar a verdade, porém não fizer o que ensina, é um falso profeta. O profeta que for provado que é verdadeiro e exercita seu corpo para o mistério terrestre da igreja, e que não obrigue a outros a participar de ser ascetismo, não lhe julgueis, porque Deus é o seu juiz: o mesmo fizeram os antigos profetas. Se alguém, falando pelo Espírito, pedir dinheiro ou qualquer outra coisa, não faça caso, porém se aconselha a dar aos pobres, não lhe julgueis.

Todo aquele que for a vós em nome do Senhor, receba-o, e provai depois, pois devem conhecer bem os critérios para conhecer os que são da direita e os que são da esquerda. Se o que vier a vós for um pobre viajante, socorre-o quanto pode; porém, não deve ficar em vossa casa mais de dois ou três dias. Se quiser permanecer em vossa casa, que trabalhe para comer; se não possuir nenhum ofício, é prudente não ficar nenhum cristão ocioso. Se não quiser fazer isso, é um negociante do cristianismo, do qual distancieis.

O verdadeiro profeta que quiser ficar em sua casa, é digno do sustento e de seu alimento. Tomarás de suas primícias, dos bodes e das cabras e darás ao profeta, porque eles são vossos sacerdotes. Ao preparar o pão, toma das primícias e dê segundo os preceitos. O mesmo farás ao emprestar uma vasilha de vinho e de azeite, cujas primícias destinarás aos profetas. No concernente ao seu dinheiro, teus bens e teus vestidos, faça você mesmo segundo os teus preceitos.

Quando vos reunirdes no domingo, partir o pão e para que o sacrifício seja puro, dê graças depois de ter confessado os vossos pecados. Dentre vós o que estiver em inimizade com seu amigo, que se reconcilie para não profanar o vosso sacrifício. Eis aqui as próprias palavras do Senhor: “Em todo tempo e lugar traz um sacrifício puro, porque sou o Grande Rei, disse o Senhor, e entre os povos pagãos, meu nome será exaltado”.

Para o cargo de bispos e diáconos do Senhor, escolheis a homens humildes e provados, porque também são profetas e doutores. Não menosprezeis, porque o vosso serviço é tão digno quanto o dos profetas e doutores. Admoestai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Evangelho na paz e não com ira. Que nada faça pecar contra o teu próximo, até que se arrependa. Faça as vossas orações, vossas esmolas e tudo quanto fizerdes, segundo os preceitos ensinados pelo Senhor.

Vele por vossa vida: procurando que estejam cingidos os vossos lombos e vossas lâmpadas acesas, e estejam prontos porque não sabeis nem o dia nem a hora que virá o vosso Senhor. Porque nos últimos tempos, abundarão os falsos profetas e os corruptores e as ovelhas serão transformadas em lobos, e o amor transformará em ódio. Havendo aumentado o ódio de uns contra os outros, se perseguiram mutuamente e se entregaram uns aos outros. Então quando o sedutor do mundo aparecerá titulado ser filho de Deus; a terra será entregue e cometerá maldades como não tem sido vistas desde o início. Os homens serão submetidos a prova de fogo; muitos se escandalizarão, porém os que perseverarem na fé serão salvos desta maldição. Então aparecerão os sinais da verdade. Primeiramente, aparecerão sinais no céu, depois do toque da trombeta, os mortos ressuscitarão, segundo o que já havia dito: “O Senhor virá com todos os seus santos” “Então o mundo verá ao Senhor vindo entre as nuvens do céu”.

2.3. OS CREDOS ECUMÊNICOS

Credo dos Apóstolos

Creio em Deus Pai Todo Poderoso
Criador do Céu e da terra.
Creio em Jesus Cristo, seu único filho,
Nosso Senhor,
Que foi concebido pela obra e graça
do Espírito Santo,
Nasceu da virgem Maria;
Padeceu debaixo de Pôncio Pilatos, foi
Crucificado, morto e sepultado,
Desceu ao inferno,
Ao terceiro dia, ressuscitou dentre os
mortos, subiu aos céus.
E está sentado a destra de Deus,
Pai Todo Poderoso
Agora vem para julgar aos vivos e aos
mortos
Creio no Espírito Santo,
A santa Igreja Católica.
A comunhão dos santos.
O perdão dos pecados,
A ressurreição da carne
E a vida eterna. Amém

Credo de Nicéia-Constantinopla

Creio em um só Deus, Pai todo Poderoso.
Criador do Céu e da terra, de tudo que é
visível e invisível.
Creio em um só Senhor. Jesus Cristo, Filho
único de Deus, nascido do Pai antes de
todos os séculos: Deus de Luz, Deus
verdadeiro, criado da mesma natureza do
Pai por quem tudo foi feito; que por nós, os
homens, e por nossa salvação abaixo do
céu, e pela obra do Espírito Santo que
encarnou de Maria, a virgem, e se fez
homem;
E por nossa causa, foi crucificado no tempo
de Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado,
e ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao céu e
agora está a direita do Pai e o Filho recebe a
mesma adoração e glória e que falou pelos
profetas.
Creio na Igreja que é uma santa, católica,
apostólica. Confesso que há um só batismo
para o perdão dos pecados. Espero a
ressurreição dos mortos e a vinda do mundo
futuro. Amém

2.3.1. O Credo de Atanásio

Também se conhece por suas primeiras palavras da versão latina: “Quicumque”

Denomina-se S. Atanásio não porque ele quem escreveu, mas porque recorre suas expressões e idéias. Alguns pensam que foi escrito por San Ambrósio.

Texto do Credo Atanasiano

Todo o que queira salvar-se, antes de tudo, é mister que mantenha a fé Católica; e o que assim não o fizer, sem dúvida perecerá para sempre.

A fé católica é baseada na veneração de um só Deus na Trindade, na unidade; sem confundir as pessoas, nem separar as substâncias. Porque é uma pessoa do Pai, o Filho e o Espírito Santo, porém eles têm uma só divindade, glória e coeterna majestade. Pai, Filho e Espírito Santo; Imenso o Pai, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo; eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito, não são três eternos, mas, um eterno, não são três imensos, mas há um só imenso. Igualmente, Onipotente, o Pai, onipotente o Filho, Onipotente o Espírito Santo, não três onipotentes, mas há um só onipotente. Assim Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo, não são três deuses, mas há um só Deus; Assim, Senhor, o Pai, Senhor, o Filho e Senhor o Espírito Santo; não são três senhores, mas um só Senhor, porque assim como a verdade cristã, somos compelidos a confessar como Deus o Senhor a cada pessoa em particular; assim a igreja católica nos proíbe dizer três deuses e senhores. O Pai, por ninguém foi criado, gerado. Assim como o Filho, não foi criado e nem gerado, da mesma forma o Espírito não foi criado nem gerado.

Há um só Pai e não três pais, um só Filho e não três filhos, um só Espírito e não três espíritos; e nesta Trindade, nada é antes e nem depois, nada é maior ou menor, mas que as três pessoas são entre si coeternas, de sorte que, como antes já foi dito, em tudo deve venerar o mesmo a unidade da Trindade que a Trindade na unidade.

Porém é necessário para eterna salvação crer também fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. É pois pela fé que cremos que confessamos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus e Homem. O Deus gerado da substância do Pai, antes dos séculos, o homem nascido da mãe no século: Perfeito Deus e perfeito homem, subsistente

de alma racional e de carne humana; igual o Pai segundo a divindade, menor que o Pai, segundo a humanidade. Mas ainda sendo Deus e Homem, não são dois, mas, um só Cristo e um só não pela conversão da divindade na carne, mas pela ascensão da humanidade de Deus; um absolutamente, não por confusão de substância, mas pela unidade da pessoa. Porque a maneira que a alma racional e a carne é um só homem. Assim Deus e o homem são um só em Cristo. O qual padeceu pela nossa salvação, desceu ao inferno e ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos, subiu aos céus e está assentado à destra de Deus Pai e há de vir para julgar os mortos e os vivos, e na sua vinda todos os homens hão de ressuscitar com seus corpos e prestar conta de seus próprios atos e os que fizeram o bem irão para a vida eterna e os que fizeram somente o mal, ao fogo eterno.

Esta é a fé católica e quem não crer fielmente não poderá ser salvo.

CONCLUSÃO

Os primeiros quatro séculos do movimento cristão são marcados pela apologética contra o paganismo e o arrianismo. Três fatores são sócio-eclésiásticas começaram a formar-se nessa época: a constantinização da igreja, a romanização dos conflitos e o desenvolvimento da tradição conciliar.

QUESTIONÁRIO

Questões sobre os padres da igreja dos Séculos I e II.

1. O que é patrística?
2. A quem é denominado “Padres da Igreja?”
3. A quem é denominado “Padres Capadóciolos?”
4. Qual a característica que deve ter um autor para que seja reconhecido como padre da igreja?
5. Como são classificados os padres segundo a língua?
6. A quem é denominado “Padres Apostólicos?”
7. A quem é denominado “Padres Apologistas?”
8. A quem é denominado “Padres Dogmáticos?”

9. A quem é denominado “Padres Antenicenos” e os “Pósnicenos?”
10. Enumere os principais representantes dos Padres Apostólicos.
11. Em quais grupos podem dividir as Epístolas de Ignácio?
12. Mencione alguns inimigos do cristianismo contra os quais escreveram os apologistas.
13. Enumere os principais representantes dos Padres Apologistas.
14. Quais são os dois caminhos segundo a Didaché?
15. Em quais pontos se divide a Didaché o primeiro caminho?
16. Como a Didaché descreve o segundo caminho?
17. O que afirma a Didaché sobre a administração do Batismo?
18. O que a Didaché ensina sobre o jejum e a oração?
19. Qual a razão da recomendação da Didaché de não administrar a eucaristia a quem não é batizado?
20. Quais provas consideradas a Didaché são essenciais para determinar a veracidade de um profeta?
21. Qual questão menciona a Didaché sobre o verdadeiro profeta que quer fixar moradas entre os irmãos?
22. Que menciona sobre a escolha de bispos e diáconos?
23. O que a Didaché afirma sobre os últimos tempos?

Perguntas sobre os credos

1. Quais são as diferenças entre o credo apostólico e o Credo de Nicéia
2. Quais são as diferenças entre o Credo de Nicéia e credo de Atanásio?
3. Qual a importância tem os credos para a comunidade cristã?

Atividades para a classe

Divida a classe em grupo de três pessoas. Em 20 minutos, cada grupo prepara um credo de fé, uma expressão de crenças fundamentais. Em seu credo deve falar de Deus, Jesus e Espírito Santo, a igreja, a salvação, a vida cristã, a Bíblia e condições para ser membro da

Igreja de Cristo. Um representante apresentará o credo do grupo (não mais de duas páginas).

LIÇÃO 3

A IGREJA CATÓLICA ROMANA

Tese # 3 A educação ministerial medieval foi dominada pelo sistema tradicional do catolicismo. Surge a acumulação de tradição eclesiástica. Todavia, a teologia de mestres como Agustín e Aquino é mais dinâmica. Há uma influencia marcada pelo sistema papal sobre a educação teológica. Aparece à inquisição, o sistema monástico começa a desenvolver. Um remanescente de fiéis perseguidos pela ICR manteve o testemunho do Evangelho.

3.0. Introdução

- 3.1. A tradição católica romana
- 3.2. Os teólogos predominantes
- 3.3. O remanescente perseguido
- 3.4. Conclusão

3.0. INTRODUÇÃO

A teologia da Igreja Cristã, depois do século II até a Reforma no século XVI é definida pelas decisões dos líderes da igreja (tradição) e pelos teólogos tais como Agustín e Aquino. Todavia, a prática do Evangelho é preservada pelos crentes fiéis, muitos dos quais são perseguidos pela hierarquia da igreja institucional.

O treinamento dos líderes era a responsabilidade da igreja institucional. Os monastérios tinham a influencia significativa para as missões. A época medieval é também conhecida pela ignorância do clero e da membresia.

3.1. A TRADIÇÃO CATÓLICA SE DISTANCIA DAS NORMAS BÍBLICAS

A igreja é submetida pela sede em Roma, começa a desenvolver seus credos doutrinários e tradições eclesiais. A seguinte lista mostra como a igreja romana se apartou aos ensinamentos bíblicos.

3.2. OS TEÓLOGOS PREDOMINANTES MANTÊM UM ENFOQUE BÍBLICO

Agustín Aurélio representa o termo dos padres antigos e o começo da teologia latina e medieval (Justo Gonzáles, História do Pensamento Cristão, 2. Ed. P. 11). Como os padres antigos, sua apologética como o Cuidado de Deus, representa uma defesa do cristianismo primitivo e perseguido. Agustín só usou seu talento literário e oratório para refutar os maniqueos (dualismo) os donatistas (esceptismo e separatismo) e o mais importante, os pelagianos (liberdade da vontade humana). Seu livro, Confissões, mostra uma sensibilidade e maturidade espiritual com a qual, os místicos, os pietistas, os protestantes, os evangélicos se podem identificar. Agustín é o teólogo mais conhecido da Idade Média principalmente pelos seus escritos, tais como a sua biografia, Confissões, que se tem convertido em uma leitura clássica.

A. Escritos de Agustín

CONFISSÕES

Por Agustín Aurélio

LIVRO I

CAPÍTULO I

1. Grande és tu, Senhor e imensamente digno de adoração; grande é o teu poder e a tua sabedoria não tem limites. E agora aqui um homem que quer te louvar, um homem que é parte de tua criação, e que, como todos, leva consigo por todas as partes sua mortalidade e o testemunho de seu pecado, o testemunho que o Senhor resiste a soberba humana. Assim, pois, não obstante, sua miséria, esse homem quer te adorar. E que o Senhor possa deleitar em sua adoração; nos criaste para ti e o nosso coração estará sempre inquieto, enquanto não descansar em ti.

E agora Senhor, concede-me saber que és o primeiro, todavia, preciso conhecer-te.

Pois quem poderia invocar sem te conhecer? Se não te conhece bem poderia invocar alguém que não éreis tu.

Ou será o acaso, que nada pode te conhecer se não te invocar primeiro? Mas por outra parte: Como invocar quem, todavia, não crê em ti; e como crerão se não há quem pregue.

Adoram o Senhor a quem o buscam, pois se o buscam o haverão de encontrar, e se o encontram, haverão de o adorar.

Senhor, que eu te busque e te invoque; e que te invoque crendo em ti, pois tenho escutado tua pregação. Invoca-te a minha fé. Esta fé que tens me dado, que colocaste em minh'alma através de seu filho, pelo ministério daquele que tu nos enviaste para que falasse de ti.

CAPÍTULO II

E como invocarei ao meu Deus e Senhor? Porque se o invoco será certamente que venha a mim. Porém que lugar há em mim, para que venhas Deus, esse Deus que fez o céu e a terra? Senhor! Santo! Como é possível que haja em mim algo capaz de sua presença? Porque a ti não pode conter-te nem o céu nem a terra que tu criaste e eu nela me encontro, porque nela me criaste.

Porque sem ti nada existiria, e tudo veio a existir por tua causa. E eu existo. Por isso desejo que venhas a mim, pois sem ti, eu existiria. Não estou nos abismos, porém tu estás também ali e eu não seria absolutamente nada se não estivesses em mim, de quem procede toda a fonte de existência. Assim é Senhor Assim é. E como então te invocar? E como poderia vir se já estás em mim? Como poderia sair dos céus e da terra para que venhas a mim Senhor? Eu digo: encho os céus e a terra?

CAPÍTULO III

Então Senhor, a ti pertencem os céus e a terra, porque tu os enches, porém fica algo em ti que não estás neles? E a onde põe o que sobra daquilo que encheste o céu e a terra? Tu não necessitas de nada, pois tens todas as coisas.

Porque os vasos estão cheios de ti, mesmo que rompeses, tu não te derramarias. E quando derrama sobre nós, não te rebaixa, mesmo que nos levante, não cai.

A coisa não pode te conter por inteiro. Diremos que só captam uma parte de ti e todas tomam essa mesma parte? Ou que uma coisa toma uma parte de ti e outra, une uma parte maior à outra parte menor? Haveria de dizer, que tens ambas as partes. Porém isto não pode ser. Tu estás em todas as coisas, de uma maneira total; e a criação inteira não te pode abranger.

CAPÍTULO IV

Quem és tu, Deus meu, a quem rogo senão a Deus meu Senhor? E que outro deus há além de ti?

Tu és o único e o teu poder não tem limites. Infinitamente misericordioso e justo ao mesmo tempo secreto e vivamente presente, de imensa força e formosura.

Nunca novo e nunca velho tudo renovas, porém fazes envelhecer os soberbos sem que eles se dêem conta. Sempre ativo, porém sempre quieto tudo escolhe, porém nada lhe falta. Tudo cria e sustenta e leva a perfeição. És um Deus que busca, porém nada necessita.

Ardes de amor, porém não te queimas, és zeloso, seguro, quando de algo te arrependes, não amargura, te enojas, porém estás sempre tranqüilo; mudas o que fazes fora de ti, porém não mudas o teu conselho. Nunca és pobre, porém se alegra com o que ganhas de nós.

Não é avarento, porém busca ganâncias, não faz dar mais do que não mandas para converter em doador nosso. Porém quem tem algo que não seja teu? E paga a nossas dívidas, quando nada nos deve; e nos perdoa o que devemos sem perder o que não perdoas.

Que diremos, pois de ti? Deus meu! Ainda que menor seja a realidade que diz de quem te fala. Porém caem de joelhos aqueles que calam sobre ti! Porque tendo o dom da palavra se voltam mudos.

CAPÍTULO V

Quem me dará para repousar em ti, que venhas a meu coração e embriagues até fazer-me duvidar meus males e abraçar-me a ti, meu único bem?

Que és tu para mim? Faz-me a misericórdia de que possa dizê-lo. E quem sou eu pois me mandas que te ame/ e se não faço, te irrita contra mim e me ameaça com grandes miséria? Não é muitíssima miséria em não te amar?

Diga-me pois Senhor, pela tua misericórdia, quem és tu para mim, diga a minha alma: “Eu sou a tua saúde” (Sl. 34: 3), abra-me os ouvidos do coração e siga-me “Sou a tua saúde” E quero correr para essa voz, até alcançar-te. Não esconda de mim o teu rosto, se é preciso, para não morrer e contemplá-lo.

Apertada morada é minh’ alma, dilata para que possa vir a ela. Está em ruínas, repare-a. Se bem, confesso, que tem coisas que ofendem teus olhos. A quem mais posso clamar para que me limpe? Limpa-me Senhor, de meus pecados ocultos e livra-me de coisas alheias. Creio e por isso falo: Tu Senhor o sabes bem, já tenho confessado minhas culpas, e

tu me perdoaste (Sl. 18: 13-14). Não vou entrar em juízo contigo, porque é a verdade; não quero enganar-me, para a minha iniquidade não mentir a si mesma” (Sl. 129: 3).

CAPÍTULO VI

Permita-me falar diante de tua misericórdia, eu que sou pó e cinza. Deixa-me falar, pois falo a tua misericórdia e não como um homem zombador que possa zombar de mim. Talvez pareça ridículo diante de teus olhos, porém tu voltarás a mim cheio de misericórdia. O que pretendo dizer, Deus e Senhor meu que ignoro como vem dar a esta que não se chama de vida mortal? E recebo os conselhos de tua misericórdia segundo os que geraram na carne, a qual tu formaste no tempo, o que não posso guardar nenhuma recordação.

Receberam-me, pois as consolações do leite humano. Nem minha mãe, nem sua amade-leite encheram seus peitos, eras tu, que por elas me dava alimento da infância, segundo as riquezas que colocaste no profundo das coisas. Dádiva tua era também o que eu não desejava mais do que me davas; e que as que me nutriam, quiseram dar mais do que dava a elas. Porque o que me davam, davam cheias do afeto natural que tu fazias abundar; o bem que davam o consideraram seu próprio bem. Bem que vinha a mim e não delas, senão por elas, já que todo bem procede de ti, meu Deus e toda a minha saúde. Tudo isso entendi mais tarde pela voz com que me falava, através das coisas que a mim, me concedia, porque não sabia outra coisa, além de mamar e chorar as moléstias de meu corpo. Não sabia outra coisa. Mais tarde comecei a rir, primeiro, enquanto dormia e logo estando desperto. Assim me contaram, e creio que assim o era, porque vemos isso nas crianças, mas de mim, nada recordo.

Pouco a pouco comecei a sentir de onde estava, e a querer manifestar meus desejos a quem podia cumpri-los, porém não me era possível, às vezes não eram possível serem cumpridos, pois não podia falar e eles não podiam entrar em meus sentimentos. Então eu agitava meus membros e dava vozes para significar meus desejos, no pouco que podia expressar e que não eram fáceis de compreender. E quando não me davam o que eu queria, ou por não poder em entender, aí eu chorava. Assim era a minha infância há tempo que já foi, e eu sigo vivendo.

Agora, pois, Senhor, vive para sempre e não há nada que em ti, morra. Porque existe antes começo dos tempos, antes que pudesse existir, tu és Deus e Senhor de tudo que criaste. Em ti está a razão de todas as coisas instáveis e em ti está a origem de todas as coisas mutáveis, e o porque de todas as coisas temporárias e irracionais.

Diga-me, Senhor, misericordioso, a mim, teu servo que te suplica, se é na minha infância ocorreu em outra idade mais anterior. Seria o tempo em que passei no seio de minha mãe? Pois dela ouvi muitas coisas e vi outras mulheres grávidas.

Por que isso não me podem dizer, nem meu pai, nem minha mãe, nem a experiência de outros nem em minhas lembranças. Acaso sorri de que pergunte tais coisas, tu que me mandas reconhecer e louvar-te por isso. Confesso-te Senhor dos Céus e da terra e rendo-te louvores pelo tempo de minha infância, que não recordo e que tens concedido aos homens que possam deduzir as coisas que ocorrerão e até crer em muitas coisas de si mesmos pelo que dizem as mulheres iletradas. E fazia enfim na minha infância buscar o modo de fazer compreender a outros o que sentia. E quem senão de ti poderia proceder a um vivente assim? Não pode nos vir de fora uma só veia por que corre em nós a vida, e nada pode ser um artífice de seu próprio corpo. Pois tudo vem de Ti, Senhor, entre ser e viver, para ti são a mesma coisa, pois o supremo existir, é o supremo viver.

És supremo e não admite mutação. Por ti não passam os dias, e sim, todavia, passam em ti, porque a ti pertencem todas as coisas e com todas as suas mudanças. E porque teus anos não passam (Sl. 101, 28), tu vives em eterno dia e em um eterno hoje. Quantos dias de nós e quantos dias de nossos pais têm passado por ti, do que receberam seu ser e seu modo! E quantos têm de passar e receber da existência? “Tu és sempre o mesmo” (Sl. 101, 28) e tudo o que está por vir e o mais distante futuro e o que já passou, até a mais remota distância. Hoje o farás, hoje tu disseste. Alegra-se quando alguém pergunta: O que é isso? Porque mais lhe vale encontrar-te sem resolver teus enigmas, que resolvê-los e não encontrar.

CAPÍTULO VII

Senhor: Ai do homem e de seus pecados! Quando alguém admite que este tu compadece-te dele; porque tu o fizeste a ele, não os seus pecados.

Quem recordará os pecados de minha infância? Porque ninguém está livre do pecado diante dos seus olhos, nem sequer uma criança que tem vivido em um só dia. Quem, pois, me recordará? Possivelmente um pequenino que veio de mim, não lembro. Quais podiam ser os meus pecados? Acaso, que buscava com anseio e com pranto o peito de minha mãe. Porque de agora busco com o mesmo desejo não há leite materno e sim alimentos que convém a minha idade, seria certamente repreendido e com justiça. Então, fazia coisas dignas de repreensão, porém não podia compreender a quem me repreendia, não haveria consentido a razão. Defeito estes que desaparecem ao longo do tempo, não tem visto nada, nem tampouco, quando está limpando algo, desejar o que está bom. É possível que naquela tenra idade, não estivesse tão mal o que se pedia algo chorando por coisas que me fizesse mal se me dessem; nem indignaria contra aquelas pessoas maduras e prudentes, e contra meus próprios pais porque não se dobraram aos ímpetus de minha vontade; e isso até o ponto de golpear segundo as minhas próprias forças por não render obediência quem me haveria prejudicado.

Pode pensar que uma criança é sempre inocente se considerar a debilidade de suas forças, porém não necessariamente se olha a condição de seu ânimo. Tenho a experiência de uma criança que conheci: não podia nem falar, porém ficava pálido e olhava com olhos maldosos a um irmão menor.

Todos temos alguma coisa destas. Às vezes mães pretendem que isso possa corrigir com não sei que remédios, porém olhando ao redor, não há inocência em excluir da fonte abundante a uma criança muito mais necessitada e que não conta para sobreviver com esse alimento de vida. E com tudo isso, coisas tais, se lhes passam facialmente as crianças; não porque pensam que são pequeninos, sem importância, mas porque estimam que seus defeitos passam com o tempo. Isto não parece fora da razão, porém o certo é que coisas tais não se permitem a uma criança mais crescida.

Assim, pois, Senhor, que ao dar-lhe a vida a uma criança, provê um corpo dotado de sentidos e de graciosa figura e com os membros organizados em disposição e com força conveniente ordena-me que louve por isso, que cante em honra do teu nome (Sl. 91: 2). Porque és um Deus Onipotente, também seria o mesmo quando não tiveres feito outras coisas além destas, pois ninguém pode fazer coisas tais sem ti, o único de quem procede ao mundo todo, formoso que dá a vida a todos os seres e com suas leis os ordena.

Porém trabalho me custa, Senhor, considerar como parte da vida que agora vivo, nem sequer como princípio dela e essa minha infância da que não tenho lembranças e que somente ouvi por outras pessoas, porque minha infância é tão tenebrosa como o tempo em que vivi no seio de minha mãe. “E se fui concebido em iniquidade e em pecado me nutriu a minha mãe (Salmo 50: 7) Quando e onde Senhor, te suplico quando fui inocente?”.

Passarei por todo esse tempo “Que tenho a ver com ele, pois não fica em mim vestígio algum?”.

CAPÍTULO VIII

Da infância, passei para o tempo de minha meninice, e, todavia a infância não desapareceu. Aonde se haveria ido? Porém eu já não era um infante incapaz de falar, mas era um menino que falava, isto recorro muito bem, assim como aprendi mais tarde o modo de falar. E mediante a vozes e gemidos e com vários movimentos tratava já de expressar a minha vontade. Eu não podia expressar tudo o que queria nem a todos aqueles a quem queria expressar. Quando eles pensavam alguma coisa e com algum movimento a ensinavam, já imprimia com força as vozes em minha memória, seguro de que correspondiam aos que eles com seus movimentos haviam ensinado.

Os que eles queriam, me davam a entender seus movimentos. A expressão se seu rosto, a emoção de seus olhos e de outros membros do corpo, o som da voz ao pedir ou recusar, ou fazer algo são como a linguagem natural em todos os povos, indicativo dos estados de ânimo. Assim as palavras, ocupando seu lugar nas frases e freqüentemente repetidas em relação às coisas me faziam corrigir pouco a pouco o significado de cada uma; e por meio delas, uma vez que a minha boca estava acostumada a pronunciá-las, me fazia compreender. Deste modo aprendi a comunicar-me por signos com os que me rodeavam e entre a tormentosa sociedade da vida humana submetido à autoridade de meus pais e á vontade das pessoas mais velhas.

CAPÍTULO IX

Quantas misérias e humilhações tive de passar, Deus meu, naquela idade em que me propunha a ser bom, sujeitar-me aos meus guias. Pretendia-se com isso que eu florescesse neste mundo pela excelência das artes de dizer que se consegue a estimação dos homens e se está a serviço das falsas riquezas. Fui enviado à escola para aprender as letras, cuja utilidade, pobre de mim, ignorava eu então me castigavam quando viam preguiçoso. Porque muitos que viveram antes de nós nos prepararam estes duros caminhos pelo que nos forçavam a caminhar, pobres filhos de Adão com muito trabalho e dor.

Então conheci a alguma pessoa que te invocavam. Delas aprendia a sentir á medida de minha humildade que tu eras Alguém, que eras muito grande e que podes nos escutar e socorrer sem que pudéssemos perceber com o sentido. Sendo pois criança, comecei a invocá-lo como meu auxílio e meu refúgio; e da maneira quando eu rogava, ia rompendo as ataduras de minha língua. Pequeno eu era, mas com afinco nada menor te pedia para que não me castigassem na escola. E quando não me escutavas, mesmo quando ninguém podia ter por néscia minha petição, os maiores riam de mim e até meus pais, que nada de mal queriam para mim. Nisso consistia meus maiores sofrimentos daqueles dias.

Existe por acaso Senhor uma alma tão grande e unida pelo teu amor que na força dessa afetuosa união contigo faz com que em ocasiões se faz por pura loucura: desprezar os tormentos do potro dos ganchos de ferro e vários outros? Porque de tais tormentos quer nos ver livres, e por todo o mundo te suplicam cheios de temor. Haverá quem por puro amor a ti os desprezem e tenham horror diante do tormento à maneira como nossos pais se riam , que nossos mestres nos faziam sofrer?

Pecávamos enquanto estávamos lendo, escrevendo e estudando menos do que se exigia.

O que nos faltava não era nem a memória nem a ingenuidade, pois nos destes suficiente para aquela idade; mas gostavam de julgar e isso nos castigavam quem julgava o mesmo que nós. Porque os jogos com que se divertiam os adultos, chamam-se somente “negócios” e o que para as crianças são verdadeiros negócios, castigam como jogos e ninguém compadece das crianças nem aos outros.

A menos que um bom árbitro das coisa tenha por bem o que recebera castigo por jogar a bola.

Verdade é qie este jogo me impedia de aprender com rapidez as letras; mas as letras mais tarde me permitiram jogos muito mais inadmissíveis. Porque no fundo não fazia outra coisa aquele mesmo que por jogar me pegava.. Quando em uma discussão era vencido por algum de seus colegas professores, a dívida atormentava mais do que para mim perder uma partida de jogo.

CAPÍTULO X

E eu pecava, OH! Deus que é Criador e ordenador de todas as coisas naturais com a exceção do pecado, do qual não és criador. Pecava fazendo contra a ontade de meus pais e dos professores. Porém, pude ver mais tarde fazer o bom uso daquelas letras que não sei com qual intensão queria que eu aprendesse.

Se eu desobedecia, não é porque eu havia escolhido algo melhor, mas pela atração do jogo. Alegrava-me nas vitórias e gostava dos comichões ardentes que nos ouvidos deixavam as fábulas. Cada vez mais me acendia uma curiosidade quando via os espetáculos circences dos adultos. Quem com tais jogos organizavam e ganhavam com isso tal dignidade e excelência que todos desejam para seus filhos. Não levam a mal o que se os maltrate pelo tempo que perdem vendo esses jogos, já que o estudo lhes permitia eles mesmo montar mais tarde. Considera, Senhor com misericórdia essas coisas e livra a todos nós que te invocamos, para que possamos ser salvos.

CAPÍTULO XI

Mesmo sendo criança, já ouvia falar da vida eterna que nos foi prometida pelo teu Filho nosso Senhor, cuja humidade desceu até a nossa soberba. Já emaginava o sinal de sua cruz e me salgava com o se sal desde o ventre de minha mãe, que tão grande esperança havia colocado em ti. E tu sabes que certos dias me atacaram fortes dores, febre e quase morri. E viste também, porque já então era o que me guardava, com quanta fé e ardor pedi o batismo de teu Cristo, Deus e Senhor meu, a minha mãe e a Mãe de todos que é a tua

Igreja. E minha mãe do corpo, que consternada em teu coração cheio de fé queria gerar-me para a vida eterna, se agitava para que eu fosse iniciado no sacramento da salvação e confiando em ti Senhor, meu, recebi a remissão de minha purificação, como se fosse necessário seguir vivendo uma vida manchada, já que uma recaída para o mal comportamento depois do batismo havia sido pior e muito mais perigosa.

Eu era pois um crente. Minha mãe também e todos lá de casa, com exceção de meu pai, que não cria e não afirmou a sua fé em Cristo. Porque ela queria que não ele, mas tu fosses meu Pai e tu a ajudava sobrepor a quem bem servia sendo ela melhor, pois servindo a ele, por tua ordem a ti ela te servia.

Gostaria de saber, Senhor, porque razão se adiou o meu batismo; se foi bom para mim que se enfraqueceram as minhas rendas para seguir pecando, ou se houvesse sido melhor que não enfraquecessem, porque ouvíamos todos os dias dizer: “Deixa isso e faça a tua vontade, ainda não está batizado” quando da saúde do corpo nunca dizemos: “Deixe que transtorne mais, ainda não está curado?” Quanto melhor houvera sido que eu fizesse do mesmo modo que fizeram comigo, que ficasse seguro debaixo de tua proteção, a saúde da alma que de ti me vem. Bem sabia minha mãe quantas e quão grandes olhos de tentação abriam haveriam de seguir minha infância. Pensaram que tais batalhas contribuíram a formar-me, e não quis expor a elas a imagem tua que nos dá o batismo.

CAPÍTULO XII

Durante a minha infância não gostava de estudar, porém diziam que isso era bom para mim, mas detestava fazer o que era para mim obrigatório, por isso não aprendia nada, porque ninguém realiza nada quando é forçado. Os que forçavam a estudar não viam outra finalidade que por em condições de saciar apetites em uma miserável abundância e infame glória.

Mas tu, quem tem contado todos os nossos cabelos, aproveitava para o meu bem o erro de quem me forçavam a estudar e o meu erro de não querer aprender, usava como castigo que eu criança de curta idade, mas já um grande pecador, certamente merecia. Deste modo tirava proveito para mim de pessoas que me faziam o bem e me dava a retribuição

pelos meus pecados. E assim como tem ordenado e as coisas: que toda desordem nos efeitos leve em si mesmo sua pena.

CAPÍTULO XIII

Nunca cheguei a saber a que obedecia a meu aborrecimento pela língua grega que forçavam a aprender, mas gostava do latim. Não pelo certo do primeiro ensino em que se aprende a ler, escrever e contar, já que isso eu odiava, como a aprendizagem do grego; mas pelo ensino da chamada “gramática”. Mas de onde vinha isso, mas do pecado e da vaidade da vida? Porque eu era carne e espírito que caminha sem voltar atrás (Sl. 77, 39). Certamente eram melhores, por mais certas aquelas primeiras letras as que devo poder ler algo e escrever o que eu quero, que não aquelas outras que me faziam considerar com emoção as andanças de Enéias com ouvido de minhas próprias andanças; chorar a Dido morta e sua morte de amor, enquanto via passar sem lágrimas minha própria morte. Pois não há nada mais lamentável que a condição de um miserável que não tem compaixão de sua miséria. Quem tão desventurado como o que chorava a morte de Dido pelo amor de Enéias, mas não essa outra própria morte, terrível em que consiste em não amar-te a ti.

Oh! Deus. Luz de meu coração e pão de minha alma, força que fecunda meu ser e sonhos de meu pensamento! Eu não te amava então e me entregava longe de ti a fornicários amores; pois não outra coisa que fornicção é a amizade do mundo e inimizade com Deus. Porque todos os lados ouvia contínuos elogios de minha fornicção: Muito bem!, gritavam os que me viam fornicar. Também é certo que dizemos: Muito bem! Quando eo elogio é merecido e queremos com ele humilhar aos demais.

Mas nada disso me fazia chorar, mas chorava pela morte de Dido, terra que volta a terra; e ia a retaguarda do pior que há em tua criação E quando me impedia seguir com essas leituras me enchia de dor porque não me desejavam ler o que me doía. Essa loucura era tida por mais honrável disciplina que as letras que aprendi a ler e a escrever.

Mas clamas agora em minha alma. E que tua verdade me digas que não és assim, mas que melhor coisa é o primeiro ensino; por agora estou mais preparado para esquecer as andanças de Enéias e outras coisas parecidas, e não esquecer de ler e escrever.

É certo que as portas das escolas de gramática se abrem cortinas; mas é muito para significar prestígio de uma ciência secreta, quanto para dissimular o erro. E que não clamem contra mim essas pessoas a quem já não temo agora o que confesso diante de ti o que deseja minha alma e consinto que repreenda os meus maus caminhos para que possa amar-te. Que nada reclamem os vendedores e compradores de gramática; pois se lhes pergunto se foi verdade que Enéias tem estado alguma vez em Cartago, os mais indoltos me dirão que não sabem, e os mais prudentes negarão.

Mas se lhes pergunto com que letras se escreve o nome de Enéias, todos responderão, pois conhecem o significado dessas letras. Mas ainda se lhes pergunto que causaria maior dano nesta vida; se esquecermos de ler e escrever todas essas poéticas ficções às letras úteis que teria em aborrecimento, já que um mais um é dois e dois mais dois, somando dá quatro, eram para a minha canção; e muito melhor queria contemplar os doces espetáculos de vaidade, como aquele cavalo de madeira cheio de homens armados, como incêndio de Tróia e a sombra de Creusa.

CAPÍTULO XIV

Por que aborrecia da literatura grega, se tão bela coisas cantavam? Porque Homero, perito em escrever preciosas fábulas, é doce, porém, vaidoso e esta doçura era amarga para mim quando era criança; de seguro também Virgílio para as crianças gregas se obrigam estudar assim como me obrigavam. E assim a dificuldade de batalhar com uma língua estrangeira, amargava como o fel a suavidade daquelas fabulosas narrações gregas. A língua, eu não a conhecia, e me ameaçavam com penas e rigores se não estudasse. Tampouco conhecia em minha infância o latim; mas com atenção fui conhecendo, sem medo, nem cansaço e até com adulações por parte de minhas amas de leite e afetuosas e brincadeiras e jogos alegres que inspiravam a minha ignorância.

Aprendi sem pressões, movido pela urgência que eu mesmo sentia de fazer compreender. Ia pouco a pouco compreendendo as palavras, não de quem me ensinara, mas de quem falavam diante de mim; e eu de minha parte ardía por fazer conhecer meus pensamentos. Por onde se vê que para aprender maior eficácia tem a natural curiosidade que não uma temerosa coação. Porém, tu, Senhor, tens estabelecido uma lei; a de que

semelhantes coações ponham um benéfico fluxo da espontaneidade. Desde a palmatória dos mestres até as provas terríveis do martírio, és tu a lei que se veja mesclado de saudáveis amarguras, com as que chama até a ti em expiação das alegrias que de ti nos deixam.

CAPÍTULO XV

Escuta, Senhor a minha súplica para que a minha alma não caia debaixo de tua disciplina, nem desmaie em confessar as misericórdias com as que me tirastes dos maus caminhos. Sejas sempre para mim uma doçura mais forte do que todas as seduções mundanas que antes me arrastavam. Faz co que te ame com profundidade e apegue em tuas mãos com todas as forças de meu coração, e assim me veja livre de todas as tentações.

Sirva-te pois Deus e Senhor meu, quando de útil aprendi sendo criança; e seguir-te quando falo, escrevo, leio ou ponho em números. Porque quando aprendia a vaidade, tu me disciplinava e me perdoavas, o pecaminoso prazer que nela teria. É certo que nelas aprendi muitas coisas que me tem sido úteis; mas eram coisas que podem aprender sem alguma vaidade. Este caminho é o melhor, oxalá se todas as crianças caminhassem por esta senda segura.

CAPÍTULO XVI

Maldito sejas, oh rio de costumes humanos, pois ninguém pode resistir! Quando te secarás? Até quando seguirás arrastando os pobres filhos de Eva até os mares imensos e tormentosos nos que apenas podem navegar os que se sobem a um lenho? Não tem lido por acaso que Júpiter troveja no céu, mas o adúltero sobre a terra? Ambas coisas são incompatíveis, porém ele o fez; e com a fofoca de trovões falsos, deu autoridade a quem o imitaram em um verdadeiro adultério. E qual daqueles mestres mais insignes suportaria que o homem de sua mesma condição, dissesse que Homero em suas ficções transferia aos deuses os vícios humanos e vez de traspassar aos homens qualidades divinas?

Mesmo que maior verdade haveria de dizer que ele em suas ficções atribuía qualidades divinas a homens cheios de vícios; com o qual os vícios ficavam coniventes e quem podia pensar que imitava não a homens depravados mas celestes deidades.

Oh! Rio infernal. Em tuas ondas se revoltam os filhos dos homens em que pôs a ganância; e em muito se tem o que as lendas homéricas se representam no Foro, sob o amparo de leis que lhe concede crescente remuneração. E fazes, oh! Rio soa as tuas pedras, dizendo: “Aqui se aprende a arte da palavra, aqui se adquire a eloquência tão necessária para explicar as coisas e persuadir os ânimos”.

Em efeito, não reconheceríamos tais palavras como chuva de ouro, regaço, engano engano e templos do céu se não fosse porque Terêncio as usa quando nos apresenta um jovem dissoluto que quer cometer um estupro seguindo o exemplo de Júpiter que engravidou a donzela Danae penetrando em seu seio sob a forma de chuva de ouro. E veja como se estimula a consciência desse jovem com semelhante exemplo, que se vem de um deus! E que deus? Pergunta-se. Pois, nada menos do que aquele que faz estremecer com seus trovões os templos dos céus. E se diz: “Não vou, eu, um simples homem, a fazer o que veio em um deus? Claro que sim! E já o tem feito com toda a minha vontade”

E não é que com estas palavras se expressam melhores torpezas: que debaixo destas palavras as torpezas cometem com mais alívio. Não tenho objeção contra as palavras que são como vasos escolhidos e preciosos; mas se tenho contra o vinho de erro que neles nos davam a beber mestres ébrios que todavia nos ameaçavam se nos negássemos a beber. E não tínhamos um juiz ou a quem apelar. Deus meu, em quem repousa já segura a minha memória, eu aprendia tais vaidades com prazer, pobre de mim que encontrava prazer nelas. Por isso desciam de mim que era uma criança que muito prometia para o futuro.

CAPÍTULO XVII

Permita-me Senhor, dizer algo sobre meu talento, dádiva tua e do devaneio com que o desperdiçava.

Me propunham algo que muito me inquietava a alma. Queriam que por amor ao elogio e medo a ser enfrentado e golpeado repetira as palavras de Juno, iracunda de que não podia deixar da Itália ao rei dos teucros (Virgílio, Eneida 1, 38). Pois nunca ouviu o que Juno disse a respeito de tais coisas, mas nos forçavam a seguir como vagabundos os vestígios daquelas ficções poéticas e a dizer em prosa o que os poetas diziam em versos. E o que fazia melhor entre nós e era mais elogiado era o que segundo a dignidade do

personagem que fingia com maior veemência e propriedade de linguagem expressava a dor ou a cólera de seu personagem.

Mas de que me servia tudo aquilo? E por que era eu quando recitava era o mais elogiado que outros colegas e companheiros de estudo? Não era só vento e fumaça? Não sabia porventura outros temas em que puderam exercitar minha língua e meu talento? Havia. Teus louvores, Senhor, teus louvores, como estão na Escritura, haviam sustentado o meu fraco coração; e não havia ficado como presa dos pássaros de rapina em meio das vaidades.

CAPÍTULO XVIII

É uma maravilha em ter levado em conta que todas as vaidades me afastavam cada vez mais de ti, meu Deus. Para meu governo se me propõe homens que eram repreendidos por dizer alguma barbaridade, porém eram elogiados quando diziam em palavras adequadas e boa ornamentação suas piores conseqüências. E tu, Senhor, vê a tudo isso e te calas! Tu que és veraz e misericordioso! (Sl. 102: 8). Mas não seguirás para sempre calado. Agora mesmo tem tirado do terrível abismo a uma alma que te busca e tem sede de deleitar em ti; uma alma que te diz: “Tenho buscado o teu rosto e sempre hei de buscar”. (Sl. 26, 8). Porque eu andava distante de teu rosto, levado por uima tenebrosa paixão.

Porque ninguém se distancia de ti ou retorna a ti com passos pelos caminhos do mundo. Acaso que aquele filho menor que fugiu de ti para ir uma região distante quando te havias dado, teve um momento de partir necessidade de cavalos, ou carros? Necessitou acaso alas para voltar, ou presurosos joelhos. Tu foste para ele um bom pai, quando lhe disse o que te pediu para poder ir, porém muito mais doce quando ao seu regresso o recebeu de volta pobre necessitado. Ele que vive em um afeto desonesto, vive em trevas diante de seu rosto.

Olha pois, Senhor, com paciência o que tem diante de teus olhos. Com quanto cuidado, observam os filhos dos homens, as regras que sobre os sons das letras e sílabas receberam de seus mestres, ao passo que descuidam das leis que tu pões para a eterna salvação! Assim sucede que quem é conhecedor das leis da gramática não suportará que alguém escreva “omem” mas se o certo é homem, suprimindo a ação da primeira sílaba; mas terá por

ligeiro, de nada se sendo homem o mesmo, odeia aos demais homens contra teu mandamento. Como se fosse possível a alguém causar a outro dano maior que ele causa a si mesmo, sendo seu inimigo.

E por certo não há cultura literária que nos seja mais íntima que consciência na qual levamos escrito que não se deve fazer a outro o que nós mesmos não queremos padecer (Tb. 4, Mt. 7. 12). Quão distinto és Tu, Oh! Deus Imenso e único, que habitas no silêncio das alturas e com imutáveis decretos impõe cegueiras para castigar ilícitos desejos. Quando alguém busca a fama da eloquência atacando com ódio ao inimigo perante um juiz e de um auditório, toma cuidado para não desprestigiar-se com um erro de linguagem. Não dirá por exemplo “entre as homens”. Porém nada levará a violência de seu ódio, se tenta arrancar outro nome da sociedade de seus semelhantes.

CAPÍTULO XIX

No umbral de semelhantes costumes, fazia infeliz enquanto era criança. E tal era a luta nessa palestra, que mais temia eu cometer um barbarismo que invejar aos que o cometiam. Agora admito e confesso em tua presença aquelas picunhinhas pelas quais recebia o elogio da parte de pessoas para mim tão importantes que agradar-lhes parecia soma do bem viver. Não leve eu em conta do turbilhão de torpezas que me arrastava diante dos teus olhos. Poderiam ver algo mais detestável que eu? Pois os ofendia enganando com incontáveis mentiras a meus mestres e aos meus pais e por toda a paixão de jogar e por todo o desejo de contemplar espetáculos para divertir e imitá-los.

Cometi muitos furtos da mesa e dispensa de meus pais, em parte, movido pela gula, e para ter algo que dar aos outros moços que me vendiam o jogo ou trocava. Mas também nesses jogos me venciam com frequência a vontade de sobressair e me ajeitava para ganhar vitórias fraudulentas. E não havia coisa que maior tédio me dera que os surpreendê-los em algumas daquelas armadilhas que eu mesmo fazia a eles. E quando em alguma me surpreendiam, preferia lutar a ceder.

Que tipo de inocência infantil era essa? Não o era Senhor, não o era, permita-me que te diga. Porque esta mesma paixão, que na idade escolar tem por objeto artes, pelada e outras brincadeiras, na próxima idade, para prefeitos e reis é ambição de ouro e de terras e

escravos. Com o passar do tempo se passa do menor ao maior, assim como a autoridade dos mestres se passa mais tarde a suplícios maiores.

Foi pois, a humildade o que tu, Rei e Senhor nosso, aprovaste a humildade das crianças, quando disseste que são delas o Reino dos Céus. (Mt. 19: 14)

CAPÍTULO XX

Senhor, excelentíssimo e Criador de tudo quanto há, graças te daria se eu não passasse de minha infância. Porque eu existia e vivia; via e sentia e cuidava de minha conservação vestígio secreto daquela unidade do qual procedo. Um instinto interior movia a cuidar da integridade de meus sentidos, e ainda as coisas menores me deleitava na verdade de meus pensamentos., não me equivocava. Minha memória era excelente, minha fala já estava formada. Alegrava-me na amizade, fugia da dor, do desprezo da ignorância. Que há em um ser assim que não seja admirável e digno de dor?

Porém tudo isso vinha de Deus, pois eu não dei aos meus semelhantes dons. Ele é o meu bem, e em sua presença me encheu de exaltação por todos estes bens que havia em mim ser de criança.

Mas pecava, quando buscava a verdade, a deleitação e sublimidade, não nele, mas em mim mesmo nas demais criaturas; e por isso precipitava na dor, a confusão e o erro.

Mas graças, doçura minha, minha honra e confiança, meu Deus, por teus dons, rogo-te que me conserves estes dons. Assim guardarás a mim; e tudo quanto me deste virá a ser aumentado e levado a perfeição.

E eu estarei contigo que me deste a existência.

ESCRITOS DE TOMÁS DE AQUINO

TOMÁS DE AQUINO: Suma teológica, primeira parte. Cuest. 2, artica. 1-3

1.3. O REMANECENTE PERSEGUIDO MANTEM O TESTEMUNHO DO EVANGELHO VIVO

1.4. CAPÍTULO 1

Os procursores da Reforma

Samuel Vila, História da Inquisição e a Reforma na Espanha

1. A decadência da Igreja antes da Reforma.

Como mostramos em nosso livro anterior, a Reforma do século XVI rompe a História da Igreja não como um conflito, ainda grave, sem precedentes, antes pelo contrário; já desde séculos se vem sucedendo dentro da grei católica as protestas e as dissidências como as acusações de uma mal estar, crônico latente, porém real.

Nos primeiros séculos apareceram muitas heresias, considerando como tais movimentos surgidos dentro da Cristandade, principalmente no Oriente, os quais atentavam contra os princípios teológicos sustentados pelo comum dos fiéis. El Conceito de heresia adquiriu perfis mais precisos ao formular o Dogma, ou seja, o conjunto de doutrinas defendidas pela igreja.

Todavia as coisas seguiram num curso imprevisível e chegou a um tempo em que, periodicamente os movimento dissidentes, mesmo que seguiram sendo chamados “heterodoxos” pela defesa da ortodoxia não faziam outra coisa além de clamar pelas velhas doutrinas procurando recobrá-la pureza. Os valdenses, os wiclefitas, os hussitas, foram aparecendo no seio da Cristandade como um fermento que lutava por manter vivas as essências da igreja primitiva, um a igreja sincera e pura, atendendo somente ao interesse da ordem espiritual, tão distinta da Igreja Romana que estavam contemplando. Em seus tempos o papado e o clero no geral mantinham como tradição sua estirpe apostólica, porém desgraçadamente manifestavam em sua conduta as virtudes dos apóstolos e de refletir seus ensinamentos as doutrinas que haviam herdado.

Não cabe a nós estender em considerar as causas que conduziram esta relação de costumes do clero, mesmo que podemos apontá-las brevemente. O início do processo se

remonta ao anárquico período em que a estrutura estatal do império romano ia se desmoronando progressivamente diante das incessantes ataques dos povos bárbaros. Oscilante a administração pública, multidão de prestações e serviços correspondentes até então seus funcionários foram parar paulatinamente nas mãos do clero, que constituía o único elemento da sociedade culturalmente capacitado para acertá-las. A Igreja já era reconhecida e respeitada por todos, e a presença de seus representantes constituía uma garantia eficaz de ordem e seriedade em toda a classe de atos sociais que requerem a sua formalidade.

Devido à ignorância geral da época poderia aparecer então plausível e necessário que o sacerdote aceitá-la o peso dessas novas obrigações; todavia, como era lógico esperá-lo, as novas tarefas entorpeceram ao desempenho das primitivas que eram cuidar espiritualmente daqueles que haviam sido encomendados. Agora o sacerdote devia cumprir com ambos deveres, o de pastor das almas e o de funcionário civil; os fiéis deviam auxiliar o sacerdote em suas necessidades espirituais já que a igreja e seus ministros, haviam passado a ser, mediante a administração dos sacramentos, o meio exclusivo para alcançar a graça e a salvação eterna porém também tinham que acudir a ele para ordenar seus assuntos de caráter material, já que intervinham em questões de herança, matrimônio e os tribunais eclesiásticos administravam também justiça aos laicos. Isto, a partir das confissões, o sacerdote se erigiu como conselheiro pessoal do penitente.

Os sacerdotes iam acumulando responsabilidades, as quais, por sua vez, lhes deram poder. Jamais na história do Ocidente instituição alguma exerceu um poder mais amplo e efetivo do que teria a Igreja na Idade Média sobre os fiéis. O poder acarretou riqueza e, ambos uma geral relação dos costumes.

Intimamente ligado ao processo anterior, que se refere à conduta dos ministros da igreja, foi se desenvolvendo outro; uma mudança progressiva das essências doutrinárias da igreja e, portanto, do culto. As inovações foram introduzindo-se dissimuladamente e acabaram desfigurando a primitiva doutrina evangélica. Tal foi denominada “elaboração do dogma”. Assim, a partir do século V em diante, vamos encontrando uma veneração sempre crescente aos santos e as relíquias, uma mudança na significação e administração e administração da Sagrada Comunhão; a justificação por meio das obras, com suas seqüelas;

as penitências e mortificações; peregrinações supersticiosas; uma abusiva multiplicação de mosteiros e conventos; o purgatório, etc.

2. Críticas e clamores da reforma na Igreja da Espanha

Não tardaram em ouvir vozes que protestavam essas sucessivas inovações e contra a imoralidade do pessoal eclesiástico.

Com respeito a tais mudanças, vemos nesse livro e outros escritos a quase meio século e alterado com novos dados em sucessivas edições, titulado “As fontes do Cristianismo” Na produção literária da Alta Idade Média e do Renascimento, são abundantes as críticas dos costumes licenciosos do clero. É necessário reconhecer que em todas as épocas existiram pessoas que odiavam a religião que impulsionava a insultar os cristãos, eram freqüentes as impugnações e críticas que tinham por base fundamental esse ódio, unido a imaginação de quem as profere. Todavia, as descrições correspondentes a essa época, de clérigos, ignorantes, levianos, cobiçadores, insolentes, ateus são feitas por pessoas de más distintas extrações e com objetos diversos. Assim por piedosos sacerdotes católicos que lamentavam o excesso e denunciavam o mau para a sua correção, em pragmáticas disposições reais em plano de reforma; em tom de admoestação por historiadores objetivos, como Sepúlveda, o cronista de Carlos I; como objeto de escárnio dos poetas e trovadores satíricos. Além disso, tão freqüentes e tão vividas, que não cabe a menor dúvida que reflita de um modo real um modo de vida de grande parte dos clérigos e, portanto o nível moral da igreja, assim como o sentir popular dessa época e os desejos gerais de uma Reforma, que como veremos mais adiante, defenderam com energia muitas vozes espanholas ao longo dos séculos.

Dado a facilidade e o prazer da vida eclesiástica, tanto as ordens monásticas como o clero secular fala proliferado em abundância e acabaram grandes riquezas e privilégios, chegando a usurpar inclusive os direitos do rei. A imoralidade estava à ordem do dia. Do livro *Planctu Ecclesiae*, escrito por um piedoso bispo católico, Álvaro Pelaéz, disse a sua vez um historiador católico moderno que “se vêem em tais coisas que movem a partir dos olhos do quadro fidedignamente traçado e que antes se repugnava. Era notório que dois personagens tão importantes como Alonso Carillo e Pedro Gonzáles de Mendoza,

arcebispos sucessivos de Toledo e o segundo dos cardeais, mantinham moças e tinham filhos – Mendoza de várias mulheres distintas-aos qual, casou entre as primeiras famílias aristocráticas espanhola. Frei Pablo de Leon disse em sua obra Guia do Céu (1553), que “apenas se vê igreja, catedral ou colegial de onde pela maior parte não estão amasiados”. Não nos estenderemos em delitos morais muito mais graves. Uma cédula real do ano 1523 fala “das coisas feias e desonestas que fizeram os frades, fazem a má doutrina que dão aos povos” Frei de Leon já citado resume suas críticas com estas palavras: “... Tais surgem na Igreja de Deus, tais mandam e assim como não sabem, assim é uma igreja cheia de ignorância, malícia, luxúria, soberba...”

Afonso de Castro, tratadista católico que escreveu uma extensa obra intitulada Adversus Haereses, defendendo por sua fulminação, se vê obrigado a admitir que se não fora pela proteção divina, seria difícil preservar a religião diante da indignidade moral dos clérigos e suas maldades; afirma que o desprezo que sente por eles provém de seu excessivo número, de sua ignorância e de suas vidas viciosas.

As citações anteriores não procedem, certamente de autores suspeitos, o que faz a descrição menos sombria. Contudo, deve proclamar em honra a verdade, e segundo admitem os historiadores da época, que a moralidade dos costumes do clero era na Espanha muito superior que em outros países como França, Alemanha e Itália.

3. Algumas amostras de crítica na literatura da época.

A título de exemplo, vamos recorrer, em poucas amostras isoladas da literatura daqueles tempos, a expressão do sentir popular sobre esses pontos.

Já no século XIII um dos trovadores, Gillermo Figueira, filho de um sastre de Tolosa (1195- 1249) criticou a decadência da igreja em um de seus poemas escritos em serventesios. Considera que Roma é o foco da corrupção, e fustiga em termos violentos a cobiça e a violência do Papado. Aqui há uma amostra de sua maneira de pensar. Vertido do provençal castelhano equivale o seguinte:

“Oh, Roma que devora a carne dos humildes!

Aos cegos tu guias contigo à fossa.

*Traspassado das ordens divinas
Pois por dinheiro perdoas os pecados.
Excessivo é o peso de tuas maldades.”*

Com seu reconhecido gracejo, o arcebispo de Hita, Pedro Juan Ruiz, denuncia os vícios do clero. Juan Ruiz teria motivo o suficiente para estar a corrente das fraquezas de seus companheiros, já que o mesmo levava uma vida tão licenciosa que seus superiores tiveram necessidade de castigá-lo. Por isso, como um bom conhecedor, suas descrições são insuperáveis. Vejamos uma amostra de seus escritos (século XIV) que se refere à cobiça reinante na Igreja.

*“Se tivesse dinheiro, haveria consolação
Prazer, alegria, do Papa porção.
Comprarás o paraíso, ganharás a salvação
Do muito dinheiro, é muita benção!
Eu vivi na corte de Roma da santidade
Que todos ao dinheiro fazem grande humildade
Grande honra lhes fazem com grande solenidade
Todos diante dele se humilham como a majestade
Faz-se muito Priores, bispos e Abades
Arcebispos, Doutores, Patriarcas, potestades,
A muitos clérigos néscios possíveis DINIDADES
Fazem da verdade, mentira e das mentiras, verdades...
Faziam muitos clérigos e muitos ordenados
Muitos monges, religiosos sagrados,
E dinheiro lhes dava por bem examinados,
Aos pobres diziam que não eram letrados”.*

Outro crítico é Pedro López de Ayala, que adquiriu fama como cronista: distinguindo historiadores atuais estimam em muito sua veracidade e o bom juízo que falava seus contemporâneos. Durante uma longa prisão à causa de enredos políticos, ao final do século

XVI, Lopéz de Ayala escreveu o Rimado do Palácio, em que canta os deveres da Cristandade começando pelos reis e os nobres, descrevendo os costumes e os vícios de seu tempo. Eis aqui uma amostra de sua produção literária:

*“A nave de São Pedro está em grande perdição
Pelos nossos pecados e a nossa ocasião.*

*Mas os nossos perolados que tem cura,
Asas têm de fazer pela nossa ventura,
Conheçam seus súditos sem nenhuma mesura;
E esquece a consciência da Santa Escritura.*

*De que a dignidade uma vez tem cobrado
De ordenar a igreja tomam pouco cuidado;
Como serão ricos, mas cura o mau, o pecado!
Então não curam como isso será mandado.*

*Não sabem as palavras da consagração
Nem curam de saber e nem tem coração
Se puderem ver três cães, um galgo
Clérigo da aldeia tem que é infâmia.*

*Se estes são ministros, são de Satanás.
Nunca boa obra irá vê-los fazendo
Grande cabana de fixos sempre lhes faltará
Do redor de seu fogo que nunca e cabras.*

Renunciamos a fácil tarefa de seguir acrescentando exemplos.

4. Intentos isolados de Reforma na Espanha

Por outro lado, tampouco faltaram vozes que proclamaram a necessidade de voltar ao simples ensino das Sagradas Escrituras, desejando de lado vãs tradições e todo o tipo de superstição. Não se pode esperar outra coisa de um povo que com tanto valor e firmeza tem defendido, no curso de sua história, seus valores tradicionais. De nenhum modo poderia ver indiferente como se maleava sua herança espiritual. São conhecidos e mais adiante falaremos disso – vários intentos oficiais de reforma do tipo moralizador, que obtiveram êxitos parciais mais ou menos duradouros, porém nenhum se faz oficialmente as repetidas inovações doutrinárias, proclamadas por Roma, a qual a Igreja da Espanha acabou obedecendo em inteira submissão.

Nem sempre foi assim. Durante os primeiros séculos a igreja espanhola havia negado a reconhecer a supremacia aos bispos e, mais adiante, os papas de Roma, nem admitiam que teve direito algum a misturar em seus assuntos internos. Durante o predomínio do arrianismo na Península se terminou outra vez a influência de Roma. O Concílio Nacional de Toledo, celebrado no ano de 688, chega a por em contradição com o papa em uma questão doutrinária. Nas conclusões que como resposta a um requerimento do papa aprovou, acabou acusando-lhe de ignorante e proclamam sua decisão de conservar-se firmes em seu critério, mesmo que possam ser acusados de obstinação.

No começo do século XI não foi substituída a liturgia gótica, isidoriana, pela liturgia romana, o que pressionou o papa e os monarcas frente a mais decidida posição do clero, da nobreza e do povo. Depois da liturgia romana foi reconhecida a autoridade papal que se estendeu não só sobre os poderes eclesiásticos, como também aos civis em caminho da submissão, Pedro II de Aragão chegou a oferecer seu reino em feudo ao Papa Inocêncio III

Tendo presente a esta antiga tradição de independência do clero e do povo espanhol, e contemplando, por outra parte, a prostração da igreja, sem que alguém com autoridade tomasse medidas que restabelecessem sua pureza, não é de se estranhar que aqueles cuja consciência moral repugnava em consentir com tal estado de coisas se viram forçados a protestar inclusive a sair dela, regressando a fonte incorruptível da verdade religiosa: a revelação divina, ou seja, a Palavra de Deus.

Certamente não se deve pensar que estes reformadores se levantaram apresentando um corpo de doutrina sistematizado frente ao da igreja, como fizeram Lutero e Calvino no século XVI. Tampouco isso era possível, já que alguns dos dogmas que recusaram não havia sido daquele tempo promulgados por Roma. Eles atacaram pontos isolados da doutrina e vetavam vários que consideravam discordantes da Palavra de Deus, já que muitos dos movimentos qualificados como heréticos pela igreja não tem consistido em outra coisa que em um intento de voltar a interpretação bíblica apostólica, ou pelo menos primitiva.

Todavia, não crer que tudo o que se levantara contra a igreja era um defensor da pureza e da interpretação da Bíblia, segundo o sentir protestante atual. Era freqüente que, juntos com propósitos, se envolveram grosseiros e lamentosos erros que nenhum protestante se atrevia hoje de sustentar. Era de necessidade recusar os últimos, porém a igreja O vento, a palha com tal exaltação que era arrastado também o grão.

Seja o que for, todos com suas protestas, atendíveis e inatendíveis foram envolvidos pela crescente maré que queriam conter. Suas vozes foram silenciadas pela violência ou pelo clamor no deserto. Apesar disso, são dignos de que os mencionemos.

Já no século IV a voz de Prisciliano, o bispo de Ávila, proclamava que a única autoridade em questões religiosas era a Sagrada Escritura, defendendo o direito de interpretação pelos fiéis de acordo com o ditado da própria razão, iluminada pelo Espírito Santo. Prisciliano fazia caso omissa da tradição, especialmente a hierarquia eclesiástica. Certo é que sua doutrina está profundamente influenciada pelos agnósticos através das filosofias religiosas do Oriente. Mesmo que não pode ser alinhado entre os reformadores no sentido protestante, queremos mencionar seu nome para recordar que, condenado à pena capital, em fins do século IV, foi a primeira execução efetuada como consequência de um juízo formal pelo delito de heresia que representantes da Igreja atuavam como acusadores. Prisciliano levantou numerosos discípulos que foram rigorosamente exterminados.

Vigilância, presbítero de Barcelona, a princípio do século V, opôs a todo culto prestado às relíquias de mártires, às representações de imagens de esculturas ou pinturas nas igrejas, a intercessão a santos e a oração pelos mortos. Impugnou também o celibato entre os sacerdotes como fonte de concupiscência. Ao parecer sua doutrina teve adeptos

que persistiram até mesmo depois da morte de Vigilancio, já quase um século mais tarde foi escrito um opúsculo por Faustus de Rhegium.

Outra eloqüente expressão de protesto frente às novidades doutrinárias da igreja oficial de outro espanhol, Cláudio, no século IX, quando foi nomeado bispo de Turim por Ludovico Pio. Cláudio era um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras. Uma vez em seu bispado começou a limpeza da igreja de todo o tipo de imagens e a repreender a veneração das mesmas. Admoestado por sua conduta, escreveu um longo tratado defendendo-se. Mais adiante condenou as peregrinações a Roma mesmo a autoridade do Papa como representante dos Apóstolos, assim o culto aos santos, do que lhes disse: “Devemos honrar imitando-lhes”.

5. Os albigenses e valdenses na Espanha.

Os protestos anteriormente citados tiveram escassas ressonâncias, já que praticamente desapareceram ao influenciar os porta vozes. Cabe aqui, mencionar os movimentos religiosos dissidentes da Católica Ortodoxia de maior transcendência que alcançaram um bom número de prosélitos na Península. Não somente se originaram, mas floresceram especialmente no sul da França, e desde ali seus adeptos passaram a Espanha, onde espalharam suas doutrinas.

O movimento albigense, chamado também cátaro (e patarino no norte da Itália), teria as suas raízes na antiga heresia maniqueísta (século VI), que chegou ao Ocidente através de sua versão pauliciana (século VII). As características principais dos albigenses ou cátaros, como a dos seguidores de Pedro de Bruys, de Henrique de Lausana ou de Arnaldo de Brescia, era sua oposição acirrada a rígida concepção sacerdotal da Igreja, que foi indispensável à presença do sacerdote para a administração dos sacramentos, e, por onde a dispensação da graça. Sua resistência em admitir tal doutrina era, era na realidade, alimentada pela conduta, em geral pouco exemplar dos sacerdotes. Porém não se limitavam a impugnar o sacerdote como oficiante, desejando outros pontos essenciais do sistema do culto católico; sacramentos, purgatório, indulgências, invocação a santos, etc. Tudo isso era comum entre os cátaros e o restante dos reformadores citados, mesmo sendo justo dizer, os cátaros sustentavam além de outras doutrinas discrepantes daquelas que defenderam logo

os reformadores do século XVI. Por outro lado, aplicavam com fervor ao estudo e a pregação das Escrituras tal como interpretavam e sua moralidade era reconhecida pelos seus adversários, exceto quando estes tinham interesse em caluniá-los. Precisamente constituía seu extremado asceticismo um dos pontos religiosos da doutrina.

Não deve confundir – e é freqüente fazê-lo – nenhum destes movimentos tendentes com uma reforma genuinamente religiosa, com o ambiente de indiferença e anticlericalismo dominante nessa época ao meio dia na França, que obrigou a S. Bernardo de Claraval a reconhecer que as igrejas católicas tinham sido abandonadas, com seus altares apodrecendo e os padres morrendo de fome. Muito menos com certas bandas de foragidos que, dedicando-se ao roubo de modo geral, apreciavam em fazer objeto de uma atenção especial ao clero e suas posições em sua atividade.

Esta crescente maré de heresias e irreligiosidade acabou preocupando seriamente a Igreja. Especialmente a tenacidade com o que os cátaros permaneciam aderidos à sua doutrina, recusando qualquer tentativa para convertê-los, e mais ainda o seu ardente afã proselitista acabou transformando a surda hostilidade da Igreja em franca hostilidade da Igreja em franca perseguição. Não falaremos das cruzadas de extermínio desencadeadas pelo papa contra os albigenses, debaixo de ordens de Simon de Montfort, sabe-se que seu resultado foi à desolação das cultas e riquíssimas planícies de Languedoc.

Ressaltamos aqui que muitos albigenses haviam cruzado os Pirineus e haviam se instalado na Cataluña e Aragon, onde gozavam de relativa tranqüilidade, estendendo sem grave oposição sua doutrina. A causa do desastre de Muret, em que morreu o rei de Aragon, Pedro II¹ o Católico quando lutava contra os cruzados, muito mais albigense do Languedoc se esparramaram pelo norte da Península.

Também se mudaram a Espanha membros dos valdenses. Assim se denominaram os seguidores de Pedro Waldo, rico mercador de Lyon que acabou sendo o reformador religioso. Lendo as Escrituras, chegou à conclusão de que Roma havia se desviado do Evangelho. Assim em 1170 começou a pregar publicamente que a Igreja devia voltar a sinceridade do culto primitivo. Paulatinamente foi crescendo a sua oposição e finalmente conseguiram proibir a sua pregação, rompeu praticamente com a Igreja, assim originou uma seita que rapidamente se expandiu pela Europa.

¹ Pedro II lutou pela razão de parentesco.

Os valdenses recusavam sistematicamente toda doutrina que não era de acordo com a Palavra de Deus e podem ser considerados como verdadeiros protestantes. Em seus ensinamentos recorriam a um grande número de princípios teológicos oposto ao dogma católico sustentado por todos os reformadores do século XVI. Na realidade, os grupos que no Norte da Itália puderam escapar da destruição unificaram mais adiante sua doutrina com a dos calvinistas, conservando o mesmo nome: Distinguiam-se especialmente por sua pobreza, moderação, caridade e tolerância.

Também encontramos na história da Espanha rastros dos povos de Lyon, os valdenses, que haviam chegado e estabelecido pacificamente na Península.

6. A extirpação dos albigenses e valdenses na Espanha.

Os espanhóis, seguidores da Igreja de Roma, acolheram os valdenses e albigenses sem molestá-los em suas crenças sem por obstáculos a extensão de suas doutrinas. Estes chegaram até possuir pontos de pregação com seus correspondentes ministros. Inclusive alguns nobres catalães, como haviam feito os de Languedoc, acabaram aceitando. Também se estenderam por Navarra e alcançaram o reino de Leon.

Todavia, tampouco a Espanha fala de constituir para eles um abrigo permanente. Já em 1194, sob pressão de Celestino IR, o rei de Aragon, Afonso I baniu de seus domínios aos “hereges” dando um prazo para que abandonassem seus territórios. Ameaçava com graves penas a qualquer pessoa que recebesse em suas terras, ou a quem atendesse a suas pregações, ou lhes proporcionara alimento. Todo herege que não saísse depois de três dias depois de fazer valer o decreto o indivíduo era considerado como fora da lei; qualquer agressão cometida contra ele, exceto que lhe causasse a morte ou mutilação, havia de ser considerada não como um delito, senão como um ato louvável. A ordem foi publicada, porém ficou praticamente sem cumprimento. Seu sucessor, Pedro II ao ser coroado em 1197, renova os editos de perseguição em termos mais enérgicos e estabelece pena de fogueira para os hereges que não tivessem abandonado seus territórios em prazos estabelecidos, que era o domingo de Ramos do ano seguinte.

Apesar destes tardaram muitos anos antes das ameaças começaram a traduzir em fatos. Alarmado o Papado pela crescente extensão dos albigenses e valdenses no reino de Aragón e Cataluña, se queixou repetidamente intimando o cumprimento dos decretos.

Em 1226 e em 1228, Jaime I sob pressão de seu confessor, o dominico Raymundo de Peñafort, renovou a proibição da entrada de hereges em seus territórios e assinalou graves penas contra eles. Uma nova bula do papa em 1232 requereu os espanhóis religiosos a cumprir com seu dever e no ano seguinte publicou um novo decreto. A primeira referencia concreta e segura depois de tantos decretos e pressões chegando à execução em 1237, e foi em uma pesquisa levada a cabo no viscondado de Castellbo, foi provado que muitas casas foram destruídas, exumados e queimados os ossos de 18 pessoas e 45 foram condenadas como hereges e 15 delas foram queimadas, e outros às mais variadas penas. Durante uma nova visita dos inquisidores a Castellbo foi assassinado seu chefe, o qual deu lugar a severas represálias e abundante queima de hereges.

Em 1257 foram queimados os ossos de Ramón, conde Urgel e em 1269 os de Arnaldo, visconde Castellbo, e de sua filha Ermesinda, e de todos os hereges albigenses. Houve numerosas execuções que culminaram o assassinato do ativo inquisidor Frei Pedro de Cadreyta. Em princípios do século se verificaram várias profissões de fé (1302, 1304, 1314). Até o século XV há referências de profissões de fé e execuções esporádicas de hereges, designados principalmente como valdenses. Não há dúvida de que o número de vítimas foi maior que os que foram registrados, se considerarmos as beatificações e os elogios que em sua época foram deparados a alguns inquisidores por sua atividade, que não há referências detalhadas.

Com o passar dos anos, foram exterminados de tal maneira os albigenses e valdenses, e tais foram obstáculos para a propagação de sua doutrina, que seus inquisidores só falavam de vez em quando algum mísero valdense de cuja pobreza se lamentavam (Eymerich) pela fraca contribuição e eram definidas em Cataluña inclusive até por pessoas da nobreza.

A extensão dos hereges por Navarro e Leon foi rapidamente reduzida. Têm notícias de um processo contra os hereges em Leon em 1216 e outro em 1232. Um cátaro foi queimado ali em 1218. Não há nenhuma referencia de confiança que testemunhe a presença de valdenses ou albigenses em Castilla nos séculos XIII e XIV. Já avançado o século XV

menciona a existência de numerosos hereges, porém é duvidoso que possam estar relacionados de modo direto com os movimentos dissidentes de que temos falado até aqui.

QUESTIONÁRIO PARA A LIÇÃO 3.

c) (Segundo os capítulos do primeiro livro das Confissões)

Cap. I. No livro, Capítulo I de Confissões. Qual é o maior anelo do homem em relação a Deus?

Cap. II Segundo Agustín. Por qual razão Deus está em nós?

Cap. III. Pode a criação conter a totalidade de Deus?

Cap. IV. Dê um exemplo do paradoxo de Deus.

Cap. V. Por que Agustín não entrou em contenda com Deus?

Cap. VI. Ao pensar em sua infância a que conclusão chegou Agustín?

Cap. VII. As crianças são inocentes

Cap. VIII. Que marca a transgressão da infância fazia a meninice?

Cap. IX. De que maneira Agustín pecou quando era estudante?

Cap. X. Deus é o autor do pecado?

Cap. XI. Qual é o conceito de Agustín sobre o batismo na água?

Cap. XII. Como Deus usa os erros dos professores e estudantes?

Cap. XIII. Quais foram os idiomas que Agustín aprendeu quando era jovem?

Cap. XIV. Que papel tem a curiosidade natural na aprendizagem?

Cap. XV. Qual seria o caminho seguro para uma criança aprender?

Cap. XVI. Que papel tinha alguns mestres na aprendizagem da moralidade?

Cap. XVII. Qual a solução dada por Agustín para sua inquietude?

Cap. XVIII. Qual observação tinha Agustín sobre os mestres da gramática?

Cap. XIX. Agustín, como jovem se considerava inocente?

Cap. XX. Qual era a consolação final de Agustín?

d) Perguntas sobre Tomás de Aquino e a Suprema Teologia.

1. Escreva uma dissertação de uma página sobre o argumento de Aquino sobre a existência de Deus.
- e) Tarefa sobre os Precusores da Reforma.
 1. Escreva uma dissertação de duas páginas sobre os intentos de reformar a igreja segundo o Autor Vila.

Atividades para a classe.

Divida a classe em grupos de seis. Cada grupo terá duas pessoas que vão defender as tradições católicas romanas praticadas hoje em dia e duas pessoas vão protestar contra as tradições da igreja católica romana. As últimas duas pessoas vão apresentar a classe uma possível solução para que todo grupo possa estar em uma só igreja.

LIÇÃO 4

AS IGREJAS PROTESTANTES

Tese#4 A educação ministerial da Reforma na Europa é definida por um anticatolicismo, o confessionalismo provincial, a teologia bíblica, perseguição e piedade, sistemas de evangelização, missão de grupos marginalizados e a centralidade da pregação. A educação acadêmica e ministerial é desenvolvida.

ESBOÇO

4.0. Introdução

4.1. As 95 teses: Um fogo dentro da Igreja Católica e a fúria para a Reforma

4.2. A confissão de Augsburgo: um credo protestante

4.3. A instituição da Religião Cristã: A organização teológica da Reforma

4.4. Conclusão

4.0 Introdução

O sistema absolutista da Igreja Católica Romana (ICR) foi quebrado pelo estabelecimento das igrejas protestantes. Um estudo das 95 teses ajudará ao estudante familiarizar-se com os eventos históricos e os temas doutrinários pelo qual surgiu o protestantismo.

O protestantismo não é uma estrutura uniforme, tal como a ICR. Cada nação teria sua própria igreja protestante e o próprio credo.

- Inglaterra, Igreja Anglicana e os 39 artigos de fé; Confissão de Londres (Batista);
- Alemanha, Igreja Luterana e a confissão de Augsburgo;
- Holanda, Igreja Reformada e Confissão Belga, Cânones de Dorbt, Catecismo de Heidelberg;
- França, Igreja Reformada (Hugonotes); Confissão Gálica;
- Escócia, Igreja Presbiteriana e o Estandarte de Westminster.

Todos os credos protestantes do século XVI teriam em comum o seguinte:

- A autoridade da Bíblia sobre a tradição (só escritura) Para todas as igrejas protestantes a Bíblia é a autoridade máxima para a consciência, a igreja e a sociedade.
- A suficiência de Cristo (só Cristo). Não é possível acrescentar algo a obra redentora de Cristo. A morte de Jesus é o sacrifício suficiente para o perdão dos pecados. A ressurreição de Jesus é a garantia do reino de Cristo e a glorificação de seu povo.
- A graça é a única razão pela qual Deus salvou o seu povo (só graça). Os salvos não foram escolhidos pela sua boa conduta e nem pela sua fé, mas pela graça e misericórdia de Deus que o crente é escolhido por ele.
- A fé é o único instrumento para relacionar-se com Deus. Nenhum credo dos protestantes apóia a idéia de que as obras podem ser uma base que assegura a sua relação com Deus.
- A glória de Deus é a única e a mais elevada motivação e propósito de Deus para criar, salvar e glorificar ao seu povo.

Entre os protestantes nacionais do século XVI havia uma unidade doutrinal significativa. Por exemplo, as diferenças entre Martin Lutero e Juan Calvino são mínimas. A ruptura é mais visível na relação entre os primeiros protestantes e a reforma radical. Por exemplo, os anabaptistas e a maioria dos menonitas, são rejeitados por alguns protestantes e como respostas eles, também rejeitam aos protestantes. No século XVI, a doutrina anabaptistas quanto o batismo era aceita pelos batistas na Inglaterra e Holanda no século XVII. Os batistas não eram tão antiprotestantes como os movimentos anabaptistas no continente. Por exemplo, a confissão de Londres dos batistas, é quase igual ao estandarte dos presbiterianos. Os batistas e presbiterianos faziam parte do movimento puritano e anticonformista e ambos foram perseguidos pelos conformistas.

A teologia reformada, formulada principalmente por Juan Calvino em Genebra, funcionou como fator de unificação entre os protestantes de denominações diferentes. A obra principal de Juan Calvino não é a sua obra magistral, Instituição da Religião Cristã,

mas os seus pontos e comentários bíblicos. Ali se encontra a essência do movimento protestante, a teologia bíblica. A interpretação gramatical-histórica deu uma base fundamental para determinar doutrina e prática.

Entre as instituições de educação teológica, o mais famoso do século XVI era a “escola dos profetas”, dirigida por Juan Calvino em Genebra. O estudo das línguas originais, a teologia bíblica, a teologia sistemática e prática era parte do projeto. A primeira universidade protestante foi estabelecida em Utrecht, Holanda e foi à inspiração de Gisbertus Voetius.

A maioria dos pastores protestantes foi ensinada pelos líderes da Igreja. A educação formal foi requerida pelos protestantes provinciais (relacionado com o Estado), e a educação ministerial foi aprendida a exercer a vocação ministerial. O protestantismo clássico europeu, até os dias de hoje mantém esse dualismo na educação ministerial; uma parte acadêmica e formal e a outra parte ministerial e informal. Todavia, com o movimento da reforma radical, o congregacionalismo das igrejas batistas e em crescimento de grupos evangélicos, a educação ministerial se identificou mais com a Igreja que com a educação acadêmica e secular.

A herança teológica que temos recebido dos protestantes na Europa é tripla: um. A ênfase na mensagem de Cristo; dois, o enfoque na verdade bíblica e três, na formação das igrejas fiéis a Cristo e a Palavra de Deus. Notamos a relação nas igrejas protestantes provinciais da educação humanista formal e a formação ministerial informal e observamos a ênfase do treinamento pessoal e local da liderança dentro dos movimentos de renovação.

4.1 As 95 teses: Um fogo dentro da Igreja Católica Romana e a faísca para a Reforma.

Controvérsia sobre o valor das indulgências

AS 95 teses

(1517)

(Fonte: www.graciasoberana.com)

Por amor a verdade e pelo desejo de iluminar, as teses, abaixo assinada será disputada em Wittenberg, sob a presidência do R.P. Martin Lutero, Mestre em Artes e em Teologia. Suplica que intervenham pelo escrito, os que não podem estar presentes ao nosso debate oral. No nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.²

1. Quando o Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse “fazei penitência”³ quis que e toda a vida dos fiéis fossem penitência.
2. Esta palavra⁴ não pode entender como referida a penitência sacramental, é a confissão e a satisfação realizada pelo ministro sacerdotal.
3. Não somente se refere à penitência interior, é mais, a penitência interior é nula se não levar as mortificações da carne.
4. A pena permanece enquanto dura o aborrecimento próprio (nisto consiste a verdadeira penitência interior), ou seja, até a entrada no reino dos céus.
5. O papa não pode emitir pena alguma, com exceção das que tem sido impostas por sua vontade ou o teor dos cânones.
6. O papa não pode emitir nenhuma culpa, a não ser declarando e aprovando que tem sido aprovado por Deus; se estes desprezarem, a culpa permaneceria integralmente.
7. Deus não emite culpa de nada se não se submete humildemente e em todo o ao sacerdócio vicário.

² A introdução não implica ato público; é uma fórmula habitual de um convite a um debate escrito, e já que todos estavam acostumados.

³ Mateus 4, 17

⁴ “Esta palavra” é o mesmo que dizer a penitência.

8. Os cânones penitenciais são impostos somente aos vivos e conforme os mesmos, não se deve nada impor aos moribundos.
9. Por isso, o Espírito Santo nos concede um grande benefício por meio do papa, já que este exclui sempre em seus decretos o artigo da morte ou a necessidade.
10. Fazem de maneira ignorante e injusta os sacerdotes que reservam as penitências canônicas dos moribundos para o purgatório.
11. A discórdia aquela de comutar a pena canônica pela pena do purgatório devia semear enquanto os bispos estavam dormindo.
12. Em outros tempos as penas canônicas se impunham antes da absolvição, para estimular a contrição verdadeira.
13. Os moribundos se libertaram de tudo pela morte e estão já mortos e as leis canônicas, posto que pelo desejo não estão sujeitos a elas.
14. A piedade ou a caridade imperfeita do moribundo exige a força e temor tanto maior quanto menor houvesse sido aquela.
15. Este temor tem parecido com o desespero, basta por si só (por calar outras coisas) para constituir uma pena de purgatório.
16. Parece que o inferno e o purgatório e o céu diferem entre si no mesmo grau que o desespero, a quase desesperança do que a certeza.
17. Parece necessário que as almas do purgatório se aumente à caridade igual que se diminui o temor.
18. E não parece que se prove, nem pela razão nem pela Escritura, que se encontram fora do estado de merecer ou de aumentar a caridade.
19. Tampouco parece provado que estas almas – ao menos todas elas – estão certas e seguras de sua beatificação, mesmo que estejamos seguros disso;
20. Por isso a remissão plena de todas as penas impostas pelo papa, não se refere sinceramente a todas as penas, mas as que foram por ele impostas.
21. Equivocam, portanto, os pregadores das indulgências que afirmam que em virtude do papa, o homem se vê livre e salvo de toda a pena.
22. Não remite as almas do purgatório nenhum das penas que o teor dos cânones, deviam ser satisfeitos nessa vida.

23. Se a alguém se podem remitir todas as penas é seguro que só pode ser muito perfeito.
24. Por isso estão enganando a maior parte do povo com essa promessa magnífica da remissão da pena.
25. O poder que o papa possui para o purgatório em geral é a mesma que detenham qualquer bispo em sua diocese e o padre em sua paróquia.
26. Faz muito bem o papa quando concede as almas a remissão, não em virtude do poder das chaves (que não tem em modo nenhum), mas a modo de voto⁵
27. Os homens pregam que a alma volta (ao céu) no mesmo instante em que a moeda que arrojada deposita no cofre⁶
28. É certo que pela moeda que deposita no cofre pode aumentar a coleta e avareza, porém o voto da igreja depende somente da vontade divina.
29. Quem sabe se não há almas no purgatório que não desejam ser libertada, como disse S. Severino e S. Pascual!
30. Nada está oculto da verdade e de sus contrição, quanto menos, estará de conseguir a plena remissão.
31. As indulgências eram tão raras, como dar uma pessoa verdadeiramente arrependida.
32. Foram condenados por toda eternidade, com seus mestres, quantos se crêem que a sua salvação é assegurada à base de cartas de perdão.
33. Deve se desconfiar muito de quem afirma que essas indulgências do papa são um estimável dom divino, em virtude do qual o homem se reconcilia com Deus.
34. Porque essas indulgências se referem somente às penas da satisfação sacramental de estatutos feitos por homens.
35. Não pregam a verdade cristã quem ensina que não é necessária a contrição às pessoas que querem livrar sua alma (do purgatório) ou adquirir bilhetes de confissão.

⁵ A libertação das almas não estaria ligada a autoridade, seguindo a fé, mas que algo condicionado à suplica a oração, ao voto e a vontade de Deus em uma palavra (cf. tese 28)

⁶ Lutero diz aqui um verso satírico que já se falava desde o século anterior, cujo recurso ficou como hábito – entre os pregadores das indulgências.

36. Todo cristão verdadeiramente arrependido tem a devida remissão plena da culpa, ainda assim da carta de indulgência.
37. Todo o cristão, vivo ou morto, sem as cartas de indulgência, goza da participação da graça de Cristo e da Igreja, concedida por Deus.
38. Não obstante, sem desprezar a remissão e a participação concedida pelo papa, porque como tem dito, é a declaração da remissão divina.
39. Resulta em um extremo, inclusive para os teólogos mais doutos, propor ao povo a grandeza das indulgências e a verdade da contrição.
40. Um a contrição verdadeira busca e ama as penas; a abundância de indulgências e a verdade da contrição.
41. Deve pregar com muita cautela as indulgências apostólicas, para que não haja nenhum equívoco por parte do povo, preferindo as boas obras de caridade.
42. Deve ensinar aos cristãos, que, ao contrário do papa qualquer comparação entre indulgências e obras de misericórdia.
43. Deve ensinar ao cristão que a boa obra consiste em dar esmola ao pobre e ajudar o necessitado do que comprar indulgências.
44. Porque pelas boas obras de caridade, esta cresce e faz o homem melhor, enquanto que pelas indulgências não se faz melhor, tão somente se livra das penas.
45. Deve ensinar aos cristãos que vier a um monastério e o que puder dar ou comprar indulgências, não consegue a permissão do papa, mas instiga a indignação divina.
46. Deve ensinar aos cristãos que, a não ser que tenham em abundância, precisam reservar para sua casa o necessário e desperdiçar em compra de indulgências.
47. Deve ensinar aos cristãos que, a aquisição de indulgência é livre e não obrigatória.
48. Deve ensinar aos cristãos que o papa, quando outorga as indulgências, mais dinheiro sonante deseja e necessita a súplica devota.
49. Deve ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são úteis, mas não deve depositá-las confiança, é nocivo se por causa delas, perde o temor de Deus.

50. Deve ensinar aos cristãos que se o papa fosse consciente das ações cometidas pelos pregadores de indulgências, era preferível que a basílica de S. Pedro se convertesse em cinzas antes de edificá-la a custa da pele, da carne e dos ossos de suas ovelhas.
51. Deve ensinar aos cristãos que o papa estaria disposto que se tivesse que vender a basílica de S. Pedro a dar o seu próprio dinheiro a muitos a quem alguns pregadores de indulgências tiram.
52. É vão confiar na salvação a base de cartas de indulgências, mesmo que o comissário, inclusive mesmo que o papa penhorasse sua alma como prenda.
53. São inimigos do papa e de Cristo quem por pregar as indulgências ordenam que não se pregue absolutamente a Palavra de Deus nas demais igrejas.
54. Injuria a Palavra de Deus quando o mesmo sermão se emprega a mais tempo moderado pregar as indulgências do que pregar a palavra.
55. A intenção do papa é que se as indulgências (que são o mínimo) celebram como uma campanha, com uma só pompa e em uma cerimônia, ao evangelho (que é o máximo) se anuncie com cem campanhas, cem pompas e cem cerimônias.
56. Os tesouros da igreja, sobre os quais outorga o papa as indulgências, não estão suficientemente definidos nem são conhecidos pelo povo de Deus.
57. É evidente que não se trata de tesouros temporários, porque muitos pregadores não gastam com facilidade, pelo contrário, não fazem mais que ALLERGÁLOS;
58. Nem se trata dos méritos de Cristo e dos santos, posto que operam sem necessidade do papa a graça do homem interior e a cruz, a morte e inferno do exterior.
59. São Lourenço disse que os tesouros da igreja eram os seus pobres, porém deve-se usar esta expressão conforme o uso do tempo.
60. Sem temeridade afirmamos que este tesouro são as chaves da igreja, doadas pelos méritos de Cristo.
61. Porque basta a autoridade do papa para emitir as penas e os casos (canônicos)

62. O verdadeiro tesouro da igreja consiste no sacro santo evangelho de glória e a graça de Deus.
63. Porém com razão resulta, mesmo sabendo que os primeiros serão os últimos;
64. Pelo contrário, o tesouro das indulgências com razão resulta em que os últimos serão os primeiros.
65. Os tesouros evangélicos são as redes com o que em outros tempos se pescava os homens ricos.
66. Agora o tesouro das indulgências é pregado como maior graça, já que entendê-las por tais em relação com a ganância que procuram.
67. As indulgências pregadas como maior graça, devem entender por tais só em relação com a ganância que procuram.
68. Na realidade é pouca coisa, comparada com a graça de Deus e a piedade da cruz.
69. Os bispos e os padres são obrigados a admitir com toda reverência aos comissários das indulgências apostólicas.
70. Porém são mais obrigados ainda a vigiar com os olhos abertos e advertir e com ouvidos atentos, para que aqueles não preguem suas próprias emoções em ligar da comissão do papa.
71. Seja anátema e maldito quem fala contra a verdade das indulgências papais.
72. Porém seja bendito quem preocupe de lutar contra o cinismo e a licenciosidade verbal do pregador das indulgências.
73. Como que o papa, com toda a justiça fulmina a quem de qualquer forma negociam com fraude.
74. Com motivo maior intenta fulminar a quem, como pretexto de indulgência, cometem fraudes na santa caridade e a verdade.
75. É loucura a opinião de que as indulgências papais têm tanto valor que podem absolver a um homem, inclusive por um impossível, houvesse violado a mãe de Deus⁷.

⁷ Lutero recorre algumas das murmurações de mau gosto, em concreto, esta tão chocante que o próprio Tetzel se encarregou de RECHAZAR com brio, ganhando a categoria de pura calúnia. Cf. N. Paulus, Johann Tezel, der Ablassprediger, Mainz 1889, 56 ss.

76. Afirmamos que as indulgências papais são podem quitar a culpa do mínimo pecado perdoável.
77. O que se diz de que nem o próprio São Pedro, se fosse papa poderia outorgar graças maiores, é uma blasfêmia contra São Pedro e contra o papa.
78. O que se diz de que nem o próprio São Pedro, que foi o papa, poderia outorgar graças maiores, tais como o evangelho, as virtudes, o poder das orações, etc, conforme I Cor. 12: 2.
79. É uma blasfêmia afirmar que a cruz ereta com a insígnia das armas pontifícias equivale à cruz de Cristo.
80. Terão que prestar contas os bispos, padres e teólogos que permitem tais pregações de tais sermões ao povo.
81. Esta pregação licenciosa das indulgências faz que nem sequer aos letrados lhe seja fácil salvar a reverência devida ao papa e as calúnias dos laicos.
82. A saber: Por que o papa também não vai ao purgatório por sua santíssima caridade e pala grande necessidade das almas que é a causa mais justa de todas, se salva a alma pelo dinheiro da construção da Basílica, que é a causa mais significativa?
83. Item: Por que continuam aos funerais e aniversários de defuntos, e não devolve o que permite que se percebam os benefícios para eles, já que é uma injúria orar pelos redimidos?
84. Que nova piedade de Deus e do papa que permite a um ímpio inimigo de Deus salvar-se pelo dinheiro a uma alma piedosa e amiga de Deus, não a redimir com gratuita caridade pela necessidade da mesma alma piedosa e amada de Deus?
85. Item. Por que seguem redimidos ainda pela concessão de indulgências e como se fossem atuais, cânones penitenciais, que por sua mesma natureza e pelo desuso desde tanto tempo estão julgados e mortos?
86. Item. Por que o papa, cujas riquezas hoje são maiores que os mais opulentos espessos, não constituem uma só basílica de São Pedro com seu próprio dinheiro, melhor que com ele dos pobres fiéis?

87. Item. Que é o que perdoa o papa a quem por perfeita contrição tem desejo a participação e plena remissão?
88. Item. Que maior bem possa vir à igreja que é o que o papa em vez de conceder, como faz, uma vez ao dia estas remissões e participações concedessem a cada fiel cem vezes a diária?
89. Já que o papa busca a salvação das almas pelas indulgências melhor que pelo dinheiro. Por que suspende o valor das cartas e indulgências concedidas em outros tempos se tem a mesma eficácia?
90. Calar essas argumentações dos laicos só pela autoridade, e não desfazê-la racionalmente, equivale a colocar em ridículo a igreja e o papa diante de seus inimigos e infortúnio dos cristãos.
91. Todas estas coisas solucionariam, inclusive nem teriam lugar, se as indulgências se pregassem conforme o espírito e a mente do papa.
92. Portanto, fora, todos os profetas que pregam ao povo de Cristo “paz, paz, não há tal paz”⁸
93. Bem-vindos todos os profetas que pregam ao povo de Cristo “cruz, cruz, posto que já não é tal cruz”.
94. Deve exortar aos cristãos que tratem de seguir a Cristo, o Cabeça, através de penas, mortes e enfermidade.
95. E deve confiar que dessa forma entrarão no Céu através de tribulações⁹ melhor do que baseados na segurança e na paz.

Questão

Quais das 95 teses não podem ser aceitas em sua igreja local? Por que?

4.1. A confissão de Augsburgo: um credo protestante

⁸ Jeremias 6: 14

⁹ Atos 14: 22

A Confissão de Augsburgo: É a primeira confissão do movimento protestante do século XVI. Esta confissão foi preparada durante os anos 1520 a 1530 e aceita pelas igrejas luteranas.

I. DEUS¹⁰

Em primeiro lugar, se ensina de acordo com o Concílio de Nicéia¹¹ que há uma só essência divina, que se chama Deus e verdadeiramente Ele é. Todavia há três pessoas na mesma essência divina, igualmente, poderosa e eterna: Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. São um só, sem divisão, sem fim, de igual sabedoria e bondade, um Criador e Conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Com a palavra não se entende uma parte nem a qualidade de outro, mas que subsiste por si mesmo, tal como os pais têm empregado a palavra nessa matéria.¹²

Portanto, se enganam todas as heresias contrárias a esse artigo, tais como a dos maniqueos¹³ que afirmam dos deuses, um do mau e outro do bem; também a dos valentinianos¹⁴ os arrianos¹⁵ os eunomianos¹⁶, os maometanos¹⁷ e todos os seus similares. Também os samosatenses antigos e modernos, que sustentam que há uma só pessoa asseguram que as outras pessoas do verbo e o Espírito Santo, não são pessoas distintas, mas que o Verbo significa a Palavra ou a voz e que o Espírito Santo é uma energia gerada entre os seres criados.

II O PECADO HEREDITÁRIO

¹⁰ Os títulos de alguns artigos da confissão foram acrescentados no ano 1533 e depois.

¹¹ Vê a introdução histórica ao Credo de Nicéia

¹² Esse significado de pessoa se dirige contra o modalismo, segundo o qual as três pessoas são “modos” pelos quais se manifesta a essência divina

¹³ Constituíam uma seita fundada por Manes na Pérsia no terceiro século depois de Cristo. Ensinavam um dualismo drástico.

¹⁴ Eram gnósticos do segundo século d.C. Ensinavam que havia trinta EONES ou deuses e as pessoas da trindade são procedentes de tais EONES.

¹⁵ Seguidores da doutrina de Arrio, falecido em 336 d.C. Arrio ensinou que o Filho de Deus é uma criatura que “havia tempo que ele não existia”

¹⁶ Eram os SECUASES de Eunomio, ou bispo de Casio em Mísia, durante o quarto século d.C. Representavam um arrianismo estrito e radical.

¹⁷ Os maometanos ressaltam drasticamente a unidade de Deus e negam a trindade. Os reformadores do século XVI freqüentemente referiam o islamismo em termos de uma heresia antitrinitariana.

Desde a queda de Adão todos os homens nascem segundo a natureza concebem e nascem em pecado. Isto é desde o seio da mãe estão cheios de maus desejos e pela natureza, não podem temer de Deus e nem a fé. Essa enfermidade, o pecado hereditário colocou o homem sob a ira de Deus, a não ser que venha nascer de novo pelo batismo e o Espírito Santo.

A respeito disso se engana aos pelagianos¹⁸ e outros que negam que o pecado hereditário seja pecado, porque consideram que a natureza se faz justa mediante os poderes naturais no menosprezo dos sofrimentos e o mérito de Cristo.

III. O FILHO DE DEUS

Assim mesmo se ensina que Deus o Filho se fez homem, nascido da imaculada Virgem Maria, e que as duas naturezas, a divinas e a humana, inseparáveis unidas em uma só pessoa¹⁹ de modo que são um só Cristo, o qual é o verdadeiro Deus e verdadeiro Homem que realmente nasceu, padeceu, foi crucificado, morto, sepultado, para ser sacrifício, não só pelo pecado hereditário, mas também por todos os demais pecados²⁰ e expiar a ira de Deus. O mesmo Cristo desceu ao inferno e está assentado a destra do Pai, e reinará eternamente e ter domínio sobre toda a criatura a fim de santificar, purificar, fortalecer e consolar mediante o Espírito Santo a todos os que nele crêem, proporcionando toda a sorte de dons e graça, defendendo-lhes e protegendo contra o diabo e o pecado. O mesmo Senhor Jesus finalmente virá para julgar os vivos e os mortos, de acordo com o Credo Apostólico.

IV. A JUSTIFICAÇÃO

Não podemos obter o perdão do pecado e a justiça diante de Deus pela graça, por causa de Cristo mediante a fé, se cremos que Cristo morreu por nós e que por sua causa nos perdoa o pecado e se nos concedem a justiça e a vida eterna. Pois Deus há de considerar e

¹⁸ Os pelagianos eram os seguidores de Pelagio que a princípio do século V negou o pecado original e ensinou que o homem pode salvar-se usando o livre arbítrio auxiliado pela graça de Deus

¹⁹ De acordo com a formulação adotada pelo Concílio de Calcedônia em 451.

²⁰ Ver Art. XXIV

colocar esta fé como justiça diante de si mesmo, como Paulo disse aos Romanos nos capítulos 3 e 4.

V. O OFÍCIO DA PREGAÇÃO

Para conseguir esta fé, Deus instituiu o ofício da pregação²¹, tem dado o evangelho e os sacramentos. Por meio disso, como por instrumentos, ele outorga o Espírito Santo, quem realiza a fé e quando a PLACE, em quem ouvem o evangelho. Temos um Deus cheio de graça pelo mérito de Cristo e não pelo nosso, se assim o cremos.

Condenam-se os anabaptistas e outros que ensinam que sem a palavra externa do evangelho obteremos o Espírito Santo pela disposição, pensamentos e pelas próprias obras²².

VI. A NOVA OBEDIÊNCIA

Ensina-se também que tal fé deve produzir bons frutos e que devem realizar toda a boa obra que Deus havia ordenado²³. Todavia não devemos firmar em tais obras para merecer a graça diante de Deus. Pois recebemos o perdão do pecado e a justiça mediante a fé em Cristo, como ele mesmo disse. “Quando tendes feito tudo isso, dizei: Servos inúteis são²⁴”. Assim ensinam também os padres, pois Ambrósio afirma: “Assim Deus constituiu que quem crê em Cristo seja salvo e tenha perdão dos pecados não por obra, mas pela fé e sem mérito”.²⁵

VII. A IGREJA

²¹ O texto deste artigo mostra que os reformadores não concebiam o “ofício da pregação” ou o “ministério” em termos clericais.

²² O nome “Anabaptistas” compreende a numerosos e diversos sectários da época da Reforma que ensinavam que as crianças não devem batizar até que cheguem a idade da razão.

²³ Contra as obras não ordenadas que se detalham abaixo no Art. XX, 3 e Art. XXVI, 2.

²⁴ Lucas 17: 10

²⁵ Na época da Reforma estas palavras se atribuíam a Ambrósio o bispo de Milão (339 – 397 d.C.). Agora sabemos que formam parte do comentário I Cor. 1: 4 escrito por “Ambrosiaster”, o nome dado por Erasmo o autor desconhecido de comentários latinos sobre as três epístolas de Paulo.

Ensina-se também que existirá e permanecerá para sempre uma santa igreja cristã, que se a assembleia de todos os crentes, entre os quais se pregam genuinamente o evangelho e se administram os santos sacramentos..

Para a verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que se pregue com unanimidade o evangelho conforme a uma concepção genuína dele e que os sacramentos se administrem de acordo à palavra divina. E não é necessária para a verdadeira unidade da igreja cristã que em todas as partes celebrem de modo uniforme cerimônia de instituição humana. Como Paulo disse aos efésios em 4: 4-5: Um corpo e um Espírito, como fostes chamados em uma mesma esperança de vossa vocação, um Senhor, uma só fé, um só batismo.

VIII. QUE É A IGREJA

A Igreja cristã verdadeira não é outra coisa que a assembleia de todos os crentes e santos, todavia, já que nessa vida há muitos falsos cristãos, hipócritas e pecadores que permanecem entre os piedosos, os sacramentos são igualmente eficazes mesmo quando os sacerdotes que os administram sejam ímpios. É como Cristo mesmo aponta: “Na Cátedra de Moisés sentam os fariseus”²⁶.

Pelo seguinte, se condena aos donatistas²⁷ e a todos os demais que ensinam de maneira diferente.

IX. O BATISMO

Com respeito ao batismo se ensina que é necessário, que pelo meio dele se oferece a graça e que devem batizar-se também as crianças, os quais mediante tal batismo são encomendados a Deus e chegam a ser aceitos.

Por esse motivo se engana aos anabaptistas, que ensinam que o batismo de párvulos é ilícito.

²⁶ Mateus 23: 2

²⁷ Os donatistas eram um grupo rigoroso da igreja africana a princípios do século IV. Negavam a validade do ministério dos bispos que haviam na perseguição de Diocleciano.

X. A SANTA CEIA

Com respeito à Santa Ceia do Senhor se ensina que verdadeiramente o corpo e o sangue de Cristo estão realmente presentes na Ceia sob as espécies²⁸ de pão e vinho que se distribuem e se recebem ali. Portanto, se engana o ensinamento contrário.

XI. A CONFISSÃO

Com respeito a confissão se ensina que absolvição privada deve conservar na Igreja e que não deve cair em desuso, se bem na confissão não é necessário relatar todas as transgressões e pecados, porquanto isso é impossível. Salmo 19: 12 “Os erros, quem os entenderá?”²⁹

XII. O ARREPENDIMENTO

Em relação ao arrependimento deve-se ensinar que quem peca depois de ser batizado podem obter o perdão dos pecados toda vez que se arrependem e a igreja não deve negar-lhes a absolvição. Propriamente dito, o verdadeiro arrependimento não é outra coisa que contrição por causa do pecado, se cremos no evangelho e na absolvição, dizemos que o pecado tem sido perdoado e que por Cristo se tem obtido a graça. Esta fé, por sua vez, consola o coração e o apazigua. Depois deve abandonar o pecado, isso é o fruto do arrependimento de que fala João em Mateus 3: 8: “Fazei frutos dignos de arrependimento”.

Engana-se aos que ensinam que quem uma vez se converteu já não podem cair.³⁰

Por outro lado, se engana também os novacianos³¹.

Também se enganam aos que ensinam que não se obtém o perdão dos pecados pela fé, mas pela nossa expiação.

²⁸ LA CONFUTATIO, dos teólogos romanos estendeu que este artigo ensinava a transubstanciação, a qual não obstante era negada por Melancchton.

²⁹ O concílio Laterano de 1215 no cap. 21 exige a confissão de todos os pecados. A doutrina da Confissão de Augsburgo, em relação à confissão se condenou no Concílio de Trento, seção XIV, can. 7. Compare o Art. XXV.

³⁰ Assim ensinou, por exemplo, Hans Denck

³¹ Grupo radical em Roma em meados do século III que negavam a readmissão à Igreja de quem havia cometido pecados graves.

XIII. O USO DOS SACRAMENTOS

E quanto ao uso dos sacramentos se ensina que estes foram instituídos numa só forma para conhecer exteriormente aos cristãos, mas que são sinais e testemunhos da vontade divina em nós para despertar e fortalecer nossa fé. Por essa razão os sacramentos exigem e se empregam devidamente quando se recebem com fé e desse modo se fortalecem.

XIV. GOVERNO ECLESIAÍSTICO

Com respeito ao governo eclesiástico, diz que nada deve ensinar publicamente na igreja, nem pregar, nem administrar os sacramentos sem o legítimo chamado.

XV. RITUAIS ECLESIAÍSTICOS

Dos rituais eclesiásticos se ensina que observem os que podem realizar sem pecado e que sirvam para manter a paz e a ordem na igreja, como certas celebrações, festas³² e coisas semelhantes. Todavia, não se deve colocar na mente como se tais coisas fossem necessárias para a salvação. Sobre essa matéria se ensina que todas as ordenanças e tradições instituídas pelos homens com o fim de acalmar a Deus e merecer sua graça são contrárias ao Evangelho e a doutrina acerca da fé em Cristo. Por isso, os votos monásticos e outras tradições relacionadas com a distinção das comidas, dos dias³³, por meio das quais, intenta merecer a graça e satisfazer pelos pecados, são inúteis e contrárias ao evangelho.

XVI. O ESTADO E O GOVERNO CIVIL

Em relação ao Estado e o governo civil se ensina que toda autoridade no mundo, todo governo e as leis foram criados e instituídos por Deus para manter a ordem. Ensina-se que

³² Para o ano 1530 muitas festas dos santos haviam sido abolidas entre os aderentes da reforma de Lutero e a maior parte dos dias dos apóstolos havia sido transferidos aos domingos seguintes; não obstante, muitas festas do ano eclesiásticos se retiveram.

³³ Os dias de jejum prescritos pela Igreja de Roma.

os cristãos, sem incorrer no pecado, podem tomar parte no governo e no ofício de príncipes e juizes; decidir, segundo as leis imperiais e outras leis vigentes, castigar com a espada a juramento quando se exige, ter propriedade, contrair matrimônio, etc.

A esse respeito, condenam-se os anabaptistas, que ensinam que nenhuma das coisas citadas acima é cristã.³⁴

Condenam-se também aqueles que ensinam que a perfeição cristã consiste em abandonar a casa, o lar, a esposa, filhos, e prescindir das coisas já mencionadas.³⁵ Ao contrário não destrói o governo secular, o estado e o matrimônio, ao contrário sua intenção é que tudo isso se considere como verdadeira ordem divina e que cada um, de acordo com a sua vocação, manifesta em todos os estados o amor cristão e as boas obras. Porque os cristãos são obrigados a submeter-se a autoridade civil e obedecer a seus mandamentos e leis em tudo o que pode fazer-se sem pecar, porém deve obedecer a Deus que os homens. Atos 5: 29.

XVII. O RETORNO DE CRISTO PARA O JUIZO

Também se ensina que o nosso Senhor Jesus Cristo virá para julgar e ressuscitará todos os mortos. Dará aos cristãos, os escolhidos, vida e gozo eternos, para os ímpios e aos demônios, os condenará ao inferno, o castigo eterno.

Por conseqüência, os anabaptistas se enganam quando ensinam que os demônios e os homens condenados não sofrerão pena e tormentos eternos.

Da mesma forma, se enganam algumas doutrinas judaicas que atualmente aparecem, as quais ensinam que antes da ressurreição dos mortos, só os santos e piedosos ocuparão o reino na Terra e aniquilarão todos os ímpios.

XVIII. O LIVRE ARBÍTRIO

³⁴ Entre os anabaptistas, haviam diferenças de opinião em relação ao Estado, o matrimônio e ao comércio, etc.; porém alguns deles adotaram a postura negativa que aqui se descreve.

³⁵ O mormaticismo, e também alguns anabaptistas encarnaram esta idéia da perfeição cristã. Vê-se também o Artigo XXVII abaixo.

Ensina-se também que o homem tem até certo ponto, o livre arbítrio, que o capacita para levar uma vida exteriormente honrada e para escolher as coisas que entende a razão. Mas sem a graça, a ajuda e a obra do Espírito Santo o homem não pode agradar a Deus, temer a Deus de coração, crer, nem arrancar de seu coração os maus desejos. Isso só acontece pela obra do Espírito Santo, que é dado mediante a Palavra de Deus. Paulo disse em I Cor. 2: 14: “O homem natural não percebe as coisas que são do Espírito de Deus”.

Para que se possa apreciar que isto não se ensina, cita-se a continuação do terceiro livro de Hipognosticon, as palavras de Agustín sobre o livre arbítrio, porque todos têm por natureza, o entendimento e razão inato. Isto não quer dizer que não sejam capazes de fazer algo, por exemplo, amar de coração e temer a Deus. Pelo contrário, só enquanto as obras externas dessa vida têm a liberdade de escolher o bem ou o mal. Quero dizer que a natureza humana pode decidir se trabalhará no campo ou não, se comerá, ou beberá, ou visitará um amigo ou não, se vai por ou tirar o vestido, se vai edificar a casa, tomar a esposa, se realizará algum trabalho ou se fará algo semelhante que seja útil e agradável. Não obstante, tudo isso não existe e nem subsiste sem Deus, mas todas as coisas procedem dele e se realiza por ele. O homem por escolha própria pode empreender o mau, como, por exemplo, ajoelhar-se diante de um ídolo, cometer homicídio, etc.

XIX. A CAUSA DO PECADO

Sobre a causa do pecado se ensina que o Deus onipotente criou e sustenta todas as coisas, a vontade perversa do diabo e de todos os ímpios produz o pecado e todos os males e quem despreza a Deus. Esta vontade, como Deus tem tirado a mão, se volta de Deus o mal, como Cristo disse em João 8: 4: “O diabo fala mentira que é seu próprio”.

XX. A FÉ E AS BOAS OBRAS

Acusam falsamente de proibirmos de fazer as boas obras, pelos seus escritos sobre os Dez Mandamentos e outros escritos manifestam que tem proporcionado úteis exposições e

exortações a respeito das profissões e obras verdadeiramente cristãs, sobre isso pouco se tem ensinado, ao contrário, a maioria se preocupava com sermões, obras infantis e desnecessárias, como a reza do rosário, o culto a santos, o monacato, as peregrinações, jejuns, festas, associação, etc. Nossos adversários já não louvam tais obras desnecessárias com tanto exagero como antes. Além disso, tem-se aprendido a hora de se falar da fé, sobre a qual em tempos passados não se pregavam absolutamente nada. Agora ensinam que não somos justificados diante de Deus somente pelas boas obras, mas isso acrescenta a fé em Cristo. Dizem que a fé e as boas obras nos tornam justos diante de Deus. Tal ensinamento possivelmente proporciona algo mais de consolo do que o ensino que se confie unicamente nas obras.

Já que a doutrina da fé, que é a principal da existência cristã deixou de ressaltar por tanto tempo, e só se pregava em todas as partes à doutrina das boas obras, os nossos tem ensinado o seguinte em respeito a essas coisas.

Primeiramente, nossas obras não podem nos reconciliar com Deus, nem merecer a graça, mas isso acontece só mediante a fé em que crer que se nos perdoam os pecados por causa de Cristo, quem só é o mediador que reconcilia ao Pai. Agora, quem pensa em realizar isso mediante as obras e merecer a graça, despreza a Cristo e busca seu próprio caminho a Deus vai contra o Evangelho.

Sobre este ensino sobre a fé, Paul fala claramente em muitos textos, especialmente em Ef. 2: 8: “Porque pela graça sois salvos por meio da fé, isso não vem de vós é dom de Deus; não por obras para que ninguém se glorie”.

E que com isso não se introduz nenhuma interpretação nova se pode demonstrar com os escritos de Agustín, quem trata esse assunto esmeradamente e ensina que por meio da fé em Cristo, obtemos a graça e somos justificados diante de Deus e não mediante as obras, como manifesta o seu livro intitulado “O Espírito e a letra”.

É certo que essa doutrina é desprezada entre as pessoas que não tem sido posta à prova, não obstante, é cheio de consolação e benéfica para as consciências tímidas e aterrorizadas. Porque a consciência não pode achar a paz e sossego por meio das obras, mas só pela fé que se persuade com segurança de que a graça de Cristo tem um Deus cheio de graça, como Paulo disse em Romanos 5: 1: “Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus”.

Em tempos passados, não se ensinava este consolo nos sermões, pelo contrário, as pobres consciências eram estimuladas a apoiar-se em suas próprias obras, de modo que empreendam obras de diversas classes. A consciência impulsionou alguns a entrar em monastérios com a esperança de merecer a graça por meio da vida monástica. Outros fizeram boas obras a fim de merecer a graça satisfazer pelos pecados. Muitos deles experimentaram que não se obtém a paz por esses meios. Portanto era necessário pregar e ressaltar diligentemente essa doutrina da fé em Cristo para que os homens superem que se consegue a graça de Deus unicamente pela fé sem o próprio mérito.

Ensina-se também que neste contexto, não se trata daquela fé que o diabo e o ímpio possui, os quais também crêem na história de que Cristo sofreu e ressuscitou dentre os mortos, pelo contrário se trata da verdadeira fé que mediante Cristo obtemos a graça e o perdão do pecado.

Sabe-se que por meio de Cristo há um Deus cheio de graça, este conhece a Deus lhe invoca e não vive sem Deus a semelhança dos pagãos. Pois o diabo e os ímpios não crêem neste artigo do perdão dos pecados, pelo seguinte são hostis a Deus, não pode invocar-lhe e nada de bom se espera dele. Portanto, a Escritura se refere a fé, como acabamos de indicar, porém não chama de fé ao conhecimento que possui o diabo e os ímpios. Em Hebreus 11: 1 ensina-se que a fé não consiste em somente em conhecer os relatos, mas ter a certeza de que Deus cumprirá com as promessas. Agustín nos recorda que devemos entender que na Escritura a palavra fé significa confiança em Deus, a certeza de que Ele nos dá a sua graça, e não só o conhecimento dos sucessos históricos que também possui o diabo.

Também deve ensinar que as boas obras devem realizar-se necessariamente, com o objetivo de que cada um confie nelas para merecer a graça, mas que devem fazer por causa de Deus e para o Seu louvor. A fé se apodera só da graça e do perdão do pecado. E já que mediante a fé se concede o Espírito Santo, também se capacita o coração para fazer as boas obras. Pois antes de crer, enquanto não tem o Espírito Santo, o coração é demasiadamente fraco, além do mais está sob o poder do diabo que impulsiona a pobre natureza humana a cometer muitos pecados. Isto se vê no caso dos filósofos quem propôs a viver de uma forma honrada e irrepreensível. Todavia, não puderam terminar, mas que caíram em graves pecado manifestos. Assim acontece quando o homem não tem a verdadeira fé no Espírito Santo e se governa só com suas próprias forças humanas.

Pelo seguinte, não há de se recriminar a essa doutrina da fé que proíbe as boas obras, pelo contrário, antes deve ser louvado por ensinar que se devem fazer as boas obras e por oferecer ajuda com a qual realizá-las. Porque fora da fé longe de Cristo, a natureza e o poder humanos são fracos como para fazer boas obras, invocar a Deus, ter paciência em meio ao sofrimento, amar o próximo, terminar com diligência os ofícios que tem sido ordenado, ser obediente, evitar os maus desejos, etc. Tais grandes e genuínas obras não podem fazer-se sem a ajuda de Cristo, como ele mesmo disse em João 15: 5: “Sem mim, nada podeis fazer”.

XXI. O CULTO DOS SANTOS

Em relação ao culto aos santos ensina-se que deve ter a memória deles para fortalecer nossa fé, vendo como eles receberam a graça e como foram ajudados mediante a fé. E também, devemos seguir o exemplo de suas boas obras, cada qual de acordo com a sua vocação. Sua majestade imperial, ao fazer a guerra contra os turcos, pode seguir o exemplo de Davi, já que ambos desempenharam o ofício real que exige a defesa e a proteção de seus súditos, porém não se deve demonstrar com a Escritura que se deve invocar aos santos e invocar a sua ajuda. “Há um só propiciador e mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo”.(I Tm. 2: 5). Ele é o único Salvador e o único sumo sacerdote, propiciador e intercessor (Rm. 8: 34) e só Ele tem prometido ouvir a nossa oração. De acordo com a Escritura, o culto divino mais excelso é buscar e invocar de coração a este mesmo Jesus em toda necessidade e angústia: “Se alguém peca, advogado temos para com o Pai, a Jesus, o Justo”.

Esta é a quase suma doutrina que se prega e que se ensina em nossas igrejas para instruir e consolar a consciência e melhorar o cristão. Não queríamos por perigo nossas próprias almas e consciência diante de Deus pelo abuso do nome ou da palavra divina, nem desejamos deixar de herança a nossos filhos e descendentes uma outra doutrina que não está de acordo com a Palavra. Posto que a doutrina está claramente fundamentada na Escritura Sagrada e não vai contra os princípios da Igreja cristã universal, tampouco a igreja romana, até onde seu ensinamento se reflete nos escritos dos pais, opinamos que nossos adversários não podem estar em desacordo conosco enquanto os artigos acima

expostos. Portanto, quem se propõe afastar, resusar e evitar aos nossos como hereges, atuam precipitadamente e contra toda a unidade e amor cristãos; e o fazem sem fundamento sólido no mandamento divino ou na Escritura. Na realidade a dissensão e a disputa se referem a certas tradições e abusos. Já que não há nada de errado com os artigos principais, sendo essa nossa confissão piedosa e cristã, os bispos em toda a justiça deveriam mostrar mais tolerantes, mesmo que nos falta algo a respeito da tradição, mas esperamos expor razões bem fundamentadas pelas que se tem modificado entre nós algumas tradições e abusos.

Artigos em controvérsia, aonde se detalham os abusos que tem sido corrigido.

Em relação aos artigos de fé, nada se ensina em nossas igrejas que sejam contrárias às Sagradas Escrituras ou a Igreja Cristã Universal. Somente têm-se corrigido alguns abusos, os quais em parte se tem introduzido com o decorrer do tempo, outros tem sido implantado a força. Em vista disso, precisamos resenhar tais abusos e assinalar o motivo pelo qual se tem tolerado uma modificação nestes casos. Assim Vossa Majestade Imperial possa dar conta de que nesse assunto não se tem atuado de maneira anticristã, mas que temos sido impulsionados a permitir tais mudanças pelos mandamentos de Deus, o qual com razão se deve ter em maior auto-estima que todo costume humano.

XXI. AS DUAS ESPÉCIES NO SACRAMENTO

Entre nós se dão as laicas ambas espécies do sacramento porque este é um mandamento e uma ordem clara de Cristo: “bebei dele todos”, Mateus 26: 27, nesse texto, com palavras claras, Cristo ordena que todos devem beber do cálice.

Para que ninguém ponha em dúvida essas palavras nem as interprete como se referisse somente aos sacerdotes, Paulo indica em I Cor. 11: 20, que toda a assembléia da igreja em Corinto usou de ambas espécies. Este uso permaneceu por muito tempo na igreja, como vemos os relatos e os escritos dos padres. Cipriano menciona que em muitas passagens que em sua época, o cálice se dava os laicos. San Jerônimo disse que os sacerdotes que administravam o sacramento ao povo o sangue de Cristo. O papa Gelásio mesmo ordenou que não se dividisse o sacramento. Não se encontra em nenhuma parte do Cânon alguma lei

que ordena a recepção de uma só espécie. Ninguém pode saber tampouco quando ou por quem se havia introduzido este costume de receber uma só espécie, mesmo que o cardeal Cusano menciona que quando se aprovou este costume. É óbvio que tal costume, introduzida contra o mandamento de Deus, e também contra os antigos cânones, não é legítima. Portanto, não é justo curvar as consciências de quem desejam celebrar o santo sacramento de acordo com a instituição de Cristo nem obrigá-los a atuar contra a ordem de nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda, posto que a divisão do sacramento é contrária a instituição de Cristo se suprime entre nós a procissão na qual se encarrega o sacramento.

XXIII. O MATRIMÔNIO DOS SACERDOTES

Faz-se necessário ouvir em todo mundo, entre todas as classes de pessoas, já de posição elevada ou humilde, uma forte queixa em relação a grande imoralidade e a vida desenfreada dos sacerdotes que não podiam permanecer inertes e com seus vícios tão abomináveis haviam chegado ao cúmulo. Para evitar um terrível escândalo, adultério e outras formas de lascívia, alguns dos sacerdotes escolheram casar. Estes alegam como motivo que os motivou a grande angústia de sua consciência, já que a Escritura afirma claramente que o matrimônio foi ordenado por Deus para evitar a impureza, como disse Paulo: “A causa das fornicções, cada um tenha a sua própria mulher; é melhor casar do que viver abrasado”. Cristo também disse em Mateus 19: 11: “Nem todos recebem esta palavra”, o mesmo Cristo indica que pouco tem o dom da abstinência. “Homem e mulher, Deus os criou”, Gn. 1: 27. A experiência tem demonstrado claramente se o homem por suas próprias forças e faculdades, sem dom e graça especiais de Deus, pelo próprio empenho e voto, pode melhorar ou mudar a criação de Deus, que é a suprema majestade. Que tipo de vida ou conduta cristã honrosa resulta disso? Tem ficado manifesto que na hora da morte muitos têm sofrido em sua consciência a inquietude, coisa que muitos tem admitido. Já que a Palavra e o mandamento de Deus não pode ser alterado por nenhum voto ou lei humana, os sacerdotes e outros clérigos têm se casado por esses motivos.

Também se pode comprovar pelos relatos e pelos escritos dos padres que na Igreja cristã de antigamente que os sacerdotes e diáconos costumavam casar-se. Por isso disse Paulo em I Tm. 3: 3: “É necessário que o bispo seja irrepreensível e marido de uma só

mulher”. E não foi só apenas quatrocentos anos que os sacerdotes em terras germânicas foram despojados com violência do matrimônio e obrigado a fazer o voto da castidade. E foi tão generalizada e veemente a oposição que um arcebispo de Maguncia, o qual havia promulgado o novo edito papal a respeito, por pouco foi morto em uma insurreição de todo o sacerdócio. A mesma proibição desde o princípio foi colocada em prática de uma forma precipitada que o papa não só proibiu aos sacerdotes o casamento futuro, como também dissolveu os matrimônios de quem já havia casado por muito tempo, o qual não é só o contrário a todo o direito divino, natural e secular, mas que também é diametralmente oposto aos cânones que os mesmos papas haviam formulado e os concílios mais célebres.

Portanto em submissão a Vossas Majestades Imperiais, estão confiados de que como imperador ilustre, se designará a ter presente que nestes dias dos quais fala a Escritura, ao mundo se volta pior e os homens se fazem mais fracos e frágeis.

Faz-se necessário o cristão compreender esse fato para que a proibição do casamento não ocasione a introdução em terras alemãs de imoralidade e vícios mais vergonhosos. Ninguém pode dispor e nem modificar tais coisas com mais sabedoria do que Deus, quem instituiu o casamento para prestar auxílio à fraqueza humana e evitar a imoralidade.

Também os antigos cânones dizem que às vezes é necessário suavizar e diminuir a dureza e o rigor, a causa da debilidade humana para precaver e evitar o escândalo.

Nesse caso, portanto seria necessário: “Como pode ser uma desvantagem para toda a igreja cristã o matrimônio dos sacerdotes e religiosos, especialmente o matrimônio dos pastores e outros que devem servir a igreja? No futuro haverá escassez de sacerdotes e pastores se continuar a proibição do matrimônio?”

O matrimônio dos sacerdotes e clérigos está fundamentado na Palavra e ordens divinas. Além disso, a história demonstra que os sacerdotes casaram e que o voto de castidade tem ocasionado tanto escândalo espantoso e anticristão, tanto adultério, imoralidade e vício que até alguns homens honrados entre o clero de catedral e alguns cortesãos de Roma tem admitido com freqüência e tem asseverado que o predomínio abominável de tal vício entre o clero provocaria a ira de Deus. Em vista disso, é lamentável que o matrimônio cristão não só havia sido proibido, mas que em alguns lugares, já havia sido castigado, como se fosse cometer um crime e tudo isso, apesar de na Sagrada Escritura Deus ordenou a ter grande estima no matrimônio. O matrimônio também se elogia no

direito imperial e em todas as monarquias de onde há leis e justiça. Só nessa época se começa a martirizar pessoas inocentes unicamente a causa do matrimônio, especialmente aos sacerdotes, com os quais deveria guardar-se mais o direito canônico. Cristo mesmo disse em João 8: 44 que o diabo foi assassino desde o princípio. Estes dois textos estão de acordo, porque necessariamente é doutrina de demônios o que proíbe o matrimônio e se atreve a manter tal doutrina mediante o derramamento de sangue.

Porém assim como nenhuma lei pode abolir ou alterar o mandamento de Deus, tampouco nenhum voto o pode alterar. Portanto, San Cipriano aconselha que se casem as mulheres que não guardam a castidade, assim em sua décima primeira epístola: “Mas se não querem ou não podem conservar a castidade prometida, é melhor casar-se que se queimar pelos seus desejos, cuidando-se muito bem de não fazer tropeçar os irmãos e as irmãs”.

Além disso, todos os cânones usam muito de brandura e justiça para com aqueles que em sua juventude fizeram voto, e o certo é que a maior parte dos sacerdotes e os monges em sua juventude ingressaram nesse estado de ignorância.

XXIV. A MISSA

Nos acusam sem motivo de haver abolido a mesma. O manifesto que a missa celebrara com maior reverência e seriedade entre nós que entre os oponentes. Assim mesmo, se instrui ao povo e com diligência a respeito do propósito da instituição do santo sacramento em relação a seu uso; deve usar-se com o fim de consolar a consciência angustiada. Assim se atrai o povo à comunhão e a missa. Ao mesmo tempo, também se reparte instrução enquanto a outras doutrinas falsas acerca do sacramento. Além disso, nas cerimônias públicas das mesma não se tem introduzido nenhuma mudança manifesta, exceto que em algumas partes se entoem hinos alemães, junto com os cânticos latinos, para instruir ao povo, já que o principal propósito de todas as cerimônias deve ser que o povo aprenda o que necessite saber de Cristo.

Tem-se abusado da missa de muitas maneiras nos tempos passados. Todo mundo sabe que se tem feito da mesma uma espécie de feira, que se celebram as missas em todas as igrejas com o objetivo de lucrar. Estes abusos foram criticados repetidas vezes por homens

eruditos e piedosos, também antes de nossa época. Nossos pregadores têm falado dessas coisas, e se tem recordado aos sacerdotes a grave responsabilidade que se deve pesar sobre cada cristão, tais missas privadas que até agora se tem celebrado por força e com fins de lucro e por interesse das recompensas isso tem sido suspensas em nossas igrejas.

Ao mesmo tempo se tem repudiado o erro abominável segundo o qual se ensinava que o nosso Senhor Jesus Cristo por sua morte teve satisfação só pelo pecado original e instituiu a missa como um sacrifício pelos demais pecados, estabelecendo assim a missa como sacrifício pelos vivos e pelos mortos para tirar o pecado e aplacar a Deus. Daí se chegou a debater se uma missa celebrada por muitos vale tanto como a missa celebrada por um só indivíduo. O grande número incontável de missas tem sua origem no desejo de obter de Deus por meio desta obra tudo o que necessita, ao passo que tem achado pela fé o verdadeiro culto a Deus.

Por essa razão, sem dúvida a necessidade exigia que se instruisse para que o nosso povo tivesse conhecimento do uso devido do sacramento. Em primeiro lugar, a Escritura indica em muitos lugares que não há sacrifício algum pelos pecados, fora a morte de Cristo. Porque está escrito na carta de Hebreus que Cristo se sacrificou a si mesmo a si mesmo uma só vez e assim se satisfação por todos os pecados (10: 10-14). Na realidade é um a revelação inaudita na doutrina eclesiástica que a morte de Cristo expia unicamente o pecado original e nos demais pecados. Portanto, é de se esperar que todos entendessem que tal erro não se reprova sem causa justificada.

Em segundo lugar, Paulo ensina que obtemos a graça diante de Deus pela fé e não mediante as obras. Manifestamente ao contrário a essa doutrina é o abuso da missa segundo o qual se supõe que a graça se consegue mediante a essa obra. Além do mais, sabe-se que se começa a missa com o fim de apagar o pecado e obter diante de Deus a graça e toda a sorte de bênçãos. O sacerdote faz isso não só por si mesmo, mas pelos outros, tanto vivos como mortos.

Em terceiro lugar, o sacramento não foi instituído para fazer de um sacrifício pelo pecado – porque este sacrifício já se tem realizado – mas com o fim de despertar nossa fé e de consolar nossa consciência, ao darmos conta mediante o sacramento de que a graça e o perdão do pecado nos tem sido prometido por Cristo. Por esta razão é que este sacramento se exige a fé e sem fé se faz em vão.

Posto que a missa não é um sacrifício para tirar os pecados de outros, vivos ou mortos, mas que deve ser uma comunhão na qual o sacerdote e outros recebem o sacramento para si, nosso costume é que nos dias de festa e em outras ocasiões quando há presentes, se celebra a missa, para que comunhem quem desejam. De modo que a missa se conserva entre nós em seu devido uso, da mesma maneira como se celebrou antigamente na igreja e como se pode comprovar na primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 11 versículo 20, em todos escritos de muitos padres. Por exemplo, Crisóstomo refere como o sacerdote quem está diariamente no altar, convidando a alguns a comungar, porém proibindo a outros. Os antigos cânones indicam que um só celebra o ofício e dava a comunhão aos demais sacerdotes e diáconos, porque assim reza as palavras do Cânon de Nicéia. “Os diáconos e em sua ordem dever am receber, depois que os sacerdotes, o sacramento de mãos do bispo o de sacerdote”.

De maneira que não tem introduzido inovação alguma que não existisse na igreja de antigamente, tampouco tem feito alguma mudança nas cerimônias públicas, salvo que se tem suprimido as missas que não se faz necessárias que se celebram, talvez a maneira de abuso, ao lado da missa paroquial. Em toda justiça, esta maneira de celebrar a missa não deverá condenar-se como herética e anticristã. Antigamente, nos grandes templos freqüentados por muita gente, não se celebram missas diárias nem os dias quando concorria a gente, já que a História Tripartita no livro 9 mostra que em Alexandria os miércoles e os viernes, liam e interpretavam a Escritura, e celebravam todos os ofícios sem a missa.

XXV. A CONFISSÃO

A confissão não tem sido abolida por parte dos pregadores de nosso lado. Conserva-se entre nós o costume de não oferecer o sacrifício a quem com antes a quem não tem sido ouvido. Ensina-se diligentemente ao povo que a palavra da absolvição é consoladora e que deve temer em grande estima. Não é a voz ou a palavra do homem que pronuncia, senão a palavra de Deus, quem perdoa o pecado, já que a absolvição se pronuncia no lugar de Deus ou pela sua ordem. Instrui com muita diligencia que este mandamento e poder das chaves é consolador para as consciências aterrorizadas. Também ensinamos que Deus ordena crer nesta absolvição como fora sua voz que ressoe desde o céu e que devemos consolar

mutuamente na base da absolvição, sabendo que mediante a fé obtemos o perdão dos pecados. Em épocas anteriores os pregadores que davam muita instrução sobre a confissão não mencionavam nem uma só palavra sobre esses ensinamentos necessários, pelo contrário, só martirizavam as consciências exigindo largas enumerações dos pecados, satisfações, indulgências, peregrinações e coisas semelhantes. Muitos dos nossos adversários mesmos reconhecem que nós temos escrito e tratado do verdadeiro arrependimento cristão uma maneira mais conveniente.

Em relação à confissão se ensina que não se deve obrigar a ninguém a enumerar os pecados detalhadamente. Tal coisa é impossível, como o salmo disse: “os erros, quem os entenderá?” Também Jeremias disse: “O coração do homem é tão perverso que impossível esquadrihá-lo”. A desgraçada natureza humana tem jogado tão profundamente nos pecados que não pode ver nem conhecer todos. Se fôssemos absolvidos somente dos pecados que podemos enumerar, pouca ajuda receberíamos. Por esse motivo, não é obrigado a enumerar os pecados detalhadamente. Os padres opinaram da mesma maneira; por exemplo, em Dist. 1, de POENITENTIA, citam as palavras de Crisóstomo: “Não digo que deve expor-se publicamente nem que te denuncies, nem admitas a tua culpa na presença de outras pessoas, mas obedeça ao que o profeta disse: “Revela ao Senhor o teu caminho” Portanto, em tua oração, confesse a Deus o Senhor, o justo juiz; não manifestas o teu pecado com a tua boca, mas com a tua consciência. Destas palavras se desprende claramente que Crisóstomo não obriga a enumerar o pecado em detalhe. Também a nota marginal sobre de POENITENTIA, Dist. 5 ensina que a confissão não foi ordenada pela Escritura, mas foi instituída pela igreja. Não obstante, nossos pregadores ensinam diligentemente que pelo conselho das consciências angustiadas e por alguns outros motivos, deve reter-se a confissão a causa da absolvição, a qual é o ponto principal e a parte primordial da confissão.

XXVI. A DISTINÇÃO DAS COMIDAS

Anteriormente se ensinou, pregou e escreveu que a distinção das comidas e tradições semelhantes instituídas pelo homem servem para merecer a graça e satisfazer-se pelos pecados. Por esse motivo, criaram novos jejuns, cerimônias, ordens e coisas parecidas,

insistindo com veemência como se tais assuntos constituíssem atos necessários de culto, mediante os quais, se podia merecer a graça, e que de não observá-los, se incidia em grave pecado. Isto tem dado origem a muitos erros prejudiciais na igreja.

Em primeiro lugar, assim se obscureceram a graça de Cristo e a doutrina acerca da fé, que o evangelho nos propõe com muita seriedade, insistindo com firmeza que o mérito de Cristo se tenha em auto estima e que cresça que a fé em Cristo há de colocar por cima de toda obra humana. Por esta razão, Paulo combateu contra a lei de Moisés e a tradição humana, para que possamos aprender que diante de Deus não nos fazemos justos mediante as nossas obras, mas só pela fé em Cristo que obtemos sua graça. Tal doutrina tem desaparecido quase todo o ensinamento que devemos ganhar a graça mediante alguns prescritos, a distinção entre as comida, o uso de certas vestimentas, etc.

Em segundo lugar, tais tradições também têm obscurecido o mandamento de Deus, porque elas têm sido colocadas acima do mandamento divino, se considerava a vida cristã consistia unicamente no seguinte: quem guardava as festas, quem rezava, quem ajudava, quem vestia de determinada maneira, se suponha que levava uma vida espiritual cristã. Por outro lado, outras boas obras necessárias se consideravam como profanas e não espirituais, as obras que cada qual está obrigado a desempenhar segundo a sua vocação: por exemplo, que o pai de família trabalhe para sustentar sua esposa e filhos e educá-los no temor de Deus, e que a mãe tenha filhos e cuide-os e que um príncipe e os magistrados governem bem um país, etc. Tais obras ordenadas por Deus, segundo se alegava, constituíam uma vida profana e imperfeita, porém as tradições teriam a reputação ostensiva de que só elas constituíam obras santas e perfeitas. Por este motivo, nunca deixou de se inventou tais tradições.

Em terceiro lugar, tais tradições têm resultado um cargo dispendioso para a consciência. Não era possível guardar as tradições; e não obstante, o povo teria a opinião de elas constituíam um culto necessário. Gerson escreve que por causa dele, muitos caíram no desespero e que alguns até se suicidaram porque nada ouviram do consolo e da graça de Cristo. Observa-se como se confundiram as consciências nos sumistas e teólogos, os quais se propuseram colecionar as tradições e buscar um certo alívio, para ajudar a consciência, e todavia, estiveram tão ocupados nesse assunto que entretanto ficou excluído toda doutrina cristã saudável acerca das coisas mais necessárias: por exemplo, a fé, o consolo nas duras

tentações e coisas parecidas. Também muitas pessoas piedosas e sábias se queixaram com veemência que tais tradições ocasionaram tantas rixas na igreja que a gente piedosa se impedia chegar ao conhecimento verdadeiro de Cristo. Gerson e alguns outros se queixaram amargamente sobre isso. Com efeito, também Agustín expressou seu desagrado porque oprimiam as consciências com as tradições. Por esse motivo, o que não se devem considerar como coisas necessárias.

Portanto, os nossos tem ensinado a respeito destes assuntos, não por desprezo do poder eclesiástico, mas que uma urgência muito grande os tem impulsionado a chamar a atenção sobre as citações erradas acima que tem surgido por uma interpretação equivocada da tradição. O Evangelho obriga a ressaltar na igreja a doutrina da fé, a qual, todavia, não pode estender quando se opina que a graça merece mediante obras de escolha própria.

Sobre isso se tem ensinado que não é possível, mediante o cumprimento de tradições inventadas pelos homens, merecer a graça ou reconciliar com Deus ou satisfazer pelo pecado, e por esta razão, não se deverá fazer tais tradições um ato de culto necessário. Para isso, citam a respeito provas da Escritura. Em Mateus 15: 9 Cristo justifica os apóstolos quando não observaram as tradições acostumadas e disse a respeito: “Em vão me honram com mandamentos de homens”. Já que Cristo o chama um serviço vão, este não pode ser necessário. Pouco depois agrega: “O que entra na boca é que contamina o homem” (15: 11) Também Paulo disse em Romanos 14: 17: “O reino dos céus não é comida nem bebida”. Em Colossenses 2: 16: “Ninguém os julgue a respeito da comida, bebida ou o sábado, etc”. Em Atos 15: 19 Pedro disse “Por que tentais a Deus colocando sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos levar? Antes cremos que pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo seremos salvos de modo que eles”. Nesse texto, Pedro proíbe oprimir a consciência com más cerimônias, quer sejam de Moisés ou de outros. Em I Tm. 4: 1-3, as proibições de comida ou de matrimônio, etc, são chamados de doutrinas de demônios. Por que é ao contrário do evangelho instituir ou realizar tais obras com o fim de ganhar o perdão do pecado e como se ninguém pudesse ser cristão sem realizar tais atos de culto.

Aos nossos se acusa de proibir, igual a Joviniano, a mortificação da carne e a disciplina, porém se verá de seus escritos que é todo o contrário; pois sempre tem ensinado

que os cristãos têm a obrigação de sofrer sob a cruz, que é verdadeira e sincera mortificação e não é fingida.

Ao mesmo tempo em que toda pessoa é obrigada a disciplinar-se com exercícios corporais, como o jejum e outras obras, de modo que não dê lugar ao pecado, porém não para merecer a graça por meio de tais coisas. Estes exercícios corporais não devem realizar em certos dias determinados, mas constantemente. A esse respeito Cristo fala em Lc. 21: 34: “Guardamos de que vossos corações não se encham de glotonaria”. Também disse: “Os demônios não são expulsos senão através de jejum e oração”. Para merecer a graça, mas para disciplinar ao corpo de modo que não impeça do que cada qual é obrigado a fazer segundo sua vocação. Assim o jejum não se recusa; o que se reprova é que haja convertido em um ato de culto necessário, limitado a certos dias e certas comidas, com a conseguinte confusão de consciência.

Além disso, celebramos muitas cerimônias e tradições, por exemplo, a ordem da missa e outros cânticos, festas, etc. As quais servem para manter a ordem na igreja. Porém ao mesmo tempo se instrui o povo no sentido de que tal culto externo não faz que o homem seja aceitável diante de Deus, e que se deve atuar sem curvar a consciência, de modo que se omitem tais atos sem ofender não se incorre no pecado. Os padres antigos também sustentaram esta liberdade frente à cerimônia externa. No Oriente celebrava a Páscoa da ressurreição diferente que Roma. Quando alguns quiseram dar a essa diferença no caráter de uma divisão, outros advertiram que não é necessário manter a uniformidade em tais costumes. Irineu disse o seguinte: “A falta de uniformidade não destrói a unidade da fé”. Também no Dist. 12 está escrito que dessa falta de uniformidade nas ordenanças não é contrário à unidade da cristandade. A História Tripartita no livro 9 recorre muitos costumes eclesiásticos e enuncia uma sentença cristã muito útil: “A intenção dos apóstolos não foi instituir dias de festa, mas ensinar a fé e o amor”.

XXVII. OS VOTOS MONÁSTICOS

Ao falar dos votos monásticos, se faz necessário, em primeiro lugar, ter presentes as condições dos mosteiros e o fato de que sucediam muitas coisas, não somente contra a

Palavra de Deus, mas também contra o direito papal. No tempo de San Agustín a vida monástica era voluntária; depois, quando se corromperam a verdadeira disciplina e o ensino, criaram os votos monásticos e com ele se propôs estabelecer novamente a disciplina como por meio de um cárcere.

Também dos votos se impuseram muitas outras exigências, mediante tais cargas se oprimiu a muitos ainda antes de chegar a uma idade conveniente.

Muitas pessoas adaptaram a vida monástica por ignorância, por que não eram demasiadamente jovens não haviam medido suficiente sua capacidade. Todas elas haviam sendo contextualizadas desta maneira, foram obrigadas a permanecer nestas ataduras, apesar de que ainda o direito papal liberta ainda a muitos. A prática foi mais estrita nos conventos de mulheres do que aos homens, deviam ter mais consideração pelas mulheres por pertencerem ao sexo frágil. A mesma rigidez desagradou muita gente piedosa nos tempos passados, porque bem puderam observar que encerravam tantos aos moços quanto às moças, nos monastérios para obter sua manutenção corporal. Também puderam advertir que tal procedimento acarretava maus resultados e ocasionavam muitos escândalos para a consciência. Muita gente se queixou de que em um assunto tão importante os cânones nem sequer foram levados em conta. Além disso, se formou um conceito tão exagerado dos votos monásticos que muitos monges com um pouco de entendimento manifestaram abertamente sua insatisfação.

Porque se sustentava que os votos monásticos eram iguais ao batismo e que mediante a vida monástica merecia o perdão dos pecados e a justificação diante de Deus, além de merecer a justiça e a piedade, acreditavam que por meio dessa vida se guardavam os “preceitos” e os “conselhos” do evangelho, de modo que assim elogiavam os votos monásticos mais do que o batismo. Sustentava também que mediante a vida monástica conseguia o mérito que por meio de todos os demais estados de vida ordenada por Deus, como os de pastor e pregador, de governador, príncipe, senhor e de outros semelhantes, todos servem de acordo com a sua vocação conforme o mandamento, palavra e preceito de Deus. Nenhuma destas coisas pode negar-se, já que encontram em todos os seus livros.

Além disso, quem assim for apanhado ao entrar em um monastério pouco aprende sobre Cristo. Antigamente havia nos monastérios escolas das Sagradas Escrituras e de outras artes úteis à igreja cristã, para que delas saíssem pastores e bispos. Porém agora os

monastérios têm um aspecto muito diferente, já nos tempos mais antigos, a gente se congregava na vida monástica com o objetivo de aprender a Escritura, atualmente, sustentam que a vida monástica é de caráter que mediante a ela se obtêm a graça de Deus e a justiça diante dele. De fato dizem que é um estado de perfeição. Assim colocam acima de outros estados que Deus tem ordenado. Tudo isso, se apresenta sem o desejo de caluniar, para que se possa perceber e entender melhor como os nossos ensinam e pregam.

Em primeiro lugar ensina-se entre nós, a respeito ao casamento para aqueles que não estão preparados ao celibato, já que os votos não podem anular a ordenança e o mandamento divino. O mandamento de Deus diz assim em I Cor. 7: 2: “A causa das fornicções, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido”. Não só o mandamento divino, senão a criação e ordenança divina impulsionam ao matrimônio a todos os que não tem recebido o carisma da virgindade mediante uma obra especial de Deus, conforme a esta palavra de Deus em Gn. 2: 18: “Não é bom que o homem esteja só, faremos uma companheira para ele”.

Quem pode opor-se a isso? Por muito que se elogie o voto e a obrigação, não obstante é impossível obter por força que o mandamento divino torna inválido. Os sábios dizem que os votos contra o direito papal são inválido. Quanto menos devem obrigar a ter vigência e validade se contrai contra o mandamento de Deus.

Se as obrigações dos votos fora tão rígida que não pode existir nenhum motivo para anulá-los, então os papas não poderiam conceder dispensa dos votos, porque nenhum homem tem a faculdade de anular a obrigação que se deve usar de brandura; e com freqüência tem concedido dispensas como foram os casos do rei, Aragão e muitos outros. Concederam-se dispensa para resolver problemas temporários, muito mais razão se deverá dispensar por causa da necessidade da alma.

Por que insiste a oposição tão categoricamente ao guardar os votos, se investigar de antemão se o voto tem conservado sua índole? Pois o voto deve abranger o que é possível e ser voluntária e alheia a coação. Porém, bem se sabe até que ponto a castidade perpétua está dentro da capacidade humana. Além do mais, tem sido pouco, tanto homens como mulheres, quem por si mesmas tem feito o voto monástico. Além de que cheguem ao uso devido à razão, lhes persuade a fazer o voto monástico, e às vezes obrigam a fazer a força. Portanto, não é justo que se dispute sobre a obrigação do voto com tanta precipitação e

veemência, em vista de que todos reconheçam que ao fazer um voto involuntário e sem devida deliberação é contrária a natureza do voto.

Alguns cânones e o direito papal invalidam o voto antes dos quinze anos. Consideram que antes de alcançar esta idade uma pessoa compreenda como para decidir sobre o estado em que viverá durante toda sua vida. Outro cânon concede mais anos, a fragilidade humana, proíbe fazer o voto monástico antes de completar os dezoito anos. Assim pois, a maioria tem razão e justificação para sair dos monastérios, porque a maioria entrou durante a infância antes de chegar a idade adequada.

Por último mesmo quando se pudera censurar o rompimento do voto monástico, não se poderia censurar o rompimento do voto monástico, não se poderia concluir que deveria anular o matrimônio de quem romperam. San Agustín disse em pergunta 27, Cap. I de seu escrito *Nuptiarum* que tal matrimônio não deve anular-se. A autoridade de San Agustín na Igreja Cristã não é de pouca importância, se bem é certo que posteriormente outros opinaram de modo distinto dele.

Mesmo que o mandamento de Deus a respeito ao matrimônio livra e exime a muitos dos votos monásticos, os nossos alegam ainda mais motivos em favor de sua invalidade. Todo ato de culto instituído e escolhido pelos homens sem ordem e preceitos divinos para obter a justiça e a graça de Deus se opõe a Ele, ao santo evangelho e ao preceito divino. Cristo disse em Mt. 15: 9: “Em vão me honra com mandamentos de homens”. Também Paulo ensina em todas as partes que não se deve buscar a justiça em nossos preceitos nem em atos de cultos ideados pelos homens, mas que a justiça e a piedade diante de Deus provém da fé e a confiança em crer que Deus nos recebe em sua graça por causa de seu filho Jesus Cristo.

É evidente que os monges tem ensinado e pregado que a espiritualidade inventada satisfaz pelos pecados e obtém a graça e a justiça de Deus. Será que isso não significa minimizar a glória e magnitude da graça de Cristo e negar a justiça da fé? Disso se segue tais votos eram atos de culto equivocados e falsos. Portanto, não são obrigatórios, porque um voto ímpio é realizado contra a ordem de Deus é nulo. Também os cânones ensinam que o juramento não deve ser um laço do pecado.

Paulo disse em Gálatas 5: 4: “De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei, da graça decaístes”. Os que desejam justificar mediante os votos monásticos e

sua conduta eram justificados e mereciam o perdão dos pecados. Com efeito, tem inventado coisas ainda mais ineptas e absurdas, dizendo que se faziam participantes das boas obras. Se alguém quisesse salientar e censurar isso com aspereza, quantas coisas poderiam trair-se a colação, coisas das quais os monges mesmos se averiguam e quiseram não saber de fato! Além disso, tem persuadido ao povo de que este inventado estado espiritual das ordens constituem a perfeição cristã. Isto certamente é elogiar as obras com o objetivo de obter a justificação por elas. Isso não é um leve escândalo na igreja cristã propor ao povo o ato de culto que os homens tem inventado sem o mandamento de Deus e ensinar que tal ato faz com que os homens apareçam diante de Deus como piedosos e justos. A justiça da fé, a qual deve ressaltar antes de tudo na igreja cristã se obscurece quando os olhos do povo são deslumbrados com uma estranha religiosidade angelical e aparentando falsa pobreza, humildade e castidade.

Além disso, se obscurecem os mandamentos de Deus e o verdadeiro culto quando o povo ouve que só os monges se encontram em estado de perfeição. Pois a perfeição cristã consiste em temer a Deus de coração e com sinceridade, e não obstante ter uma íntima confiança e fé que por causa de Cristo temos um Deus cheio de graça e de misericórdia, que podemos e devemos pedir a Deus e esperar confiadamente de sua ajuda na tribulação, cada um de acordo com a sua vocação e condição. Consiste também em que possamos realizar boas obras diligentemente e no que atendemos bem em nosso ofício. Nisto consiste a verdadeira perfeição e o verdadeiro culto a Deus e não em pedir esmola e bem usar capuz de cor negro. Porém, o povo comum deduz uma opinião muito mais prejudicial da falsa adoração que se faz à vida monástica, ao ouvir que se elogia excessivamente o estado celibatário. Disso se resulta que vive no matrimônio com a consciência pesada. Quando o homem comum ouve que só os mendigos devem ser contados como perfeitos, não pode saber que se lhe permite ter posições e negociar com elas sem pecado. Quando o povo ouve que não vingar é somente um conselho, resultam que alguns opinam que a vingança fora do exercício de seu cargo não é pecado. Outros são de opinião que não corresponde aos cristãos, nem ainda ao governo, castigar o mal.

Lêem-se muitas coisas de homens que abandonam suas esposas e filhos, inclusive, seu ofício civil, e vão para um monastério. Segundo disseram, isso fugir do mundo e buscar uma vida mais agradável a Deus que a de outras pessoas. E não podiam tampouco saber

que é necessário servir a Deus observando os mandamentos que ele tem dado e não guardar mandamentos feitos pelos homens. Um estado de vida em perfeição é a que se apóia no mandamento de Deus, porém é pernicioso o estado de vida que não tenha ao seu lado o mandamento divino. Foi necessário repartir ao povo a instrução apropriada a respeito a tais assuntos.

Em outro tempo, Gérson também censurou o erro dos monges a respeito da perfeição, mostrando que nessa época era uma novidade dizer que a vida monástica constituísse um estado de perfeição.

Muitas opiniões e erros se relacionam aos votos monásticos; alega-se que nos fazem justos e piedosos diante de Deus, que constituem a perfeição cristã, que mediante a vida monástica guardam tanto os conselhos como os mandamentos do evangelho e que dela produz as obras do nosso ego em que não somos obrigados a nos render a Deus.

XXVIII. A AUTORIDADE DOS BISPOS

Em tempos passados escreveram muitas coisas a respeito do poder dos bispos. Alguns têm confundido impropriamente o poder dos bispos e da espada temporária. Tal confusão caótica traz como conseqüência grandes guerras, tumultos, porque os bispos, com o pretexto do poder outorgado a eles por Cristo, não somente tem introduzido novos atos de culto e mediante a reserva de alguns casos e o emprego violento tem oprimido as consciências, mas que se tem atrevido a por e dispor a seu capricho a imperadores e reis. Desde muito tempo, pessoas eruditas e tementes a Deus dentro do cristianismo têm censurado tais desaforos. Por esse motivo, nossos teólogos, para o consolo de consciência tem obrigado a expor a diferença entre o poder espiritual e a autoridade temporária. Os nossos tem ensinado que a causa do mandamento de Deus devem-se honrar com toda reverência ambos poderes e autoridades e que devem estimar-se como os dons divinos mais nobres deste mundo.

Nossos teólogos ensinam que, de acordo com o evangelho, o poder das chaves ou dos bispos é uma ordem divina para pregar o evangelho, de perdoar os pecados de distribuir e administrar os sacramentos, porque Cristo enviou os apóstolos com o seguinte encargo:

“Como me enviou o Pai, assim também eu vos envio... Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”.

Estes mesmo poder dos bispos se pratica e realiza mediante o ensinamento e a pregação da Palavra de Deus e a administração dos sacramentos a muitas pessoas ou individualmente, segundo o encargo de cada um. Dessa maneira não se outorgam coisas materiais, mas bens eternos, a saber, a justiça eterna, o Espírito Santo e a vida eterna. Estes bens não podem obter senão pelo ministério da pregação e administração dos santos sacramentos, porque Paulo disse: “O evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Já que o poder da igreja ou dos bispos proporciona bens eternos e é exercida somente pelo ministério da pregação, nenhuma maneira dificulta o governo nem a autoridade temporária. Esta tem a ver com coisas distintas do evangelho; o poder temporário não protege a alma, mas mediante a espada e penas temporárias protege o corpo e os bens contra a violência externa.

Por essa razão, as autoridades espirituais e temporárias não se devem confundir, pois o poder espiritual tem sua ordem de pregar o evangelho e de administrar o sacramento. Portanto, não deve usurpar outras funções; não deve por nem dispor aos reis; não deve anular a lei civil e a obediência ao governo; não deve fazer nem prescrever a autoridade temporária, as leis relacionadas com assuntos profanos, tal como Cristo disse: “Meu reino não é deste mundo”; também “Quem me tem posto sobre vós como juiz?” Paulo disse em Filipenses 3: 20: “Nossa cidadania está nos céus”, em II Cor. 10: 4- 5: “As armas de nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus para a destruição de fortalezas e de toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus”.

Deste modo, nossos teólogos distinguem as funções das autoridades e poderes mandando que os estime com os mais altos dons de Deus neste mundo.

Nos casos em que os bispos tem a autoridade temporária e o poder da espada, não tem como bispos, o direito divino, mas por direito humano e imperial, outorgados pelos imperadores romanos e os reis para a administração temporária de seus bens, coisa que nada tem a ver com o ministério do evangelho.

O ministério dos bispos, segundo o direito divino, consiste em pregar o evangelho, perdoar os pecados, julgar a doutrina, recusar a doutrina contrária ao Evangelho e excluir da congregação cristã aos ímpios cuja conduta ímpia seja manifesta, sem usar do poder

humano, mas só pela palavra de Deus. Por essa razão os Parrocos e as igrejas têm a obrigação de obedecer aos bispos de acordo com a Palavra de Cristo em Lucas 10: 16: “O que a vós ouve, a mim me ouve”. Porém quando os bispos ensinam algo contrário ao evangelho, em tais casos teremos o mandamento de Deus de não obedecê-los, em Mateus 7: 15: “Guardai-vos dos falsos profetas”. Paulo disse em Gálatas 1: 8: “Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho diferente do que vos temos pregado seja anátema”. Também disse em II Cor. 13: 8: “Nada podemos contra a verdade, mas pela verdade”. Mais adiante disse: “Conforme a autoridade que o Senhor me tem dado para edificação e não para destruição”. Assim também ordena o direito eclesiástico II, pergunta 7. nos capítulos intitulados “Sacerdotes” e “Ovelhas”.

Também San Agustín escreve na epístola contra Petiliano que nem sequer se deve seguir aos bispos devidamente escolhidos quando ensinam algo contrário as Escrituras divinas.

Qualquer outro poder e autoridade judicial que tenham os bispos em assuntos de matrimônio ou de dízimos, o possuem por direito humano. Porém quando os ordinários são negligentes em tal função, os príncipes são obrigados, a administrar a justiça em favor dos seus súditos por causa da paz para evitar a discórdia os distúrbios em seus territórios.

Além disso, se disputa se os bispos têm a autoridade de introduzir cerimônias na igreja e estabelecer a regras concernentes a comida, dias de festas e distintas ordens de clérigos. Os que concedem esta autoridade aos bispos citam a Palavra de Cristo em João 16: 12 -13: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora, quando vier, porém, o Espírito da Verdade ele vos guiará a toda verdade”. Além disso, cita o exemplo de Atos 15: 20, 29, onde se proibiu o sangue e o sacrifício. Também se alega o fato de que o sábado se converteu no domingo que vai contra os Dez Mandamentos, segundo dizem. Nenhum exemplo ressalta a mutação do sábado, querendo demonstrar que a autoridade da igreja é grande, já que tem dispensado dos Dez Mandamentos e tem alterado alguns deles.

Sobre essa questão, os nossos ensinam que os bispos não têm a autoridade de instituir e estabelecer nada contra o evangelho, como fica exposto acima e como o direito eclesiástico ensina através de toda a Distinção 9. É manifestamente contrário o mandamento e a Palavra de Deus converter opiniões humanas em leis ou exigir que

mediante tais leis se satisfaça pelos pecados para conseguir a graça, pois vem a denegrir todo o mérito de Cristo quando nos propomos a merecer a graça a tais ordenanças. Também é manifesto que a causa dessa opinião dentro do cristianismo, as ordenanças humanas se tem multiplicado infinitamente, porém a doutrina sobre a fé e a justiça da fé quase se tem suprimido. Diariamente se tem prescrito novos dias de festas e novos jejuns e se tem instituído novas cerimônias e novas honras tributada a santos, com objetivo de merecer de Deus a graça e todo bem.

Quem institui ordenanças humanas também são contra o mandamento de Deus ao fazer que o pecado seja coisa de comidas, certos dias e coisas semelhantes e ao oprimir o cristianismo com a escravidão da lei. Atuam como se os cristãos para merecer a graça, tiveram que celebrar tais atos de culto como se fossem iguais ao culto levítico, argumentando, segundo se escrevem alguns, que Deus ordenou os apóstolos que os instituíram. É de supor que alguns bispos foram enganados com o exemplo da lei de Moisés. Daí surgiram inúmeras ordenanças: por exemplo que o pecado mortal é fazer trabalhos manuais em dias de festa; também constitui como pecado mortal, deixar de rezar as sete horas canônicas; que algumas comidas mancham a consciência; que o jejum é uma obra mediante a qual Deus é reconciliado; que não pode perdoar pecado em um caso reservado, a menos que o conceda aquele que o reservou, e isto apesar de que o direito eclesiástico não fala da reserva das penas eclesiásticas.

De onde os bispos têm o direito e a autoridade para impor no cristianismo tais exigências, envolvendo assim as consciências? Em Atos 15: 10 proíbe por o jugo sobre a cerviz dos apóstolos. E Paulo disse aos coríntios que a eles tem lhes dado o poder de edificar e não de destruir. Por que multiplicam os pecados mediante tais exigências?

Porém há textos claros das Escrituras que proíbem estipular tais exigências para merecer a graça de Deus para merecer a graça de Deus ou como necessárias para a salvação. Paulo disse em Col. 2: 15-17: “Portanto, ninguém, pois vos julgue por causa da comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo”. Também: “Pois se haveis morrido com Cristo enquanto aos rudimentos do mundo, por que vivem como que submetidos a preceitos tais como: não toque nisso, não comes e nem bebas isso, todas essas coisas se destroem com o uso, com mandamento e doutrina de homens e tem aparência de

sabedoria”. Também em Tito 1: 14 Paulo proíbe a atender a fábulas judaicas e mandamentos de homens que distanciam da verdade.

Em Mateus 15: 14 Cristo mesmo disse daqueles que guiam ais homens a cumprir os mandamentos humanos: “Deixe-os, são cegos guiando outros cegos”. E repudia semelhante ao serviço divino e diz: “Toda a planta que não plantou, meu Pai Celestial, será desarraigada”. (15: 13).

Se, pois, os bispos têm a autoridade de oprimir as igrejas com inúmeras exigências e de comprometer as consciências, por que proíbe a Escritura divina tão freqüentemente a obedecer aos regulamentos humanos? Por que os chama de doutrinas de demônios? Foi feito em vão o Espírito Santo em toda essa admoestação?

Posto que são contrários ao Evangelho tais regulamentos, instituídos côm necessários para aplacar a Deus e merecer a graça, de nenhum modo incumbe aos bispos impor tais atos de culto. É necessário reter no cristianismo a doutrina da liberdade cristã, que a escravidão da lei não é necessária para a justificação, como Paulo escreve em Gálatas 5: 1: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permaneceis, pois, firmes e não vos submetais de novo ao jugo da escravidão”. Pois é preciso preservar o artigo principal do evangelho, de que obtemos a graça de Deus pela fé em Cristo sem nosso mérito e que não a merecemos mediante a atos de culto estabelecidos pelos homens.

Que diremos, pois, do domingo e de outras ordenanças eclesiásticas e cerimônias semelhantes? Os nossos contestam que os bispos e os pastores devem estabelecer rituais para que tudo se faça com ordem na igreja, porém não com o objetivo de obter a graça divina, não se satisfazer pelo pecado nem atar as consciências com a idéia de que o ato de culto seja necessário e que seja pecado omiti-lo quando isso se faz sem ofender. Assim, Paulo, escrevendo aos coríntios, ordenou que as mulheres cobrissem as suas cabeças na assembléia, também que os pregadores não falassem todos ao mesmo tempo, mas em ordem, um por um.

Convém a congregação cristã cingir a tais ordenanças a causa do amor e a paz e nesses assuntos, obedecer aos bispos e pastores, sem ofender a outro, para que não haja nenhuma desordem nem uma conduta desenfreada na igreja. Porém essa igreja deve prestar-se de tal maneira que não se oprima as consciências, sustentando que tais coisas são

necessárias para a salvação e considerando que se comete pecado ao omiti-las sem ofender aos demais. Ninguém daria, por exemplo, que a mulher peca ao sair descoberta.

O mesmo acontece com a observância do domingo de Páscoa de Ressurreição, de Pentecostes e as demais festas. Está equivocado quem considera que a observância do domingo é instituição necessária no lugar do sábado e ensina que desde a revelação do evangelho todas as cerimônias da lei podem ser omitidas. Todavia, devido a necessidade de estipular certo dia para que o povo separe quando congregar-se, a igreja cristã tem designado o domingo para esse fim e tem agradado em introduzir essa mudança para dar ao povo um exemplo da liberdade cristã e para que se separe não é necessário a observância do sábado nem de nenhum outro dia.

Há muitas discussões impróprias acerca da mutação da lei, das cerimônias do Novo Testamento e da mudança do sábado, todas as quais tem surgido a opinião errada de que no cristianismo é necessário manter o culto igual ao levítico e ao judeu, como se Cristo houvesse ordenado aos apóstolos e bispos inventar novas cerimônias que fossem necessárias para a salvação. Estes erros se introduziram no cristianismo quando já não se ensinava à justiça de fé nem se pregava com pureza. Alguns disputam a respeito do domingo, dizendo que é necessário observá-lo, não por direito divino. Prescrevem que tipo e quantidade de trabalho se pode fazer em dias de festa. Porém, o que são tais discussões senão ataduras para a consciência? Porque ainda se prolongam moderar as ordenanças humanas, não pode haver moderação, algumas vezes persiste a idéia de que são necessárias. E esta opinião tem que persistir enquanto não se separa nada da justiça de fé e nem de liberdade cristã.

Os apóstolos ordenaram a abster-se de sangue de sacrifício. Porém quem cumpre agora? Todavia, os que não o cumprem, não comete pecado, já que os mesmos apóstolos não quiseram carregar as consciências com tal servidão, mas decretaram tal proibição por um tempo para evitar escândalo. Em relação a essa ordenança é necessário fixar-se no artigo principal da doutrina cristã, o qual não é anulado por este decreto.

Quase nenhum dos artigos cânones se observa ao pé da letra, e diariamente desaparecem muitos dos mesmos regulamentos, ainda que entre aqueles que com mais zelo os guardam. Não é possível aconselhar nem ajudar a consciência nos casos aonde se

conceda esta moderação; que se reconheça que tais regras não hão de ser consideradas como necessárias e que sua omissão não é prejudicial às consciências.

Os bispos, não obstante, poderiam manter facilmente a obediência se não insistissem na observância das regras que não podem guardar sem pecado. Porém, agora administram o santo sacramento sob uma espécie e proibem a administração das espécies. Também proibem o matrimônio aos clérigos e não aceitam para o ministério ninguém a menos que jure com não pregar essa doutrina, ainda não cabe dúvida de que está de acordo com o santo evangelho. Nossas igrejas não desejam que os bispos restaurem a paz e a unidade em menosprezo de sua honra e dignidade, se bem é certos que em casos de necessidades corresponderia aos bispos fazê-lo. Somente pedem que os bispos afrouxem algumas cargas injustas, as quais em tempos passados não existiam na igreja e se aceitaram contra o uso da igreja cristã universal. Talvez ao princípio houve certa razão para a sua introdução, mas já não se adaptam aos nossos tempos. É inegável que alguns regulamentos foram aceitos devido a falta de compreensão. Portanto, os bispos deveriam ter a bondade de moderar as regras, já que tais mudanças em nada prejudicam a unidade da igreja cristã. Muitas regras inventadas por homens têm caído em desuso com o decorrer do tempo e já não são mais obrigatórias, como testifica o mesmo direito papal. Porém se não é possível obter a concessão de moderar e abolir aquelas regras humanas que não podem guardar sem pecado, então, somos obrigados a seguir a regra apostólica que nos ordena a obedecer a Deus do que aos homens.

Pedro proíbe aos bispos exercer o domínio como se tivesse a autoridade de obrigar as igrejas a cumprir a sua vontade. Agora não se trata de como se lhes pudesse restar aos bispos sua autoridade, mas que pedimos e desejamos que obriguem nossa consciência a pecar. Mas se não querem ceder a isso, e desprezam a nossa petição, irão prestar contas a Deus, já que por sua obstinação dão ocasião a cisma e divisão, coisa que justamente deveriam ajudar a evitar.

CONCLUSÃO

Estes são principais artigos que têm sido considerados como polêmicos. Ainda se pudessem alegar muito mais abusos e erros, não obstante para evitar a ociosidade, temos trazido a colação só o principal. À luz destes escritos, os demais podem julgar. Em tempos

passados, houve muitas queixas sobre as indulgências, as peregrinações e o abuso da excomunhão. Também os Parrocos sustentaram rixas com os monges sobre o direito de ouvir as confissões, sobre os enterros, as pregações em ocasiões especiais e outras inumeráveis. Temos passado por tudo isso discretamente e pelo bem comum, para que saíssem a reluzir ainda mais os assuntos principais nessas questões. Não se deve pensar que nada que se tem falado ou alegado é pelo desejo de injuriar. Só se tem enumerado os pontos que temos considerado a alegar para que se possa entender mais claramente que entre nós nada nem em questão de doutrinas, nem de cerimônias, tem sido aceito para a igreja cristã universal. É evidente e manifesto que com toda diligência e com a ajuda de Deus (não queremos gloriar-nos) temos precavido de que nenhuma doutrina nova ou ímpia nunca se introduza em nossas igrejas e ganhe a primazia entre elas.

De acordo como o edito, temos desejado entregar os artigos, constando a nossa confissão e doutrina. Se alguém encontrar que falta algo em nós, estamos abertos para dar mais informações com base na Sagrada Escritura divina.

- (1) Copiado de Book of Concord, editado por T.G Tappert, copyright 1959 Fortress Press. Usado com permissão de Augsburg Fortress.

Questionário

1. Existem doutrinas da confissão de Augsburgo que não são aceitas por outros evangélicos?

4.2. A instituição da religião cristã: A organização teológica da Reforma

Martinho Lutero é o pioneiro da Reforma, Juan Calvino é o teólogo sistemático da Reforma. Sua obra perfeita, não é A Instituição da Religião Cristã, mas os comentários sobre todos os livros da Bíblia (com exceção a Apocalipse). Desde a exegese profunda da Palavra, as reflexões teológicas, escritas em quatro livros sobre o Pai, o Filho, o Espírito Santo e a Igreja. O seguinte é uma mostra dos pensamentos teológicos, escritos por Calvino.

INSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ JUAN CALVINO CAPÍTULO I O CONHECIMENTO DE DEUS E EL DE NOSOTROS SE RELACIONAM ENTRE SI.

MANEIRA EM QUE CONVÉM MUTUAMENTE

1. Relação destes dois conhecimentos

Quase toda a nossa sabedoria consiste em dois pontos: a saber, o conhecimento que o homem deve ter de Deus, e no conhecimento que deve ter de si mesmo.

Mas como esses conhecimentos estão unidos e entrelaçados entre si, não é coisa fácil de distinguir o qual procede e origina o outro, pois em primeiro lugar, ninguém pode contemplar-se a si mesmo, sem que no momento seja impulsionada a consideração de Deus, no qual vive e se move; porque não há quem duvide que os dons, nos que toda a nossa dignidade consiste em outra coisa senão em substituir e estar apoiados em Deus. Além disso, estes bens que como gota a gota descem sobre nós do céu, nos encaminham como riacho à sua fonte. Assim mesmo pela nossa pobreza, mostra todavia melhor que aquela imensidão de bens que em Deus reside; e principalmente esta miserável queda em que pela transgressão do homem, todos nós caímos, obriga-nos a levantar os olhos acima,

não só para que, jejuns e famintos, pedimos o que dali nos faça falta, mas também para que, despertados pelo meio e aprendamos a humildade. Porque como no homem se todo um mundo de misérias, depois de haver sido despojados dos dons do céu, nossa nudez, para a vergonha nossa, descobre uma infinidade de opróbrios; e por outro lado, não pode por menos ser tocado, cada qual a sua consciência de sua própria desventura, para poder, pelo menos alcançar algum conhecimento de Deus.

Assim pelo sentimento de nossa ignorância, vaidade, pobreza, enfermidade e finalmente a perversidade e corrupção própria, reconhecemos que nenhuma outra parte, mas em Deus, há a verdadeira sabedoria, virtude, perfeita abundância de todos os bens e pureza de justiça; pelo qual certamente nos vemos impulsionados pela nossa miséria a considerar os tesouros que há em Deus. E não podemos estender a ele, antes de começar sentir descontentes de nós mesmos. Qual é o homem que não se contenta descansando em si mesmo? E quem não descansa enquanto não se conhece a si mesmo, enquanto que os dons que vê em si, ignorando a sua miséria? Pelo qual o conhecimento de nós mesmos, não somente nos incita a buscar a Deus, mas que nos leva para que falemos.

2. O homem na presença de Deus

Por outro lado, é evidente que o homem jamais chegará ao conhecimento de si mesmo, se primeiro não contempla o rosto de Deus, e depois de havê-lo contemplado, tende a considerar-se a si mesmo. Porque estando arraigado em nós, o orgulho e a soberba, sempre nos teremos por justos, perfeitos e sábios, a não ser que quando manifesta provas sejamos convencidos de nossa injustiça, feiúra, loucura e sujeira, porém, não nos convencemos se somente nos consideramos a nós e não a Deus, ou qual é a regra com que deve ordenar. Porque como todos nós estamos pela nossa natureza, inclinados a hipocrisia, qualquer vã aparência de justiça nos dará satisfação como se fosse a verdadeira justiça. Porque ao nosso redor não há outra coisa que nos manche com grande sujeira, o que não é tão sujo, nos parece limpo, enquanto mantemos nosso entendimento dentro dos limites da sujeira deste mundo; da mesma maneira que o olho, que não tem diante de si mais cor que o negro, tem por branco o meio branco ou escuro.

E, todavia podemos discernir ainda mais os sentidos corporais quanto nos enganamos ao julgar as potências e faculdades da alma. Porque se ao meio dia pomos os olhos na terra ou miramos as coisas que estão ao nosso redor, parece que temos a melhor vista do mundo; porém quando estendemos os nossos olhos ao sol e o olhamos fixamente, logo a nossa vista estará ofuscada pelo esplendor, que vemos obrigados a confessar que aquela nossa sutileza com que consideramos as coisas terrenas, não é outra coisa senão pura tontura quando se trata de mirar o sol.

Desta mesma maneira acontece na consideração das coisas espirituais. Porque enquanto não miramos mais que as coisas terrenas, satisfeitos com nossa própria justiça, sabedoria e potência, nos sentimos muito arrogantes e fazemos tanto caso de nós mesmos e chegamos a pensar que já somos deuses. Porém ao começar a colocar o nosso pensamento em Deus e a considerar como e quão esquisita seja a perfeição de sua justiça e sabedoria, a qual nós devemos conformar e regular, o que anos que com um falso pretexto de justiça nos contentava em grande maneira, por sua aparente sabedoria, nos iludia como uma extrema loucura e o que nos parecia potência, se descobria que é uma miserável fraqueza. Vê como parece perfeito em nós mesmos, de maneira alguma tem a ver com a perfeição divina.

3. Exemplos das Escrituras Sagradas.

Daí procede aquele horror e espanto com o que, segundo disse as Escrituras, os santos têm sido afligidos e abatidos sempre que sentem a presença de Deus. Porque vemos que quando Deus estava afastado deles, se sentiam fortes e valentes, porém quando Deus mostrava a sua glória, temiam como se desvanecessem a ponto de morrer.

Daqui se deve concluir que o homem nunca se humilha até que se vê frente à majestade de Deus. Muitos exemplos terão deste desvanecimento e terror no livro dos Juízes e dos profetas, de modo que nessa maneira de falar era muito freqüente no povo de Deus: “Morreremos, porque vimos o Senhor” (Jz. 13 22; Is. 6: 5; Ez. 1: 28; 3: 14). E assim a história de Jó, para humilhar os homens com a própria consciência de sua loucura, impotência e impureza, alega sempre como principal argumento, a descrição da sabedoria e a pureza de Deus: e isso, não sem motivo. Porque vemos como Abraão, quanto mais chegou a contemplar a glória de Deus, tanto melhor se reconheceu a si mesmo como pó

(Gn. 18: 27); e como Elias escondeu seu rosto não podendo suportar sua contemplação (I Reis 19: 13), tanto era o espanto que os santos sentiam a sua presença. E que fará o homem, que não é mais que podridão, quando os mesmos querubins são obrigados a cobrir seu rosto pelo espanto? (Is. 6: 2). Por isso, o profeta Isaías disse que o sol se envergonhará e a lua se confundirá, quando reinar o Senhor dos Exércitos (Is. 24: 23), ao mostrar sua claridade e ao fazê-la resplandecer, o mais claro do mundo ficará em comparação com ela, em trevas.

Portanto, mesmo que entre o conhecimento de Deus e de nós mesmos, mesmo que haja uma relação, a ordem para o reto ensinamento requer que tratemos primeiro do conhecimento que de Deus devemos ter, e logo do que devemos ter de nós.

Questão: Segundo Calvino, que conceito o homem deve ter de si mesmo?

4. Conclusão

O protestantismo é uma redefinição do cristianismo bíblico, frente a apostasia romana, os reformadores como Lutero, Calvino, Knox, Simons e outros foram usados por Deus para guiar o povo de Deus. O protestantismo histórico, em competência zelosa com a igreja romana, preparou suas pregações ao mais alto nível. O clérigo bem preparado era ideal para os protestantes. Além de preparar as pregações e mestres excelentes levou os protestantes ao escolasticismo por um lado e ao liberalismo de outro lado. Por isso, o movimento evangélico era necessário.

O MOVIMENTO EVANGÉLICO

TESE#5. A educação ministerial dos evangélicos tem um enfoque na piedade, no poder do Espírito Santo, o sacrifício e o sofrimento no ministério e a pregação evangelística. Mesmo que a educação é apreciada, o treinamento ministerial é considerado como a responsabilidade dos líderes da igreja.

ESBOÇO

5.0. Introdução

5.1. Juan Bunyan: A perseguição e a piedade

5.2. Jonathan Edwards: o evangelho e a ira de Deus

5.3. Juan Wesley: rompendo esquemas para evangelizar

5.4. Os Moravos: ganhando almas para o Cordeiro

5.5. Carlos Spurgeon: o príncipe dos pregadores

5.6. Conclusão

5.0 Introdução

Dentro do protestantismo havia movimentos de renovação, a princípio, os membros e os líderes dos movimentos de renovação mantinham sua membresia e função de sua vocação na igreja protestante tradicional. Por isso os moravos mantêm sua relação com a igreja luterana na Alemanha e a Igreja Reformada na Holanda. Os pietistas na Alemanha e Holanda o fazem assim. Os primeiros metodistas são membros líderes dentro da igreja evangélica. Os puritanos não formam sua própria denominação na Inglaterra, mas são membros e líderes das igrejas Anglicanas, Batistas e Congregacionalistas e Presbiterianas. Os moravos e metodistas formam suas próprias igrejas ao imigrar aos EUA.

Muitos dos movimentos de renovação dentro do protestantismo durante os séculos 17-19, são os que hoje em dia, chamamos de evangélicos. A crença e a prática do evangelho é a prioridade para os evangélicos. Os evangélicos reconhecem os seus irmãos de outras congregações. As primeiras sociedades missionárias são compostas de

evangélicos de várias denominações (sociedades bíblicas, missões de fé, missões interdenominacionais).

A educação ministerial não formal é o que tem formado os grandes líderes do protestantismo evangélico. Além de estudar em universidades, a maioria de seus ensinamentos são dados nas igrejas e em instituições. Vemos isso na vida de Juan Bunyan (Batista), Carlos e Juan Wesley (Metodistas) e Carlos Spurgeon (Batista).

5.1. Juan Bunyan: a perseguição e a piedade

Juan Bunyan (1628 – 1688) batista puritano do século XVII, era autor do famoso livro, O Peregrino. Juan sofreu muito por pregar. Foi encarcerado várias vezes por desobedecer a lei que proibia a pregação do evangelho. O seguinte manuscrito trata sobre a oração.

A Oração

Por Juan Bunyan

A ORAÇÃO é uma ordenança de Deus para o uso público como em particular: mas ainda é uma ordenança que põe aos que tem o espírito de súplica em estreita relação com Ele. E assim mesmo de efeitos tão notáveis que alcança de Deus grandes coisas, tanto para uma pessoa que ora como para aqueles por quem ora. Abre o coração de Deus, e por meio dela, a alma, mesmo estando vazia, enche. Pela oração, o cristão também ode abrir seu coração a Deus como faria a um amigo, e obter dele um novo testemunho de sua amizade. Muitas palavras poderiam ser colocadas aqui para fazer diferença entre a oração em particular e a pública, também do coração como a dos lábios. Assim mesmo poderia dizer algo para estabelecer uma diferença entre os dons e as graças na oração; porém deixando a parte esse método, por esta vez tenho de ocupar-me somente em mostrar-lhes a alma da oração, sem a qual toda a elevação de mãos, dos olhos, ou de vozes, precisaria de propósito.

O método que proponho a seguir nessa ocasião: 1. Mostrar o que é a verdadeira oração; 2. Mostrar o que é orar com o Espírito; 3. O que é orar com o Espírito e com entendimento; 4. Finalmente, tirar uma breve conclusão do tratado.

1. O que é a oração

Orar é derramar de modo sincero, consciente e afetuoso o coração ou a alma diante de Deus, por meio de Cristo, no poder e na ajuda do Espírito Santo, buscando as coisas que Deus tem prometido, o que são conforme a sua Palavra, para o bem da igreja, com fiel submissão a sua vontade.

Esta descrição contém, pois sete pontos. Orar é derramar o coração ou a alma: 1. De modo sincero; 2. De modo consciente; 3. De modo afetuoso, derramando a alma diante de Deus, por meio de Cristo; 4. No poder ou na ajuda do Espírito Santo; 5. Buscando as coisas que Deus tem prometido, o que são conforme a sua palavra; 6. para o bem da igreja; 7. com fiel submissão a vontade de Deus.

1. E quanto ao primeiro ponto: É derramar a alma de modo sincero diante de Deus.

A sinceridade é uma graça que forma a parte de todas as demais que Deus nos dá, e de todas as atividades do cristão, influenciando nelas, pois do contrário, não as miraria. Assim ocorre na oração, como disse Davi, falando deste tema: “A Ele clamei com a boca, com a língua o exaltei. Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido”. (Salmo: 66: 17- 18). A sinceridade é parte da oração, pois sem a mesma, Deus não considera como tal. “Buscar-me-eis e me achareis, quando me buscardes de todo vosso coração”. (Jeremias 29: 13). A falta da sinceridade faz com que Jeová recuse as orações, como diz em Oséias 7: 14: “Não clamam a mim de coração” (quer dizer com sinceridade), “mas dão uivos em suas camas”. Mas oram para exhibir-se hipocritamente para serem vistos pelos homens e aplaudidos por eles. A sinceridade é o que Cristo encaminhou em Natanael, quando este estava debaixo da figueira: “Eis aqui um verdadeiro israelita em que não há engano”. Provavelmente este homem havia derramado sua alma a Deus debaixo da figueira, com espírito sincero diante do Senhor. A oração que contem este elemento, como um de seus ingredientes principais, é a oração que Deus escuta. Assim vemos que “A oração dos retos é a sua alegria” (Provérbios 15: 8) Por que a sinceridade é um dos elementos

essenciais que Deus aceita? Porque a sinceridade induz a alma a abrir o coração diante de Deus com toda a sinceridade, e apresentar um caso plenamente, sem enganos; a clamar a Deus desde o mais profundo do coração, sem palavras vãs. “Escutando tem ouvido a Efraim que se lamentava: me açoitaste, me castigaste como novinho indomável...” A sinceridade é a mesma quando está sossegada em um canto que quando se apresenta no mundo. Não sabe levar-duas máscaras, uma para aparecer diante dos homens, - e outras para os breves momentos – que passa na solidão. Ela se oferece ao olho escutador de Deus, e deseja estar com Ele através da oração. Não tem apreço pelo esforço dos lábios, pois sabe que o que Deus olha é o coração – de onde brota para ver se é a oração que vai acompanhada de sinceridade.

2. É derramar de modo sincero e consciente o coração ou a alma.

Não se trata, como muitos pensam de, de umas quantas expressões balbuciantes, de um falatório, mas de um movimento consciente do coração. A oração contém um elemento de múltipla e autêntica sensibilidade: umas vezes para a carga que representam o pecado, outras para a ação de graça pelas bênçãos recebidas, outras para a predisposição de Deus a outorgar a sua misericórdia, etc.

- a) Consciência da necessidade de misericórdia, por causa do perigo que representa o pecado. A alma passa pela experiência em que suspira, e o pecado quebra; pois a verdadeira oração, da mesma maneira que o sangue brota da carne quando esta é aprisionada por férreas ligaduras, expressa o que procede do coração, quando este se fala pela dor ou pela amargura. Davi grita, clama, chora, desmaia em seu coração, os olhos se fecham, secam, etc: Ezequias se expressa lamentando qual pomba; Efraim se lamenta; Pedro chora amargamente; Cristo experimenta o que é “grande clamor e lágrimas”; e tudo isso por serem conscientes da justiça de Deus, pela culpa do pecado, das dores do inferno e da destruição. “Laços da morte me cercaram e angústia das dores do inferno se apoderaram de mim; caí em tribulação e tristeza. Então invoquei o nome do Senhor” (Salmo 116: 3– 4). Em

outra passagem: “meu mal corria de noite” (Salmo 77: 2). E também: “Sinto-me encurvado e sobremodo abatido, ando de luto o dia todo”. (Sl. 38: 6) Em todos estes versos e em outros que poderiam ser citados, pode ver-se que a oração íntima uma profunda consciência motivada, antes de tudo pela experiência do pecado.

- b) As vezes um é consciente da misericórdia que recebe; misericórdia que consola, vivifica e ilumina, etc. Assim vemos como Davi derrama sua alma para bendizer, adorar e magnificar ao Grande Deus que por sua bondade fazia seres tão pobres, vis e desventurados: “Bendize ó minh’alma ao Senhor e tudo que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize ó minh’alma ao Senhor e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as suas iniquidades, quem sara todas as suas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice; de sorte que a tua mocidade se renova como a de águia” (Salmo 103: 1- 5). E assim a oração dos santos se converte as vezes em louvor ; como está escrito: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo porém sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica com ações de graças” (Filipenses 4: 6). A ação de graças oferecida com plena consciência é uma poderosa oração aos olhos de Deus que prevalece diante de Dele e de modo inefável.
- c) Na oração, a alma se expressa as vezes como sabendo já as bênçãos que há de receber e isto se faz que o coração se inflame: “Tu, Senhor dos Exércitos” diz Davi, “revelaste ao ouvido de teus servo, dizendo: Eu edificarei a casa, por isso teu servo, dizendo: “Eu te edificarei a casa, por isso teu servo tem falado em seu coração para fazer diante de ti esta súplica” (II Samuel 7: 27). Esta confiança é a que moveu Jacó, Davi, Daniel e outros; a prévia experiências das misericórdias que iam receber. Sem balbuciar de maneira néscia e em vãs palavras escritas em um papel, mas com poder, com fervor e sem cessar, estes

homens apresentaram gemendo diante de Deus a sua condição, experimentando como tem dito, suas necessidades, sua miséria e confiando em seus propósitos de misericórdia.

Ter uma boa experiência do pecado e a ira de Deus, junto com estímulos recebidos de Deus para vir a Ele, o melhor breviário que tirar dos livros papistas usados na missa, que não são outra coisa que pedaços e fragmentos da imaginação de alguns papas, algumas frases e nada mais.

3. A oração é derramar a alma diante de Deus de modo sincero, consciente e afetuoso.

Ó que calor, que fortaleza, vida, vigor e afeto da verdadeira oração – Como o cervo brama pelas correntes de águas, assim a minha alma clama por ti. Tenho desejado teus mandamentos, a minha alma anseia ardentemente pelos átrios do Senhor: meu coração e minha carne cantam ao Deus vivo. Quebrantada está a minha alma por desejar teus juízos em todo o tempo. Observe como disse: A minha alma anseia, etc. Oh que afeto se descobre nesta oração! O mesmo se encontra em Daniel: “Ouve ó Senhor, perdoa; ó Senhor, não retardes por amor de ti mesmo, Deus meu”. Cada sílaba está impregnada com veemência. Isto é o que Tiago chama de oração eficaz. Assim também em Lucas 22: 24: “E estando em agonia, orava mais intensamente”, ou seja, que seus afetos iam mais e mais longe em busca da mão ajudadora de Deus. Oh! Quão distante estão de parecer às orações da maioria dos homens a verdadeira oração que sobe ao trono de Deus! Que lástima, que a maior parte não sintam este ardor em sua consciência e enquanto aos que sentem, é de temer que muitos deles não saibam o que é derramar seu coração e sua alma diante de Deus de maneira sincera, consciente e afetuosa. Mas ainda se contentam com mero exercício de lábios e corpo, fazendo umas quantas orações de memória. Quando os afetos formam deveras parte da oração, todo o homem participa dela, e de tal maneira que a alma, assim prescindir de tudo antes que se privar do bem desejado, ou seja, a comunhão e o prazer são Cristo. Por isso os santos têm gastado suas forças e tem perdido suas vidas antes que se privar da bênção (Sl. 79: 3; 38: 9, 10; Gn. 32: 24).

Todo esse formalismo se observa sobremaneira na ignorância, e irreverência e a inveja que reina nos corações daqueles que são zelosos na oração, porém não de seu poder. Apenas há um entre quarenta que se sabe o que é ser nascido de novo; ter comunhão com o Pai por meio do Filho; experimentar o poder e a graça que santifica em seu coração. Apesar de todas as suas orações, vive uma vida cheia de maldade, embriaguez, lascívia e abominação, malícia e perseguindo aos filhos de Deus. Oh que horrendo juízo virá sobre eles; juízo contra o qual em suas reuniões hipócritas, e todas as suas orações, jamais poderão ajudar-lhes ou proteger-lhes.

Orar é derramar seu coração, há na oração um ato que o íntimo se revela, em que o coração se rende a Deus, em que a alma se derrama afetuosamente em forma de petição, suspiro e gemido – “Diante de ti estão todos os meus desejos (disse Davi em Salmo 38: 9) e a minha ansiedade não te é oculta”. E também: “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus? Lembro-me destas coisas e dentro em mim se derrama a minha alma” (Salmo 42: 2-4). Observa-se que disse: “Derramarei... minha alma” expressão que significa que na oração a vida e todas as forças voltam a Deus. Como disse em outra passagem: “Esperai nele em todo o tempo, ó povos, derramai diante dele o vosso coração” Salmo 62: 8. Esta é a oração que se tem dado promessa de libertação para a pobre cativa sob a servidão. “Se desde ali, buscares a Jeová, teu Deus, o acharás se o buscardes de todo vosso coração e de toda a tua alma” (Deut. 4: 29).

Prossigamos: Orar é derramar seu coração ou a alma diante de Deus. Isso mostra a excelência do espírito de oração. É a presença do grande Deus a onde a oração se retira: “Quando vier e comparecer diante de Deus” A alma ora assim, vê a vaidade de todas as coisas debaixo do céu; vê que só em Deus há descanso e satisfação para ela, e assim pode por a confiança em Deus. Por isso Davi disse: “Em ti Senhor, me refugio; não seja eu jamais envergonhado. Livra-me por tua justiça, e resgata-me; inclina-me os teus ouvidos e salva-me. Sê tu para mim uma rocha habitável em que sempre me acolha; ordenaste que eu me salve, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza. Livra-me Deus meu, das mãos do ímpio, das garras do homem injusto e cruel. Pois tu és a minha esperança, a minha confiança desde a minha mocidade” (Salmo 71: 1-5). Muitos falam de Deus com palavras, mas a verdadeira oração faz dele a sua esperança. A verdadeira oração não se vê nada

substancial, só Deus. E não (como tem feito antes) de maneira sincera, consciente e afetuosa.

Seguiremos dizendo que a oração é derramar o coração ou a alma de maneira sincera, consciente através de Cristo. É necessário acrescentar isso, através de Cristo, pois do contrário, cabe duvidar se é oração por muita e eloquência.

Cristo é o caminho pelo qual a alma tem acesso a Deus e sem o qual é impossível que nem um só desejo chegue aos ouvidos do Senhor. “Se algo pedir em meu nome tudo o que pedir a meu Pai em meu nome, isso farei”. Essa foi a maneira que Daniel orou pelo povo de Deus; em nome de Cristo: “Agora, pois, ouve a oração de teu servo e faz teu rosto resplandecer sobre o santuário assolado, pelo amor do Senhor” (Dn. 9: 17) E o mesmo Davi: Por amor de Teu nome (o mesmo que por amor de seu Cristo), oh, Deus perdoarás também o meu pecado; porque é grande (Salmo 25: 1). Isso não quer dizer que tudo o que se mencionar o nome de Cristo em suas orações está orando realmente em seu nome. Ao aproximar-se de Deus através de Cristo é a parte mais difícil da oração. Ao homem é mais fácil experimentar as suas obras, e inclusive desejar com sinceridade sua misericórdia, que poder vir a Deus por Cristo. O que vem a Deus através de Cristo há de conhecer primeiramente; e também o que vem a Deus deve conhecer a Cristo: Rogo-te que me mostre agora o caminho” disse Moisés, “para que te conheça” (Ex. 33: 13).

Só o Pai pode revelar a este Cristo. E vir através de Cristo é que seja dada a alma o poder de Deus para proteger a sombra do Senhor Jesus, como em um refugio. Por isso, Davi muitas vezes se refere a Cristo como seu escudo, torre, fortaleza, rocha de confiança, etc. E não tem dado estes nomes só porque não venceu seus inimigos, mas porque ele falou a favor de Deus o Pai. A Abraão lhe foi dito: “Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo”, etc. (Gn. 15: 1). Assim pois o que vem a Deus através de Cristo há de ter fé pela qual se reveste dele, a aparece diante de Deus. E o que tem nascido de Deus tem nascido de novo, e, portanto, chega a ser um de seus filhos, em virtude do qual é unido a Cristo e membro seu. Pela maneira que Deus lhe considera como parte de seu filho como parte de seu corpo, de carne e de seus ossos; unido a ele pela eleição, a conversão. Deus coloca o Espírito no coração desse pobre homem, de modo que agora se achega a Deus em virtude dos méritos de Cristo; em virtude do seu sangue, sua justiça, sua vitória, sua intercessão. Já está diante dele sendo aceito em seu filho amado. Ao ser assim esta pobre criatura membro do Senhor

Jesus e ter, portanto, acesso ao trono de Deus, em virtude dessa união, o Espírito Santo é posto também nele, capacitando-lhe para derramar sua alma diante de Deus e ser ouvido por Ele.

4. A oração é derramar o coração e a alma de modo sincero, consciente diante de Deus por meio de Cristo no poder e ajuda do Espírito.

Estas coisas dependem de tal modo uma das outras que é impossível que haja oração sem que todas elas concorram. Por excelente que seja o nosso falar, Deus recusa toda a súplica que não tenha essas características. Se não se derrama o coração, diante dele, e isso por meio de Cristo, não se faz outra coisa senão um mero esforço de lábios, o qual está distante de ser agradável aos ouvidos de Deus. Assim também, se não é o poder e a ajuda do Espírito será como o fogo estranho que os filhos de Arão ofereceram (Lev. 10: 1) Mas disso, falarei mais adiante. Entretanto concluímos que o que não se pede por meio do ensino e a ajuda do Espírito Santo, não pode ser conforme a vontade de Deus.

5. A oração consiste em derramar o coração e a alma, de maneira sincera, consciente diante de Deus, por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito, pedindo aquilo que tem prometido conforme a sua palavra.

A oração é oração quando se fala dentro do âmbito e do desígnio da Palavra de Deus; pois quando a petição é alheia ao Livro, é blasfêmia. Por isso Davi, em sua oração, não apartava de sua vista, a Palavra de Deus: Tornou-se pó a minha alma; vivifica-me segundo a tua palavra” (Salmo 119: 49). Certamente o Espírito Santo não vivifica nem move diretamente o coração do cristão, mas pela palavra trazendo-a para o coração, por meio disso o homem é capacitado para chegar-se a Deus e pedir-lhe conforme a Sua Palavra. Eu, Daniel observei atentamente os livros” (os escritos de Jeremias) “e Deus falou através do profeta que Deus haveria de assolar a Jerusalém” em setenta anos, “Voltei o meu rosto ao Senhor, para o buscar com oração, súplica, com jejum, pano de saco e cinza” Daniel: 9: 3, o Espírito é o ajudador da alma, quando oramos conforme a vontade de Deus, porque o mesmo Espírito ele que a regula segundo a palavra se Deus e sua promessa. Por isso, nosso

Senhor Jesus Cristo mesmo se reteve em uma ocasião, mesmo sua vida depende dele. “Posso agora orar ao Pai e Ele me daria uma legião de anjos; porém como se cumpririam as Escrituras, que assim convém que seja feito?” Se houvesse uma só palavra acerca disso, na Escritura, estaria longe as mãos dos meus inimigos: os anjos me ajudariam. A escritura não justifica tal classe de oração. Se há de orar conforme a Palavra e a promessa. O Espírito há de dirigir por meio da Palavra, tanto na maneira como no tema da oração. “Orarei com o Espírito, mas orarei com entendimento” (I Cor. 14: 15). Porém não há entendimento sem a Palavra, sem ela que sabedoria permanece?

Para o bem da igreja. Esta cláusula abrange tudo o que tem a glória de Deus, a adoração de Cristo e o proveito de seu povo, pois Deus, Cristo e seu povo estão unidos, que se ora em favor de um, a saber, é para a glória de Deus e para a adoração a Cristo. Da maneira que Jesus está o Pai, os santos estão em Cristo; ele que toca aos santos a menina dos olhos de Deus. Orai, pois, pela paz de Jerusalém, não terá jamais a paz perfeita até chegar no céu, e não há coisa que mais que Cristo deseje é estar ali, no lugar que Deus, por meio de seu filho lhe tem dado.

Assim pois o que ora pela paz de Sião, ou que a Igreja pede oração pelo que Cristo comprou com seu sangue e que o Pai lhe tem dado, está pedindo a abundância de graça para a igreja; ajuda contra a todas as suas tentações; pedindo que Deus não permita que nada lhe aflija; que todas as coisas concorrem para o bem; que Ele lhes guarde irrepreensíveis e sinceros para a sua glória, filhos inculpáveis no meio de uma geração perversa. Esta é a essência da oração de Cristo em João 17. E todas as orações de Paulo seguiam nesse curso, como mostra o texto bíblico: “E também faço essa oração para que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus. (Filipenses 1: 9-11). Como vê é uma oração curta, mas bela de bons desejos para a igreja, desde o princípio ao fim; para que esteja firme e persevere, manifestando-se em maior disposição espiritual, ou seja, irrepreensivelmente, com sinceridade e sem ofensa, até o dia de Cristo, sejam quais forem as tentações ou perseguições que vierem.

A oração se submete a vontade de Deus, como Cristo ensinou: “Faça a tua vontade”. Pelo qual todo o povo de Deus, com toda humildade há de colocar a si mesmo as suas

orações e tudo o que tem, aos pés do Senhor, para que Ele disponha segundo melhor lhe agrade em sua sabedoria celestial. E tudo sem duvidar que ele responderá ao desejo de seu povo de maneira mais conveniente e para a sua glória. Quando os santos oram submissos a vontade de Deus, não significa que deve por em dúvida do seu amor e bondade, mas que nem sempre são prudentes, circunstâncias que às vezes aproveita Satanás para tenta-lhes por aquilo que se alcançarem, não redundaria para a glória de Deus, nem para o bem de seu povo, teremos esta confiança nele, que se fizermos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve em qualquer coisa que pedirmos. Mas como disse antes, a petição que não é apresentada por meio do Espírito, não será atendida, por estar distante da vontade de Deus; pois só o Espírito conhece esta, e, portanto, é o único que sabe orar em conformidade: “Por que qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus” (I Cor. 2: 11). Mais adiante voltaremos a tocar este ponto.

Questões sobre Juan Bunyan “Oração”

1. Que faz a oração verdadeira ao coração de Deus?
2. Qual é a definição de oração segundo Bunyan?
3. Por que a sinceridade é um dos elementos essenciais da oração que Deus aceita?
4. De que verdade deve estar consciente quando oramos?
5. Por meio de quem chegamos ao Pai em oração?
6. Como consegue o poder para orar segundo a vontade de Deus?
7. As orações devem estar conforme a _____.

5.2. JONATHAN EDWARDS: O EVANGELHO E A IRA DE DEUS

“Pecadores nas mãos de um Deus Irado”

Este é o seu famoso sermão pregado em julho de 1741 por Jonathan Edwards

“A seu tempo quando resvalar o seu pé”. (Deuteronômio 32: 35)

Neste versículo a vingança de Deus ameaça aos israelitas ímpios e incrédulos, que era o povo de Deus e que viveram por meio da graça, e quem a sua obra maravilhosa para com eles permaneceram (como disse o verso 28) desprovidos de conselhos, não tendo entendimento. De todos os cultivos do céu, tiraram a luz frutos amargos e venenosos; como nos dois versículos que precedem o texto. A expressão que escolhi para o meu texto, “A seu tempo quando resvalar o seu pé”, parece indicar as seguintes coisas em relação ao castigo e destruição que estão expostos estes israelitas.

1. Estiveram sempre expostos a destruição; como quem permanece ou caminha em lugares escorregadios e está sempre exposto a cair. Isto mostra a sua destruição, isso representa os pés resvalando. O mesmo é expresso em Salmo 73: 18. “Certamente os tem colocado em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição”.
2. Implica que sempre estiveram expostas a uma destruição repentina. Como aquele que caminha em lugares escorregadios e está exposto a cair a qualquer momento, não poderá prever se no momento seguinte estará em pé ou cairá; e quando cai, acontece de uma maneira rápida sem aviso. Isso também mostra Salmo 73: 18-19. “Certamente os tem colocado em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição. Como ficam de súbito, assolados, totalmente aniquilados de terror”.
3. Outra coisa que é mostrada, é que estão expostos a cair por eles mesmos, sem ser lançados a terra, pela mão do outro; como aquele que permanece em pé ou caminha em solo escorregadio não precisa de outra coisa a não ser de seu próprio peso para cair.

4. A razão porque não tem caído, nem caem agora, é somente porque o tempo destacado por Deus não tem chegado. Porque se diz quando esse esperado tempo, o momento assinalado chegar, seus pés resvalarão. Logo se desejarão cair de maneira que seu próprio corpo está inclinado em seu próprio peso. Deus não irá sustentá-los, mas pelo contrário permitirá caírem em destruição; como aqueles que encontram em caminhos tortuosos e escorregadios e por um fio de um abismo que não pode manter-se firme por si só; quando se deixa sem apoio, imediatamente cai e se perde.

A observação destas palavras em que vou insistir agora são estas: “Não há outra coisa que mantenha o homem ímpio fora do inferno em todo o momento que o mero prazer de Deus”. Pelo mero prazer de Deus, significa seu prazer soberano, sua vontade, não restringida a nenhuma obrigação, nem impedida por nenhuma dificuldade, em nenhuma outra coisa; como se a pura vontade de Deus não tivesse nenhum momento em maior grau, ou em nenhum outro aspecto, nenhum lugar na preservação dos ímpios. A verdade dessa observação parece considerar o seguinte:

1. Deus não deseja em nenhum momento lançar os ímpios ao inferno. As mãos dos homens não podem ser fortes quando Deus se levanta; o mais forte não tem poder para resistir-lhe, nem pode livrar-se de suas mãos. E não somente é capaz de lançar aos ímpios ao inferno, mas como pode fazê-lo facilmente. Algumas vezes o príncipe terreno se encontra em dificuldade se sujeitar um rebelde que tem encontrado meios para fortalecer a si mesmo, e pelo número de seus seguidores. Mas com Deus não é assim. Não há fortaleza que seja o auxílio contra o poder de Deus. Mesmo que os inimigos de Deus se ajuntem, são facilmente quebrados em pedaços, para Ele são como um monte de palha, ou grande quantidade de folhas secas diante das chamas devoradoras. Quem somos nós para que permaneçamos em pé diante dele, cuja repreensão a terra treme e as rochas são lançadas?
2. Eles merecem ser mandado para o inferno; de maneira que se a justiça divina se encontra no caminho, não há objeção eficaz contra o poder de Deus para

destruí-los. Antes pelo contrário, a justiça clama fortemente pelo castigo eterno pelos seus pecados. A justiça divina disse da árvore que dá a luz à uva de Sodoma, “pode cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?” (Lc. 13: 7). A espada da justiça divina está em cada momento está sobre a sua cabeça, e não é outra coisa que a misericórdia e a pura vontade de Deus que a detém.

3. Eles já estão debaixo de uma sentença de condenação ao inferno. Não só merecem justamente serem lançados ali, mas que a sentença da lei de Deus, essa regra imutável de justiça que Deus tem fixado entre ele e a humanidade. “Ao que não crê já está condenado” (João 3: 18) e ali ficará, é o lugar que a justiça, a palavra de Deus, e a sentença de sua lei imutável lhes tem designado.
4. Eles agora são o alvo desse mesmo aborrecimento e a ira de Deus que é expresso nos tormentos do inferno. E a razão pela qual não vão para o inferno, não é porque Deus em cujo poder não está tão irados com eles, como está com muitas criaturas miseráveis que agora estão sendo atormentadas no inferno e ali experimentam o furor de sua ira. Se Deus acende a sua ira aos que habitam sobre a terra, sem dúvida está irado com muitos os que estão nesta congregação, do que com muitos que estão nas chamas do inferno. Para eles, sua condenação não cessa; o abismo está preparado, o fogo já está aceso e quente para recebê-los; as chamas inflamam e ardem. A espada resplandecente está afiada e está sobre eles.
5. O diabo está pronto para cair sobre eles e levá-los para si, o momento que Deus permitir. Eles lhe pertencem, ele tem suas almas em sua posse e debaixo do seu domínio. A Escritura os representa como suas boas dádivas (Lc. 11: 13). Os demônios os vigiam; sempre estão as suas destros, permanecem esperando por eles como leões famintos que vêm as suas presas e esperam tê-la. Se Deus retém as suas mãos, pela qual eles são restringidos, voltariam as suas pobres almas. A serpente antiga os olha com assombro; o inferno abre a sua boca para receber-lhes; se Deus assim o permitisse, seriam tragados e estariam perdidos.

6. Nas almas dos ímpios reinam princípios infernais que estiveram atualmente estendidos e chamando no inferno de fogo se não fosse as restrições de Deus. Na natureza de cada homem carnal está colocado um fundamento para os tormentos do inferno. Há esses princípios corrompidos reinando e em plena posse deles, que é a semente do inferno e fogo. Estes princípios são ativos e poderosos, excessivos e violentos em sua natureza, e se não fosse pela mão restrigente de Deus se inflamariam da mesma maneira. As almas dos ímpios são comparadas na Escritura como um mar em tempestade (Is. 57: 20). Pelo presente, Deus restringe sua impiedade por meio de seu grande poder, da mesma maneira em que faz com as coléricas de um mar turbulento, dizendo: “até aqui chegarás e não passarás”. O pecado é a ruína e a miséria da alma, é destrutiva em sua natureza, e assim Deus o deixara sem restrição, não faltaria nada para fazer a alma algo perfeitamente miserável. A corrupção do coração do homem é ilimitada em sua fúria, e enquanto o ímpio vive aqui é como um fogo contido pelas restrições de Deus, que se fosse deixado em liberdade atacaria com fogo o curso da natureza e já que o coração é agora um reduto do pecado, de não ser restringido, imediatamente converteria a alma em um forno ardente.
7. Não é segurança para o ímpio o que em nenhum momento haja meios visíveis da morte a mão. Não é a segurança para o homem que está agora gozando da perfeita saúde que possa imediatamente partir deste mundo por algum acidente, nem o que haja nenhum perigo visível em nenhum aspecto em suas circunstâncias. A experiência múltipla e contínua do mundo em todas as idades mostra que não há evidência de que o homem não está a bordo da eternidade, e de que o próximo passo não seja em outro mundo. O invisível, o ouvido de modos e meios pelo qual as pessoas saem subitamente do mundo são inumeráveis e inconcebíveis. Os homens não convertidos caminham sobre o abismo do inferno. As flechas da morte voltam à medida sem serem vistas; a vista mais agudas não as podem discernir. Deus tem tantas maneiras diferentes e inescrutáveis de levar ao ímpio fora do mundo e levar-lhes ao inferno, que não há nada que faça parecer que Deus tivesse necessidade de estar próximo a

um milagre, ou sair fora do curso de sua providência, para destruir o ímpio em qualquer instante. Todos os meios pelo qual, os ímpios partem do mundo estão de tal maneira nas mãos de Deus, e tão universal e absolutamente sujeito a seu poder e determinação, que não depende da pura vontade de Deus que os pecadores vão a qualquer momento ao inferno, e os meios nunca sejam usados ou estejam envolvidos no caso.

8. A prudência e o cuidado dos homens naturais para preservar suas próprias vidas, ou cuidado de outros para preservar a eles, não lhes dá segurança em nenhum momento. Disso dão testemunho à providência divina e a experiência universal. Há a clara evidência de que a própria sabedoria dos homens não é segurança para eles, quando estão diante da morte; se fosse de outra maneira veríamos diferença entre os homens sábios e políticos e os demais em relação a sua morte inesperada, mas como é isso nos atos? “Também morrerá o sábio como o néscio” (Ec. 2: 16).
9. Todas as lutas que os ímpios usam para escapar do inferno, enquanto continuam a recusar a Cristo, permanecendo assim como ímpios, não os livra do inferno em nenhum momento. Quase todo o homem natural que olha o inferno, bajula a si mesmo no que tem feito, ou no que está fazendo, ou que tenta fazer. Quem dispõe coisas em sua mente sobre como evitar a condenação, e se engana a si mesmo planejando seu próprio bem. Eles ouvem que são poucos os que se salvam, e que a maior parte dos homens até agora estão indo para o inferno, porém planejam melhores tramas para seu escape. Eu não pretendo ir a esse lugar de tormento, disse dentro de si que tenta tomar cuidado eficaz e ordenar as coisas de tal maneira que não falte. Porém os filhos insensatos se enganam miseravelmente a si mesmo em seus próprios esquemas, e em confiança de sua própria força e sabedoria; não confiam em mais que uma mera sombra. A maioria desses que até agora tem vivido debaixo dos mesmos meios de graça, estão mortos e indo para o inferno; a razão é que eles não eram tão sábios, como os que agora os que estão vivos; não foi porque não planejaram coisas que lhes assegurassem seu escape. Se pudéssemos falar com eles, perguntaríamos se já haviam ouvido falar do

inferno, ou escutaríamos dizendo: “Não eu nunca pretendi vir aqui, havia colocado outras coisas em minha mente; pensei haver planejado o bem para mim, porém não esperava que viesse assim tão depressa como um ladrão. A morte me levou, a ira de Deus foi muito rápida para mim. Oh! A minha maldita insensatez! Estava enganando a mim mesmo, e quando dizia paz e segurança, sobreveio sobre mim a destruição.

10. Em nenhum momento Deus colocou sobre nenhuma obrigação por alguma promessa que tem dado, de manter o homem natural fora do inferno. Certamente Deus não tem feito nenhuma promessa acerca da vida eterna ou de alguma libertação da morte eterna, mas aqueles que estão contidas no pacto da de graça, essas promessas existem, amém. Mas para aqueles que não são filhos do pacto de graça e não tem nenhum interesse no Mediador do pacto. De maneira que alguém havia tido imaginações acerca das promessas feitas aos homens que buscam com sinceridade, é claro que não importa as dores que o homem sofra em sua religião, nas orações. Deus não está de nenhuma maneira obrigado a livrá-lo da condenação eterna. De maneira que é assim é que os homens naturais são tomados na mão de Deus, sobre o abismo do inferno, e estão sofrendo, pois eles provocaram em Deus a sua ira e não há uma promessa de apaziguar a cólera. O diabo está esperando por eles, o inferno está aberto, o inferno os tragarão para aqueles que não tem nenhum interesse no Mediador.

APLICAÇÕES

Este tema pode ser útil para despertar as pessoas dessa congregação que não se converteram, isto porque cada um deles se encontra fora do Reino de Cristo. Esse mundo de miséria, esse lago de enxofre ardente se estende debaixo de ti. Ali está o espantoso abismo ardente das chamas da ira de Deus, e não tem nada que permanecer em pé, nem a onde agarrar, é tão somente o poder de Deus é o que te suporta.

Possivelmente não é sensível a isso, te vêes fora do inferno, mas não vê a mão de Deus, porém contempla outras coisas, como o bem estar de seu corpo, o cuidado de sua

vida e os meios que usa para a sua preservação. Porém estas coisas de nada servem, se Deus retirar sua mão, elas não te beneficiarão mais, mas enquanto evitar a tua queda, que o que faz a tênue atmosfera ao sujeitar uma pessoa que se suspende nele.

Tua impiedade o torna pesado e te levará direto ao inferno; e se Deus permitir você cair, imediatamente te afundarás dentro de um abismo sem fundo e o cuidado, prudência, plano e justiça de nada lhe servirão para livrar-te do inferno.

De não ser pelo soberano prazer de Deus, a terra não te sustentaria um instante porque é uma carga para ela. A criação geme contigo, a criação está sujeita a escravidão de tua corrupção, não para ajudar-te voluntariamente a servir ao pecado; a terra não produz seu incremento para satisfazer suas paixões; enquanto pesa a tua vida aos inimigos de Deus, as criaturas foram feitas para que o homem servisse a Deus juntamente com elas, e para que não sirvam nenhum outro propósito. O mundo te lançaria fora de não ser pela mão soberana daquele que o tem sujeito na esperança. As negras nuvens da ira de Deus estão agora flutuando diretamente sobre suas cabeças, a não ser pela mão restridentes de Deus houvera imediatamente sobre ti. O prazer soberano de Deus, pelo presente detém o vento agitado; de outro modo, viria com toda a fúria e tua destruição chegaria como redemoinho. Seria como a pequena palha do solo na trilha de verão.

A ira de Deus é como grande água que está destinada para o presente; aumentam mais e mais, e crescem mais e mais, até que a saída seja dada. E enquanto se detenha a corrente, mais rápido e poderoso para seu curso quando sejam desatadas. É verdade que o juízo contra as tuas obras perversas não tem sido executado, a vingança de Deus tem sido retidas, porém a tua culpa está aumentando constantemente; e não há nada fora do prazer de Deus que venha a refrear as águas, as quais não querem ser detidas, e pressionam duramente para ir adiante. Se Deus retirasse sua mão, a comporta se abriria imediatamente e viria sobre ti com poder onipotente; e se fosse dez mil vezes maior que o que é, se, dez mil vezes maior que força do mais robusto diabo no inferno, não seria nada para resisti-la ou suportá-la.

O arco da ira de Deus está encurvado, a justiça dirige a flecha a teu coração, não é outra coisa que o mero prazer de Deus. Assim, todos os que não tem passado pela mudança de coração, pelo grande poder do Espírito de Deus sobre suas almas; todos aqueles que não tem nascido de novo, nem tem sido feitas novas criaturas, nem tem sido levantado da morte no pecado a um novo estado, nem experimentado a luz e a vida, estão nas mãos de um Deus

irado. Ainda que houvessem mudado suas vidas em muitas coisas, e tido afeições religiosas, não é outra coisa que o prazer de Deus que os preserva da destruição eterna. Não importa quão pouco sejam convencidos da verdade que ouvem, ou a seu tempo estarão convencidos dela. Aqueles que partiram estando nas mesmas circunstâncias em que estavam eles, porque a destruição vem sobre eles, quando não a esperavam, e enquanto estavam dizendo “paz e segurança”, agora vêem que essas coisas que dependiam para a paz e segurança, não era mais do que uma sombra vazia. O Deus que te sustenta sobre o abismo do inferno, tem sido terrivelmente provocado. Sua ira faz acender como fogo, é tão puro de olhos que não pode manter-se a sua vista; éreis dez mil vezes mais abominável a seus olhos do que a serpente venenosa mais odiada e aos nossos. Tem lhes ofendido infinitamente mais do que um rebelde ofende a seu príncipe; e, todavia, que não é a sua mão que te sustenta de cair no fogo a qualquer momento. Não deve ser atribuído a ninguém mais o que não havia ido ao inferno a última noite; o que havia sofrido outra vez o despertar neste mundo, depois de haver fechado os olhos para dormir. E não há outra razão o porquê não tem caído no inferno desde que levantou esta manhã ou desde que tem sentado aqui nesta casa de Deus, o fato é de que a mão de Deus tem te sustentado. Oh! Pecador considera o terrível perigo em que está, no forno de ira, um abismo sem fundo, cheio do fogo da ira em que está suportando pela mão de Deus, cuja ira, tem sido inflamada tanto contra ti, mas contra muitos dos que já estão condenados ao inferno. CUEL GAS de um fio tênue, com as chamas da ira divina queimando ao redor, e lista em todo o momento para queimá-lo; e não tem nenhum interesse em nenhum Mediador, nem em nada que possa salvar-te, nem te livrar das chamas da ira. Nem sequer há algo em ti, nada do que possas fazer, para que Deus possa perdoar-te. Por isso te peço que considere os seguintes pontos de modo mais particular.

1. Olha de quem é a ira. A ira é de um Deus Eterno, se fosse somente a ira de um homem, mesmo que fosse de um príncipe mais poderoso, seria incomparavelmente pequena para ser considerada. A ira dos reis é muito mais terrível, especialmente de monarcas mais absolutos, que tem a posição e as vidas de seus súditos inteiramente em seu poder para dispor delas a sua mera vontade. “Como rugido de um cachorro ou de um leão é o terror do rei; e o

que enfurece, peca contra si mesmo” (Prov. 20: 2). O súdito que encoleriza muito contra o príncipe arbitrário está disposto a sofrer a tormenta mais extrema que a arte humana pode inventar ou que o poder humano pode infringir. Porém as maiores autoridades terrenas, em sua majestade e força, quando estão revestidos de seus maiores terrores, não passam de vermes desprezíveis da terra em comparação ao Grande e Todo Poderoso Criador e Rei dos reis do Céu e da Terra, na verdade, nada podem fazer diante de seu furor. Todos os reis da terra são como gafanhoto diante de Deus, nada são; tanto o seu amor como o seu ódio é reduzido a nada, a ira do Grande Rei dos reis é mais terrível do que a deles, como a sua majestade. Digo-vos, pois amigos meus: Não temais os que matam o corpo e, depois disso nada mais podem fazer. Eu, porém vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer”. (Lc. 12: 4, 5).

2. É a fúria de sua ira a que estás exposto, lemos sobre a fúria de Deus; como em Isaías 59: 18. “Como para retribuir com a ira a seus inimigos e dar a paga aos seus inimigos”. Assim também Isaías 66: 15. “Porque, eis que o Senhor virá em fogo e os seus carros como em torvelinho, para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo”. E em muitas outras passagens. Também Ap. 19: 15, ali lemos sobre o “lagar do vinho, do furor, da ira de Deus Todo Poderoso”. As palavras são em extremo terrível. Se somente houvesse dito “a ira de Deus”, os termos aplicariam a um algo infinitamente terrível; porém é o furor e a ira de Deus. A fúria de Deus, a ira de Jeová! Oh! Quão terrível deve ser isso! Quem pode conceber essas expressões que implicam em si mesmas? Porém, além disso: “O furor e a ira de Deus Todo Poderoso”. Como se houvesse uma grande manifestação de seu poder, que os homens não podem exercer sua força contra o furor de sua ira. O que será daqueles vermes que sofrerão? Quem terá mãos fortes para isso? Quem poderá resistir? Considera você que está aqui presente, e ainda permanece em um estado não regenerado. Que Deus executará o furor de sua ira, implica que ele infligirá sua ira sem piedade, não terá compaixão de ti, não conterà as execuções de sua ira, não

terá cuidado de teu bem estar. Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei”. (Ez. 8: 18). Agora Deus está prestes a ter piedade de ti; este é um dia de misericórdia pode clamar agora com o alento de obter o seu favor, porém quando passar o dia da misericórdia, seus gritos e gemidos de lamentos será em vão; estará completamente perdido, como se ninguém se interessasse pelo seu bem estar. Deus não terá outra coisa que fazer contigo que colocar-te em miséria, não terás outro fim a não ser esse, porque serás um vaso de ira preparado para a destruição, e não fará uso para este outro vaso que ser cheio da plenitude de ira. Deus estará tão cheio de ter piedade de ti apenas: “rirá e zombará” (Prov. 1: 25 e 26). Quão terríveis são essas palavras, as quais procedem do grande Deus, “os que pisei com minha ira e no meu furor e as esmaguei e o seu sangue salpicou as minhas vestes e me manchou o traje todo” (Is. 63: 3). E talvez impossível conceber outras palavras que expressem com mais clareza a idéia do desprezo e do ódio. Se clamares a Deus para que tenha piedade de ti, ele estará tão longe de fazer tal coisa para o teu doloroso caso, ou não te mostrar nenhum cuidado ou favor, que em lugar dele, te colocará debaixo dos seus pés sem misericórdia. Não só te odiará, mas terá desprezo que não haverá outro lugar mais adequado para ti que estar debaixo dos pés.

3. A miséria em que está exposto é aquela que Deus infringirá a fim de mostrar o que é a ira de Deus. Deus tem em seu coração a mostrar aos anjos e aos homens quão excelente é o seu amor, e também quão terrível é a sua ira. Algumas vezes os reis da terra mostraram que quão terrível é a sua ira, pelos castigos extremos que executaram contra aqueles que lhe provocaram. Nabucodonozor, esse monarca poderoso e orgulhoso do império caldeu, estava prestes a mostrar a sua ira, quando enfureceu contra Sadraque, Mesaque, Abede – Nego, e dessa maneira ordenou que acendessem o fogo sete vezes mais. Sem dúvida foi levantado a um grau mais extremo do furor que a arte humana poderia levantar. Porém o grande Deus está prestes a mostrar a sua ira e magnificar sua terrível majestade e onipotência, nos sofrimentos de seus

inimigos. “Que diremos, pois, se Deus querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira preparados para a perdição” (Romanos 9: 22). Quando um Grande Deus irado executar sua vingança sobre o pobre pecador então ele chamará o universo para contemplar essa majestade e onipotência. “Os povos serão queimados como se queima o cal, como espinhos cortados arderão no fogo. Ouvi, vós que estais longe, o que tenho feito; e vós que estais perto, reconhecei o meu poder. Os pecadores em Sião se assombram, o temor se apodera dos ímpios...” (Isaías 33: 12- 14). Assim será com aqueles que não se converterem ao Senhor, será atormentado na presença dos anjos e do Cordeiro; e quando te encontrares neste estado de sofrimento, os habitantes gloriosos do céu irão e verão o terrível espetáculo, para que possam ver o que é a ira e o furor do Todo Poderoso, e todos quantos verão, cairão e adorarão o grande poder e majestade. “E será de uma lua nova a outra e de um sábado a outro, virá toda carne a adorar perante mim, diz o Senhor. Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne” (Is. 66: 23-24).

4. É uma ira eterna. Seria terrível sofrer deste furor e esta ira de Deus Todo Poderoso por um momento, porém deverá sofrer por toda eternidade, não haverá fim para essa terrível miséria. Quando olha adiante, verás um largo adiante, uma duração infinita diante de ti, a qual tragarás teus pensamentos e estarás absolutamente desesperado de não ter libertação, de não ter fim, de não mendigar, de não ter repouso. Conhecerás que deverás consumir-te lutando contra essa vingança ausente de misericórdia pelos séculos dos séculos. Oh! Quem pode expressar qual é o estado de circunstância! Tudo o que possamos dizer somente de uma representação muito frágil; é inexpressável e inconcebível, por que quem conhece a ira de Deus?

Quão terrível é o estado desses que diariamente e a cada hora estão em perigo de grande ira e miséria, porém esse é o lugar de cada pessoa desta congregação que não nasceu

de novo, não importa, quão sejam moralistas, sóbrios e religiosos que sejam, ou jovem ou velho. Há razão para se pensar que há muitos agora nesta congregação ouvindo este discurso, que eventualmente serão sujeitos desta miséria por toda eternidade, não sabemos quem são ou em que bancos estão sentados, nem mesmo no que estão pensando, pode ser que nesta hora estejam acomodados, ouvindo estas coisas sem preocupação ou fingindo que não sejam elas, estas pessoas. Seria um milagre se alguns dos que estão agora presentes não estarem no inferno dentro de pouco tempo, ou antes, do ano terminar, e não seria um milagre, se alguns dos que estão sentados em alguns desses bancos que pensam que estão livres do inferno por mais tempo, pelo contrário, eles estarão ali em pouco tempo, sua condenação não tardará. É duvidoso o caso de alguns que eles tem visto e conhecido que não mereciam o inferno mais do que eles, e que uma vez pareceram estar igualmente vivos como eles.

Seu caso já não há esperança; agora estão gritando em extrema miséria e em desespero, porém eles estão aqui na terra dos viventes, na casa de Deus, e tem a oportunidade como agora estão a desfrutar. E agora tem uma oportunidade extraordinária, um em que Cristo tem aberto amplamente a porta da misericórdia, permanece ali chamando e gritando em alta voz aos pobres pecadores. Muitos têm vindo do leste, oeste, norte e sul, os que estiveram na mesma condição de miséria, mas agora estão em um estado de alegria com seus corações cheios de amor por aqueles que amou e lavou os seus pecados com seu próprio sangue e gozam da esperança da glória de Deus. Como será terrível se você estiver em um outro lugar, naquele dia, enquanto muitos festejando, enquanto você sendo consumido e perecendo, vendo a tantos regozijando e cantando com o gozo de coração, enquanto você tem motivo para lamentar e a clamar com gritos e gemidos.

Oh! Senhores, seu caso em uma maneira especial representa um grande perigo. Sua culpa e dureza de coração são extremamente grandes. Não dá para ver como as pessoas de sua idade são passados pelo alto e notável presente e maravilhosa dispensação da misericórdia de Deus? Tem necessidade de considerar a eles mesmos e despertar por completo do sono. Não podem levar a carga do furor da ira de Deus e eles negarão esta preciosa época que hoje desfrutam, e enquanto outros têm renunciado toda a vaidade da juventude e vivendo para Cristo? Tem agora uma oportunidade extraordinária, porém a recusam por estarem cegos e de corações endurecidos. Este é o ano aceitável do Senhor, um

dia de favor para alguns, será sem dúvida um dia de vingança para outros, os corações dos homens se endureceram e sua culpa tem aumentado, nunca houve tanto perigo para essas pessoas. Deus agora tem reunido seus escolhidos de todas as partes da terra; e provavelmente a maior parte dos adultos se salvarão sendo traídos dentro de pouco tempo e será grande a repartição do Espírito sobre os judeus nos dias dos apóstolos. Os escolhidos alcançarão a salvação e o resto será ceifado. Se for este o teu caso, amaldiçoarás esse dia para todo o sempre, amaldiçoarás o dia do seu nascimento, desejarás a morte. Como nos dias de João Batista, a tocha está colocada de uma maneira extraordinária a raiz das árvores para que toda a árvore que não der frutos seja cortada e lançada ao fogo. Portanto, para que todo aquele que está sem Cristo, desperte agora e fuja da ira que está por vir. A ira de Deus Todo Poderoso se acende agora sobre uma grande parte dessa congregação. Que cada um fuja de Sodoma: “Saíam depressa e escapem por suas vidas, não olhem para trás e escapem da morte, a não ser que queiram morrer”.

Questão

8. Segundo Jonathan Edwards, qual é a relação entre o evangelho e a ira de Deus?

Juan Wesley: Rompendo esquema de evangelização

Juan Wesley, irmão de Carlos, era um grande reformador espiritual do século XVIII. Depois de falar com os moravos sobre a fé e a graça, Juan leu o comentário de Lutero sobre o livro de Gálatas. A leitura foi o instrumento que Deus usou para transformar a vida de Juan, e mais tarde a Carlos. Juan e Carlos eram os promotores da sociedade metodista, reunião durante a semana para cristão de várias igrejas para buscar a eterna santificação e para promover o serviço cristão. Quando os metodistas cruzaram o Atlântico, fundaram suas próprias igrejas metodistas.

O artigo a seguir é de Juan Wesley que mostra as suas crenças no papel do Espírito Santo na vida do cristão.

Juan Wesley

O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO

“O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”.

Romanos 8: 16

I. POR QUE É NECESSÁRIO ESTE SERMÃO

1. Nenhum dos que crêem nas Escrituras como a Palavra de Deus, pode duvidar da importância de uma verdade como esta. Nem obscuramente, mas frequentemente e em termos expressos, somente com deliberado propósito como queira que esta verdade assinala como um dos privilégios peculiares dos filhos de Deus.
2. E se faz tão necessário explicar e defender esta verdade, se negarmos pode correr o risco da degeneração de nossa religião em meras formalidades. E se aceitamos em entendê-la podemos cair em nos excessos do fanático entusiasmo. Porém, é necessário explicar com argumentos e exemplos da Escritura, o significado desta importante verdade.

3. E essa necessidade se acentua que o fato de que o que se tem escrito sobre o assunto, poucos tem apresentado clareza, deixando de afirmar ou até mesmo desvirtuando seu significado.

O metodismo tem restituído esta doutrina

4. Toca mais diretamente aos metodistas entender, explicar e defender essa doutrina, por formar a parte mais importante do testemunho que Deus lhes tem ordenado para que proclamem a todo o mundo. Graças a sua bênção sobre eles, o estudo da Escritura é confirmado pela experiência de seus filhos, e que tem sido restituída esta verdade, e que durante muitos anos esteve quase perdida e esquecida.

II. QUE COISA É O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO

1. Pelo testemunho se entende a declaração de uma testemunha. Segundo o nosso texto, o Espírito Santo é uma pessoa que dá testemunho ao nosso espírito, e o seu testemunho é que somos filhos de Deus
2. Faz muitos anos, disse que “é difícil na linguagem humana, palavras adequadas para explicar as coisas profundas de Deus”. Por isso limito a sugerir que o testemunho do Espírito Santo é uma impressão anterior na alma, por meio da qual, o Espírito testifica diretamente a meu espírito que sou filho de Deus, que Jesus me amou e por mim, se entregou e que todos os meus pecados foram apagados, e que estou reconciliado com Deus.
3. Depois de vinte anos de ponderar esse assunto, não creio que devo mudar as minhas palavras, creio que expressei com suficiente clareza. Se alguém falar em termos mais claros, com certeza, adotaria.
4. Nota-se que não quero dizer que o Espírito testifica com voz exterior, nem que sempre o faça com voz interior. O certo é que o Espírito influencia a alma, ou mesmo na vida quando há fortes tempestades, ele apazigua o coração repousa tranqüilo nos braços do Senhor Jesus e que nós como pecadores, recebemos a

alegria da reconciliação e que todas as iniquidades têm sido perdoadas e todos os pecados apagados (Sl. 32: 1).

A diferença de uma boa consciência

5. Ninguém pode negar que o testemunho do Espírito Santo seja realidade. O que pretende negar, se opõe abertamente a Escritura e acusaria ao Deus da verdade de mentiroso.
6. Ninguém pode por em dúvida a realidade do testemunho indireto, ou seja, de um testemunho de uma boa consciência para com Deus. A Palavra de Deus nos ensina que todo aquele que tem o fruto do Espírito, é filho de Deus; minha própria experiência, minha consciência interior diz que tenho o fruto do Espírito (que é o amor, gozo, paz, tolerância, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança, Gálatas 5: 22, 23); portanto, posso dizer que sou filho de Deus.
7. Por outro lado, não podemos afirmar que possa haver um verdadeiro testemunho do Espírito. Pelo contrário, afirmamos categoricamente que o testemunho indireto brota do testemunho direto, é inseparável dele.
8. Então o verdadeiro cerne da questão é este: Realmente há um testemunho direto do Espírito Santo, um testemunho imediato, diferente do testemunho indireto do nosso espírito, diferente da consciência de ter o fruto do Espírito?

III. A EVIDÊNCIA DA ESCRITURA E A EXPERIÊNCIA

1. Nosso texto claramente indica que este testemunho direto é uma realidade: “o mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de somos filhos de Deus”. O Espírito mesmo é o que testifica.
2. É certo que o fruto do Espírito demonstra que somos filhos de Deus, porém seja esse testemunho se apóie na convicção interior de nossa sociedade, ou seja, que se apóie na convicção exterior de nossas boas obras, é o testemunho indireto, posto que se deduz de uma boa consciência ou de uma conduta irrepreensível.

3. O nosso texto dá a entender que há um testemunho direto. Prova disso, observando o verso anterior: “mas receberam o espírito de adoção, baseados no qual, clamamos Aba, Pai”. Romanos 8: 15.
4. E a passagem idêntica, essa confirma: “Porquanto sois filhos, Deus enviou o Espírito de seu filho em nossos corações, o qual clama: Aba, Pai”. (Gálatas 4: 6). Não vemos claramente que este testemunho é direto e imediato e que não origina de nenhuma razão ou argumento?
5. Este testemunho direto do Espírito é anterior ao testemunho do nosso espírito. Antes que possamos ter consciência de que somos santos, é preciso que sejamos santos de coração e de vida, antes de tudo isso, é preciso que amemos, porque o amor é a raiz da santidade; e antes que possamos amar a Deus é preciso entender que Ele nos ama: “nós o amamos porque Ele nos amou primeiro”. (I João 4: 19) e para compreender que Ele nos ama é preciso que o Espírito possa testemunhar isso ao nosso espírito. Pela mesma natureza, o testemunho do Espírito Santo é anterior ao testemunho de nosso espírito.

O ARGUMENTO DA EXPERIÊNCIA

6. Vimos confirmar esta doutrina a experiência dos filhos de Deus, a experiência de cada um. E a minha própria experiência, tua experiência confirma: O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito que somos filhos de Deus, e nos deu tal segurança disso, que imediatamente, chamamos de Aba Pai. E isso foi antes de termos à consciência de que temos o fruto do Espírito.
7. Também confirma a experiência daqueles que começam a dar os primeiros passos no caminho da salvação. Se dissermos a um que se fala debaixo da convicção do pecado e que sente que a ira de Deus está sobre ele: “Tu podes saber que sois filhos de Deus, no amor, no gozo, na paz que tem experimentado o teu coração”, essa pessoa imediatamente replicará: Pelo contrário, só sei que sou filho do diabo, pois que amor pode haver em mim, se a intenção de minha carne é inimizade para com Deus? Que alegria pode haver em mim, se a alma está triste até a morte? Que paz poderá haver em um coração atormentado? Uma alma esgotada a essa agonia, sem

que haja algum consolo, pelo testemunho que lhe revela que Deus justifica, isto é, que Deus perdoa, não ao justo que faz boas obras, mas ao ímpio (Rm. 4: 5). Não é possível que esta alma angustiada da convicção do pecado, possa alegar obras louváveis, porém, o mesmo Espírito dá testemunho da misericórdia de Deus e de muito amor que Deus o amou (Tt. 3: 5; Ef. 2: 4), o Espírito testifica que Cristo sofreu na cruz por ela e que o homem somente é justificado pela fé (Rm. 3: 28), pela graça de Deus e pela redenção em Cristo Jesus.

8. Se acaso negar a realidade do testemunho do Espírito, nega também a verdade da justificação pela fé e isso se deverá a dois motivos: ou porque na realidade nunca tem experimentado na realidade, ou porque tem esquecido a purificação de seus antigos pecados.
9. E ainda confirma a experiência dos filhos do mundo, muitos dos que desejam com sinceridade agradar e servir a Deus, porém, não por ter convicção de que seus pecados terem sido perdoados. Estão persuadidos de sua sinceridade, terão testemunho de seu próprio espírito, mas poderão ter consciência do perdão de seus pecados e nem que são filhos de Deus. E quanto mais profunda seja a sua sinceridade, maior será a sua inquietude espiritual. Portanto não é pelo testemunho de nosso espírito, mas primeiramente pelo testemunho direto do Espírito Santo, que temos a certeza de somos filhos de Deus.

IV. REFUTAÇÃO DE ALGUMAS OBJEÇÕES

1. Alguém dirá: “Não basta com a experiência, para provar que é certa uma doutrina que não se fala na Escritura”. Mui certo, porém essa doutrina baseia categoricamente na Escritura; a experiência somente se confirma.
2. Porém quem estiver fazendo alguma objeção dirá: “Muitos fanáticos tem professado tê-la”. E isto tem sido assim, porém o fato de que algum louco afirma ser rei, não prova que não exista rei de verdade. Mas insistirá: “E muitos que dizem tê-la, tem injuriado a Bíblia”. Possivelmente sim, mas isso de nada pode provar, porque há milhares de pessoas que dizem ter essa experiência e que tem uma grande estima pela Bíblia. E o mesmo oponente alegará: “E muitos tem enganado a

si mesmo tão tremendamente, que já não é possível persuadi-los em seu erro.” Provavelmente, sim; mas nenhuma doutrina se desvirtua pelo fato de que homens insensatos a torçam para a sua própria destruição.

3. E, todavia, discutirá: Basta, pois, com o testemunho do nosso próprio espírito”. Não, porque em muitas ocasiões este testemunho fala por completo ou, por oculto pela incerteza. O testemunho do Espírito não tem tal propósito, mas seu objetivo é repartir e resplandecer mesmo que este ainda esteja com o reflexo obscurecido.
4. Outro formulará esta objeção: “O testemunho do Espírito não prova a profissão de fé genuína; pois a fé é demonstrada pelas obras”. Com efeito, assim o é. O testemunho do Espírito não tem tal propósito, mas o seu objetivo é dar aos cristãos a certeza do perdão dos pecados e a convicção de que é filho de Deus; portanto, isso vem antes das boas obras e não pela fé em Cristo, o Salvador.
5. Também se objetará: “Em um dos evangelhos, encontramos que o nosso Pai Celestial dará o seu Espírito aos que pedirem a ele (Lc. 11: 13), mas encontramos em um outro evangelho de que o nosso Pai dará boas coisas aos que lhe pedirem; o Espírito dá testemunho por meio das dádivas que Deus nos dá”. Mas em nenhum dos textos é mencionado o ato de dar testemunho; então esta objeção está fora do assunto em questão.
6. Outro contenderá: “A Escritura diz: “Pelos frutos é conhecida a árvore.” (Mt. 12: 33) É evidente que sim; porém isso não significa que o fruto do Espírito seja do testemunho. O testemunho do nosso espírito procede do testemunho direto do Espírito e o confirma; são inseparáveis, porém distintos entre si. Mas ainda contradirá: “E o livro de Deus não refere ao testemunho direto”. Admitimos que isto esteja certo no sentido de que nunca menciona isolado, ou seja, independente. O testemunho do nosso espírito sempre acompanha o testemunho do Espírito e o confirma.
7. Haverá controvérsia: “A Bíblia refere constantemente ao testemunho que resulta a transformação do coração e a vida”. Ninguém o impugna; e este testemunho indireto confirma ao testemunho direto do Espírito.

Três objeções

8. Outro se oporá: “O testemunho direto é inútil, porque não é suficiente para nos livrar de cairmos no erro, mas necessita recorrer a outro testemunho a fim de comprovar sua afirmação”. Refutando essa afirmação: “Deus tem unido ambos os testemunhos; portanto, não podemos separá-los e dizer que são insuficientes para a sua finalidade. Justamente para obter uma completa certeza e evitar o erro, e que Deus nos tem dado estes dois testemunhos conjuntos”, porque o testemunho de duas pessoas é verdadeiro”. (Jo. 8: 17).
9. Outro dirá: Admitimos de certa reforma de vida é um testemunho evidente, menos em caso de terríveis sofrimentos, como os de nosso Salvador na cruz; porém nenhum de nós pode sofrer de tal maneira; portanto, fica em pé que basta que o testemunho indireto da consciência e da conduta”. O qual contesto: Convém que nenhum de nós pode sofrer como sofreu nosso Senhor, mas como filhos de Deus, podemos sofrer de tal maneira, que seria impossível conservarmos a confiança que temos em Deus, se não for pelo testemunho direto que seu Espírito nos dá.
10. E finalmente, alguém argumentará se opondo: “Entre os defensores mais ousados desta doutrina: há pessoas muito mais orgulhosas e privadas de toda a caridade”. Talvez alguns dos escandalosos defensores desta verdade sejam pessoas soberbas e violentas. Porém, os mais firmes defensores dela, são cristãos eminentemente mansos de coração.

E estou convencido de que toda pessoa que considere imparcial essas objeções, e as refutações verão que facilmente não destroem bem sequer enfraquecem a evidência dessa grande verdade: que o Espírito de Deus dá testemunho, diretamente ao nosso espírito que somos filhos de Deus.

V. RESUMO DA QUESTÃO

1. Resumindo tudo isso: O testemunho do Espírito consiste em uma impressão interior na alma dos cristãos, e por meio dessa impressão, o Espírito dá

testemunho diretamente ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Ninguém pode duvidar que exista o testemunho do Espírito; o que se impugna se o testemunho é direto, a boa consciência ou o fruto do Espírito ao nosso próprio espírito. E já demonstramos que na verdade existe o testemunho direto: assim o declara a mesma Escritura, assim o exige a mesma natureza das coisas, assim o confirma a mesma experiência dos homens.

2. A objeção que se endereçam contra o testemunho, perde toda a sua força quando é aplicado ao rigor da evidência bíblica, a argumentação do raciocínio e a comprovação da experiência. E permanece incólume o princípio que temos explicado e defendido: que existe o testemunho direto que somos filhos de Deus, que Cristo Jesus nos tem amado e se entregado a si mesmo por nós e que todos os nossos pecados tem sido apagados e cada um de nós está reconciliado com Deus.

Duas exortações

3. Ninguém confie no suposto testemunho do Espírito, se não está acompanhado do fruto do Espírito. Se deveras, o Espírito testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus, a imediata consequência será o fruto do Espírito em nossa vida: paz, tolerância, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. E assim, por mais que a tentação oculte o fruto, quando a alma não pode perceber porque Satanás peneira como trigo, mas perdurará, a substância desse fruto, sob a nuvem mais escura. O buço poderá nos abandonar nas horas da prova, e a nossa alma entristecerá até a morte, na hora do poder das trevas; porém este buço será restaurado com planos, de tal maneira que nos alegraremos “com gozo inefável e glorificado” (I Pedro. 1: 8).
4. E que ninguém confie no suposto do fruto do Espírito se este não vai acompanhado ao testemunho do Espírito. É possível que alegremo-nos antecipadamente da delícia do gozo, paz, assim como a bem aventurança da humildade, a fidelidade, a temperança, antes que o Espírito dê testemunho ao nosso próprio espírito que temos redenção pelo sangue de Cristo, a remissão

dos pecados pela riqueza da graça de Deus (Ef. 1: 7) e que somos aceitos no Amado (v. 6). Isto é possível em virtude da graça de Deus que é dada a todos os homens; e assim como o incrédulo pode desfrutar dessas bênçãos, não significa que já é filho de Deus na realidade. Por isso, não deve conformar-se com essas bênçãos parciais e transitórias; ficar assim seria por em perigo a sua alma.

Se formos sábios, clamaremos continuamente a Deus, até que seu mesmo Espírito clame em nosso coração: Aba! Pai! Tal é o privilégio de todos os filhos de Deus, e sem esse testemunho, e sem esse testemunho nunca poderemos estar cabalmente seguros de somos seus filhos, e nem tampouco podemos reter a paz que é perdurável ou esgotar a dúvida e o terror. Uma vez que temos recebido este Espírito de adoção, então “a paz de Deus que excede todo entendimento, afugentará a dor, de modo à dúvida e o terror, e “guardará nosso coração e nossa mente em Cristo Jesus” (Fl. 4: 7).

E quando este testemunho do Espírito tem produzido em nós seu fruto genuíno, de toda santidade de caráter e conduta, então fará evidente que a vontade daquele que nos chamou, é dar sempre que já uma vez nos deu; de maneira que jamais sucederá que nos falte o testemunho do Espírito de Deus, nem o testemunho do nosso espírito: a consciência de que andamos em retidão e em verdadeira santidade.

Newry, Condado de Down, Irlanda do Norte, 04 de abril de 1767.

Questão:

9. Faça um resumo do ensino de Juan Wesley sobre o testemunho do Espírito Santo na vida de um crente.

5.4. Os Moravos: ganhando almas para o Cordeiro

O movimento moravo é um ramo do pietismo europeu, é conhecido por ser entre os primeiros movimentos missionários evangélicos. Tal como os metodistas, os moravos ficaram dentro das igrejas protestantes (luterana e reformada) enquanto que se organizavam como sociedades missionárias.

O líder principal era o Conde Nicolas Luis van Zinzendorf. Os moravos formavam comunidades eclesíásticas conhecidas como Herrnhut (o redil do Senhor). O conde van Zinzendorf mantinha contato com Juan Wesley, ao voltar das Américas em um barco. Aquele diálogo sobre a fé era o instrumento para a conversão dos irmãos Wesley para o movimento metodista e wesleyano.

Os primeiros missionários foram enviados a São Tomás em 1732 e ao Suriname em 1735.

5.5. Carlos Spurgeon: O príncipe dos pregadores.

Durante o século XIX, o liberalismo protestante e universalista estava crescendo. Todas as denominações foram contagiadas pelo vírus liberal. Deus levantou a Carlos Spurgeon para não somente refutar aos liberais, mas focar ao povo de Deus na Inglaterra na majestade e glória de Deus em Cristo. Spurgeon a uma só voz pregava sobre o glorioso Jesus. O sermão a seguir é uma mostra entre os milhares que tem sido perseveradas da profundidade espiritual e talentos comunicadores de dos pregadores mais queridos do século XIX.

Carlos Spurgeon

UMA VISITA AO CALVÁRIO

“E Pilatos lhes disse: Eis aqui o homem!” (João 19: 5)

Sugeria contra Pilatos que estava combinado com Jesus para estabelecer uma nova monarquia em oposição à de Cezar. A fim de refutar esta acusação, Pilatos ordena a flagelação de Jesus. Os soldados põem em sua cabeça a coroa de espinhos; cuspiam, lhe arrancam os cabelos, esbofeteavam. Depois de haver feito todas essas crueldades e insultos sobre sua pessoa, Pilatos leva Jesus a sacada. De pé ali, se dirige ao gentio congregado na CALLE, dizendo: “Esse homem, eis aqui o homem”, que vós acusais de conspirando contra César, e de que eu sou cúmplice? E assim como eu exerceria a minha bondade a alguém que quiser estabelecer como rival de César? Imaginais ver aqui a marca de honra? E essa púrpura de escárnio às vestes do império que vós dizeis que desejo lançar sobre seus ombros? Essa é a minha bondade para com meu amigo? Deve haver sido uma resposta eloqüente para as acusações deles e veriam que uma repetição daquela acusação teria uma outra falsidade. Talvez Pilatos pudesse ter outro propósito ao mostrar a Jesus com todo esse quadro de miséria: ele desejava sinceramente livrar a Jesus da crucificação, e pensou que, por muitos desejos de sangue derramado ao povo, seriam motivos de compaixão antes de contemplar a vítima em sofrimento e dor, e o que lhe diriam então: “Deixa-o ir” Ele pensou “Seguro que com isso ficarão satisfeitos, mesmo que tenham corações de demônios, que estejam sedentos de crueldades, certamente isso deveria satisfazer-lhes”. Mas não, como o lobo que se alimenta do sangue, se haviam voltado insaciáveis e a mesma contemplação de sua forma abatida manchada totalmente de sangue, só excitou-os a gritar: “Crucifica-o! Crucifica-o!” Cremos que se cumpriu um dos propósitos de Pilatos: o povo já não suspeitava de que ele fosse cúmplice de nosso Salvador. Porém o outro propósito, bendito seja Deus, não terminou. Porque se houvesse obtido seus objetivos estaríamos condenados até agora, e o sacrifício do Calvário não haveria sido oferecido para a nossa redenção.

Deixamos Pilatos e trataremos com a ajuda de Deus, de colocarmos no lugar de Pilatos e com motivo diferente, dizer a cada um de vós: “Eis aqui o homem” E queira o nosso Senhor estar conosco e por sua graça, revelarmos a nosso Senhor Jesus Cristo,

exposto diante de vós, crucificado! E assim através da fé, cada um de vós, possa contemplar aquele que foi contemplado pelos nossos pecados e aquele que levou nossas enfermidades e suportou nossas dores.

Uma contemplação de Cristo no Calvário sempre beneficia o cristão. Nunca ouvimos um sermão sobre Cristo que não o aprovemos, por pouco elegante que seja a dicção, se é Sá em sua doutrina. Nunca nos queixamos de nosso ministro que pregue demais sobre a cruz de Jesus Cristo. Não pode fazer TALTOLOGIAS, aonde se menciona seu nome. Ainda que o sermão fosse uma mera repetição de seu nome, nos regozijaríamos em ouvi-lo e diríamos:

“Jesus, amo teu nome encantador; é música aos meus ouvidos”.

O rei da França descia de Bourdaloue que “preferia antes escutar as repetições de Bourdaloue que as novidades de alguma outra pessoa”. E assim podemos dizer de Jesus Cristo que preferiríamos escutar as repetições de Jesus que as novidades de qualquer outro pregador. Ah! Que insatisfeitas ficam nossas almas quando escutamos um sermão carente de Cristo! Há alguns pregadores que podem pronunciar um sermão e arrumar para deixar totalmente ao lado de Cristo. Logo, um verdadeiro cristão se levantará como Maria Madalena, a terminar um sermão e dirá: “Se levaram ao meu Senhor a onde o colocaram?” Tirando o nome de Cristo do sermão e tirarás a sua essência. A essência da teologia é Cristo, o mesmo osso e nervo do evangelho é pregar a Cristo. Um sermão sem Cristo é uma perda de tempo; se faz culpado do sangue das almas. A monotonia de Cristo é uma agradável variação e inclusive a unidade de Cristo tem em si todos os elementos da harmonia. Cristo, em sua cruz, em seu trono, tanto na manjedoura e no sepulcro, em todo lugar, Cristo é querido. Santificamos o seu nome, adoramos a sua pessoa, nos deleitamos em ouvir de seus maravilhosos feitos.

Vir então ao Calvário por um momento, para que ali possa dizer como Pilatos no palácio: “Eis aqui o homem” Quer levá-los ali por duas razões: primeiro para instruir vosso intelecto; segundo para estimular vossas emoções; e terceiro para emendar a vossa prática. Porque mantemos que a religião se compõe três partes: são doutrina que afeta o intelecto; verdadeira experiência que tem a ver com as emoções; e uma vida santa, conformando a prática visível externa da vida cotidiana. Jesus Cristo nos beneficiara nas três; e se pela fé somos capazes de ver agora, saldaremos com proveito em cada um desses três pontos: edificados na doutrina, beneficiados na experiência e santificados na prática.

Primeiro, o clamor que “contempleis o homem”, *para instrução de vosso intelecto.*

A primeira lição que deveria ensinar a lição sobre a maligna natureza do pecado. Vê ali aquele homem crucificado com suas mãos. Vê como derrama o seu sangue? Vê aquela coroa de coroa de espinhos sobre sua cabeça? Observai sobre as marcas do tormento? Vê a sua espada dilacerada que vai sendo desgarrada pelo madeiro? Vê seus olhos afundados em suas órbitas? Vê a dor sendo refletida em seu semblante? Percebes a aguda a angústia que padece? Pode ver? Se começar a ver como deves, verás a malignidade do pecado. Em nenhum outro lugar jamais como é vil o pecado. Esse é o lugar onde o pecado cometeu seus mais horrendos crimes, o ato mais vil é quando cravou o Salvador na cruz e deixou pendurado ali, como vítima do nosso pecado.

Quer ver o pecado? Poderia mostrar mil imagens do mesmo. Poderia ver o Éden, seco, com todos os seus frutos, e o verdor de suas árvores desaparecidas, seu formoso jardim coberto pelos espinhos. Poderia mostrar um par de querubins à guarda do jardim para que o homem que foi expulso, não retorne ao paraíso. Poderia também te fazer aborrecer o pecado se lembrar de um mundo debaixo das águas do dilúvio. Vê ali, homens, mulheres e crianças afundando sob as águas. Olha a terra, vazia e desabitada, exceto que ali flutua por cima do dilúvio. Perguntas à causa da destruição? O que causou essa destruição? O pecado. E quem golpeou o Egito no Mar Morto? Quem foi que destruiu Sodoma e Gomorra e do céu fez chover do céu fogo e enxofre? Quem foi que tragou a Coré, Datán, e Abiram e os levou vivos ao abismo: Quem foi que causou a morte do exercito de Senaqueribe? Quem é o que tem feito aumentar o domínio da morte? De onde vem estes esqueletos e esses ossos? De onde vem o funeral e o cortejo que o segue? E o que tem acendido as chamas do inferno e os tormentos eternos? Pecado: tu tens feito tudo isso, tu acendeste a chama do inferno, odiamos-te pecado. Mas ainda imaginamos que poderíamos perdoar se não houvesse levado Jesus a morte.

“Quem o pecado queria conhecer, que se aproxima dos Montes das Oliveiras, ali verá um homem, que por causa do pecado, suas mãos, seus pés, suas vestes ficaram cheios de sangue. O pecado é a pressão e a força que dor aplica para aplicar, para caçar sua ansiada presa, extraindo de cada veia”.

Cristão: Não aborrecerás desde agora o pecado, mesmo que por sua causa, derramou o sangue de nosso Salvador? Se te sentes tentado a cometer uma ação que sabe que é má; é atraente, é formoso, delicioso, examinai-a, parece encantador e excelente e teu coração vai a ela: Detenha! Dê a volta. Vê a mancha de sangue sobre ela? É um pecado manchado com o sangue de teu Salvador, vais tocar? Na verdade, não podemos amar o que tem contribuído para a sua morte. Não vamos desde agora aborrecer a tudo que é pecaminoso? Chamar cristão a quem vive em pecado? Abrigar dentro de você um assassino! Isso fará? Seguireis abrigando o pecado e amando, quando o mesmo deu a morte de nosso Salvador. Mas nosso coração deve clamar: “Vingarei de meus pecados, e darei morte aos assassinos”.

Outra lição que queríamos dar a vosso entendimento é: “Eis aqui o homem” porque assim vereis a inflexibilidade da justiça divina. Não tem ouvido que a justiça divina é inflexivelmente severa? Se alguém peca, a lei diz: “Maldito é aquele homem. A lei não modifica o seu trono” “Maldito! Maldito! Maldito!, ressoa cada dia desde o Sinai. Não temos lido que Deus disse que “em nenhum modo terá por inocente ou culpável”? E não sabemos que é assim na realidade? Porém meus amados, há alguns que pregam a expiação que parece ser a alteração da justiça divina. Temos ouvido de muitos teólogos alguma explicação: Mesmo que Deus tem declarado solenemente irado contra o homem, e tem prometido castigar o pecador, conforme estes afirmam que Jesus fez de alguma maneira que Deus passe pelos nossos pecados sem que castigue em absoluto. Não compreendemos uma expiação dessa maneira. cremos que Deus é santo que o pecador deve ser castigado e deverá ter a sua condenação, não cremos que a expiação de Cristo isentará um só pecado; cremos que todo o castigo que o povo de Deus devia haver sofrido foi carregado sobre a cabeça de Cristo. Olhamos a cruz de Cristo, olhamos a imutável justiça de Deus, quando mantemos a doutrina de que toda nossa culpa foi lançada sobre os seus ombros, que o castigo daquela culpa foi real e totalmente levada por Cristo. Deus não isenta nenhum pecado em absoluto; castigou o pecado em Cristo, e por ele o pecado deixou de ser punível para as pessoas pelas quais, Cristo morreu.

Ah! Vós que não sabeis quão inflexíveis sois a justiça, para os que ao pé da cruz e para os que vêem seus rostos de desolação, observai as suas dores, e sabeis que quão severa a justiça é. Ninguém jamais considerou tão severamente justo como quando fez executar seus próprios filhos. “Certamente”, disseram eles, “os perdoará”. Pois não, o inflexível

senador disse: “Tem violado as leis de meu país e morreram”. E assim, em um sentido mais elevado e sublime, nunca saberíamos o quanto Deus é justo, se não executasse a seu próprio Filho.

“Não”, disse a justiça, “deixa ir ao pecador livre, mas aqui está o substituto do pecador” “Traga-o ó justiça!” És tu, substituto pelo pecado?” “Filho meu, eu te amo, mas te escolhi para ser o substituto dos pecadores, castigarei sobre ti os pecados que a humanidade tem cometido”. Olha levanta-se o açoite: acaso não se comportará indulgentemente sobre suas espadas? Ele é o Filho. Mesmo sendo Filho, ele será o representante do pecador e deverá morrer. Oh! Irmãos, Deus é justo, nunca saberemos a metade do sofrimento que passou desde o Getsêmani até aos horrores do Gólgota. Se Deus não poupou a seu próprio Filho, certamente, castigará a ti, se Cristo que não teve nenhuma mancha, teve que sofrer uma agonia tão atroz, como escaparás?

Creio que aqui poderemos aprender acerca da onipotência do amor. Oh! Amor, tu és conquistador dos corações, tu és a obra condensada da Deidade, tu és a explicação da divindade. Se pudéssemos interpretar a linguagem das chuvas, saberíamos ouvir o murmúrio do amor, e se pudéssemos reunir todas as flores e sentir a sua essência e tirar o seu extrato, encontraríamos seu perfume que é o amor. Todo o mundo fala do amor, porém se quiser conhecer a altura, a profundidade, o comprimento e a largura do amor de Deus, que excede todo entendimento, chega aqui, para a cruz. Nunca chegaremos a conhecer o amor pelo nosso país, até fazermos sacrifício por ele. Lembramos que na Rússia, existia uma lei que isentava ao filho único de uma viúva de ir a guerra; porém como estavam precisando de recrutas, a lei foi derogada por algum tempo, e tomaram o filho único da viúva. Suponhamos que aqui acontecesse algo semelhante e que houvesse uma viúva que tivessem que levar seu único filho veja como se adianta dizendo: “Sim, pode levá-lo, meu país é mais querido do que ele”. Ela o conduz e diz: “Filho meu, se for necessário morrer, esteja pronto” Veja os olhos avermelhados da viúva, tem secado as lágrimas por ter chorado em secreto e a vemos derramando sua dor; podemos ver como é grande tem sido o amor pelo seu país a ponto de dar o seu único filho. Amados, nunca conheceríamos o amor de Cristo em toda a sua altura e profundidade, se não houvesse morrido, nem conheceríamos o amor do Pai, se não houvesse entregado seu filho para morrer. Enquanto

as misericórdias de que gozamos, todas elas cantam do amor, o mesmo que o caramujo, quando pomos ao ouvido.

Porém se quiser ouvir o mesmo mar, se quiseres ouvir o bater das ondas, não deves olhar às misericórdias, mas às misericórdias cotidianas, mas as misericórdias que aquela noite, daquele dia quando Cristo foi crucificado. Aquele que quer conhecer o amor que se retire ao Calvário a onde veio morrer o Homem de Dores:

*“Se de sua cabeça, mãos e pés
Dor e amor misturados se derramam
Acaso se encontram jamais tal amor e dor?
E se formou de espinhas tão rica coroa?”*

II

Agora, amados, achegamos à cruz para estimular nossas emoções. De novo iremos com a imaginação no Calvário, e com a ajuda de Deus, com algo mais que isso. Trataremos de ter comunhão com Cristo, primeiro, para que se movam nossas emoções de dor. Não gostamos de uma religião de dor, mas não consideremos em absoluto aquela religião que tenha dor sobre ela. O que está composto de dor, não provém de Deus, porque Deus se regozija em ver seus filhos alegres, porém aquele que nunca conheceu a dor espiritual não tem conhecido dor espiritual; se nunca temos derramado as lágrimas de arrependimento, não devemos esperar podemos cantar o cântico de aceitação. Vê ao Calvário, se quiseres chorar. Há momentos em que daríamos tudo por uma lágrima, quando nossos corações gelados que o calor da misericórdia não pode derretê-los; quando nossas almas são tão duras que não se comovem. Ah! Quem não daria para chorar aos pés do Salvador! Vós cristãos que tem caminhado durante muito tempo, não haveis clamado alguma vez assim: Oh! Se pudesse chorar como quando era jovem e tinha o temor de Deus! Então derramaria seu coração em pranto, porém agora, este coração de pedra não chora; mesmo que há coisas sobre Jesus que poderiam fazer meu coração se derramar, porém meus olhos ainda não derramam nenhuma lágrima. Não podes derramar uma lágrima de dor ali, especialmente, quando lembro que é teu melhor amigo? Logo poderia dizer: “Se há lágrimas, prepara para

derramar agora” Deveria derramá-las enquanto vê suas mãos cravadas naquele maldito madeiro, e dos lados derramando como uma fonte de sangue. Ah! Poderíamos dizer:

*“Ah! Meu Salvador verteu se sangue
E morreu meu Soberano?
Entregou Ele a sua cabeça sagrada
A morte por um verme que sou?”*

Minha dor tem necessidade de todas as águas que possa produzir a natureza, porque tenho necessidade de chorar rios de dor, porque matei ao meu Salvador, por causa do meu maldito pecado. Oh! Que leve a minha dor até o sepulcro: não é de graça carente de esperança, mas de dor porque matei o meu Salvador. Posso ouvir esta palavra Calvário sem recordar a triste tragédia relacionada com ela? Verei alguma vez a cruz sem derramar uma lágrima sobre ela? Ouviu alguma vez a melodia do nome do Salvador sem misturar com ela as notas do lamento de minha dor, clamando outra vez:

*“Teu corpo, amado Jesus
E em teu próprio sangue derramado
Enquanto a própria ira divina exposta
Em teus padecimentos estavam?
Deixe que derrame meu pranto assim:*

*Minhas lágrimas de dor jamais retribuirão
A dívida de amor que tenho
Eis aqui, Senhor, a ti me entrego...
És tudo que eu tenho para dar”.*

Mas como temos dito, a religião não é feita somente de dor, mas traz felicidade; alivia o olho, as lâmpadas do céu; faz que os nossos pés saltem sobre esta cansada terra e faz elástica a nossa alma, transformará suas amargas dor em alegria. E o que vive para Cristo,

deve ter bênção, aconteça que acontecer. Mas o que dele se distancia, ainda que dê todas as misericórdias desta vida, não pode ser feliz, porque não tem a Deus. Bem, vossas pobres almas angustiadas: quereis ter gozo em vossos corações? Venham, deixam que os conduza até o Calvário, vossos corações sem esperança, não lamentarão aos pés da cruz. Está angustiado sem esperança? Deixa que recite algo por uma vez; deixe que te diga algo que te curará de verdade. Quando te sentes deprimido e sentir desgraçado, vendo a tua estada e ali de joelhos, pende naquele que gemeu no Getsêmani e dirás: “Sobe então, pensa no Calvário, e quando estiver ali por um tempo, canta isto em teu íntimo”:

*“Quão doce contemplar o brotar
De teu sangue que minha alma redime,
Sabendo que com divina certeza
Que minha paz tem com Deus”.*

Oh! Se não podes chegar a voar tão alto diz com tudo:

*“Aqui para sempre permanecerá contemplando
Correntes de misericórdia nas torrentes de sangue
Com as preciosas gotas minha alma regando
Oferecer a minha paz com Deus apropriar-me”.*

A cruz é um remédio infalível para a aflição. Se quiseres mesclar a cruz em tua taça, descobrirás que é como uma árvore lançada na fonte de Mara, que fará doce as suas águas. Se quiseres tomar a algo do fel de Cristo, este fel é maravilhoso; faz doce todas as horas amargas. Se quiserem cortar todas os pedaços da árvore e pintar tuas veias quando estiver cheio de concupiscência então a lanceta celestial efetuará sua cura e saberá que a cruz de Cristo te faz ditoso. As pessoas mais felizes são as que conhecem mais a Cristo. Não vem dizer que epicurista é feliz e nem o libertino, quando diz:

*“Cheia até em cima,
E que o BARBUJEANTE licor beija a bordo”.*

Não diga que é feliz quem corre atrás da carreira de concupiscência; não diga que é feliz aquele cuja alma está lançada aos desejos da ambição; não é senão o mais desgraçado e que sua consciência diga Amém. É desgraçado, e que o silêncio da meia-noite não o diga. É desgraçado e no mais profundo do teu coração o sabe; mesmo que as águas superficiais de sua alma pareçam as vezes soltar de alegria, embaixo em suas profundas cavernas de seu coração está em trevas, comparadas com as quais, a meia noite é como o fulgor do meio dia. Se quiser ser feliz, “eis aqui o Homem” o Homem de dores que foi morto por ti.

Logo há outra emoção que creio que deveria sempre se mover quando contemplamos a cruz de Cristo, é a emoção do mais ardoroso amor. Para mantermos como verdadeiros cristãos nesse mundo é preciso muito amor para o vosso Mestre. Se disseres: “Se tenho a razão, não é nenhuma insensatez ser singular, e se me encontro só, caíam os céus eu estarei firme pelo meu Senhor” descobrirás que preservar esta conduta exige muito amor pelo Senhor. Se conhecêssemos o coração de Lutero quando esteve frente à Dieta e desafiou a todos, tínhamos visto gravado profundamente em seu coração o nome de Cristo. Se pudéssemos conhecer o coração daqueles que trabalharam pelas almas dos homens que sofreram calúnias, desprezo e opróbrio, também verás gravados em seus corações o nome de Cristo. Não poderá perseverar muito tempo como cristãos em meio a perseguição e da aflição se não tem amor pelo Salvador. Mas às vezes ouvimos as pessoas se queixarem de que não podem amar ao Salvador. Esta é uma queixa freqüente, mas há uma cura para ela. Quanto mais viver com Cristo, mais o amarás. Existem pessoas no mundo com uma natureza tão pouco atraente que parece que vê-los uma vez a cada sete anos, é mais o suficiente, se alguém quiser amá-los. Mas, de Jesus Cristo, pode se dizer, quanto mais se vive com Ele, amamos cada vez mais. Se pudesse perguntar ao velho Inácio no Teatro de Roma, se seguia amando o Senhor, não o haveria de dizer? “Estes anos que tenho servido a Ele, nunca me fez mal nenhum; não posso maldizê-lo, mas posso morrer por Ele?” Por que não amar a Cristo? Porque “Com Cristo, vivendo, sua imagem obtemos”.

Não tentaram ativar em vós mesmos a um certo grau de amor por Cristo por algum meio extraordinário. Medita sobre ele, sobre os sofrimentos por vós e então o amarás! Se os fará fácil e ele levantará os vossos corações. Parece-me que haveria sido quase impossível que qualquer um de nós houvesse visto a Cristo quando esteve aqui sem amá-lo, se alguma

vez tivéssemos a graça em nossos corações. Um dos desejos de minha alma é ver mais uma vez o Homem Cristo Jesus na terra. Espero a sua vinda pré-milenar e espero que venha outra vez, se pudéssemos tocar os seus pés, beijar as suas mãos se pudéssemos contemplar o fulgor de sua glória, não apenas amaríamos de palavras, mas de ação. Se estivermos em comunhão com Ele, nunca diremos: “Não posso amá-lo”, mas diremos:

*“Se todas as nações seu valor superam,
De certo também o amaria”.*

III

Chegamos agora ao seguinte ponto: “Eis aqui o homem” Jesus, para que corrija a vossa conduta: porque a religião não é algo meramente emocional ou intelectual; é também prática. Por mais que esteja formosamente envernizado de religião que alguém esteja, precisa dela para cumprir em sua vida diária. “Não deixe que vos engane” de Deus não se zomba; pois tudo que o homem semear, ele vai colher”Achegue comigo ao Calvário outra vez e corrigireis vossa conduta.

Deixe que eu vos lembre alguma coisa, com o que vossa conduta melhorará em grande maneira, se lembrares do Calvário. Aqui temos membros de denominações diferentes da Igreja de Cristo, mas quando sentimos afetados por aquela cruel enfermidade, o fanatismo. Quão freqüente levanta nosso espírito contra o outro, se quisermos amar todos os cristãos, temos de “contemplar o homem” Cristo Jesus. Temos visto cristãos lutar varonilmente uns contra o outro, mas existe um lugar que nunca tem sido profanado pela controvérsia, é o Calvário; ali sai a ordem: “Embainhai as vossas espadas, combatentes! A batalha já acabou. Esta é a terra santa! Aqui Jesus morreu. Há algo que toca o coração quando começamos a falar de Jesus, Não importa que seja, todos então lhe fazemos companhia. “Vem” dizemos, “acerca de outras questões lutaremos terrivelmente, mas quando chegamos aqui, todos são em Cristo Jesus”. E todos, damos a mão, porque sentimos que somos um. Este toque, este contato, não da natureza mas da graça, faz de todo o cristão um só. Oh! Tu, homem de pequena alma, não tem amor por ninguém, a não ser que com tua

própria seita, conhece pouco de Cristo, porque se vivesse próximo dele, teria um grande coração.

Também, vendo o Calvário, corrigireis a vossa prática. Não diga que o homem não tem nenhum conceito do amor de Cristo para com Ele, se pode pecar voluntariosamente contra o Salvador De vez em quando vemos estranhos milagres, mas o mais estranho é ver o cristão viver como um mundano mantendo a comunhão com Cristo. Temos ouvido homens falarem de sua experiência e que nos podem dar jardas de santidade, pelo que a língua se refere; porém quando se trata da conduta Ah! Sua religião não foi feita para suportar as pressões diárias; é uma espécie de uma religião de moda, bonita, para sair aos domingos, porém nunca tem sido para o trabalho. Pensavam que a religião era para eles quando liam a Bíblia e outros livros religiosos. Pensais que essas pessoas conhecem a Cristo? Os que vivem perto de Jesus, os que “contemplam o homem”. Não há nada que ter participação no sangue de Jesus e ter comunhão com Ele. Não enroleis a respeito disso. As modas deste mundo não são conseqüentes com a piedade, e ele, que espera ter a Cristo e também o mundo, tem cometido um grande erro. Já ouviu a fábula contada pelo moralista persa Saadi? Tomou em sua mão um pedaço de argila perfumada e lhe disse: Oh! Argila! De onde tens este perfume? E a argila disse: Eu era uma argila comum, mas me deixaram durante um tempo em companhia de uma rosa e bebi de sua fragrância, e agora sou uma argila perfumada. Cristão, também você não passava mais do que um pedaço de argila comum, mas se vive com a Rosa de Sarom, se tiveres Jesus contigo, será um pedaço de argila perfumado, e por onde passar sentirá o seu perfume. Não creio que sejas filho de Deus, se não apresenta os traços de seu Pai, nem pensareis que tem estado com Jesus se não tens aprendido com Ele. Se quiseres corrigir vossas vidas reprimir o pecado, vencer as vossas iniquidades e perseverar na santidade, aí está o meio: “Eis aqui o Homem” Olhe para Jesus.

Agora tenho tempo só para aplicar o meu texto a todas as classes entre vós e logo estarei terminado. “Eis aqui o Homem”. É uma exortação que em cada um de vós estarei usando. Aqui agora existem pessoas que estão chorando por causa de seu pecado, souberam que estão perdidos e arruinados, a misericórdia de Deus os tem mostrado a sua fraqueza. Antes pensavam que sua moralidade era justa e que a própria integridade os levaria para o

céu. Porém agora levanta em um clamor acerca do fogo do pecado dentro de vós e descobriram que estão arruinados, venho pregar a vós de maneira especial:

“Não veio para os justos, mas aos pecadores, Jesus veio salvar”.

Se os reconheceis como pecadores, o glorioso evangelho do Deus bendito é “Eis aqui o Homem” Olhe para Jesus, veja o vosso pecado poso sobre a sua cabeça, e vê ali a terrível expiação pela vossa culpa, esta é a lição para os arrependidos.

Um amigo meu que havia sido clérigo na Irlanda, me contou uma verdadeira narração. Descia um clérigo da paróquia irlandesa para visitar todos os seus fiéis, mas havia na paróquia uma mulher que havia sido libertina e não ousava ir visitá-la, porque pensava que não concordaria com a minha posição, por isso passou de longe. Ah! Meu irmão se é a soberba maligna ou haveria ido atrás o primeiro dos pecadores, porque o cuidado daquela alma me havia sido de uma certa maneira, encomendado a mim. Um dia a viu na Igreja e pensou que a ouvia repetir as respostas e imaginou ver lágrimas que rolavam por sua face, como anelava pela salvação daquela alma, desejava falar com ela, porém não se atrevia. Passavam os dias, ela seguia como uma adoradora constante, mas passava de longe de sua porta e não a visitava. Enfim, um dia ela saiu a porta e o chamou: “Senhor queria ver-te”, então ele entrou e ela disse: “Oh! Senhor, se seu ANEO houvesse estado neste povo a metade do tempo que deveria estar, estou segura que teria me acudido, porque sou a pior pecadora da paróquia, e por isso necessito de sua ajuda; PERO AUNQUE USTED NO HAYA VENIDO A VERME, SÉ QUIÉN HÁ DICHO: “A palavra fiel e digna de toda a aceitação: Que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais, sou o principal” Não somos também os primeiros dos pecadores? Pode ser que você não pecou como ela pecou, mas cometeste o pecado. Pode ser que não hajas transgredido abertamente como ela o fez, mas se Deus através do seu Espírito está fazendo a obra em seu coração, te contentarás em estar ao teu lado e certamente dirás: “Primeiro dos pecadores que sou”.

Outra vez devo recordar que Jesus morreu pelos pobres pecadores, também por ti. Não vou dirigir-me a outro tipo de pessoas senão a vós, porém, vou estender um pouco mais. Queira Deus que pudesse levar-te a ti, alma arrependida aos pés do Salvador!Estais buscando repouso nas obras da lei, tentando salvar-te deixando teu pecado e consertar o seu

erro? Oh! Exorto-te para não cobrir assim a tua ferida, porque todo o mortífero veneno entrará; Não vás ao Sinai, porque em suas descidas estão cheias de espinhos não cresce misericórdia, não vá ali, porque o trono provém da lei e a lei disse: “Pecador, morrerá” mas, ouvintes meus! Se você está preso pela culpa agora e estais trabalhando debaixo de uma sentença de condenação, deixe que os rogue, pelo amor que tens para vós mesmos, ache-gate a Cristo e creia nele e com toda certeza terá a salvação, nunca houve um pecador que fosse lançado de suas portas. “E por acaso vai ser o primeiro?” Nunca houve um arrependido lançado sem a bênção; e se clamares, de modo nenhum será recusado. A porta da misericórdia estará sempre aberta para todo aquele que clama com sinceridade, clama, “será que teus pecados são mais numerosos que o dos outros?” Dou graças a Deus porque tenho razão para pregar-te. O único direito para crer em Cristo é saber que é pecador. Se conhecer a tua pecaminosidade, pode saber que Ele é o teu Salvador. Cristo veio salvar os pecadores. É pecador? Se for assim, posso dizer que com autoridade que Jesus veio salvar-te. Agora, vocês que confiais nas vossas boas obras e vestes com sua própria justiça! Descobrireis que suas obras de nada servem. Lança fora a tua justiça, ó moralista, lança fora tuas boas obras e creia em Cristo. Perguntaram a um homem bom, quando morria, o que estava fazendo então, e disse: “Estou tirando todas as minhas boas obras pela boda e confiando inteiramente em Jesus; estou lançando todas as minhas boas obras por cima da borda e me agarro à balsa da livre graça, porque sobre ela espero alcançar a glória”.

Termino dizendo o caminho da salvação. Está escrito na Palavra de Deus: “O que crê e for batizado, será salvo”. Pergunta-me, o que é crer? Crer é descansar inteiramente no sangue de Cristo para salvação. Não conheço uma expressão melhor que essa:

*“Nada trago em minhas mãos;
Sinceramente a cruz me apego”.*

Que pela sua graça, Deus o ajude a dizer estas palavras. Amém.

Questão:

#10. Escreva um resumo do sermão de Spurgeon.

5.6. Conclusão

Esta breve introdução a estes quatro grandes evangelhos europeus dos séculos XVII, XVIII e XIX, nos ajuda a ficar com uma impressão sobre a espiritualidade profunda dos evangélicos.

O treinamento para o ministério não consistia somente no domínio das línguas originais, as ciências filosóficas ou teológicas, ou de outros estudos clássicos, mas da promoção e defesa da evangelização. Os metodistas e moravos formavam uma comunidade de obreiros para estudar a Palavra. Bunyan, Edwards e Spurgeon pregaram a Bíblia, dentro e fora da Igreja.

Os evangélicos foram perseguidos por três lados, a igreja Católica Romana e em várias ocasiões, pelos protestantes. Apesar das perseguições, chegaram a ser um movimento missionário prolífico. O movimento missionário manteve aos evangélicos entre os marginalizados da sociedade. Daí alcançaram as massas da população.

LIÇÃO 6

O DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

TESE#6. O desafio para a educação ministerial é ser fiel à base bíblica, aprender da história eclesiástica e responder a grande necessidade missiológica.

ESBOÇO

- 6.0. Introdução
- 6.1. O pacto de Lausana
- 6.2. O Manifesto de Manila
- 6.3. A missão integral
- 6.4. Conclusão

6.0. INTRODUÇÃO

O Pacto de Lausana (1974) é a declaração mais definida sobre a missão dos evangélicos. A evangelização do mundo é balanceada com a responsabilidade social. A declaração de Manila foi preparada em 1989 e mostra a continuação no enfoque missiológico de evangelizar o mundo e ministrar em uma maneira integral.

6.1. PACTO DE LAUSANA

INTRODUÇÃO

Como membros da Igreja de Jesus Cristo, provenientes de mais de 150 nações, que temos participado no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial em Lausana louvamos a Deus pela sua grande salvação e nos regozijamos na comunhão que nos tem dado. Impulsionados ao arrependimento pelos nossos fracassos e desafiados pela inconclusa tarefa de evangelização, nos sentimos profundamente comovidos pelas coisas

que Deus está fazendo em nossos dias. Cremos que o Evangelho é a boa nova de Deus para todo o mundo e por sua graça estamos decididos a obedecer a comissão de Cristo, e de proclamá-la para toda humanidade e fazer discípulos de todas as nações. Desejamos, portanto, afirmar nossa fé e nossa resolução e fazer público nosso pacto.

1. O PROPÓSITO DE DEUS

Afirmamos nossa fé em um só Deus eterno como Criador e Senhor do mundo, Pai, Filho e Espírito Santo, que governa todas as coisas segundo o seu propósito, e tem chamado um povo para enviar ao mundo como servos e testemunhas, para extensão de seu reino, a edificação do Corpo de Cristo e para a glória de Seu nome. Confessamos com vergonha que temos negado o nosso chamado e falado em nossa missão. Nos regozijamos de que, ainda que em vasos de barro, o Evangelho é um precioso tesouro. A tarefa de dar a conhecer esse tesouro pelo poder do Espírito Santo, desejamos dedicar de novo

Is. 40:28; Mt. 28:19; Ef. 1:11; At. 15:15; Jo 17:6, 18; Ef. 4:12; I Cor. 5:10; Rom. 12:2; II Cor. 4:7

2. AUTORIDADE E PODER DA BÍBLIA

Afirmamos a divina inspiração, fidelidade e autoridade das Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento e asseguramos a única fonte de fé e conduta. Afirmamos o poder da Palavra de Deus para cumprir seu propósito de salvação. A mensagem da Bíblia se dirige para toda humanidade, sabendo que a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras é inalterável. Por meio da Palavra, o Espírito Santo tem falado aos nossos corações, Ele ilumina a mente do povo de Deus, para perceber a verdade com seus próprios olhos, e assim mostra a toda Igreja de várias maneiras a sabedoria de Deus.

II Tm. 3:16; II Pedro 1:21; Jo 10:35; Is. 55:11; I Cor. 1:21; Rm. 1:16; Mt. 5:17,18; Jd 3, Ef. 1:17,18; 3:10,18.

3. SINGULARIDADE E UNIVERSALIDADE DE CRISTO

Afirmamos que há um só Salvador e um só Evangelho ainda que existem diversas aproximações a evangelização. Reconhecemos que todos os homens têm algum conhecimento de Deus por meio de sua revelação na natureza. Recusamos também por um insulto a Cristo e ao Evangelho toda classe de sincretismo e diálogo que possam implicar que Cristo fala igualmente por meio de todas as religiões e ideologias. Jesus Cristo é o Deus-Homem que se entregou a si mesmo como único Mediador entre Deus e o homem. Não há outro nome que importa que sejamos salvos. Todos os homens perecem por causa do pecado, mas Deus os ama e seu desejo é que ninguém se perca, mas que todos se arrependam. Mas os que rejeitam a Cristo condenam-se a uma eterna separação de Deus. Proclamar a Jesus como o “Salvador do Mundo” não é afirmar que todas as religiões oferecem a salvação em Cristo. É proclamar ao mundo dos pecadores a convidar a todos os homens a responder o seu chamado à entrega pessoal e autêntica do arrependimento e a fé. Jesus tem sido exaltado sobre todo nome: esperamos o dia que todo joelho há de se dobrar diante dele e toda língua confesse como Senhor.

Gl. 1:8,9; Rom. 1:18,32; 1 Tm. 2:5,6; At. 4:12; Jo 3:16-19; II Tes, 1:7-9; Jo 4:42; Mt. 11:28; Ef. 1:20,21; Fil.2:9-11.

4. NATUREZA DA EVANGELIZAÇÃO

Evangelizar é proclamar a boa nova de que Jesus morreu pelos nossos pecados e ressuscitou de dentre os mortos, segundo as Escrituras, e que agora como Senhor, reina e oferece perdão dos pecados e o dom de libertação do Espírito a todos os que se arrependem e nele crêem. Nossa presença cristã no mundo é indispensável para a evangelização, com o objetivo de persuadir as pessoas de vir a Ele e reconciliar-se com Deus. Ao fazer o convite do Evangelho, não temos a liberdade para ocultar à custa do discipulado. Jesus chama a todos os que querem segui-lo, a negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e identificar-se a nova comunidade. Os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, a incorporação em sua igreja e serviço responsável no mundo.

I Cor. 15:3,4; At. 2:32-39; Jo. 20:21; I Cor. 1:23; II Cor. 4:5; 5:11-20; Lc. 14:25-33; Mc. 8:34; At. 2:40,47; Mc. 10:43-45

5. RESPONSABILIDADE SOCIAL CRISTÃ

Afirmamos que Deus é o Criador e Juiz de todos os homens, por tanto, devemos repartir sua preocupação pela justiça e a reconciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação de todos os homens de toda a classe de opressão. A humanidade foi feita a imagem de Deus; conseqüentemente todas as pessoas, seja qual for a sua raça, religião, cultura, sexo ou idade tem uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, não explorada. Expressamos nosso arrependimento, tanto por nossa negligência, como ter concebido a evangelização e a preocupação social como coisas que se excluem mutuamente. Mesmo que a reconciliação com Deus, nem o compromisso social é o mesmo que a evangelização, nem a libertação política são parte do nosso dever cristão. Ambas são expressões necessárias de nossa doutrina de Deus e do homem, de nosso amor ao próximo e de nossa obediência a Cristo. A mensagem de salvação implica também em uma mensagem de juízo e toda forma de alienação, opressão e discriminação, e não devemos temer em denunciar o mal e a injustiça a onde quer que existam. Quando recebemos a Cristo, nasce de novo seu reino e deve manifestar a vez que difundir a sua justiça em meio a um mundo injusto. A salvação que dizemos ter, deve transformarnos em totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

At. 17:26,31; Gn. 18:25; Is. 1:17; Sal. 45:7; Gn. 1:26,27; Tg. 3:9; Lev. 19:18; Luc. 6:27,35; Tg. 2:26-26; Jo 3:3,5; Mt. 5:20; 6:33; II Cor. 3:18.

6 A IGREJA E A EVANGELIZAÇÃO

Afirmamos que Cristo envia os remidos ao mundo assim como o Pai o enviou, e que exige uma penetração profunda no mundo. Necessitamos sair de nossos guetos eclesiásticos e penetrar na sociedade não cristã. Na missão da Igreja que é sacrificial, a evangelização ocupa em primeiro lugar. A igreja está no propósito e no coração de Deus e é o instrumento que ele tem designado para a proclamação do Evangelho, mas uma igreja que pregar a cruz, deve estar marcada pela cruz. Se converter em pedra de tropeço para a evangelização e engana o evangelho, carece de uma fé viva em Deus, um genuíno amor aos homens ou uma esprupulosa honra em todas as coisas, incluindo as promoções e as finanças. A Igreja é mais do que uma instituição é a comunidade do povo de Deus e não deve identificar-se com uma cultura, sistema social ou político, ou ideologia humana particular.

Jo 17:18, 20-21; Mt. 29:19-20; At. 1:8; 20:27; Ef. 1:9; 3:9-11; Gál. 6:14,17; II Cor. 6:3,4; 2 Tm. 2:19-21; Fil. 1:27.

7 COOPERAÇÃO NA EVANGELIZAÇÃO

Afirmamos que a unidade da Igreja na verdade é o propósito de Deus. A angelização também nos convida a unidade, sabendo que a unidade fortalece o nosso testemunho, assim a nossa unidade menospreza nosso evangelho da reconciliação. Reconhecemos que a unidade organizacional pode tomar muitas formas e não necessariamente serve a causa da evangelização. Não obstante, oos que compartilham a mesma fé, deve estar estreitamente unidos na comunhão, trabalho e testemunho. Confessamos que o nosso testemunho tem estado às vezes marcado por por um individualismo pecaminoso e uma duplicação necessária. Nos comprometemos a buscar uma unidade mais profunda na verdade, a adoração, a santidade e a missão. Surge o desenvolvimento de uma cooperação regional para o avanço da missão da Igreja, o planejamento estratégico, o ânimo mútuo e troca de recursos e experiência.

Jo 17:21,23; Ef. 4:3,4; Jo 13:35; Fil. 1:27; Jo 17:1-23.

8. A IGREJA E O COMPANHEIRISMO NA EVANGELIZAÇÃO

Nos alegramos de uma nova era missionária que começou, O velho modelo de dominação ocidental está desaparecendo rapidamente. Deus está levantando das igrejas jovens, grandes e novos recursos para a evangelização mundial e está demonstrando assim que a responsabilidade e a tarefa missionária deve ser contínua. Assim crescerá o companheirismo entre as igrejas e se manifestará com maior clareza, o caráter universal de Cristo. Também damos graças Deus por todas as agências que trabalham na tradução da Bíblia, a educação teológica, os meios de comunicação em massa, a literatura cristã, a evangelização, as missões, a renovação da igreja e outros campos especializados. Também devem empenhar-se em uma auto crítica constante, a fim de avaliar sua efetividade como parte da missão da Igreja.

Rom. 1:18; Fil. 1:5; 4:15; At. 13:1-3; I Tes. 1:6-8.

9 A URGÊNCIA TAREFA DE EVANGELIZAÇÃO

Milhares de pessoas, mais de terça parte da humanidade não foi evangelizada. Nos envergonhamos de que tantas pessoas tem sido descuidada. Hoje há muitas partes do mundo que há uma receptividade sem precedentes. Estamos convencidos de que o momento em que as igrejas e as agências orem fervorosamente, pela salvação do homem e iniciem novos esforços para realizar a evangelização do mundo. Uma redução do número de missionários e de fundos procedentes do exterior, pode ser às vezes necessário para facilitar em um país evangelizado, o crescimento de uma igreja nacional que tem confiança em si mesma e para deslocar recursos a outras áreas não evangelizadas. Deve haver um livre intercâmbio de missionários de todos os continentes em um espírito de serviço humilde. A meta deve ser, por meios disponíveis e em mais curto prazo possível, que toda a pessoa tenha a oportunidade de escutar, entender e receber a boa nova. Não podemos esperar alcançar esta meta sem sacrifício. Todos sentimos sacudidos pela pobreza de milhares de pessoas e perturbados pela injustiças que lhe são causadas. Os que vivem em situação de riqueza, aceitam o dever de desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto a ajuda material como a evangelização.

Jo. 9:4; Mt. 9:36-38; Rm. 9:1--9; I Cor. 9:19-23; Mt. 16:15; Is. 58:6,7; Tg. 1:27; 2:1-9; Mt. 25:31-46; At. 2:44,45; 4:34,35.

10 EVANGELIZAÇÃO E CULTURA

O desenvolvimento de uma estratégia para evangelização mundial requer imaginação no uso de métodos. Com a ajuda de Deus, o resultado serão o surgimento de igrejas enraizadas em Cristo e estreitamente vinculadas em sua cultura. A cultura deve ser sempre provada e julgada pelas Escrituras. Posto que o homem é uma criatura de Deus, alguns dos elementos de sua cultura, são ricas em beleza e bondade, mas devido a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado e alguns de seus aspectos são demoníacos. O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre outras, mas avalia a todas as culturas segundo seus próprios critérios de verdade e de justiça e insiste em princípios morais absolutos em cada cultura. As missões com muita frequência, tem exportado uma cultura estranha junto com o Evangelho, e as igrejas tem estado mais escravizadas à cultura que

submetidas às Escrituras. Os evangelistas devem tratar de reformar e enriquecer sua cultura, tudo isso, para a glória de Deus.

Mc. 7:8,9,13; Gn. 4:21,22; 1 Cor. 9:19-23; Fil. 2:5-7; 2 Cor. 4:5

11 EDUCAÇÃO E LIDERANÇA

Confessamos que às vezes, temos buscado um crescimento da igreja à custa da profundidade temos separado a evangelização do crescimento cristão. Reconhecemos também que algumas de nossas missões tem sido lentas para equipar e animar aos líderes nacionais para que assumam as responsabilidades que é de direito. Aceitamos os princípios de auto-crítica e anelamos que cada igreja tenha líderes nacionais que manifestam um estilo cristão de liderança, não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que existe uma grande necessidade de melhorar a educação teológica, essencialmente para os líderes das igrejas. Em cada nação e cultura deve haver um programa efetivo de treinamento para pastores e leigos, em doutrina, discipulado, evangelização, crescimento e serviço. Tais programas de treinamento não devem depender de uma metodologia estereotipada, mas que devem desenvolver segundo iniciativas locais conforme a norma bíblica.

Col. 1:27,28; Atos 14:23; Tito 1:5,9; Mc. 10:42-45; Ef. 4:11,12

12 BATALHA ESPIRITUAL

Creemos que estamos empenhados em uma constante batalha espiritual contra os principados e potestades do mal, que tratam de destruir a igreja e frustrar sua tarefa de evangelização mundial. Conhecemos nossa necessidade de tomar toda armadura de Deus e pelejar esta batalha com as armas espirituais da verdade e da oração, já que percebemos toda atividade do nosso inimigo, não só em falsas ideologias, fora da igreja, mas como também dentro delas, nos evangelhos falsos que deturpam as Escrituras e colocam o homem no lugar de Deus. Necessitamos vigilância e discernimento para guardar o Evangelho. Reconhecemos que nós mesmos não estamos imunes ao mundanismo e no pensamento e na ação, uma contemporização com o secularismo. Por exemplo, mesmo que os estudos do crescimento da Igreja, tanto numérico como espiritual, tem seu lugar quando

se fazem com cuidado, às vezes nos descuidamos. Outras vezes no desejo de afirmar uma resposta ao Evangelho, temos acomodado em nossa mensagem, temos manipulado aos nossos ouvintes por meio de técnicas de pressão e temos preocupado nas estatísticas e até temos sido desonestos no uso que temos feito delas. Tudo isso é carnal. A Igreja deve estar no mundo, mas o mundo não deve estar na Igreja.

Ef. 6:12; II Cor. 4:3,6; Ef. 6:11, 13-18; II Cor. 10:3-5; 1 Jo 2:18-25; 4:1-3; Gál. 1:6-8; II Cor. 2:17; 4:2; Jo 17:5

13. LIBERDADE E PERSEGUIÇÃO

É um dever ensinado por Deus, que todo governo deve assegurar condições de paz, justiça e liberdade, nas quais a Igreja possa obedecer a Deus, servir ao Senhor Jesus Cristo e pregar o evangelho sem impedimento. Portanto, oramos pelos governos nacionais e lhes fazemos um chamado para que garantam a liberdade de pensamento e de consciência, e a liberdade de praticar e propagar a religião, de acordo com a vontade de Deus nos termos estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Expressamos também nossa preocupação profunda por quem sofrem pressão injustamente, e especialmente por nossos irmãos que sofrem perseguição pelo testemunho do Senhor Jesus. Prometemos orar e trabalhar por sua liberdade. Ao mesmo tempo que não devemos deixar nos intimidar com o que venha a acontecer. Com a ajuda de Deus, também procuraremos a manter firmes contra a injustiça e permanecer fiéis ao Evangelho, custe o que custar. Não esquecendo da advertência de Jesus de que a perseguição é inevitável.

1 Tim. 1:1-4; AT. 4:19; 5:29; Col. 3:24; Heb. 13:1-3; Luc. 4:18; Gál. 5:11; 6:12; Mat. 5:10-12; Jo 15:18-21

14. O PODER DO ESPÍRITO SANTO

Creemos no poder do Espírito Santo. O Pai enviou o seu Espírito para dar testemunho de seu Filho; sem o testemunho dele, o nosso testemunho é em vão. A convicção do pecado, a fé em Cristo, o novo nascimento e o crescimento cristão, são suas obras. Mas ainda que o Espírito Santo é um Espírito missionário, e por ele deveria brotar de uma igreja cheia do Espírito Santo. A evangelização mundial será uma possibilidade realista, só

quando o Espírito renova a Igreja em sabedoria, fé, santidade, amor e poder. Portanto fazemos um chamado a todos os cristãos, para que orem a fim de que venha uma visitaçã do Espírito de Deus, de modo que todo seu fruto seja visto em seu povo e que todos os seus dons enriqueçam ao corpo de Cristo. Só então, a Igreja toda chegará a ser instrumento adequado em suas mãos, para que o mundo inteiro ouça a voz de Deus.

1 Cor. 2:4; Jo 15:26,27; 16:8-11; 1 Cor. 12:3; Jo 3:6-8; II Cor. 3:18; Jo 7:37-39; I Tes 5:19; At. 1:8; Sl. 85:4-7; 67:1-3; Gl. 5:22,23; I Cor. 12:4-31; Rom. 12:3-8

15. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Creemos que o Senhor Jesus virá em poder e glória, para consumir sua salvação e seu juízo. Esta promessa de sua vinda, nos impulsiona poderosamente a evangelizar, porque recordamos de suas palavras que é necessário que o Evangelho seja pregado a todas as nações. Creemos que no período entre a ascensão de Cristo e a sua vinda, a missão do povo de Deus terá que completar e que não podemos deter antes do fim. Também recordamos sua advertência de que surgirão falsos profetas e falsos cristos como precursores do Anticristo final. Portanto, rejeitamos todo sonho auto-suficiente e arrogante que o homem poderá construir uma utopia na terra. Nossa confiança cristã é que Deus aperfeiçoará o seu Reino, e esperamos com grande expectativa o dia em que fará novos céus e nova terra, nos quais a justiça de Deus reinará para sempre. Entretanto, nos dedicamos de novo ao serviço de Cristo e dos homens, submetendo à sua autoridade sobre as nossas vidas.

Mc. 14:62; Heb. 9:28; Mc. 13:10; At.1:8-11; Mat. 28:20; Mc. 13:21-23; Jo 2:18; 4:1-3; Lc. 12:32; Apoc. 21:1-5; II Pedro 3:13; Mt. 28:18

CONCLUSÃO

Portanto, levando em conta a nossa fé e nossa resolução, façamos um pacto com Deus e com nossos irmãos, de orar, planejar, e traalhar juntos para a evangelização de todo o mundo. Fazemos um chamado a quantos querem unir-se a nós.

Que Deus nos ajude por sua graça e para sua glória a ser fiel a este pacto! Amém, Aleluia.

Questão

1. Dê sua crítica construtiva sobre o Pacto de Lausana.

6.2. O MANIFESTO DE MANILA

O MANIFESTO DE MANILA

(Chamado a toda a igreja a levar o Evangelho a todo o mundo)

Introdução

Veintiun Afirmaciones

A) TODO EVANGELHO

1. Nosso dilema humano
2. Boas novas para o dia de hoje
3. A singularidade de Jesus Cristo
4. O evangelho e a responsabilidade social

B) TODA A IGREJA

5. Deus o evangelista
6. Testemunhas
7. A integridade das testemunhas
8. A Igreja local
9. Cooperação na evangelização

C) TODO O MUNDO

10. O mundo moderno
11. O desafio do ano 2000 e mais além
12. Lugares difíceis

CONCLUSÃO

Proclamar a Cristo até que ele volte.

INTRODUÇÃO

Em julho de 1974 celebrou em Lausana (Suíça), o Congresso Internacional de Evangelização Mundial e se proclamou o Pacto de Lausana. Agora em julho de 1989, mais de 3000 pessoas de cerca de 170 países reuniram em Manila com o mesmo propósito e temos proclamado o Manifesto de Manila. Agradecemos as boas vindas com os quais nos receberam os irmãos filipinos.

Durante os 15 anos entre os dois congressos, se tem celebrado algumas consultas menores sobre temas como o Evangelho e a Cultura, a evangelização e a responsabilidade social, um estilo de vida sincero e o Espírito Santo e a conversão. Estas reuniões tem ajudado a desenvolver o pensamento do movimento de Lausana.

Um manifesto de define como uma declaração pública de convicções, intenções e motivações. O manifesto de Manila toma os dois temas do congresso: Proclamar a Cristo até que ele venha” e “Chamado toda a Igreja a pregar o evangelho a todo o mundo”. Sua primeira parte é uma série de afirmações, a segunda parte elabora em doze seções, que apresentamos às igrejas para que, junto com o Pacto de Lausana, sejam estudadas e levadas em prática.

VINTE E UMA AFIRMAÇÕES

1. Afirmamos nosso compromisso renovado com o Pacto de Lausana como base para a nossa cooperação com o Movimento de Lausana.
2. Afirmamos que nas Sagradas Escrituras dos dois testamentos, o Velho e o Novo, Deus nois tem dado uma revelação autoritativa de seu caráter e vontade, de suas obras redentoras e seu significado, e sua ordem para a missão.
3. Afirmamos que o Evangelho bíblico é a mensagem permanente de Deus para o mundo e nos comprometemos a defendê-lo e proclamá-lo.
4. Afirmamos que o homem, mesmo que sendo criado à imagem e semelhança de Deus são pecadores e culpados, perdidos sem Cristo, e que esta verdade é preliminar na compreensão do evangelho.

5. Afirmamos que o Jesus da História e o Cristo da glória são a mesma pessoa, ele é o único Deus e que carregou nossos pecados, conquistou a morte e virá como juiz.
6. Afirmamos que na cruz, Jesus tomou nosso lugar, levou nossos pecados e sofreu a morte que a nós correspondia morrer, e que unicamente por essa razão, Deus perdoa a quem não levados ao arrependimento e a fé.
7. Afirmamos que as demais religiões e ideologias não são caminhos alternativos para chegar a Deus, e que a espiritualidade, se não está redimida por Cristo, não conduz a Deus, mas ao juízo, já que Cristo é o único caminho.
8. Afirmamos que devemos mostrar o amor de Deus de maneira visível, atendendo aos que estão privados de justiça, dignidade, alimento e veste.
9. Afirmamos que a proclamação do reino de Deus de toda justiça e paz, exige a renúncia de toda injustiça e opressão, tanto pessoal como estrutural; nos recusamos este testemunho profético.
10. Afirmamos que o testemunho que dá o Espírito sobre Cristo é indispensável para a evangelização e que longe de sua obra sobrenatural, não são possíveis para o novo nascimento e nem a vida nova.
11. Afirmamos que a luta espiritual, requer as armas espirituais e que devemos pregar a Palavra no poder do Espírito, orar sem cessar para que possamos participar na vitória de Cristo sobre os principados e potestades do mal.
12. Afirmamos que Deus tem ordenado toda a Igreja e cada um dos membros a tarefa de dar a conhecer a Cristo em todo o mundo: nosso anelo é que todos, quer leigos ou ministros, sejam mobilizados e capacitados para esta tarefa.
13. Afirmamos que os que dizem ser membros do corpo de Cristo devem superar as barreiras de raça, sexo, classe social dentro de nossa comunidade.
14. Afirmamos que os dons do Espírito Santo são repartidos ao povo de Deus tanto as mulheres como a homens e que se deve promover a participação de todos na evangelização para o bem comum.
15. Afirmamos que os que proclamam o evangelho, devem dar exemplo, vivendo uma vida de santidade e de amor; se assim não for o nosso testemunho, perde a credibilidade.

16. Afirmamos que toda congregação cristã deve entornar-se até a comunidade que se encontra incerta através do testemunho evangelizador e testemunho compassivo.
17. Afirmamos a necessidade urgente de que as igrejas, agências missionárias e outras instituições cristãs colaborem mutuamente na evangelização e ação social e que que repudiem a competência e evitem duplicar esforços.
18. Afirmamos que o nosso dever estudar a sociedade na qual vivemos a fim de entender suas estruturas, seus valores e suas necessidades, e dessa maneira desenvolver uma estratégia apropriada para a missão.
19. Afirmamos que a evangelização do mundo é urgente e que é possível alcançar os povos não alcançados. Tomamos a decisão de dar-nos essa tarefa com renovado vigor durante a última década do século XX.
20. Afirmamos nossa solidariedade com os que sofrem pelo evangelho, e nos preparemos para a possibilidade de sofrer da mesma maneira. Trabelhemos a favor da liberdade religiosa e política em todas as partes.
21. Afirmamos que Deus está chamando a toda a Igreja a levar todo o evangelho. Nos comprometemos, portanto, a proclamá-lo com fidelidade, urgência e sacrifício até a vinda de Jesus.

A. TODO O EVANGELHO

O evangelho é a boa nova de salvação que Deus tem provido para o homem ao livrá-lo dos poderes das trevas. É a nova de instauração do seu reino eterno e de sua vitória final sobre todos os que se oponham a seus propósitos. Em seu amor, Deus se propôs efetuar essa salvação antes que o mundo fosse criado por meio da morte do nosso Senhor Jesus Cristo quem nos fez livres e nos une ao incorporarmos na comunidade dos remidos por Ele.

1. A apurada salvação humana.

Já que nos encontramos comprometidos em pregar o Evangelho em sua plenitude, logicamente devemos entender porque necessita o homem.

Os homens e mulheres tem uma dignidade e um valor intrínseco porquanto terem sido criados a imagem de Deus, para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo. A consequência do pecado, cada aspecto da humanidade tem sido distorcido. O homem está cada vez mais rebelde e egoísta e não ama a Deus nem a seu próximo como deveriam fazê-lo. Estão alienados tanto do seu criador como do resto da criação, o qual é a causa fundamental da dor, a desorientação e a solidão que tanta gente sofre hoje em dia. Muitas vezes, o pecado se manifesta também sob as formas de conduta anti-social, exploração violenta dos demais, e de um desgaste dos recursos da terra, o qual Deus fez homens e mulheres para seus mordomos. A humanidade é indisciplinável e vai pelo caminho que conduz a perdição.

Ainda que a imagem de Deus no homem tem sido corrompida, estes são capazes de reconciliar uns aos outros com amor e de realizar ações nobres e criar lindas obras de arte, o ser humano está fatalmente marcado pela imperfeição e de nenhum modo pode proporcionar o direito de ter o acesso a Deus. Nem a religião a justiça humana, podem salvar a ninguém. Não existe possibilidade alguma de que o ser humano se salve a si mesmo, abandonadas a si mesmas, as pessoas estão perdidas para sempre. De modo que repudiamos os falsos evangelhos que negam a realidade do pecado, o juízo, a necessidade da cruz e a ressurreição e o evangelho que confundem a graça de Deus com o esforço humano. Confessamos que às vezes nós mesmos, temos relativizado o evangelho, mas nos comprometemos a levar em conta em nossa evangelização, o diagnóstico radical que Deus faz do pecado e o remédio igualmente radical que ele tem provido.

2. Boas novas para hoje

Nos regozijamos que Deus não nos abandonou a nossa perdição e desesperança. Em seu amor, Ele veio buscar-nos em Jesus para resgatar-nos e restaurar-nos. De modo que as boas novas se encontram na pessoa histórica de Jesus quem veio proclamando o reino de Deus e vivendo uma vida humilde, quem morreu por nós, o fez pecado e maldição em nosso lugar a quem Deus levantou dentre os mortos. Aqueles que se arrependem e crêem em Cristo, Deus o faz tomar parte da nova criação. Ele nos dá nova vida, a qual inclui o perdão dos nossos pecados e a presença e o poder transformador de seu Espírito, ele nos dá as boas vindas a nova comunidade a qual está composta de pessoas de todas as raças, nações e

culturas. E ele promete que um dia, entraremos em seu reino, no qual, não haverá mais pecado, a natureza será restaurada e Deus reinará para sempre.

Estas boas novas devem ser proclamadas com valor, nas igrejas, nos auditórios públicos no rádio e televisão, ao ar livre, porque é o poder de Deus para a salvação e estamos na obrigação de dar a conhecê-las. Em nossa pregação devemos declarar fielmente a verdade que Deus tem revelado na Bíblia e esforçamos para relacioná-la ao nosso contexto.

Também afirmamos que a apologética isto é “a defesa e confirmação do evangelho” (Fl. 1: 7) é essencial para a compreensão bíblica da missão e para um testemunho em um mundo moderno. Paulo discutia com algumas pessoas à margem das Escrituras para persuadí-los da verdade do Evangelho. Assim devemos fazer, de fato, todos os cristãos devem estar vivos para dar razão a esperança que há neles (I Pd. 3: 15)

Outra vez temos visto a ênfase de Lucas no Evangelho como boas novas para os pobres (Lc 4: 18; 6: 20; 7: 22) e temos perguntado que significa isso para a maioria da população mundial, que são pobres, afligidos, oprimidos. Se recordarmos o que a Lei, os profetas e os livros de Sabedoria, assim como o ensino e o ministério de Jesus, todos enfatizam a preocupação de Deus pelos pobres em recursos econômicos e nosso dever é interessar por eles e proteger-lhes.

A Escritura se refere aos pobres de espírito, quem olha para Deus só para alcançar misericórdia. O Evangelho vem com boas novas para ambas as classes. Os pobres de espírito, se importam com as circunstâncias econômicas e se humilham diante de Deus, recebem pela fé o dom gratuito da salvação. Para ninguém há outra maneira de entrar no reino de Deus. Os materialmente pobres encontram uma nova dignidade como filhos de Deus e o amor aos irmãos e procuram libertar seus irmãos de tudo que lhes oprime.

Nos arrependemos de qualquer descuido da verdade de Deus na Escritura e nos comprometemos a proclamá-la. Também nos arrependemos de ter sido indiferentes com o clamor dos pobres e por ter feito acepção de pessoas e nos comprometemos a seguir a Jesus na pregação das boas novas à todas as pessoas.

3. A singularidade de Jesus Cristo

Somos chamados a proclamar o evangelho de Cristo no mundo cada vez mais pluralista. Há um ressurgimento de religiões antigas e o nascimento de outras novas. No primeiro século havia muitos deuses e muitos senhores (I Cor. 8: 15). Os apóstolos afirmaram com ousadia a singularidade e a centralidade de Cristo. Devemos fazer o mesmo.

Devido que os homens foram feitos à imagem de Deus e existe na criação a evidência de um Criador, as religiões que tem surgido contem às vezes alguns elementos de verdade e beleza, apesar disso não são evangelhos alternativos. Pelo fato do homem ser pecador e o mundo inteiro jaz no maligno, necessitam da redenção provida por Jesus. Portanto, não temos nenhuma base para dizer que a salvação pode encontrar-se fora de Cristo distancia de uma aceitação explícita de sua obra por meio da fé.

Às vezes se afirma que em virtude do pacto de Deus com Abraão, o povo judeu não reconhecer Jesus como Messias. Afirmamos que eles necessitam como qualquer outra pessoa e que seria uma forma de anti-semitismo, além de deslealdade a Cristo, separar-nos do padrão novotestamentário consistente em levar o evangelho “ao judeu primeiramente...”. Portanto, ignoramos a tese de que os judeus tenham seu próprio pacto que não faz necessária a fé em Jesus.

O que nos une são nossas convicções em comum acerca de Jesus Cristo. Confessamos a Ele como Filho de Deus, que se fez homem mesmo sendo Deus, e que foi nosso substituto pela cruz, levando nosso pecado e morrendo em nosso lugar e que levantou vitorioso com um corpo transformado e que voltará em glória para julgar o mundo. Só Ele é o Filho encarnado, o Senhor, Juiz e só Ele com o Pai e o Espírito Santo é digno de louvor e adoração, a fé e a obediência de todos. Somente há um evangelho, porque há um só Cristo, quem por sua morte e ressurreição é o único caminho da salvação. Portanto recusamos tanto o relativismo que considera todas as religiões e espiritualidades como caminhos que aproximam de Deus igualmente válidos, como o sincretismo que procura mesclar a fé em Cristo com outras crenças.

Deus tem exaltado a Jesus no lugar mais alto para que todos não possam reconhecer, é também o nosso desejo de exaltar-lhe. Motivados pelo amor de Cristo, devemos obedecer a

grande comissão de Cristo e amar suas ovelhas perdidas, porém somos motivados “zelo” de seu santo nome e desejamos que Ele receba a honra e a glória que é devido.

No passado, às vezes temos sido culpáveis de adotar atitudes de ignorância, falta de respeito e até hostilidade para os adeptos de outras religiões. Não arrependemos tê-lo feito. Determinamos levar um testemunho positivo e sem concessões da singularidade de nosso Senhor em sua vida, morte e ressurreição, em todos os aspectos de nosso trabalho evangelístico, incluindo o diálogo com seguidores de outras crenças.

4. O evangelho e a responsabilidade social

O evangelho autêntico deve chegar a ser visível nas vidas transformadas de homens e mulheres. Ao proclamar o amor de Deus, devemos estar envolvidos em seu serviço e ao pregar o Reino de Deus, devemos ser submissos às suas ordens de justiça e paz.

A evangelização é primordial porque nossa maior preocupação é a propagação do evangelho para que todas as pessoas possam ter a oportunidade de aceitar a Jesus como Senhor e Salvador. Jesus não somente proclamava o reino de Deus, mas também demonstrou sua vinda pr meio de suas obras de misericórdia e poder. Hoje nos chama a uma integração de palavras e ações, em um espírito de humildade, devemos pregar, ensinar, ministrar aos enfermos, dar de comer aos famintos, cuidar dos presos, ajudar os deficientes e libertar aos oprimidos. Ainda que reconhecemos a diversidade dos dons espirituais, das vocações e dos contextos, afirmamos também que as boas novas e as boas obras são inseparáveis.

A proclamação do reino de Deus exige a necessariamente a denúncia profética de tudo o que não é compatível com ele. Entre os males que deploramos, está a violência destrutiva incluída a institucionalizada, a corrupção política, todas as formas de exploração de pessoas e de terra, as forças que abatem sobre a família, o aborto livre, o tráfico de drogas e a violação dos direitos humanos. Em nossa preocupação pelos pobres, nos apenas a dívida dos terços do mundo. Sentimos também a ofensa das condições subhumanas que vivem milhares de pessoas que levam a imagem de Deus como nós.

Nos arrependemos porque a estreiteza de nossas preocupações e a nossa visão tão limitada, muitas vezes nos tem privado de proclamar devidamente o senhorio de Jesus

Cristo sobre toda a vida. Não propomos obedecer a sua ordem de “buscar primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt. 6: 33)

5. TODA A IGREJA

O evangelho deve ser proclamado por toda a igreja, o povo de Deus tem sido chamado a compartilhar essa tarefa evangelística, porém sem o Espírito Santo, todos os nossos esforços serão em vão.

6. Deus, o Evangelista

As Escrituras declaram que Deus é o evangelista por excelência. Porque o Espírito de Deus é o Espírito da verdade, amor, santidade e então a evangelização é impossível sem a sua presença. É ele quem unge o mensageiro, confirma a Palavra, e prepara o ouvinte, convence ao pecador e ilumina o cego; dá vida ao morto, nos capacita para arrependermos e crer, nos une ao corpo de Cristo, nos assegura que somos filhos de Deus, nos guia até o serviço e o caráter de Cristo. Em tudo isso, a preocupação principal do Espírito é glorificar a Cristo, habitando em nós. Toda a evangelização envolve uma batalha espiritual com principados e potestades do mal, sobre os quais só as armas espirituais podem prevalecer, especialmente a Palavra e o Espírito com a oração. Portanto, conclamamos a todos os cristãos para que sejam diligentes em suas orações, portanto para a renovação da igreja e como para evangelização do mundo.

Toda verdadeira conversão implica em um encontro, em que a autoridade superior de Jesus Cristo se põe de manifesto. Não há maior milagre que este; o crente seja libertado das amarras de Satanás e do pecado, do medo.

Os milagres de Jesus foram sinais de sua messianidade, não tomamos a liberdade de limitar o poder de Cristo. Recusamos tanto o esceptismo que nega os milagres como a presunção; tanto a timidez que se retrai da plenitude do Espírito Santo, como o triunfalismo que se retrai da fraqueza na qual aoerfeiçoa o poder de Cristo.

Nos arrependemos quando evangelizamos confiando em nossas próprias forças, a atuar do Espírito Santo. Determinamos não “contristar” nem “apagar” o Espírito no futuro,

mas tratar de propagar as boas novas “com o poder e com Espírito Santo” e com plena certeza. (I Tes. 1: 5)

7. A testemunha de homens

Deus o evangelista dá ao seu povo o privilégio de ser seus colaboradores (II Cor. 6: 1). Ele chama a alguns a serem evangelistas, missionários ou pastores, porém chama a toda a sua igreja e cada um de seus membros a ser testemunhas.

A tarefa privilegiada dos pastores e mestres é de guiar ao povo de Deus à maturidade (Col. 1: 28) e prepará-los para o ministério (Ef. 4: 11, 12). Os pastores não devem monopolizar os ministérios, mas multiplicá-los animando a outros a usar seus dons e treinando discípulos a fazer discípulos. O domínio dos leigos pelos pastores tem sido o grande mal na história da igreja. Priva tanto a leigos como pastores o papel que Deus tem ordenado a estes, enfraquece a igreja tornando obstáculo ao avanço do evangelho, isso não é bíblico. Portanto, nós que durante séculos temos insistido no “sacerdócio de todos os crentes”, agora também insistimos no ministério de todos os crentes.

Reconhecemos com gratidão que as crianças e jovens enriquecem a adoração e a extensão da igreja com seu entusiasmo e sua fé. Necessitamos treiná-los no discipulado e a evangelização para que alcancem sua própria geração para Cristo.

Deus criou o homem e a mulher, e ambos são portadores de sua imagem (Gn. 1: 26 – 27); os aceita em Cristo como estão (Gl. 3: 28) e derramou seu Espírito sobre toda a carne, tanto filhos como filhas (Atos 2: 17-18). O Espírito Santo distribui seus dons às mulheres igual aos homens, elas devem ter oportunidades para exercer seus dons. Celebramos seu distinto papel na história das missões e estamos convencidos de que Deus chama a mulher nos dias de hoje a um papel semelhante. Mesmo que não estamos de acordo quanto a sua liderança deve tomar, se o que estamos de acordo em que Deus deseja que homens e mulheres desfrutem de uma cooperação na evangelização mundial. É necessária uma formação adequada ao alcance de uns ou de outras.

O testemunho dos leigos, homens e mulheres tem lugar não só através da igreja local, mas que são chamados a participar na obra de testemunhar através de amizades, em casa ou no trabalho.

Nossa primeira responsabilidade é de testificar aos nossos amigos, parentes, vizinhos e colegas. A evangelização que tem o lar como ponto de partida é também natural, tanto para os casados como para os solteiros. Um lar cristão não só deve mostrar as normas de Deus para o matrimônio, o sexo e a família, e oferecer às pessoas um ambiente de amor e de paz, mas que também deve ser um lugar que dá gosto até para os vizinhos que normalmente não vão em uma igreja evangélica.

Outro contexto para o testemunho leigo é o local de trabalho, porque é aí aonde a maioria dos cristãos passa a metade das horas de cada dia, e porque o trabalho é uma vocação divina. Os cristãos podem viver uma vida de adoração pelas suas palavras, pelo trabalho eficaz, pela sua honra e consideração pelos demais, pela sua busca de justiça no local de trabalho e este testemunho requer eficácia especial, para que os demais possam ver sua qualidade de trabalho diário que se faz para a glória de Deus.

Não arrependemos das vezes que desanimamos aos leigos em seu ministério, principalmente o ministério das mulheres e dos jovens. Nos comprometemos daqui em diante a estimular todos os seguidores de Cristo a ocupar o lugar que como testemunhas de Cristo lhes corresponda de maneira justa e natural. A verdadeira evangelização procede do coração apaixonado por Jesus. Por isso corresponde a todo o povo sem exceção.

8. A integridade do testemunho

Não há nada que com maior eloquência respalde ao evangelho que uma vida transformada, nem nada que o desacredite tanto que uma vida inconsistente com o mesmo. Se nos tem ordenado, comportamos de uma maneira digna do evangelho de Cristo ressaltando sua beleza por meio de vidas sãs. Porque o mundo que nos observa busca a evidência que confirma as declarações que os discípulos de Cristo fazem a favor do Senhor. Uma poderosa evidência é a nossa integridade.

Nossa proclamação de que Cristo morreu por nós para levar-nos a Deus atrai muitas pessoas que estão sedentas espiritualmente, mas não pense que não apresentamos evidência de que nós mesmos conhecemos a Deus, ou sim que nossa adoração pública precisa de realidade e relevância.

Nossa mensagem de que Cristo reconcilia aos homens só pode ser autêntica se amarmos uns aos outros e perdoarmos mutuamente, servirmos aos outros com humildade e vivemos de um ministério em que abnegamos a favor dos necessitados.

Nosso desafio aos demais é que se ninguém tomar a sua cruz e seguir a Cristo será credibilizado, só se nós mesmos temos morrido para a ambição, cobiça, e vivemos uma vida de sinceridade, alegria e generosidade.

Lamentamos os fracassos que vemos na integridade cristã, tanto nos cristãos como nas igrejas: cobiça material, orgulho profissional e rivalidade competência no serviço cristão, zelo de líderes jovens, paternalismo missionário, falta de responsabilidade mútua, a perda das normas cristãs de sexualidade e discriminação social e sexual. Tudo isso é carnalidade, a qual permitindo que a cultura prevalecente transforme a igreja quando essa deveria desafiar e transformar a cultura. Estamos profundamente envergonhados das vezes que, como pessoas ou como comunidades cristãs, temos afirmado a Cristo de palavras, porém negamos com os nossos atos. Nossa falta de integridade tira a credibilidade de nosso testemunho. Reconhecemos nossas lutas e fracassos contínuos, mas também pela graça de Deus nos comprometemos a desenvolver a integridade em nós e na igreja.

9. A igreja local

Toda congregação cristã é uma expressão local do corpo de Cristo e tem as mesmas responsabilidades. É tanto “um sacerdócio santo” para oferecer a Deus os sacrifícios espirituais de adoração, como também uma “nação santa” para anunciar sua excelência mediante ao testemunho (I Pd. 2: 5-9). A igreja é então uma comunidade que adora e que testemunha; a adoração e o testemunho são inseparáveis.

Creemos que a igreja local tem a responsabilidade de estender o evangelho. A Escritura sugere isso na progressão de “nosso evangelho chegou a vós” e logo “partiu de vós” (I Tes. 1: 5-8). Dessa maneira o evangelho cria a Igreja que estende o evangelho, o qual cria mais igrejas em uma reação em série. Mais ainda do que ensina a Escritura, a estratégia o confirma. Cada igreja local deve evangelizar o lugar onde está localizada e ter os recursos para fazê-lo.

Recomendamos a cada congregação terminar estudos não só de sua própria membresia e programa, mas também de sua comunidade local e de todas as suas características a fim de desenvolver estratégias apropriadas para a missão. Seus membros podem decidir organizar a visitação de todo o bairro, penetrar em algum lugar onde a gente se reúne, organizar séries de reuniões evangelísticas, conferências ou concertos trabalhar com os pobres para transformar uma área local marginalizada, ou estabelecer uma nova igreja em seu distrito ou localidade mais próxima. Ao mesmo tempo não devem, não devem esquecer a tarefa global da igreja. Uma igreja que envia missionários não deve descuidar de sua própria localidade e uma igreja que evangeliza os mais próximos não deve esquecer do mundo.

Em tudo isso cada congregação deve trabalhar com as outras, procurando converter qualquer espírito de competênica em uma cooperação. As igrejas também devem trabalhar com organizações para-eclesiais, especialmente na evangelização e o ensino no serviço comunitário, porque tais agências são parte do corpo de Cristo e tem uma valiosa experiência e especialização de que as igrejas podem beneficiar grandemente.

A igreja tem sido concebida por Deus para ser um sinal do seu reino, isto é, uma indicação de cómo é uma comunidade humana quando está sob seu governo de justiça e paz. Assim como é com as pessoas, assim também é com as igrejas, o evangelho tem que ser encarnado, comunicado efetivamente. É através do nosso amor mútuo que Deus se revela a si mesmo hoje (I Jo. 4: 12), especialmente quando nosso companheirismo se expressa em grupos pequenos e quando transcende as barreiras de raça, sexo e idade que divide as outras comunidades.

Lamentamos profundamente que muitas de nossas congregações só olham para dentro, organizadas para seu templo do que com missões e preocupadas com atividades centradas na própria igreja a expensas de um testemunho. Determinamos voltar as nossas igrejas de dentro para fora, de modo que possam envolver em uma expressão contínua, para que o Senhor acrescente diariamente aqueles que hão de ser salvos (At. 2: 47).

10. A cooperação na evangelização

A evangelização e a unidade estão estreitamente relacionada ao Novo Testamento. Jesus pediu que unidade de seu povo refletisse sua própria unidade com o Pai (Jo. 17: 20-21) e Paulo exortou aos filipenses a “combeter unanimemente pela fé do evangelho” (Fl. 1: 27). Em contraste com esta visão bíblica estamos envergonhados das rivalidades, do dogmatismo em questões secundárias, das lutas pelo poder e da edificação de impérios que arruinam nosso testemunho. Afirmamos que a cooperação na evangelização é indispensável. Primeiro porque é a vontade de Deus, mas também porque o Evangelho de reconciliação é desacreditado pela nossa falta de unidade, e porque se a tarefa de evangelização do mundo há de ser alguma vez obtida, devemos realizá-la juntos.

Cooperação significa encontrar unidade na diversidade, envolve pessoas de diferentes temperamentos, dons, vocações, culturas, igrejas nacionais e agências missionárias, todas as idades e ambos os sexos em trabalho em conjunto.

Estamos decididos a deixar para trás de uma vez por todas, como restos de nosso passado colonial, a distinção simplista entre países do Primeiro Mundo, e os países receptores do Terceiro Mundo. Porque a grande novidade de nossa era é a internacionalização. Não só uma grande maioria dos cristãos não são ocidentais, mas que o número de missionários de composição diversa, mas unidos de mente e coração, constituem um impressionante testemunho da graça de Deus.

Nossa referência a toda igreja, não é uma afirmação presunçosa de que a igreja universal e a comunidade evangélica são sinônimas. Porque reconhecemos que há muitas igrejas que não são parte do movimento evangélico. As atitudes evangélicas diante da Igreja Católica Apostólica Romana e as igrejas Ortodoxas diferem grandemente. Alguns evangélicos, estão orando, falando, estudando as Escrituras e trabalhando com Igrejas. Outros se opõem fortemente a qualquer forma de diálogo ou cooperação com elas. Todos os evangélicos são conscientes de que ainda subsistem entre nós sérias diferenças teológicas. De onde seja apropriado e enquanto a verdade não se veja comprometida, a cooperação pode ser possível em áreas como a tradução da Bíblia, o estudo de temas éticos e teológicos contemporâneos, o trabalho social e a ação política, devemos deixar claro que uma evangelização comum exige um compromisso comum em relação ao evangelho bíblico.

Alguns de nós somos membros de igrejas que pertencem ao Conselho Mundial de Igrejas, e cremos que uma participação ativa porém crítica de sua obra é o nosso dever cristão. Outro entre nós, não temos nenhuma relação com o Conselho Mundial. Todos nós instamos ao Conselho Mundial de Igrejas a que se identifique com uma compreensão bíblica e consistente da evangelização.

Confessamos que compartilhamos uma parte da responsabilidade pelo fracionamento do corpo de Cristo, o qual constitui um grande obstáculo para a evangelização do mundo. Nos comprometemos a seguir a busca dessa unidade na verdade pela qual Cristo orou. Estamos persuadidos de que a forma correta de avançar para uma melhor cooperação é um diálogo franco e paciente, baseado na Bíblia, com todos aqueles que compartilham nossas preocupações. A estes nos comprometemos com alegria.

A. TODO O MUNDO

O evangelho em sua totalidade tem sido ordenado a toda a igreja, para que proclame a todo o mundo. É necessário então que compreendamos o mundo atual o qual somos enviados.

11. O mundo moderno

A evangelização tem um lugar no contexto dado, não é um vazio. O equilíbrio entre evangelho e contexto tem que manter-se cuidadosamente. Devemos entender o contexto sem deixar que deturpem o Evangelho.

A este respeito, nos tem preocupado o impacto da “modernidade” que é uma cultura mundial emergente, produzida pela industrialização com a sua tecnologia e a urbanização com sua ordem econômica. Estes fatores se combinam para criar um ambiente que molda em formas significativas a maneira como vemos nosso mundo. Além disso, o secularismo, tem assolado a fé distanciando de Deus e do sobrenatural; a urbanização tem desumanizado a vida de muitos e os meios de comunicação em massa tem contribuído para a desvalorização da verdade e a autoridade, substituindo a palavra pela imagem. Em conjunto,

essas conseqüências da “modernidade” transtornam a mensagem que muitos pregam sua moivação relacionada a missão.

Em 1900, somente 9% da população mundial viviam nas cidades, calcula-se que no ano de 2000, mais de 50 % viverá nelas. Este movimento em direção às cidades é denominado de “a maior migração da história humana” é um desafio enormes para as missões cristãs. Por um lado, a população urbana é muito cosmopolita; as diferentes nações chegam as nossas portas na cidade. Podemos desenvolver igrejas globais de onde o evangelho acabe com as barreiras etnicas? Por outro lado, muitos dos que vivem nas cidades são emigrantes pobres receptivos ao evangelho. “Seremos capazes de instalar nas comunidades urbanas mais pobres para servir a gente e compartilhar o trabalho de transformar a cidade?”

A modernização traz bênçãos, assim como perigos, cria vínculos de comunicação e comércio com todo o mundo, abrindo assim caminhos para o evangelho. Traspassa velhas fronteiras e abre sociedades fechadas, tradicionais e totalitárias. Os meios de comunicação cristãos têm uma influência poderosa, tanto na preparação do solo como para a semeadura da semente do evangelho. As principais emissoras de rádio missionárias tem comprometido a compartilhar a mensagem do evangelho em todos os idiomas majoritários do mundo antes do ano 2000.

Confessamos que não temos esforçado como deveríamos para entender a modernização. Temos usados métodos e técnicas sem avaliá-los criticamente, e dessa maneira nos temos exposto a formas mundanas de pensar e atuar. Mas temos dedicado, daqui em diante, a levar a sério esses desafios e estas oportunidades, resistir as pressões seculares da modernização, relacionar o senhorio de Cristo com a totalidade da cultura moderna, e assim ocuparmos na missão do mundo moderrno sem atitudes mundanas.

12. O desafio do ano 2000 e mais além

A população do mundo de hoje se aproxima aos 6 bilhões. A terça parte confessa s Cristo, ao menos em forma nominal. Dos restante, a metade tem ouvido e outra metade não. A luz destas cifras, avaliamos nossa tarefa evangelística levando em consideração quatro categorias de pessoas.

Em primeiro lugar, estão comprometidos. Compõe uma força potencial para a tarefa missionária. Neste século esta categoria de cristãos tem crescido de uns 40 milhões em 1900 a 500 milhões hoje, e na atualidade está crescendo a um ritmo de duas vezes maior que qualquer outro grupo religioso.

Em segundo lugar, estamos ou não comprometidos. Estes fazem uma profissão de fé cristã (tem sido batizados, vão aos cultos de vez em quando e se identificam como cristãos) mas a idéia de um compromisso pessoal com Cristo é algo estranho. Encontram-se em todas as igrejas em todas as partes do mundo. Necessitam urgentemente ser evangelizados.

Em terceiro lugar, estão os não-evangelizados. São pessoas com o conhecimento mínimo do evangelho, mas que não tem a oportunidade adequada para responder a ele. Provavelmente estão dentro do alcance de pessoas cristãs se estas fizerem o esforço de ir a outra estrada, caminho, aldeia ou povo para encontrá-los.

Em quarto lugar, estão os não-alcançados. Estes são os dois milhões de pessoas que nunca ouviram que Cristo é o Salvador, e que não estão ao alcance de pessoas cristãs de seu próprio povo. Existem de fato, uns dois mil povos ou grupos nacionais de onde não uma igreja viva. Nos ajuda a pensar neles como membros de grupos étnicos menores, que se vêem a si mesmo como tendo algo em comum (por exemplo: cultura, idioma, território ou ofício). Os mensageiros que mais eficaz os poderiam alcançar são os crentes que já pertencem a essa cultura e falam a sua língua. Do contrário, terão que ir mensageiros transculturais do evangelho, deixando atrás sua própria cultura e identificando-se abnegadamente com aqueles a quem alcançar para Cristo.

Na atualidade há uns 12.000 grupos não alcançados dentro das 2000 agrupamentos maiores. A tarefa não é impossível, mas atualmente, enquanto que o restante 93% ministra na metade do mundo que já está evangelizada. Para que este desequilíbrio seja corrigido, será necessário dobrar bem estrategicamente o pessoal que está servindo.]

Uma triste realidade que afeta toda categoria já mencionadas é a inacessibilidade. Muitos países não ofertam aos “missionários” que não oferecem nenhuma outra profissionalização ou contribuição. Nossas orações podem traspasar toda a barreira, cortina ou porta. A rádio e a televisão cristã, cassetes de áudio e vídeo e literaturas podem chegar a lugares fechados a outras formas de ministério. Também o podem fazer os “fabricantes de tendas” quem como apóstolo Paulo, se ganham a vida com alguma

profissão secular. Viajam como homens de negócios, professores universitários, técnicos especializados ou mestres de idiomas, e aproveita todas as oportunidades para falar de Jesus Cristo. Não chega a um país de forma enganosa; seu trabalho os leva a ele. O que sucede é simplesmente que o testificar é um componente essencial de seu estilo de vida cristã de onde quer que estejam.

Nos envergonhamos profundamente que quase dois milênios depois da morte e ressurreição de Cristo, a terça parte da população não tem reconhecido como Salvador. Por outro lado, nos assustam a crescente evidência do poder de Deus ainda nos lugares mais inesperados da terra.

No ano 2000 será um marco desafiante para muitos. “Não poderemos comprometer a evangelizar o mundo durante a última década deste milênio? Porém, não poderíamos dar nossos melhores esforços para alcançar essa meta? Cristo nos manda levar o evangelho a todas as nações. A tarefa é urgente. Estamos decididos a obedecer-lhe com alegria e esperança.

13. Situações difíceis

Jesus disse claramente a seus seguidores que deveriam esperar oposição. “Se perseguiram a mim, também a vós perseguirão” (Jo. 15: 20) ainda lhes disse que deveriam regozijar na perseguição (Mt. 5: 12) e lhes recordo que a condição para levar o fruto é a morte (Jo. 12: 24).

Estas pregações de que o sofrimento cristão é inevitável e a vez, produtivo tem se cumprido em cada época, incluindo a nossa. Hoje em dia a situação é igual. Esperamos que a glanost e a perestroika resultem da liberdade completa na União Soviética e outras nações do bloco oriental, e que os países islâmicos e hindus se abram mais para o evangelho. Deploramos a recente repressão brutal do movimento democrático chinês e oramos para que não acarrete mais sofrimentos aos cristãos. Em geral, parece que as religiões antigas estão voltando menos receptivo ao evangelho. Antes esta situação, queremos fazer três declarações aos governos que estão reconsiderando sua atitude frente aos cristãos.

Em primeiro lugar, os cristãos são cidadãos leais que buscam o bem estar de sua nação. Oram pelos seus líderes e pagam seus impostos, os que tem confessado a Jesus

como Senhor a outras autoridades, e se lhes ordena fazê-lo, ou qualquer outra coisa que Deus proíbe, terão que desobedecer. Mas cidadãos responsáveis. Também contribuem ao bem estar de seus matrimônios e lares, sua honra nos negócios, seu esforço no trabalho, a sua atividade voluntária à serviço dos incapacitados e necessitados. Os governos justos não tem porque temer aos cristãos.

Em segundo lugar, os cristãos renunciam aos métodos indignos de evangelização. Mesmo que a natureza de nossa fé exige compartilhá-la com outros, nossa prática é fazer uma declaração honrada e aberta que deixa em completa liberdade aos ouvintes para que tomem suas próprias decisões. Queremos ser sensíveis até a quem tem outras crenças e rejeitamos qualquer método que trate de obrigar-lhes a se converter.

Em terceiro lugar, os cristãos desejam ardentemente a liberdade religiosa para todos, não somente para os cristãos. Em países nos que predomina um coletivo cristão, os crentes estão a frente dos que exigem liberdade para as minorias religiosas. Nos países que predominam os não cristãos, portanto, os cristãos estão pedindo para si, não mais do que exigem para outros em situações semelhantes. A liberdade para “professar, praticar e propagar” a religião, segundo se define na Declaração Universal dos Direitos Humanos, pode e deve ser um direito outorgado reciprocamente.

Lamentamos qualquer testemunho indigno dos seguidores de Cristo podemos ter sido culpados. Determinamos, em nada ofender para que o nome de Cristo não seja desonrado. A ofensa da cruz, não podemos evitar. Por causa do Cristo crucificado oramos para que estejamos prontos, por sua graça e ainda para morrer. O martírio é uma forma de testemunho que Cristo tem prometido honrar.

CONCLUSÃO: PROCLAMAR A CRISTO ATÉ QUE ELE VOLTE

“Proclamar a Cristo até que ele volte”. Este tem sido o lema de Lausana II. Cremos que Cristo está voltando, segundo as suas promessas para estabelecer o seu reino. Se nos manda vigiar e estar preparados. Enquanto tanto o período entre a primeira e a segunda vinda, devemos preencher com a obra missionária cristã. Temos sido chamados a ir com o Evangelho até os confins da terra, e se nos tem prometido que o fim dos tempos chegará

quando houvermos cumprido essa tarefa. As duas pontas da terra (espaço e tempo) coincidiram. Até esse dia tem prometido estar conosco.

A missão cristã é, pois, uma tarefa urgente. Não sabemos de quanto tempo dispomos para realizá-la. Certamente, não temos tempo que perder. E para cumprir urgentemente com nossa responsabilidade outros requisitos são necessários, especialmente a unidade (devemos evangelizar juntos) e o sacrifício (devemos calcular e aceitar o custo). Nosso pacto de Lausana foi de “orar, planejar e trabalhar juntos para a evangelização de todo o mundo”. Nosso manifesto em Manila é que toda a igreja é chamada para levar o evangelho a todo o mundo, proclamando a Cristo até que Ele venha, com unidade e sacrifícios que sejam necessários.

QUESTÃO

2. Que coisas novas sobre a missão de Manila tem aprendido a Declaração de Manila? Existem coisas que devem ser acrescentadas à Declaração de Manila?

6.3. A MISSÃO INTEGRAL

Deus propõe a transformação integral do homem disse René Padilla

Santo Domingo, 23/01/2004 (Alc/ ACP ress.net)

Antes uma nutrida assistência, o teólogo equatoriano René Padilla afirmou que o propósito de Deus é a transformação humana em todas as suas dimensões.

Deus tem proposto reestabelecer todas as coisas em Cristo. Como a queda do homem afetou todas as dimensões da vida, a recuperação tem que ver com a totalidade da vida: Deus próximo e criação indicou na segunda feira passada em uma conferência que ditou diante de um grande número de pastores e líderes cristãos na Biblioteca Nacional de Santo Domingo.

Padilla enfatizou que o conceito de missão era uma missão individualista do evangelho e que se definia em termos geográficos. Para sair da missão necessariamente haveria de cruzar fronteiras; Agora, mudando de perspectiva, a missão deva ajudar as pessoas a cruzar as fronteiras entre a fé e não ter fé. O estilo de Jesus é que somos chamados a por em prática na evangelização.

Não evangelização com violência

O expositor crítico a evangelização que se levou a cabo na América na época da colonização. Este modelo determinou com a espada em sua mão e a Bíblia na outra. A violência e o derramamento de sangue foram características dessa conquista.

Evangelho para as almas e para a comunidade

Logo anotou, as missões protestantes desenvolveram um estilo de missão diferente, pois se tratava de gente que sentia o chamado de Deus. Ensinou nessa etapa a missão principal era salvar almas e semear igrejas. Existia pouca preocupação em conjugar a palavra com ação, a vida e missão. Enfatizou-se “Nosso propósito não só deve ganhar almas e semear igrejas, nosso objetivo deve ser que se cumpra o propósito de Deus em nossas igrejas, expressando assim a sua vontade para toda a humanidade”.

Padilla considera como uma dicotomia entre o pastorado e o ministério leigo. Lembrou que um dos pilares da Reforma Protestante foi o sacerdócio de todos os cristãos. “Tanto Lutero como Calvino enfatizaram a liberdade que o crente tem ao aproximar-se com Deus sem mediadores. No corpo de Cristo todos somos sacerdotes ao serviço de Deus. Uma das tarefas mais significativas dos pastores é provocar aos leigos para que façam uso de seus dons”.

Ressaltou que a comunidade que se reúne em nome de Cristo não existe para si mesma e lamentou que não foi aprovada a oportunidade que a igreja tem de fazer um impacto em sua comunidade mediante aos exercícios de seus dons e ministérios.

Cada necessidade do homem é um campo missionário, indicou. Entre esses campos são prioritários no combate contra o homem, o desemprego, o desamparo, as drogas, a prostituição e os problemas matrimoniais.

Uma igreja que faz missão integral é uma igreja que responde às necessidades de sua comunidade e que está consciente que deve ser um modelo daquilo que Deus quer fazer no mundo.

Padilla permaneceu dez dias em Santo Domingo convidado pela Red El Camino, um grupo de igrejas que pratica a missão integral na República Dominicana. Através dessa participação, o Dr. Padilla compartilhou um momento de reflexão bíblica com os integrantes da Visão Mundial.

Fonte: ALC, Redação: ACPress.net. Extraído de: www.protestantedigital.com

6.4. CONCLUSÃO

A missiologia que glorifica a Deus é a conclusão das considerações ministeriais. Se o nosso ministério não se reflete em missão, para que serve? A educação teológica e ministerial deve ser feita dessa grande verdade.

LIÇÃO 7

A ESTRUTURA PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

TESE#7. A estrutura para a educação ministerial do protestantismo se divide em duas partes: o sistema tradicional das igrejas protestantes históricas e o sistema não tradicional das sociedades missionárias, grupos de renovação, os evangélicos e os pentecostais.

ESBOÇO

- 7.0. Introdução
- 7.1. Pedagogia protestante tradicional
- 7.2. Pedagogia renovada
- 7.3. A contribuição de Mints
- 7.4. Conclusão

7.0. INTRODUÇÃO

O treinamento para o ministério é uma tarefa maior da igreja local que as instituições acadêmicas.

7.1. PEDAGOGIA PROTESTANTE TRADICIONAL

As igrejas protestantes históricas formaram seus próprios seminários e universidades nos EUA. O status para ser um pastor-pregador era ser um Mestre em Divindades, ou seja, quatro anos de estudos universitários e mais o mestrado.

A preparação dos europeus e América do Norte era superior aos níveis acadêmicos obtida pela maioria dos pastores íbero-americanos. Isso criava um duplo nível de status entre os missionários e pastores nacionais. Os padrões acadêmicos euro-americanos não tiveram muita aceitação nas denominações íbero-americanas.

7.2. PEDAGOGIA RENOVADA

Um fator revolucionário para a educação teológica tem sido o movimento “home school” (escola em casa). A chegada dos meios de comunicação em massa, como o computador, a internet, as páginas da Web, permitiu os pais ensinarem seus filhos em casa. Os resultados têm sido surpreendentes. A média das notas dos “homeschoolers” ultrapassa às escolas públicas e particulares, segundo várias pesquisas. Seja o que for, as “homeschoolers” são parte do mosaico da educação cristã. Os escritos de Ronaldo Kirk, dos EUA representam tal alternativa e vem da página da web, www.contra-mundun

As igrejas estão aprendendo dos “homeschoolers”. Agora é possível treinar seus próprios missionários, usando os meios de comunicação da internet e aplicando as estratégias da andrológica (ensino de adultos) e da educação teológica a distância. MINTS (Miami International Seminary) é um projeto de educação teológica a distância e vamos considerar algumas de suas contribuições.

7.3. A CONTRIBUIÇÃO DE MINTS

ESTRATÉGIA DE MINTS

MINTS: Miami International Seminary

“Preparando líderes para o ministério”

NOSSA IDENTIDADE

I. Introdução

O Seminário Internacional de Miami (MINTS) foi fundado pela Igreja Presbiteriana Old Cutler (OCPC) de Miami, estado da Flórida, como resposta a crescente necessidade de treinamento de líderes para o ministério. A junta da igreja já mencionada outorgou sua aprovação inicial em 28 de março de 2000 para seguir o processo de formação do seminário. Entrou em acordo em seguir o processo para obter a autorização do State Board of Independent Colleges and Universities (Junta Estatal de Colégios e Universidades Independentes do Estado da Flórida) cuja autorização se obteve em 06 de outubro de 2000.

Este seminário está portanto autorizado para outorgar títulos e graus somente na área religiosa. Em janeiro de 2003, o estado da Flórida mudou sua autorização para colégios e universidades independentes de autorização até um reconhecimento com o fim de respeitar a separação entre a igreja e o estado.

II. PROPÓSITO

O propósito de MINTS é: “discipular líderes cristãos para o ministério”. Isto se obterá por meio de “prover aos estudantes um treinamento acadêmico e prático baseado no evangelho para ministrar a Miami e as Américas. Isto se fará através da educação teológica em diferentes níveis acadêmicos, fazendo uso de tecnologia moderna de comunicação, oferecendo os cursos nos diferentes idiomas falados nas Américas e no contexto do ministério.

III. Identificação das metas gerais

Para cumprir com a tarefa entregue a MINTS é necessário obter as seguintes metas.

A. MINTS proverá cursos de educação teológica na: Bíblia, Teologia, Ministério, Missões, História da Igreja e humanidades.

Com esse propósito oferecerão os seguintes programas:

Licenciatura em Associada (adjunta) em Letras com Ênfase aos Estudos Teológicos

Licenciatura em Letras com ênfase aos Estudos Teológicos

Mestrado em Estudos Teológicos

Doutorado em Ministério

Ph. D em Estudos Teológicos

B. MINTS é uma instituição acadêmica para estes fins:

1. Somos reconhecidos e registrados no Estado da Flórida, USA.
2. Somos membros do Comitê de crédito da Confraternidade Latino Americana de Igrejas Reformadas
3. Somos supervisionadas por uma junta de MINTS.

C. Miami será a sede administrativa principal na qual dos registros acadêmicos dos estudantes são arquivados e onde se outorgam os títulos acadêmicos.

D. Mentores. Designará um mentor a cada estudante ativo para realçar a excelência educacional e ministerial.

1. O mentor ajudará o estudante a desenvolver um arquivo educacional e ministerial.

O arquivo terá a seguinte informação:

- a) Certidão de nascimento
- b) Documento de Identificação (passaporte, carteira de previdência social)
- c) Certificado do ensino secundário
- d) Documento de estudos posteriores ao ensino secundário
- e) Carta de situação atual na igreja (membros)
- f) Documentação ministerial
- g) Currículo, cartas de referência, artigos escritos, ensaios
- h) Certificado profissional
- i) Documentações de distinções obtidas
- j) Plano para sua participação em MINTS:
 1. Carta de admissão
 2. Recibo de pagamentos
 3. Registros de qualificações obtidas em MINTS
 4. Registro de correspondência com MINTS
 5. Programa de estudos para o ano no curso
 6. Calêndário de data de término para cada curso

2. O mentor se reunirá com o estudante ao começo e o término de cada trimestre. Um formulário padronizado será completado por ambos participantes e será entregue ao vice presidente de assuntos acadêmicos.

E. **Multilingüe.** Os cursos de todo o currículo de MINTS se oferecerão em diferentes idiomas.

1 A maioria dos cursos poderão realizar-se em inglês, espanhol ou francês, se tiver pelo menos cinco alunos de tempo completo que estejam interessados em um idioma em especial.

2. Aos alunos que não falam inglês lhes oferecerá a oportunidade de estudar inglês como segundo idioma (ESL)

G Multimedia. Recursos modernos de comunicação e tecnologia serão usadas nas classes.

1. As classes estarão disponíveis na forma expositiva tradicional.

2. As classes podem ser gravadas em cassetes de áudio para os alunos a distância.

3. Os professores terão informação disponível sobre os seus cursos na página eletrônica de MINTS. Deverá incluir o seguinte:

a) Uma breve descrição do curso

b) Informação e formulário de admissão para o curso

c) Requisitos de Assistência

d) Programa do Curso

e) Trabalhos e tarefas requeridas

f) Leituras obrigatórias

g) Formas de avaliação

h) Instituições para retroalimentação

H. Missões se promoveram constantemente tanto no âmbito local como internacional.

1. Espera-se que os alunos de tempo completo tomem pelo menos um curso ao ano ao cenário internacional. MINTS organizará cursos tão intensivos como individuais no Caribe, América Central, México ou América do Sul.

2. Será um requisito que os alunos de tempo completo estudem cursos relacionados com outras culturas tais como:

a) Comunicação transcultural

b) Igreja multicultural

c) Um curso em missiologia

d) um curso multilingüe em idioma estrangeiro

e) Um trabalho prático no cenário de uma cultura diferente

I. Implementará num sistema com custos moderados para facilitar a participação de pessoas com menores recursos.

1. Custos especiais se oferecerão em diferentes países

2. Estará disponível bolsas de estudos, levando em consideração os ingressos do estudantes e os de sua família imediata.

3. Fará sempre o possível para manter os custos de MINTS a um preço razoável.

J. Os centros de estudos associados com MINTS são autônomos. Cada centro se matriculará com as autoridades locais, e se possível em nível nacional. Cada centro autofinanciará e autogovernará. Parte da missão dos centros é multiplicar-se. Os estudantes de MINTS, sob a supervisão dos professores, podem ensinar aos níveis iniciais.

7.5. CONCLUSÃO

O Seminário Internacional de Miami (MINTS) é uma resposta (entre muitas) para oferecer estudos bíblicos, teológicos, ministeriais, de histórias e missões aos líderes cristãos por todas as partes do mundo. Ao escrever este artigo, o Senhor está usando MINTS em 35 países e com mais de 70 centros de estudos e mais de 1500 estudantes. A Ele seja a glória.

ATIVIDADE

1. Escreva a sua própria reflexão sobre o estado treinamento de líderes cristãos em sua igreja.

MANUAL DO ORIENTADOR

PERGUNTAS SOBRE A LIÇÃO 1

TEOLOGIA

1. Que relação tem o conhecimento do Deus Verdadeiro com a educação ministerial?
2. Quais princípios de antropologia do crente são dados pelo autor?
3. Qual é a relação entre os ofícios do Antigo Testamento?
4. Qual foi o método de Jesus para ensinar aos seus discípulos?

A FILOSOFIA

1. O que é filosofia?
2. O que é teologia?
3. Qual a relação entre filosofia e teologia?
4. Qual a importância da revelação de Deus na filosofia?
5. Quais são as diferenças entre a filosofia judeu cristã e a não-judeu-cristã?
6. Existem algumas diferenças entre a filosofia judaica e a filosofia cristã?
7. É possível filosofar sobre o cristianismo? Existe a filosofia cristã?
8. Existe alguma autêntica filosofia educativa cristã?
9. É necessário manter uma filosofia puramente cristã ou é aceitável acomodar-se a outras filosofias?
10. Explique Colossenses 2: 8; I Cor. 2 em relação a filosofia. Quais são as fontes mais antigas da filosofia? A filosofia é uma teologia secularizada?

A EDUCAÇÃO

1. O que é educação biblicamente falando?
2. Qual é a relação entre a ordem cultural (Gn. 1: 28; 2: 15-16) e a educação?
3. Qual é a relação entre a ordem religiosa (Gn. 2: 17) e a educação?
4. Quais efeitos teve a queda do homem (Gn. 3: 1-3) na educação?
5. Qual a importância tem a promessa de salvação (Gn. 3: 15) para a educação?

6. Como foi afetada a raça humana, e por consequência, a educação, a educação pelo castigo de Deus sobre o pecado (Gn. 3: 14-24)
7. Desde Adão e Eva até os patriarcas, que sistemas de educação foram utilizados? Como foi transmitido o conhecimento religioso?
8. Que tipo de educação recebeu Moisés? Por que?
9. Qual foi o sistema de educação religiosa instituído pelo Pentateuco? (Êxodo, Levítico, Deuteronômio) Qual a importância teve o tabernáculo para os rituais religiosos?
10. Qual a diferença entre a educação hebraica e a grega?
11. Qual influência da educação grega sobre os hebreus durante o tempo dos reis de Israel e de Judá?
12. Qual foi o método de ensino aplicado ao menino e o jovem Jesus?
13. Qual foi o método usado por Jesus durante seu ministério?
14. Que disse a grande comissão sobre a educação? (Mt. 28: 19-20)
15. O discipulado é o método de ensino cristão ordenado e praticado por Jesus (Mt. 28: 19-20) e pelos primeiros apóstolos (II Tm. 2: 2). Este método só é aplicado na igreja ou pode praticar este método na família, em nossas vocações e na sala de aula: Como?
16. Nesse estudo temos defendido a filosofia educativa cristã em termos da santificação. A santificação do mestre, o administrador, o estudante, o currículo é a meta da educação cristã. O que significa santificação?
17. A santificação cristã inclui várias verdades tais como:
 - a) Que a vida sagrada vem do trino Deus
 - b) Que todas as nossas crenças, idéias e práticas devem ser Cristocêntricas
 - c) O evangelho deve ser aplicado em todas as esferas da vida. E que somos responsáveis diante de Deus e dos homens de adorar, arrependemos, crer em Deus, servir e educar de maneira cristã. Como podem ser aplicados nestes conceitos de educação?

O CRISTIANISMO

1. De onde vem a palavra cristianismo?
2. O que é cristianismo?
3. Quais são as crenças fundamentais do cristianismo?
4. Como se sabe quais são as crenças fundamentais de um cristão?
5. À que ponto o cristianismo é diferentes de outras religiões no mundo?
6. Cristo está presente a outras religiões não-cristã?
7. Segundo Cristo. Como alguém pode ser salvo? (Jo. 14: 6; Rm. 10: 9-17)
8. O que significa ser um cristão? (At. 11: 26; 26: 28; I Pe. 4: 16)
9. Todos os que dizem ser cristãos, realmente o são. Como sabem?
10. Segundo o qual estandarte se define o cristianismo?
11. O cristianismo pode ser definido pela nossa opinião ou devemos nos submeter à definição da Bíblia?
12. Quem foi designado por Deus para interpretar sua Palavra, a Bíblia? (Ef. 2: 20; II Pe. 3: 2).
13. Como foi expressa a unidade da fé cristã durante os primeiros séculos da igreja cristã?
14. De acordo com a Bíblia, o Estado tem responsabilidade de educar os filhos dos cristãos?
15. Quem tem a responsabilidade da educação dos jovens?
16. A Bíblia justifica uma educação secular que está separada de Deus?
17. As tradições educativas são normativas para a educação cristã de hoje ou são as ordens e modelos bíblicos normativos?

ATIVIDADES PARA A CLASSE

1. Divida a classe em dupla, cada pessoa conta ao seu companheiro de grupo sobre seu conceito de ministério cristão. Como estamos envolvidos no ministério cristão? Como está (ão) relacionado (s) nosso (s) ministério (s) com os ministérios na Bíblia? Depois de 10 minutos sem companheiro contará a classe qual é o seu ministério e como está relacionado com a Bíblia?

PERGUNTAS PARA A LIÇÃO 2

Sobre os Padres da Igreja dos séculos I e II

1. O que é Patrística?
2. Quem são chamados “Padres da Igreja”
3. Quem são chamados “Padres Capadóciolos”?
4. Quais características devem ter um autor para que seja reconhecido como padre da Igreja?
5. Quais as formas se classificam os padres segundo a língua?
6. Quem são chamados os “Padres apostólicos”?
7. Quem são chamados os “Padres apologistas”?
8. Quem são chamados os “Padres dogmáticos”?
9. Quem são chamados os “Padres Antinícênicos e os pós-nicênicos”?
10. Enumere os principais representantes dos padres apostólicos.
11. Em quais grupos podem dividir-se as Epístolas de Inácio?
12. Mencione alguns inimigos do cristianismo contra os quais escreveram os apologistas.
13. Enumere alguns representantes dos padres apologistas.

SOBRE A DIDACHÉ

14. Quais os caminhos existem segundo a Didaché?
15. Em quais pontos divide a Didaché o primeiro caminho?
16. Como a Didaché descreve o segundo caminho?
17. O que afirma a Didaché sobre a administração do batismo?
18. O que a Didaché afirma sobre o jejum e a oração?
19. Quais as razões da Didaché recomenda de não administrar a eucaristia a quem não é batizado?
20. Quais as provas que a Didaché são essenciais para determinar a veracidade de um profeta?
21. Que questão menciona a Didaché sobre o profeta verdadeiro que deseja fixar sua residência entre os irmãos?

22. O que é mencionado a respeito da escolha dos bispos e diáconos?
23. O que a Didaché afirma sobre os últimos tempos?

SOBRE OS CREDOS

1. Quais as diferenças entre o credo apostólico e o credo de Nicéia?

R. O credo de Nicéia é mais amplo que o credo dos apóstolos. Menciona que o Pai é um e é o Criador de tudo. O Filho é gerado do Pai. Há mais uma explicação sobre a obra do Espírito Santo, não é mencionada a descida do Espírito ao inferno, enfatiza-se que a igreja é apostólica.

2. Quais são as diferenças entre o credo de Nicéia e o credo de Atanásio?

R. O credo de Atanásio (mesmo que não foi escrito por Atanásio, tem a teologia do próprio) é mais profundo na descrição da trindade que o credo de Nicéia. Há abrangência na descrição da trindade e a natureza de Cristo.

3. Qual a importância tem os credos para a comunidade cristã?

R. Os credos são declarações doutrinárias que respondem as inquietudes teológicas na igreja. Os credos ecumênicos (Apóstolos, Nicéia, Atanásio) são aceitos pelos católicos romanos e protestantes hoje em dia.

ATIVIDADE PARA A CLASSE

Divida a classe em dois grupos de três pessoas. Em 20 minutos cada grupo preparará um credo de fé, uma expressão de suas crenças fundamentais. Em seu credo deve abranger Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, a igreja, a salvação, a vida cristã, a Bíblia e condições para ser membro da igreja de Cristo. Um representante vai apresentar o credo do grupo (não mais de duas páginas).

QUESTÕES

(Segundo os capítulos do primeiro livro das Confissões)

Cap. I. No livro I, Cap. I de Confissões, qual é o anelo humano em relação a Deus?

Cap. II. Segundo Agustín, qual a razão evidencia a presença de Deus conosco?

Cap. III. A criação pode conter a totalidade de Deus?

Cap. IV. Dê um exemplo de um paradoxo de Deus?

Cap. V. Por que Agustín não entrou em contenda com Deus?

Cap. VI. Pensando em sua infância que conclusão chegou Agustín?

Cap. VII. As crianças são inocentes?

Cap. VIII. Qual é a marca de passagem da infância para a meninice?

Cap. IX. Como Agustín pecou quando era estudante?

Cap. X. Deus é o autor do pecado?

Cap. XI. Qual é o conceito do batismo com água para Agustín?

Cap. XII. Como Deus pode usar os erros dos estudantes e dos professores?

Cap. XIII. Quais idiomas Agustín aprendeu quando era jovem?

Cap. XIV. Qual é o papel que a curiosidade natural tem na aprendizagem?

Cap. XV. Qual seria o caminho seguro para a predizagem da criança?

Cap. XVI. Que pape, assumiriam alguns mestres na aprendizagem da moralidade?

Cap. XVIII. Que observação teria Agustín sobre os mestre de gramática?

Cap. XIX. Agustín se considerava inocente como jovem?

Cap. XX. Qual era a consolação final de Agustín?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Cap. I. No livro I, Cap. I de Confissões, qual é o anelo humano em relação a Deus?

R. “Nos criaste para ti e nosso coração andará sempre inquieto enquanto não achar descanso em ti”.

Cap. II. Segundo Agustín, qual a razão evidencia a presença de Deus conosco?

R. “Porque existo”

Cap. III. A criação pode conter a totalidade de Deus?

R. Não, Deus está em todas as coisas em maneira plena, mas a criação inteira não pode estar em Deus.

Cap. IV. Dê um exemplo de um paradoxo de Deus?

R. “Nunca novo e nunca velho”

Cap. V. Por que Agustín não entrou em contenda com Deus?

R. “Se observares os nossos pecados quem resistirá?”

Cap. VI. Pensando em sua infância que conclusão chegou Agustín?

R. “Todos nós, viemos de Ti, Senhor, ser e viver são as mesmas coisas, pois o supremo existir é o supremo viver”.

Cap. VII. As crianças são inocentes?

R. “Tenho experiência de uma criança que conheci; não podia ainda falar: não podia ainda falar, mas se colocava pálido e olhava com olhos maldosos ao irmão que ainda mamava.

Cap. VIII. Qual é a marca de passagem da infância para a meninice?

R. O uso da mente e aprender com palavras.

Cap. IX. Como Agustín pecou quando era estudante?

R. Pecávamos lendo e escrevendo e estudando menos do que era exigido.

Cap. X. Deus é o autor do pecado?

“Do pecado, do qual não és Criador, mas nada mais ordenador.

Cap. XI. Qual é o conceito do batismo com água para Agustín quando ainda era criança?

R. “que um mal comportamento depois do batismo pode ser muito perigoso.

Cap. XII. Como Deus pode usar os erros dos estudantes e dos professores?

R. É assim como tem ordenado e disposto as coisas: que toda desordem nos afetos leve em si mesmo a sua pena”.

Cap. XIII. Quais idiomas Agustín aprendeu quando era jovem?

R. O latim e o grego.

Cap. XIV. Qual é o papel que a curiosidade natural tem na aprendizagem?

R. “Por onde se vê que para aprender com maior eficácia tem a natural curiosidade, não uma temerosa coação. Mas, tu, Senhor, tens estabelecido uma lei: a de que semelhantes coações ponham um freio benéfico ao livre fluxo da espontaneidade”.

Cap. XV. Qual seria o caminho seguro para a predizagem da criança?

R. “É certo que nelas aprendi muitas coisas que tinha sido úteis; mas eram coisas que podem aprender sem vaidade alguma.

Cap. XVI. Que papel, assumiriam alguns mestres na aprendizagem da moralidade?

R. “Não tenho nenhuma objeção contra as mesmas palavras que são como vasos escolhidos e preciosos; mas se tenho contra o vinho do amor que eles nos davam a beber, nos ameaçavam se recusássemos a bebida”.

Cap. XVIII. Que observação teria Agustín sobre os mestre de gramática?

R. “Assim sucede que quem é conhecedor das leis da gramática não suportará que alguém escreva “omem” ao invés de “homem”, suprimindo a aspiração da primeira sílaba , mas

nada mudará se a palavra que é falada é homem, odia aos demais homens contra teu mandamento”.

Cap. XIX. Agustín se considerava inocente como jovem?

R. “Pois os ofendia enganando com mentiras ao meus professores e pais; por toda a paixão de jogar e pelo desejo de ver os espetáculos para depois divertir-me em imitá-los.

Cap. XX. Qual era a consolação final de Agustín?

R. “Eu estarei contigo, que me deste a existência”.

B. Pergunta sobre Tomás de Aquino e a Teologia Suprema.

Escreva um texto de uma página sobre o argumento de Aquino sobre a existência de Deus.

C. Tarefa sobre Os precursores da Reforma.

Escreva uma matéria de duas páginas sobre as tentativas de reformá-la.

Atividades para a classe

Divida a classe em grupos de seis. Cada grupo terá duas pessoas que vão defender as tradições católicas romanas praticadas hoje em dia; e duas pessoas vão protestar contra as tradições da igreja Católica romana . As últimas duas pessoas irão apresentar a classe uma possível solução para que todo grupo possa estar em uma só Igreja.

PERGUNTAS PARA A LIÇÃO 4

1. Quais das 95 teses não poderiam ser aceitas em sua igreja local? Por que? (Por exemplo, está de acordo com o conceito de Lutero sobre o Papa?)
2. Há doutrinas na Confissão de Augsburgo que não são aceitos por outros evangélicos? (por exemplo, veja o se diz na Confissão sobre os sacramentos)
3. Segundo Calvino, que conceito o homem deve ter de si mesmo?
(o homem não pode ser definido sem reconhecer a Deus)

PERGUNTAS PARA A LIÇÃO 5

JUAN BUNYAN “ORAÇÃO”

1. O que a oração verdadeira faz ao coração de Deus?

R. Abre.

2. Qual é a definição de oração para Bunyan?

R. Orar é derramar de modo sincero, consciente e afetuoso o coração, ou a alma diante de Deus, por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito Santo, buscando as coisas que Deus tem prometido, o que são conforme a sua Palavra, para o bem da Igreja, com fiel submissão à sua vontade.

3. Por que a oração é um elemento essencial da oração que Deus aceita?

R. Porque a sinceridade induz a alma a abrir o coração diante de Deus e apresentar-lhe o caso plenamente sem equívocos, a reconheceívocos, a reconhece a culpa sem dissimulação.

4. Que verdade deve estar consciente quando oramos?

R. A oração tem um elemento de múltipla e autêntica sensibilidade, umas vezes para a carga que representa o pecado, outras para a ação de graças pela graça recebida, outras para a predisposição de Deus em outorgar a misericórdia, etc.

5. Por meio de quem chegamos ao Pai em oração?

R. Por Cristo.

6 Como alguém consegue o poder para orar segundo a vontade d Deus?]

R. Pelo Espírito Santo.

7. As orações devem estar conforme a _____.

As promessas de Deus segundo a Sua Palavra.

8. Segundo Jonathan Edwards, qual é a relação entre o evangelho ea ira de Deus?

Leia o sermão e anota esta relação.

9. Faça um resumo do ensino de Juan Wesley sobre o testemunho do Espírito Santo na vida de um cristão.

10. Escreva um resumo do sermão de Spurgeon.

LIÇÃO 6

1. Dê a crítica construtiva sobre o Pacto de Lausana.

(Resposta pessoal)

2. Que coisas novas sobre a missão cristã aprendeu lendo as Declarações de Manila?

Existem coisas que podem ser acrescentadas à Declaração de Manila?

(Resposta pessoal)

LIÇÃO 7.

1. Escreva sua própria reflexão sobre o estado de treinamento de líderes cristãos em sua igreja.

BIBLIOGRAFIA DE LIVROS PARA A EDUCAÇÃO MINISTERIAL

Antropología cultural

Pedro Arana. *Providencia y Revolución*. Grand Rapids: Sub-Commission de Literatura, 1986.

Pedro Arana. *Progreso, técnica y hombre*. Barcelona: Ediciones Evangélicas Europeas, 1971.

Stephen Grunlan, Marvin Mayers. *Antropología Cultural*. Miami: Editorial Vida.

Jonathan Lewis. *Misión Mundial*. Tomo III. Miami: UNILIT., 1987.

F.A. Schaeffer. *Génesis en el tiempo y en el espacio*. Barcelona: Ediciones Evangélicas Europeas, 1974.

Antropología Humana

Jorge León. *¿Es posible el hombre nuevo?* Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1979.

J. Gresham Machen. *El hombre*. Lima: El Estándar de la Verdad, 1969.

Les Thompson. *La Persona que soy*. Miami: UNILIT.

Apologética

Augustine Aurelio. *Cuidad de Dios*.

George Barna. [www.barna.org/cgi bin/Home.asp](http://www.barna.org/cgi-bin/Home.asp)

Josh McDowell. *Evidencias que exigen un veredicto*. Miami: Editorial Vida, 1982.

Samuel Vila. *Manual de Teología Apologética*. Barcelona: CLIE.

Biblia: Orígenes de revelación e transmissão

F.F. Bruce. *¿Son fidedignos los documentos del Nuevo Testamento?* Miami: Caribe, 1957.

E.F. Fernández. *Las Biblias Castellanas del exilio*. Miami: Caribe, 1976.

Gonzalo, Báez-Camargo. *Breve historia del canon bíblico*. México: Luminar, 1980.

Leon Morris. *Creo en la revelación*. Miami: Caribe, 1977.

Biblia: Comentários

Comentario Bíblico Beacon. Kansas City: Casa Nazarena

Comentario Bíblico Moody. Antiguo Testamento y Nuevo Testamento: Grand Rapids: Portavoz.

Comentario Bíblico Mundo Hispano. El Paso: Editorial Mundo Hispano.

Comentario Bíblico Portavoz. Grand Rapids: Portavoz.

Comentarios Didaque. Grand Rapids: Libros Desafió.

Comentarios de William Barkley. Barcelona: CLIE.

Comentarios de Juan Calvino. Grand Rapids: Libros Desafió.

Comentario de Matthew Henry. Miami: UNILIT.

Comentarios de William Hendriksen y Simon Kistemaker. Grand Rapids: Libros Desafió.

Comentarios de Martín Lutero. Barcelona: CLIE.

Alfredo Eldersheim. *Comentario histórico del AT*. Vol. 1,2. Barcelona: CLIE.

Jamieson, Fausset, Brown. *Comentario Exegético y Explicativo del la Biblia*. El Paso: Casa Bautista.

Nuevo Comentario Bíblico. El Paso: Casa Bautista.

Biblia: Dicionários

Alfonso Lockward. *Nuevo Diccionario de la Biblia*. Miami: UNILIT.

Merrill Unger. *Nuevo manual bíblico de Unger*. Grand Rapids: Portavoz.

Samuel Vila y Santiago Escuin. *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado*. Barcelona: CLIE.

Harold Wilimington. *Auxiliar bíblico Portavoz*. Grand Rapids: Portavoz.

Biblia: Línguas Originais

Baez-Camargo Gonzalo. *Iniciación en el hebreo bíblico*. Miami: Caribe, 1983.

Arie Leder. *Introducción al hebreo bíblico*. Grand Rapids: Libros Desafió.

Merle Den Bleyker y Simon Kistemaker. *Introducción al griego*. Grand Rapids: Libros Desafió.

Bibliografía

Samuel Escobar. "Bibliografía básica sobre doctrina." *Boletín Teológico*. (29 (Mar) (1988): pp. 65-80.

Cornelius Hegeman. *Mision to the People and Church Maintenance: The Origin and Development of Presbyterian and Reformed Churches and Missions in the Caribbean and Latin America (1528-1916)*. Miami: Miami International Seminary, 2002. Véase bibliografía.

Libros cristianos en existencia (7ª edición) Auburndale, Fl: Spanish Evangelical Publishers, 2000.

J.H. Sinclair. *Protestantismo in Latin America. A Bibliographical Guide*. Austin, TX: Hispanic-American Institute, 1967.

Eliseo Vila. *Las obras de referencia y consulta*. Barcelona: CLIE, 1998.

Biografías

Augustine Aurelio. *Confesiones*.

Dardo Bruchez. *Un mensaje a la conciencia y el Hermano Pablo*. Miami: Caribe, 1979.

Juan Bunyan. *El Peregrino*. Barcelona: CLIE, 1990.

Steve Estes. *Hora de morir. Biografía de Chet Bitterman*. Miami: UNILIT.

Federico Fliedner. *Martín Lutero*. Barcelona: CLIE.

Luis Palau. *Cristo a las naciones*. Miami: UNILIT, 1986.

T.B. Van Halsema. *Así fue Calvino*. Grand Rapids: Libros Desafió, 1977.

Cristología

H. Bushnell. *¿Quién es Cristo?* Barcelona: CLIE, 1986.

Samuel Escobar. *¿Quién es Cristo hoy?*. Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1970.

Justo González. *Jesucristo es el Señor*. Miami: Caribe, 1971.

Francisco Lacueva. *La persona y obra de Jesucristo*. Barcelona: CLIE, 1979.

Josh McDowell. *Jesús: una defensa de la deidad de Cristo*. Barcelona: Editorial CLIE.

Juan McKay, *El Otro Cristo Español*.

Andrew Murray. *En Cristo y con Cristo*. Barcelona: CLIE.

CONSEJARIA

Jay Adams. *Manual del consejero cristiano*. Barcelona: CLIE.

Gary Collins. *Manual de Psicología Cristiana*. Barcelona: CLIE

James Dobson. *Enciclopedia de problemas familiares*. Barcelona: CLIE.

James Hamilton. *El ministerio del pastor consejero*. Kansas City: Casa Nazarena, 1986.

James Giles. *El ministerio del pastor consejero*. El Paso: Casa Bautista, 1992.

Jorge A. León. *Psicología pastoral para todos los cristianos*. Miami: Caribe, 1976.

Samuel Vila. *Manual de visitación pastoral*. Barcelona: CLIE.

Guillermo Villanueva. *Manual para consejeros*. México: Ediciones Las Americas.

Eclesiología

Roland Allen. *La expansión espontánea de la iglesia*. Buenos Aires: La Aurora, 1970.

Alberto P. Barrientos. *La iglesia en que sirvo*. Miami: UNILIT.

Wilfredo Calderón. *Administración en la iglesia cristiana*. Miami: Vida.

La Confesión de Augsburgo. Rio Piedras: La Reforma, 1980.

Confesiones de Fe de la Iglesia. Barcelona: CLIE, 1999.

Confesión de fe de Westminster. México: El Faro, 1995.

Orlando Costas (comp.) *Hacia una teología de la evangelización*. Buenos Aires: La Aurora, 1973.

Francisco Lacueva. *Catolicismo Romano*. Barcelona: CLIE.

René Padilla (comp.) *El reino de Dios y América Latina*. El Paso: Casa Bautista, 1975.

Samuel Vila. *A las fuentes del cristianismo*. Barcelona: CLIE.

Educação

Evangelical Training Association. *El arte de enseñar*. Miami: Caribe.

Pablo Freire. *Pedagogía del oprimido*. México: Editores Siglo 21, 1970.

C. González. *Valores Fundamentales de la Educación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978.

Guillermo Graves. *Enseñanza y capacitación en su iglesia*. El Paso: Casa Bautista.

W.V. Gritter. *Los principios de la enseñanza cristiana*. Grand Rapids: Libros Desafío.

Howard Henricks. *Enseñando para cambiar vidas*. Miami: UNILIT.

René Padilla (ed.) *Nuevas alternativas de educación teológica*. Grand Rapids: Nueva Creación, 1986.

Daniel Schipani. *Teología del ministerio educativo. Perspectivas Latinoamericanas*. Grand Rapids: Nueva Creación, 1993.

www.contra-mundu

Escatología

Alfred Eldersheim. *Profecía e historia en relación con el Mesías*. Barcelona: CLIE.

José Grau. *Escatología, las últimas cosas*. Barcelona: CLIE, 1977.

Guillermo Hendriksen. *Mas que vencedores*. Grand Rapids: Libros Desafios,

Espíritu Santo

Donald W. Dayton. *Raíces teológicas del Pentecostalismo*. Grand Rapids: Nueva Creación, 1991.

Michael Green. *Creo en el Espíritu Santo*. Miami: Caribe, 1977.

Walter Hollenweger. *El Pentecostalismo*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

Billy Graham. *El Espíritu Santo*. El Paso: Casa Bautista, 1980.

José Martínez. *La Introducción a la espiritualidad cristiana*. Barcelona, CLIE.

Andrew Murray. *Permaneced en Cristo*. Barcelona: CLIE.

Ética

Francisco Lacueva. *Ética Cristiana*. Barcelona: CLIE, 1989.

Josh Mc Dowell y Bob Hostetler. *Es bueno o es malo?* El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1996.

Hermenéutica

Luis Berkhof. *Principios de interpretación bíblica*. Grand Rapids: Libros Desafío.

Gordon Fee y Douglas Stuart. *La lectura eficaz de la Biblia*. Miami: Vida, 1985.

José M. Martínez. *Hermenéutica Bíblica*. Barcelona: CLIE.

R.C. Sproul. *Cómo estudiar y interpretar la Biblia*. Miami: UNILIT.

Historia da Igreja

David Barrett. *World Christian Encyclopedia*. New York: Oxford University Press, 1982.

Jean P. Bastian. *Historia del protestantismo en América Latina*. México: Cupsa, 1989.

Pablo Alberto Deiros. *Historia del cristianismo en América Latina*. Buenos Aires: FTL, 1992.

Enrique Dussell. *Para una historia de la iglesia en América Latina*. Barcelona: CEHILA, 1973.

Justo L. Gonzalez. *Historia del cristianismo*. Tomo I y II. Miami: UNILIT, 1994.

Samuel Vila y Santamaría. *Enciclopedia Ilustrada de Historia de la Iglesia*. CLIE.

Williston Walker. *Historia de la iglesia cristiana*. Kansas City: Casa Nazarena.

Homilética

Orlando Costas. *Comunicación por medio de la predicación*. Miami: Caribe.

Alfredo Ernesto Garvie. *História de la predicación cristiana*. Barcelona: CLIE, 1987.

Juan MacArthur. *Redescubrimiento de la predicación expositiva*. Miami: Caribe.

Kittim Silva. *Manual práctico de homilética*. Miami: UNILIT, 1995.

Juan Stott. *El cuadro bíblico del predicador*. Barcelona: CLIE

Samuel Vila. *Manual de Homilética*. Barcelona: CLIE

Ministério

E.M. Bounds. *Fundamentos de la oración*. Barcelona: CLIE.

José Camacho. *Ministerio de los santos*. Miami: UNILIT.

Samuel Escobar. *Líderes y siervos*. Buenos Aires: Certeza.

Leobardo Estrada. *Manual para ministros*. El Paso: Casa Bautista, 1966.

Manual de Estudios Ministeriales, Kansas City: Casa Nazarena, 1988.

Manual del Ministerio. Miami: Vida.

Manual de Teología Práctica. Grand Rapids: Portavoz, 1999.

José Martínez. *Manual de instrucción para nuevos creyentes*. Barcelona: CLIE.

Andrew Murray. *El Ministerio de la oración intercesora*. Nashville: Betania, 1992.

H. Pérez. *El ministerio de la diaconía*. Miami: UNILIT.

Oswald Sanders. *Liderazgo Espiritual*. San José: Desarrollo Cristiano Int.

Kittim Silva. *Un dialogo ministerial*. Miami: Vida.

Carlos Spurgeon. *Discurso a mis estudiantes*. El Paso: Casa Bautista.

Rubén A. Torrey. *Manual del obrero cristiano*. Barcelona: CLIE.

www.ministerios.org

Missão

COMIBAM, *Manual de intercesión misionera*. Miami: UNILIT, 1986.

Orlando E. Costas. *La iglesia y su misión evangelizadora*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1971.

Roger Greenway. *Una estrategia urbana para evangelizar a América Latina*. El Paso: Casa Bautista, 1977.

Patrick Johnstone. *Operación Mundial*. Bogotá: Centros de Literatura Cristiana, 2001.

René Padilla (ed.) *Misión integral*. Grand Rapids: Nueva Creación, 1986.

Kenneth Strachan. *Desafío a la evangelización*. Buenos Aires: Logos.

George Verwer. *Ayudando a cumplir la gran comisión*. Miami: UNILIT.

www. Comibam.

Soteriologia (doutrina da salvação)

Gordon Girod. *El camino de salvación*. Barcelona: Literatura Evangélica, 1974.

Juan Murray. *La redención consumada y aplicada*. Barcelona: CLIE.

Teologia: dicionário

Everett Harrison. *Diccionario de Teologia*. Grand Rapids: Libros Desafío.

Bernard Ramm. *Diccionario ilustrado de la Biblia*. El Paso: Casa Bautista, 1978.

Teologia Própia (de Deus)

J.I. Packer. *Conociendo a Dios*. Barcelona: CLIE.

A. W. Pink. *Los atributos de Dios*. Grand Rapids: Libros Desafío.

F. A. Schaeffer. *Dios está presente y no está callado*. Barcelona: Ediciones Evangélicas Europeas, 1974.

R.C. Sproul. *Santidad de Dios*. (video) Miami: UNILIT.

Francisco Lacueva. *Espiritualidad Trinitaria*. Barcelona: CLIE

Teologia Sistemática

Luis Berkhof. *Teología Sistemática*. Grand Rapids: Libros Desafío, 1996.

Juan Calvino. *Institución de la religión cristiana*. Grand Rapids: Libros Desafío.

Jos Grau. *Introducción a la teología*. Barcelona: CLIE, 1973.

Ernesto Trenchard. *Estudios de doctrina bíblica*. Madrid: Literatura Bíblica, 1975.

www.graciasoberana.com

www.iglesiasreformadas.org

www.Recursosteologicos.com

www.protestantedigital.com